

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO E DOUTORADO**

VERGAS VITÓRIA ANDRADE DA SILVA

“Quão romance é minha vida amorosa!”

Namoro virtual e narrativas

Natal/RN, 2012.

VERGAS VITÓRIA ANDRADE DA SILVA

“Quão romance é minha vida amorosa!”

Namoro virtual e narrativas

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientação da professora Dra. Norma Missae Takeuti.

Natal/RN, 2012.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Silva, Vergas Vitória Andrade da.
“Quão romance é minha vida amorosa!?”: namoro virtual e narrativas /
Vergas Vitória Andrade da Silva. – 2012.
278 f.: il.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio
Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, Natal, 2012.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Norma Missae Takeuti.

Área de concentração: Sociologia.

1. Redes Sociais - Namoro Virtual. 2. Orkut. 3. Narrativas de si. 4. Amor
Romântico. I. Takeuti, Norma Missae. II. Universidade Federal do Rio
Grande do Norte.

RN/BSE-CCHLA

CDU 316.472.4:004.5

VERGAS VITÓRIA ANDRADE DA SILVA

“Quão romance é minha vida amorosa!”
Namoro virtual e narrativas

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Norma Missae Takeuti – PGCS/UFRN
Orientadora

Profa. Dra. Débora Krischke Leitão – PGCS/UFSM
Examinador externo

Prof. Dr. Jair de Souza Ramos – PPGS/UFF
Examinador externo

Profa. Dra. Josimey Costa da Silva – PGCS/UFRN
Examinador interno

Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior – PGCS/UFRN
Examinador interno

Natal/RN, Maio de 2012.

A Gustavo Ribeiro, com amor.

RESUMO

A pesquisa se propõe a estudar o fenômeno do namoro virtual através da observação do Orkut, rede social *on-line*. Para tanto, analisa os debates travados em fóruns e enquetes de uma de suas comunidades virtuais, chamada *Conheci meu amor pela internet*. Como ponto de partida, colocam-se as seguintes questões: em que se revestem tais debates? O que subjaz às práticas que visam “interrogar” os próprios namoros? Conforme as hipóteses iniciais, tais debates desvelam diferentes aspectos sociais contemporâneos: 1) eles emergem para responder às demandas de uma sociedade que toma a *reflexividade* como elemento fundamental para a constituição do *eu*; 2) convertem-se em *suportes*, na medida em que as relações sociais, tecidas nesses espaços, aparecem investidas por uma *escrita de si* que indivíduos lançam mão para se constituírem enquanto *sujeitos de sentido*; por fim, 3) discutem-se namoros virtuais com vistas a *reconstruir de outra maneira aquilo que foi vivido*. A análise empírica demonstra que esses fóruns e enquetes apresentam-se enquanto um fenômeno social que dá origem a uma forma particular de *apresentação do eu* na internet. No ensejo por *apresentarem-se*, os mesmos atores acabam por construir *narrativas de si*. O que se observa nessas *narrativas* de namoros virtuais é a predominância de uma *intriga*, cujo desfecho revela-se *exitoso*, de *resultado satisfatório*, *feliz*. Os *narradores* elegem casos de namoros virtuais que se desenrolam sob a forma de uma *felicidade amorosa* associada a ideais românticos como dignos de serem retratados. O teor dessas *narrativas* é desses aspectos tributário. Portanto, a partir dessas formulações, defende-se neste trabalho a tese segundo a qual as *narrativas* de namoros virtuais são um misto de *fato* e *ficção*, na medida em que são *narrativas* tecidas com empréstimo tanto do *imaginário romântico* quanto da própria experiência amorosa vivida nos namoros. Em resumo, esta pesquisa esforça-se por compreender fóruns e enquetes cujo *cotidiano amoroso* é *ficcionalizado* e *dramatizado* através de *jogos performáticos* compostos pela *fabulação romântica* e pela experiência de *concretude* dos namoros virtuais.

Palavras-chave: Namoro virtual. Orkut. *Fato* e *Ficção*. *Narrativas*. Amor romântico.

ABSTRACT

This research aims to acknowledge the virtual dating phenomenon. The research deals with this phenomenon in Orkut, a social networking website. Thus, it considers debates and forums that were present in a Brazilian Orkut online community called *Conheci meu amor pela internet* (I met my love through the Internet). As a starting point the research dealt with issues such as: what are the debates about? How can we deal with practices that question their own dating process? According to the initial hypothesis, these debates reveal different contemporary social aspects: 1) they emerge as a response to demands on behalf of a society that is rather reflexive. This reflexive element is fundamental for the constitution of the *self* 2) these debates work as support elements in social relations that are built upon this sphere. In this context, individuals write about themselves and constitute themselves as real individuals that acquire a sense as subjects; and 3) people discuss online dating as form reconstructing former experiences. Empirical analysis demonstrates that these forums and polls present themselves as a social phenomenon that allows a particular form of *self presentation* on the internet. In order for these subjects to present themselves they built their own self narratives. What is possible to acknowledge considering these narratives is that there is a predominance of the element of *intrigue* that is further solved and demonstrate a satisfactory result. These *narrators* then choose online dating situation that present happy endings and happiness that are associated to romantic ideals that are worthwhile being shown. The contents present in these narratives are dealt with by the research. Thus, this work defends the thesis that the online dating narratives are a mixture of facts and *fiction* once all experiences deal with *romantic imaginary* as well as personal dating experience. Thus, the research is an attempt to understand what goes on the forums and debates that deal with the *fictionalized* and *dramatized* daily experiences in the performances that are similar to *games*. This is possible due to the fact that there is use of romantic fables and concrete experiences realized by online dating.

Key-words: Online Dating. Orkut. Facts and Fiction. Narratives. Romantic Love.

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS E QUADROS

FIGURAS

Figura 1: O perfil da pesquisa no Orkut	72
Figura 2: Perfil de Mônica	80
Figura 3: Perfil de Mônica – categoria geral e social	83
Figura 4: Perfil de Mônica – categoria profissional e pessoal.....	84
Figura 5: <i>Quer ser meu amigo no Orkut?</i>	87
Figura 6: Quadro de <i>amigos</i>	88
Figura 7: Os vídeos no Orkut	96
Figura 8: Foto no perfil	98
Figura 9: Fotos em álbuns.....	98
Figura 10: Recados de Adriana	101
Figura 11: <i>Conheci meu amor pela internet</i>	103
Figura 12: Exemplos de comunidade virtuais	105
Figura 13: Página inicial do Orkut.....	112
Figura 14: Navegação da internet no Brasil	124
Figura 15: A comunidade da pesquisa	136
Figura 16: <i>Fórum Quanto tempo “virtual” antes de virar “real”?</i>	139
Figura 17: Enquete <i>Há quanto tempo está com ele(a)?</i>	140
Figura 18: <i>Compreendendo @mores virtuais</i>	141
Figura 19: <i>Relação pesquisador-pesquisado</i>	142
Figura 20: Fórum <i>O que é um namoro virtual?</i>	143
Figura 21: Página do <i>MSN</i> da pesquisa	144

TABELAS

Tabela 1: Número de <i>amigos</i> no Orkut.....	89
Tabela 2: Número de <i>recados</i> no Orkut.....	94
Tabela 3: Número de fotos e vídeos no Orkut.....	96
Tabela 4: Dados demográficos do Orkut	124
Tabela 5: Atividades desenvolvidas na internet	126

QUADROS

Quadro 1: Os <i>atores</i> da pesquisa – os <i>perfis</i>	73
Quadro 2: Informações solicitadas no <i>perfil completo</i>	81
Quadro 3: Temas de comunidades virtuais no Orkut.....	104
Quadro 4: Os perfis e suas comunidades	106

SUMÁRIO

PARTE I – A INVESTIGAÇÃO	8
1 – Apresentação	8
1.1 O fenômeno dos fóruns e enquetes	8
1.2 A vida numa sociedade <i>moderna tardia</i> : o contexto	19
1.3 Por que <i>narrar</i> histórias de namoros virtuais no Orkut?	23
1.4 <i>Reflexividade, suporte e (re)criação do vivido</i>	24
1.5 A tese	25
2 – Relatos sobre a produção da pesquisa	26
2.1 Estudos em retrospectiva e a origem da tese sobre namoros virtuais	27
2.2 O debate sobre as transformações no terreno amoroso: influências	34
2.3 No <i>ciberespaço</i> : as primeiras aproximações empíricas	39
2.4 O Orkut como <i>cultura e artefato cultural</i> : dados sobre namoros virtuais	48
2.5 <i>Conheci meu amor pela internet</i> : delimitação do campo	56
2.6 <i>Contar sua vida amorosa</i> : namoro virtual e <i>narrativas</i>	59
PARTE II – O CAMPO EMPÍRICO	65
Capítulo I – A Galáxia do Orkut e a vida social em rede	65
1.1 O que é o Orkut? Suas dinâmicas e sua arquitetura	67
1.2 O universo social do Orkut: características gerais	112
1.3 A rede Orkut numa <i>representação</i> quantitativa	122
1.4 O Orkut como instância de uma <i>sociedade em rede</i>	127
Capítulo II– Conheci meu amor pela Internet	134
2.1 As comunidades da pesquisa	136
2.2 O que é o namoro virtual	144
2.3 Casos ‘ <i>reais</i> ’ de namoros ‘ <i>virtuais</i> ’	150
2.4 Namoros virtuais em ‘ <i>debate</i> ’	187
PARTE III – A ANÁLISE	192
Capítulo III– Discussões de namoro virtual como corolário <i>moderno tardio</i>	192

3.1 Notas breves sobre as <i>(des)continuidade da modernidade</i>	197
3.2 Os contornos da <i>modernidade tardia</i> : considerações	202
3.3 Fóruns e enquetes como expressão da <i>reflexividade institucional?</i>	209
3.4 Tangências entre namoro virtual e <i>relacionamento puro</i>	211
Capítulo IV– Namoro virtual e narrativas	217
4.1 <i>Escrita de si</i> e discussão de namoro virtual	224
4.2 Experiência amorosa <i>online</i> e <i>narrativa</i>	232
4.3 Namoros virtuais e <i>identidade narrativa</i>	243
4.4 A <i>ficcionalização</i> das histórias reais de <i>amores felizes</i>	247
PARTE IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS	254
A morte do Orkut? Anotações preliminares	254
Notas conclusivas	261
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	267
ANEXO	277

PARTE I: A INVESTIGAÇÃO

1 APRESENTAÇÃO

Em primeiro lugar, vamos introduzir os principais referenciais teóricos que trazem noções e conceitos que fundamentam toda a localização da tese a ser defendida nesta pesquisa. Somente ao final dessa introdução, ela será exposta com maior concisão.

O fenômeno dos fóruns e enquetes do Orkut

A pesquisa discute fenômenos recentes de utilização social da internet, sobretudo a respeito de fóruns e enquetes de comunidades virtuais ligadas à rede social Orkut. Os fóruns e enquetes são espaços caracterizados pela realização de debates *públicos*, em geral, sobre assuntos de caráter íntimo, campos de interesses pessoais ou dimensões diversas da vida cultural contemporânea. Nesses termos, os usos dados aos fóruns e enquetes servem, minimamente, a três propósitos: 1) dar vazão a discursos pessoais; 2) como forma de socialização e agregação social; e 3) enquadram-se nas atividades da vida ordinária. (LEMOS, 2002). Diante dessas características, estamos definindo fóruns e enquetes do Orkut como uma modalidade de *publicação pessoal on-line* ou, ainda, como um espaço de representação *autobiográfica*, no qual o indivíduo, através de *narrativas*, *encena a si mesmo* e ao seu *cotidiano*, dispondo-se continuamente ao outro e realizando-se na possibilidade de ser visto e de interagir. Ao passo que interagem e são vistos por muitos, esses indivíduos retratam um cotidiano *ficcionalizado*, *teatralizado* e constantemente *negociado*.

Desse modo, os fóruns e enquetes são considerados, por nossa abordagem, práticas contemporâneas de produção de *narrativas autobiográficas*, em que indivíduos põem em ação modos de *apresentação do eu*¹ e, em decorrência, revelam a *teatralidade da vida social* (GOFFMAN, 1985), em que se imbricam *fato e ficção*. (RICOEUR, 1991, 1994, 1995, 1997, 2000). Esses fóruns e enquetes são o resultado de outro fenômeno em particular: fazem parte de um processo mais amplo denominado *a expressão da experiência pessoal e cotidiana na internet*. (MÁXIMO, 2006). Anunciada em meados dos anos 1990, essa tendência surge num

¹ No que se refere à noção do *eu*, será tratada nesta pesquisa, conforme Goffman (1985, p. 231), “como um personagem representado, não uma coisa orgânica, que tem localização definida [...]; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado”.

contexto de aparecimento de *sites de tipo pessoais*, como os chamados *blogs*. Entendidos por alguns autores como uma “reedição” dos *diários íntimos*, esses *sites* são caracterizados pelo preenchimento sistemático de “relatos e apontamentos do dia a dia”, de modo que a ênfase recai, em muitos casos, sobre a “esfera da vida privada ou da intimidade”. (MÁXIMO, 2006, p. 14). É, pois, nesse contexto que os fóruns e enquetes do Orkut prestam-se à construção de *narrativas autobiográficas*, marcadas pela presença de uma instância pessoal à qual se confere a *identidade de um si mesmo*. (RICOEUR, 1991).

Nesses termos, estamos tomando os fóruns e enquetes enquanto um fenômeno social que dá origem a uma forma particular de *apresentação do eu* na internet, ou melhor, no Orkut. Essa maneira de *apresentar-se* deflagra um aspecto caro à pesquisa, qual seja: no ensejo por fazerem emergir uma forma específica de *apresentação do eu*, os mesmos atores acabam por construir *narrativas de si*. Tais narrativas apresentam-se de forma singular, na medida em que são produzidas tanto a partir da *experiência vivida* quanto da *ficção*. No que se refere propriamente ao nosso campo de estudo – os fóruns e enquetes sobre namoros virtuais –, a análise empírica demonstra que eles são compostos majoritariamente por *histórias de namoros virtuais felizes*; é evidente que as histórias malogradas também fazem parte desse conjunto, só que em menor expressão. O que importa reter é que elas são *narrativas* particulares cujo enfoque dado pelos membros das comunidades recai sobre as histórias de namoros virtuais consideradas *bem-aventuradas*. Nesse sentido, o que se observa nesses fóruns e enquetes é a predominância de histórias cujo desfecho revela-se *exitoso*, de *resultado satisfatório, feliz*. Os *narradores* elegem as histórias de namoros virtuais consideradas “bem-sucedidas” como dignas de serem retratadas.

Depreendemos que tais histórias de vida amorosa, relatadas nesses fóruns e enquetes, elaboram-se na *narrativa*, mais precisamente, numa *intriga* (RICOEUR, 1991, 1994, 1995, 1997, 2000) que se desenrola sob a forma de uma *felicidade amorosa* associada a ideais românticos. Isto é, da maneira como se organizam no âmbito do Orkut, os namoros virtuais e o amor romântico convertem-se em *bens supremos* ligados a um *ideal de felicidade amorosa sem conflito*. O teor dessas narrativas é desses aspectos tributário. Expressões para referir-se à própria relação virtual e ao amor romântico estão orientadas, concomitantemente, por uma ideia de *supremacia* quase religiosa, gerando uma existência amorosa *feliz e plena*. O namoro virtual e o amor romântico passam a ser vistos como experiências de *qualidades elevadas*, eles *estão acima de tudo*, são comparados à *perfeição* ou à *divindade*. Portanto, a partir dessas formulações, defenderemos neste trabalho a tese segundo a qual as narrativas de namoros virtuais são um misto de *fato* e *ficção*, na medida em que são narrativas tecidas com

empréstimo tanto do *imaginário romântico* quanto da própria experiência amorosa vivida nos namoros.

Em resumo, esta pesquisa esforça-se por compreender fóruns e enquetes cujo *cotidiano amoroso é ficcionalizado e dramatizado* através de *jogos performáticos* compostos pela *fabulação romântica* e pela *concretude* dos namoros virtuais. A esse respeito, as contribuições do filósofo Paul Ricoeur (1991, 1994, 1995, 1997, 2000) serão essenciais. Antes, contudo, a abordagem *interacionista* de Goffman (1985) servirá como um ponto de partida para a análise. Trata-se de uma corrente sociológica norte-americana cuja “consequência, derivação e continuidade” emergem da Escola de Chicago. (NUNES, 2005, p. 14). Seu foco de análise são as “situações de interação social e suas consequências”. (NUNES, 2005, p. 7). Um de seus princípios básicos é que no *interacionismo simbólico* “o significado emerge da interação”. (NUNES, 2005, p. 45). Esta abordagem define a *interação* como o processo que ocorre quando pessoas agem em relação recíproca num dado contexto social, colocando-se nos diferentes pontos de vista dos membros de seu grupo, como num *jogo de papéis*. (MÁXIMO, 2006).

Decerto, em seus primeiros ensaios, Goffman (1985) insiste em demarcar um campo específico para a sua análise, privilegiando as interações focalizadas em situações de copresença, ou seja, as interações face a face. Mais tarde, entretanto, Goffman (1985 *apud* NUNES, 2005, p. 102) “amplia os limites da interação social, incluindo meios de comunicação como telefone e rádio”. É importante demarcar aqui que a obra de Goffman (1985) serviu de base para inúmeros estudos sobre interação indireta mediada por veículos de comunicação de massa. “O surgimento da Comunicação Mediada por Computador ampliou consideravelmente o campo para a investigação de transformações na interação indireta”. (NUNES, 2005, p. 168). Embora a CMC ainda não fizesse parte da experiência social na época em que Goffman (1985) escreveu, a interação mediada por meios de comunicação de massa já existia e esse autor fez “várias referências às formas indiretas de interação, como programas de rádio e televisão em que ocorre a participação do espectador”. (NUNES, 2005, p. 170).

Embora o esforço intelectual de Goffman (1985) tenha sido o de debruçar-se sobre o cotidiano das interações face a face, especialmente sobre as ações dos indivíduos em situações de presença física e imediata, entendemos que muitos dos seus conceitos aplicam-se aos encontros ocorridos na internet ou no Orkut. Ao nos colocarmos na presença de outros, seja em discussões em fóruns e enquetes, seja numa sala de bate-papo, nossa participação na interação depende de uma *apresentação*, no sentido apontado por Goffman (1985): é a partir

da percepção que fazemos dos outros, das suas expectativas e da situação como um todo, bem como da imagem que desejamos que tenham de nós, que elaboramos e desempenhamos nosso papel, nosso personagem. As características de cada modalidade de comunicação mediada por computador nos colocam limitações e possibilidades específicas para essa atuação e, assim, toda e qualquer situação interativa apresenta suas especificidades.

A obra *A representação do eu na vida cotidiana* (1985), conforme Nunes (2007), tem sido referenciada, “nos últimos dez anos”, em análise de diversos tipos de “comunicação mediada por computador” (CMC): alguns já clássicos (*e-mail*, listas de discussão, *homepages*), outros emergentes, como os diversos tipos de comunicação instantânea (*chats*, *messengers*, Orkut etc.) e os diários na *web* (*blogs*). Reiterando que, ainda que nenhuma dessas modalidades de comunicação existisse na época desse autor, é interessante notar que um dos principais modelos goffmanianos, a *dramaturgia*, comparece em boa parte nessas análises². Goffman (1985) parte do pressuposto de que nas interações sociais agimos com base na percepção que fazemos das pessoas e situações, isto é, elaboramos ideias sobre o que é esperado de nós, mas também de valores, crenças e atitudes que se aplicam às situações interativas vivenciadas.

Como se verá, os principais conceitos utilizados nesta pesquisa de tese advêm de sua obra mais conhecida – *A representação do eu na vida cotidiana*. Nela, Goffman (1985) realiza uma exaustiva investigação de situações comuns na vida social moderna, guiado por analogias com o mundo do teatro. É nesses termos que “foca nas situações sociais como drama”. (NUNES, 2005, p. 134). O uso de metáforas em sua obra é entendido como uma forte característica metodológica. Goffman (1985 *apud* NUNES, 2005, p. 99), em seu ensejo por compreender e explicar a interação social, vale-se do uso da metáfora *dramatúrgica* para descrever “as técnicas do controle da impressão, a identidade e as inter-relações dos diversos grupo”.

Desse modo, transparece com clareza a preocupação de Goffman (1985) com o que acontece quando duas pessoas estão em situação de copresença. Assim, a perspectiva que adota é a da *representação teatral*, isto é, os princípios que esse autor utiliza são de caráter *dramatúrgico*. A abordagem goffmaniana coloca o indivíduo no centro da *definição da*

² Nunes (2007, p. 263), por exemplo, referencia um estudo feito por Hugh Miller (*The presentation of self in electronic life: Goffman on the internet, 1995*) como um dos primeiros nessa linha. O trabalho analisa a questão da construção do *self* e da identidade nas *homepages*, ao propor, com base numa “amostra não sistemática de *homepages* pessoais na internet, uma tipologia de apresentação do *self* nessa forma de CMC”. Nunes (2007) refere-se ainda aos trabalhos da antropóloga Elisa Máximo (*Socialidades no ‘ciberespaço’: uma análise da dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão Cibercultura, 2002*) e de J. Walker (“*Weblog*”: *definition for the Routledge Encyclopedia of Narrative Theory, 2004*), os quais analisam as formas emergentes de CMC a partir das abordagens interacionistas inspiradas por Goffman.

interação, visto que é ele a *atuar e representar* sua atividade perante os outros. Esse entendimento se aplica também às interações que ocorrem nos fóruns e enquetes da rede social Orkut. Diante da presença dos demais membros dessa rede, a interação dependerá de uma *apresentação* e de modos de *teatralização* no sentido apontado por Goffman (1985). Assim sendo, as noções *apresentação do eu* e *teatralidade* serão comumente utilizadas neste trabalho para referir-se à “maneira pela qual o indivíduo apresenta a si mesmo e as atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito”. (GOFFMAN, 1985, p. 9). No capítulo I, essas noções serão apresentadas com maior precisão.

Apresentar-se diante dos outros membros que fazem parte do Orkut designa um imperativo, visto que todo “indivíduo terá que agir de tal modo que, com ou sem intenção, expresse a si mesmo, e os outros, por sua vez, terão de ser de algum modo impressionados por ele”. (GOFFMAN, 1985, p. 12). Essa impressão ocorre em função de um *bom* desempenho *teatral*. Essas noções são importantes para entender que quando um indivíduo interage nos fóruns e enquetes suas ações influenciarão na *definição da situação*. São ações nem sempre premeditadas, “às vezes, [o indivíduo] agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter”, havendo casos em que “o indivíduo estará agindo calculadamente”, porém com pouca consciência de estar agindo assim. (GOFFMAN, 1985, p. 15). É nessa perspectiva que os fóruns e enquetes também são tomados como modalidades de *apresentação do eu*.

Em função desse aspecto, os fóruns e enquetes serão considerados também espaços que propiciam a construção de *escritas de si*, as quais se apresentam sob uma forma fragmentada e plural, muitas delas norteadas por *reflexões* cotidianas e íntimas. Importa reter que essa forma de *escrita de si* no Orkut explicita importantes características do modelo de sociedade vigente. Ela estaria relacionada a tendências contemporâneas concomitantes à crescente ênfase autobiográfica (ENRIQUEZ, 2004-2005, 2009; GIUST-DESPRAIRIES, 2000; GAULEJAC, 2000a, 2000b, 2004-2005, 2009), à demanda por *reflexividade* (BECK, 1997; GIDDENS, 1991, 2002) e à *espetacularização da intimidade*. (SIBÍLIA, 2008).

As práticas de *escrita de si* “tiveram historicamente uma impulsão sem precedentes, em meados do século XVIII, no contexto de aparição da autobiografia” (TAKEUTI; NIEWIADOMSKI, 2009, p. 18), entretanto é necessário questionar a respeito de práticas autobiográficas que emergem por ora no mundo contemporâneo. Os fóruns e enquetes, em muitos casos, aparecem norteados por trechos autobiográficos. A autobiografia “é, antes de

tudo, um tipo de texto, uma ‘forma literária’, um tipo de ‘escrita do eu’”. (BOUILLOUD, 2009, p. 33). Trata-se de um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência”. (LEUJEUNE, 1996 *apud* BOUILLOUD, 2009, p. 14). A autobiografia caracteriza-se pela simetria entre “o autor, o narrador e o personagem” (BOUILLOUD, 2009, p. 34), isto é, aquele que cria, protagoniza e assina o texto é, ao cabo de contas, a mesma pessoa. Nesse sentido, tomamos os fóruns e enquetes como representantes do gênero de *escrita de si* na contemporaneidade. É comum encontrar nesses espaços de debates *um tipo de texto retrospectivo* em que as pessoas falam de sua própria existência *encenando*, ao mesmo tempo, o papel de *autor, narrador e personagem*.

São os próprios membros que fazem parte do Orkut que criam, protagonizam e assinam fóruns e enquetes nos quais contam, em grande parte, trechos de histórias pessoais. O que se vê nesses espaços são relatos de vida que pertencem ao gênero mais amplo de textos de tipo autobiográfico. Uma das primeiras funções da autobiografia “já é, para o autor [aquele que escreve], de *se* compreender por detrás da aparência que oferece a apresentação de si aos outros”. Segundo essa interpretação, a autobiografia “não é somente um relato, uma simples apresentação de si”, mas “é também uma ferramenta de conhecimento de si, um dispositivo reflexivo”. (BOUILLOUD, 2009, p. 35). Nessa lógica, os membros que participam de fóruns e enquetes do Orkut poderão tê-los como ferramenta reflexiva, ainda que não tenham consciência do processo enquanto tal. Estamos considerando a noção de *reflexividade do eu* tal qual problematizada por Giddens (2002). Conforme esse autor, ela surge associada às sociedades contemporâneas e refere-se a algo contínuo e que tudo penetra, “a cada momento, ou pelo menos a intervalos regulares, o indivíduo é instado a autointerrogar-se em termos do que está acontecendo”. (GIDDENS, 2002, p. 75).

A *reflexividade*, como formulada por Giddens (1991, 2002), foi denominada como sendo um dos elementos centrais resultantes do dinamismo próprio à vida moderna, por meio do qual boa parte dos aspectos das atividades sociais e das relações materiais com a natureza está suscetível à revisão constante, à luz do conhecimento e da informação. É central ater-se ao fato de que essa forma de *reflexividade* estende-se ao núcleo do *eu*. Nessa abordagem, o *eu* torna-se um *projeto reflexivo* e deve ser explorado e construído no sentido de conectar as mudanças pessoais às mudanças sociais. Conforme Giddens (1991), a *reflexividade* conduz à construção de uma *autoidentidade* que nada mais é do que o *eu reflexivamente* compreendido pelo indivíduo em termos de sua *biografia*.

Além de ser produto de uma sociedade que toma a *reflexividade* como elemento fundamental, o fenômeno dos fóruns e enquetes desvela, ainda, aspectos próprios a uma

sociedade onde indivíduos demonstram certo *furor por contar sua vida* (GIUST-DESPRAIRIES, 2000), elevam e valorizam a *vida banal* (SIBÍLIA, 2008) e anseiam por compartilhar intimidades. (BRUNO, 2004). Existe hoje uma *voracidade* em relação a tudo que se refira a *vidas reais*. (SIBÍLIA, 2004, p. 12). Como parte emblemática desse processo, cabe destacar outros fenômenos contemporâneos que, de igual modo, estão em perfeita simetria com a emergência dos fóruns e enquetes do Orkut, são eles: o sucesso editorial de biografias, a proliferação de documentários em primeira pessoa, a crescente audiência de *reality shows*³, a ascensão de *blogs*⁴, *fotoblogs*⁵, *Facebook*⁶, *Myspace*⁷ e certos usos do *Youtube*⁸ e da *webcam*⁹ etc. (SIBÍLIA, 2008).

Conseqüentemente, escrever uma biografia, produzir um documentário que destaque o *eu*, acompanhar episódios de programas tipo *Big Brother Brasil*, participar de *sites* como Orkut, *blogs*, *fotoblogs*, *Facebook*, *Myspace*, podem ser consideradas maneiras pelas quais indivíduos respondem às demandas de uma sociedade que toma a *intimidade como espetáculo*. (SIBÍLIA, 2008). Nos fóruns e enquetes da rede social Orkut, emergem práticas *confessionais*, entretanto importa ater-se à proliferação de espaços, tecnologias e práticas, que permitem e incitam certa *espetacularização do eu*, por meio de recursos performáticos (SIBÍLIA, 2004), como aquelas formas de *espetacularização do eu* que se dão nos fóruns e enquetes do Orkut, seriam, ainda, estratégias que os indivíduos contemporâneos colocam em ação para construir vínculos sociais.

A respeito da noção *espetacularização*, a antropóloga Paula Sibília (2008, p. 49) refere-se a “uma cultura que se ancora crescentemente em imagens [...] nas quais a lógica da

³ *Reality show* é um tipo de programa televisivo apoiado na vida real. Exemplo deste é o programa mundialmente conhecido *Big Brother*, criado em 1999 por John de Mol e inspirado no livro de George Orwell, *1984*. Conforme Riccio (2001, p. 796), o “*reality show* não é um programa de notícias tradicional, tampouco, uma obra de ficção. Sua fórmula, típica dos anos 90, foi importada dos Estados Unidos e propagou-se por diversos países. Ele invade as telas com o testemunho privado, e a TV, antes marcada pela ficção, abre-se para o mundo da intimidade”.

⁴ Conforme o *site* <blogger.com.br>, o “blog é uma página web atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. É como uma página de notícias ou um jornal que segue uma linha de tempo com um fato após o outro. O conteúdo e tema dos blogs abrange uma infinidade de assuntos que vão desde diários, piadas, links, notícias, poesia, ideias, fotografias, enfim, tudo que a imaginação do autor permitir”.

⁵ Segundo o *site* <fotoblog.uol.com.br>, o *fotoblog* é um diário fotográfico na *web*. Assim como um *blog*, é um espaço para você contar histórias e exprimir ideias e pensamentos. A diferença é que no *fotoblog* usam-se fotos no lugar de textos (quando se deseja, pode-se escrever uma legenda para cada foto publicada).

⁶ O *site* <http://pt-br.facebook.com> declara que o *Facebook* é uma rede social que reúne pessoas a seus amigos e àqueles com quem trabalham, estudam e convivem.

⁷ *Myspace* é um serviço de rede social que utiliza a internet para comunicação *on-line* através de uma rede interativa de fotos, *blogs* e perfis de usuário, conforme o *site* <br.myspace.com>.

⁸ *Youtube* é um *site* que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital, segundo o *site* <http://www.youtube.com/>.

⁹ Como conceitua o sociólogo André Lemos (2002, p. 2), “*webcams* são câmeras que, ligadas a computadores com acesso à internet, podem fazer de qualquer usuário um emissor de imagens”.

visibilidade e o mercado das aparências desempenham papéis primordiais na construção de si e da própria vida como relato”. Fica claro que essa autora considera as teses desenvolvidas na obra *A sociedade do espetáculo*, do pensador Guy Debord (2003a). Para esse autor, as condições modernas se anunciam como uma “imensa acumulação de espetáculos”. A realidade, nesses termos, torna-se “objeto de pura contemplação”. Interessa salientar que a noção de *espetacularização* será utilizada neste trabalho tal qual é anunciada por Debord (2003a). Para ele, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. (DEBORD, 2003a, p. 9). É nesses termos que os fóruns e enquetes apresentam-se enquanto eventos *espetacularizados* nos quais “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. (DEBORD, 2003a, p. 12). As relações sociais que se forjam ali são mediatizadas por imagens.

É preciso assinalar ainda que o fenômeno dos fóruns e enquetes esclarece aspectos importantes sobre formas de sociabilidades contemporâneas. O que subjaz aos debates públicos sobre questões pessoais são, especificamente, as perspectivas em se construir, através deles, relações sociais, estando em jogo os modos pelos quais é presumível formar vínculos com os outros. As discussões que ali se delineiam estão associadas às diferentes maneiras de se conceber relacionamentos hoje. A internet, enquanto fenômeno social contemporâneo, apresenta-se como uma arena especialmente propícia à emergência de reconfigurações e formas de sociabilidades *inéditas*. Nessa perspectiva, os fóruns e enquetes funcionam como vetores de “novas formas de agregação social” (LEMOS, 2007, p. 16), os quais fazem parte de um processo mais amplo da relação entre indivíduo e sociedade. No que se refere a nossos propósitos, as discussões presentes em fóruns e enquetes que interessam a esta pesquisa são aquelas que giram em torno do tema *namoro virtual*, configuração amorosa que pode ser considerada *inédita*.

Diante desses pressupostos, este trabalho centra-se na análise da ascensão de debates sobre vínculos afetivos *on-line*, emergentes de um modelo de sociedade denominado *alta modernidade*. (GIDDENS, 2002). É numa conjuntura denominada *nosso mundo de hoje*, em que o “eu, como os contextos institucionais mais amplos, tem que ser construído reflexivamente” (GIDDENS, 2002, p. 11), que emerge o fenômeno por nós analisado. Os fóruns e enquetes são reflexos de uma forma de sociedade que demanda aos indivíduos a tarefa constante de autointerrogar-se. Assim, o aparecimento de debates sobre namoros virtuais na cena amorosa recente pode representar um panorama mais ou menos geral do modo como se *(re)configura* a constituição de certos vínculos amorosos hoje.

Mais uma vez, a análise do material empírico – fóruns e enquetes sobre namoros virtuais – demonstra que esse formato de vínculo afetivo, tal qual aparece nesses espaços de discussão, surge relacionado a uma *narrativa de si*. Nesse contexto, a *narrativa de si* pode ser caracterizada por um processo pelo qual o autor fala de sua própria vida, seus sentimentos e pensamentos. O objetivo dessa *narrativa* é que o *autor* possa expor questões sobre si mesmo, com vistas a esclarecer fatos anteriormente vividos, pois, na abordagem que tomamos como referência, a narrativa, pelo ordenamento das palavras e das frases, facilita a ordenação do *caos vivido*. (RICOEUR, 1991, 1994, 1995, 1997, 2000).

Nos fóruns e enquetes de comunidades virtuais do Orkut, a escrita torna-se um dos principais elementos de interação. Desse modo, neste trabalho, tomamos a escrita como uma técnica capaz de criar *ficções sobre si* que opera de modo a *ficcionalizar*, também, a vivência cotidiana dos namoros. Narrar algo *sobre si* ou sobre eventos vividos implica, necessariamente, recorrer a *técnicas ficcionais*, sendo escusado dizer que a *ficção* não é antítese do *fato verdadeiro*. Nesse sentido, estamos tomando a noção de *ficção* do filósofo Paul Ricoeur (1991, 1994, 1995, 1997, 2000) e do historiador Hayden White (1994), com o objetivo de romper com a falsa oposição *fato e ficção*. Para esse último autor, “muitos tipos de verdade, mesmo na história, só poderiam ser apresentados por meio de técnicas ficcionais de representação”. (WHITE, 1994, p. 139). Os fatos não falam por si mesmos, somos nós que falamos por eles e em nome deles. Assim, muitas *verdades* sobre nós mesmos, e que aparecem nos fóruns e enquetes, podem ser *ficcionalizadas*.

Como sugerem os autores Ricoeur (1991, 1994, 1995, 1997, 2000) e White (1994), a *imaginação* ou o caráter inventivo é algo implícito em qualquer *representação adequada da verdade sobre si*. Desse modo, os membros que discutem namoros virtuais em comunidade virtuais do Orkut acabam por (re)construir, de algum modo, suas experiências por meio dos enredos que narram, por isso são *ficcionalizadas*. Escrever sobre si é inseparável de certa *invenção de si*. É dessa maneira que os eventos vividos, expostos nos fóruns e enquetes, surgem *redesenhados* e podem apresentar-se como mais significativos e coerentes, tanto para os outros quanto para *si mesmo*. Além disso, os membros de *comunidades* poderão vivenciar e experimentar os fatos narrados de *outro modo*, pois o ato de *contar* conduz o narrador, em certa medida, a “recriar, a reconstruir e a reelaborar de outra maneira aquilo que foi vivido anteriormente para viver de outra forma”. (GAULEJAC, 2000b, p. 137).

Outro aspecto importante diz respeito ao fato de que os fóruns e enquetes parecem funcionar como um *dispositivo de textualização de si* (AZEVEDO, 2007) e das relações amorosas. Nesse sentido, os namoros virtuais aparecem, nesses debates, como constituídos

por *narrativas portáteis*, suscetíveis de serem transportadas longe das circunstâncias em que foram originadas. (HINE, 2004). A consequência é que a separação entre a produção e o consumo dessas narrativas torna-as, em muitos os casos, objetos de *reflexão* e discussão entre os próprios envolvidos, isto é, eles podem retornar a eventos já transcorridos, mas ainda visíveis e observáveis pela escrita de modo a lançar novos olhares e atribuir-lhes novas interpretações e sentidos. Nesse caso, poderemos considerar os fóruns e enquetes como uma *coleção de textos* (HINE, 2004), visto que o seu uso está intimamente ligado ao processo de ler e escrever. Desse modo, cabe à pesquisa compreender os significados que subjazem às práticas que se inscrevem ao redor desses textos.

Em suma, interessa reter aqui que é através desses textos, presentificados em fóruns e enquetes, que os indivíduos *ficcionalizam a si e os eventos que narram* (RICOEUR, 1991, 1994, 1995, 1997, 2000; WHITE, 1994), de modo que *apresentam o eu e teatralizam* formas cotidianas de vida amorosa (GOFFMAN, 1985) por meio da *espetacularização* na internet. (SILÍBIA, 2008). Diante disso, a pesquisa ocupa-se do estudo de debates travados entre internautas sobre namoros virtuais enquanto *narrativas contadas no Orkut*. Buscamos compreender os significados¹⁰ que subjazem às práticas que norteiam a produção dessas *narrativas*.

Uma pesquisa com *narrativas* está sempre vinculada à problemática da *experiência*. Conforme essa abordagem, o indivíduo somente pode manifestar, comunicar e, até mesmo, compreender a experiência, caso coloque-a sob a *forma narrativa*. Essa *forma*, entretanto, “envolve tanto a colocação de palavras em estruturas inteligíveis de significado quanto a organização de uma série de códigos e dispositivos culturais que permitem que a narrativa seja compreendida”. (HARTMANN, 2005, p. 126). Nesta pesquisa, destacamos o valor da *experiência*, compartilhada nas discussões sobre namoros virtuais presentes em fóruns e enquetes, como fonte e possibilidade de *narrativa*. Na abordagem que estamos tomando como referência, há uma profunda ligação entre *narrativa* e *experiência*. Por essas razões, consideramos importantes as contribuições do filósofo Paul Ricoeur (1991, 1994, 1995, 1997, 2000), para o qual a função figurativa operada pela narrativa ficcional funciona como um modelo análogo a todo ato narrativo.

No prefácio de *Tempo e Narrativa I*, Ricoeur (1994) traz à baila o tema que é a marca dessa obra, qual seja: *o caráter temporal da experiência humana*. O referido autor esforça-se por analisar o *tempo* e a possibilidade de configuração de um *tempo humano*, por intermédio

¹⁰ Significado dado pelos indivíduos.

da narrativa. Conforme o filósofo, “o desafio último, tanto da identidade estrutural da função narrativa quanto da exigência da verdade de toda obra *narrativa* é o caráter temporal da experiência humana”. (RICOEUR, 1994, p. 15). Nesse sentido, apresenta a hipótese segundo a qual “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de um modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”. (RICOEUR, 1994, p. 15). O que Ricoeur (1994) defende é que as tramas narrativas que construímos auxiliam a configurar a experiência do tempo. A ação humana, *lugar* no qual o indivíduo agindo *mostra quem é*, configura-se pela narrativa.

Dessa feita, o termo *narrativa* será comumente utilizado neste trabalho para referir-se à perspectiva defendida por Ricoeur (1994). Assim, estamos tomando a *ação narrativa* que se apresenta nos fóruns e enquetes enquanto *experiências*. Construídas *textualmente*, essas narrativas podem permitir ao *narrador* interpretar a si mesmo, visto que elas dão coesão às experiências humanas, isto é, a história narrada manifesta-se fundamentalmente para a caracterização de atos humanos que são colocados em sequência. A unidade daquilo que é narrado apresenta-se com um começo, um meio e um fim¹¹. Desse modo, a história narrada pelo indivíduo pode parecer-lhe mais inteligível e compreensível e as *narrativas* podem ser consideradas um locus privilegiado de encontro entre a *vida íntima* do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural. Por mais que as narrativas pertençam aos indivíduos, elas, em verdade, desvelam aspectos importantes das sociedades.

Segundo a abordagem teórica que tomamos como referência (RICOEUR, 1991, 1994, 1995, 1997, 2000; ENRIQUEZ, 2009; GIUST-DESPRAIRIES, 2000; GAULEJAC, 2000a, 2000b, 2009), há um laço indissociável entre a *experiência* e a (re)elaboração na condição narrativa que revivifica e, ao mesmo tempo, recria o vivido. Trechos da vida, ao tornarem-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instauram sempre um campo de *renegociação e reinvenção identitária*. (CARVALHO, 2003). A condição narrativa remete à experiência humana para o campo da *ficção* (WHITE, 1994), no sentido da permanente

¹¹ É importante lembrar aqui das críticas feita por Bourdieu (1996, p. 184) ao chamar a atenção para a “ilusão biográfica”, ou seja, para a falácia de se considerar uma vida como “[...] um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto [...]”. Para esse autor, “a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram de contrabando no universo do saber”. Desse modo, é o *senso comum, a linguagem cotidiana* que descreve a vida como um caminho, um trajeto, um percurso que comporta um começo, um meio e um fim. Para Bourdieu (1996, p. 186) “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como narrativa coerente de uma sequência significativa e coordenada de eventos, talvez seja ceder a uma ilusão retórica”. O caráter contundente de suas críticas se reveste de grande importância para nosso estudo. Entretanto, apesar delas, o próprio Bourdieu (1996, p. 186) reconhece: “Não podemos deixar de lado a questão dos mecanismos sociais que privilegiam e autorizam a experiência comum da vida como unidade e totalidade”. Se a história de vida não se constitui enquanto um todo coerente com começo, meio e fim, a *linguagem cotidiana*, no processo narrativo, assim a concebe. É a condição de narrar: só posso *contar* um evento pondo-o em ordem cronológica.

reelaboração, ou ainda, da *autoinvenção*, isto é, o ato narrativo possibilita ao indivíduo, em certa medida, uma nova oportunidade de se apresentar, recontar e reposicionar-se. “As experiências, ao serem contadas, transpõem a vida para o registro da *narrativa*, transformam-se em textos e passam a ser regulados pelas regras de gênero e convenções que regem esse domínio”. (CARVALHO, 2003, p. 298).

Nesses termos, os indivíduos que narram trechos de vidas amorosas nos fóruns e enquetes das comunidades virtuais do Orkut acabam por redesenhar e reinventar essas mesmas histórias. A condição de narrar os coloca numa posição ao mesmo tempo de *autor* e *intérprete* de si mesmos. Há uma distância entre “o sujeito e o *si mesmo* que é narrado”. Essa separação “é a condição que torna a autocompreensão uma tarefa de interpretação”, de modo que o sujeito torna-se uma “espécie de autor-intérprete de si mesmo”. Essa condição aproxima a narrativa de “um ato de criação estruturalmente análogo à ficção”. Assim, a narrativa “não representa o sujeito, mas o produz. Daí a natureza de autoinvenção do relato autobiográfico”. (CARVALHO, 2003, p. 299).

A vida numa sociedade moderna tardia: o contexto

Observam-se, a partir das transformações levadas a cabo pela *modernidade* (GIDDENS, 2002), profundas modificações “na estrutura dos vínculos entre sociedade e indivíduo e a relação que este último entretém com sua própria existência”. (NIEWIADOMSKI, 2004-2005, p. 79). O sociólogo Claude Dubar (2009, p. 21), por exemplo, utiliza a expressão *crise do vínculo social* para tratar dessas mudanças mais gerais, mas também se refere àquelas que incidem sobre vínculos amorosos. Para essa investigação, o que é imprescindível saber é se há modificações na constituição de vínculos amorosos e, num contexto de mudanças estruturais, compreender que relações o indivíduo mantém consigo próprio e com seus relacionamentos afetivos. Diante desses propósitos, sustentamos que a emergência dos namoros virtuais e dos fóruns e enquetes na cena contemporânea pode refletir mudanças, respectivamente, nas formas como se constroem vínculos amorosos hoje: eles podem ser geridos pela internet; e nas formas como esses indivíduos relacionam-se com seus vínculos amorosos: eles podem ser discutidos e debatidos.

As *mutações* por que passam os vínculos sociais atuais, que *a priori* já são tomados por Dubar (2009) como *rompidos*, podem ser vistas, em primeiro lugar, nas relações cotidianas como as familiares, as profissionais e as de *proximidade*. As rupturas de que trata esse autor podem ser percebidas em situações banais como “ser deixado pelo cônjuge, ser

demitido pelo patrão, deixar de ser cumprimentado pelo vizinho, ser maltratado por uma administração”. (DUBAR, 2009, p. 21). Tais situações caracterizam-se enquanto rupturas concretas de relações pessoais que, anteriormente, poderiam *criar vínculos duráveis*. Hoje, pelo contrário, podem ser constantemente *desfeitas*. As questões postas por Dubar (2009) remetem-nos, de outro modo, a rupturas anteriores, como as que ocorreram com os vínculos sociais *comunitários*, aqueles mesmos que emergem com o desmanche das sociedades *tradicionais* e a emergência da *modernidade*. (GIDDENS, 1997).

O termo *modernidade* será doravante utilizado neste trabalho para referir-se às “instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto”. (GIDDENS, 2002, p. 21). Diante dessa prescrição teórica, a *modernidade* pode ser entendida como equivalente ao mundo industrializado. De igual modo, a expressão *sociedades tradicionais* será utilizada aqui tal qual a abordagem de Giddens (1991, 1993, 2002). Aí a *tradição* está “ligada ao ritual e tem suas conexões com a solidariedade social” [...], estando envolvida com o “controle do tempo”. Em outras palavras, “a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que [...] tem uma pesada influência sobre o presente. Mas [...] também diz respeito ao futuro [...]”, sobretudo, com vistas a “organizar esse tempo futuro”. (GIDDENS, 1997, p. 80). Por fim, a noção de *tradição* ainda será utilizada como que “ligada à memória, especificamente, [...] a memória coletiva”. (GIDDENS, 1997, p. 81).

A vida em uma sociedade *tradicional* estava fortemente associada à ideia de “vinculação”. (GIDDENS, 1997). Os indivíduos encontravam-se intensamente atrelados e amparados por laços sociais *fortes e duradouros*. Ao invés disso, o ingresso no *mundo moderno*, caracterizado por instabilidades das formas culturais e das organizações sociais (MARTUCCELLI, 2007), é marcado, justamente, pelo esfacelamento desses vínculos. Nesse quadro, o mundo moderno é assinalado “por uma evaporação da *grand narrative* – ‘o enredo’ dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro previsível”. (GIDDENS, 1991, p. 12). Trata-se de um mundo no qual se generalizam incertezas e indeterminações. É nesse contexto que “a grande família, a localidade de origem, etc.” se rarefazem e as referências coletivas modernas como a “família nuclear, o sindicato, a nação – veem obliterada sua capacidade de recosturar os laços de proximidade e solidariedade desfeitos pela modernização”. (COSTA, 2005, p. 112).

Os modos de vida produzidos pelo mundo moderno, portanto, “nos desvencilharam de *todos* os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes”. (GIDDENS, 1991, p. 14). O resultado é que a vida social torna-se atenuada e privada de

pontos de referência firmes. Nesse ínterim, cumpre perguntar sobre o lugar que ocupa o indivíduo nessa organização social. O que recai e o que compete a ele? Que relações mantém com sua própria existência numa conjuntura de desenvolvimento da *modernidade* que rompe com as velhas formas de *comunidade*? Compete ao indivíduo suportar o peso de *ser um indivíduo* num mundo *em desordem e fragmentado*. Esse indivíduo é, cada vez mais, descrito como submetido a um conjunto de fenômenos abertos e contraditórios no qual se embaralham as antigas certezas. (MARTUCCELLI, 2007). Frente a um mundo descrito como carente de estabilidade institucional, caberia ao indivíduo aclarar e construir o sentido de sua própria conduta e trajetória pessoal. Os fóruns e enquetes encontram aí um campo eminente para a realização dessa demanda.

As rupturas com os laços comunitários impelem os indivíduos a tornarem-se eles próprios produtores de suas “biografias”, especificamente uma biografia do tipo “faça-você-mesmo”. (BECK, 1997). Anteriormente, elas eram possíveis no “grupo familiar, na comunidade da aldeia ou se recorrendo a uma classe ou grupo social”. Hoje, as biografias “devem ser cada vez mais percebidas, interpretadas e resolvidas pelos próprios indivíduos”. (BECK, 1997, p. 18). Nesse contexto, considera-se o indivíduo como “ator, planejador, prestidigitador e diretor de cena de sua própria biografia, identidade, redes sociais, compromissos e convicções”. (BECK, 1997, p. 25). O indivíduo se torna ele próprio “processador de pressões de todas as ordens que caem sem anteparos sobre seu colo: espera-se dele não só desempenho profissional e competência social, mas também um cultivo intelectual e estético que o destaque em seu grupo social”. (COSTA, 2005, p. 112). É em meio a esses imperativos que os indivíduos discutem em fóruns e enquetes suas relações amorosas *on-line*, conforme discutiremos com maior acuidade no capítulo III.

Em resumo, não há indivíduo moderno sem esse processo, verdadeiramente inaugural, graças ao qual se desliga das *subordinações* impostas pela ordem tradicional. Não há *modernidade* sem rupturas das antigas dependências e sem o estabelecimento de novos vínculos. Desse modo, desligado das *amarras* tradicionais que o resguardavam, o indivíduo moderno passa a contar agora com outros diferentes tipos de vínculos e também de *suportes* (MARTUCCELLI, 2007) divergentes daqueles ligados aos laços comunitários. O indivíduo moderno não existe senão na medida em que é amparado por *suportes*. Segundo Martuccelli (2007, p. 63), a noção de suporte está ligada a um “conjunto heterogêneo de elementos reais e imaginários tecidos através de relações com os demais ou consigo próprio”. Na perspectiva que estamos adotando, esses *suportes* podem ter caráter material ou simbólico, interessando reter que são sempre reais em seus efeitos. Eles foram sempre diversos e historicamente

variáveis, de modo que o papel real do *suporte* dependerá da maneira como será considerado pelo indivíduo. (MARTUCCELLI, 2007).

Então, é precisamente num contexto moderno no qual o indivíduo se encontra desprendido de uma *totalidade social* que o amparava e servia como sustento que esse mesmo indivíduo é chamado a “recriar ao redor de si um círculo que o permite filtrar e organizar sua própria vida” (MARTUCCELLI, 2007, p. 57) por meio de anteparos que o sustentem. É nesse sentido que, em condições modernas, o “dinheiro, a propriedade privada, os direitos e sistemas de proteção, o trabalho, o consumo de psicotrópicos, relações estabelecidas com animais de estimação, contatos telefônicos, lugares de bate papo, redes, vínculos, sociabilidade, relações íntimas” convertem-se em *suportes* importantes para o indivíduo moderno. (MARTUCCELLI, 2007, p. 53). No caso específico de nossa investigação, são os fóruns e enquetes que se convertem em *suportes*, capazes de preencher lacunas em que as certezas no plano afetivo são frágeis, conforme demonstraremos nos capítulos I e II.

No interior dessa conjuntura, inscreve-se este estudo – num contexto sócio-histórico que se desliga da *ordem tradicional* e ingressa na *modernidade*, dando lugar, por ora, a uma organização social qualificada de *modernidade tardia ou alta*. (GIDDENS, 2002). Essa última noção está ligada a uma série de transformações que ocorreram no decorrer do século XX – em especial em sua segunda metade – e provocaram alterações em vários níveis da vida humana. Trata-se de um período que se distingue, fundamentalmente, pelo crescimento do individualismo, pela desinstitucionalização da família, pela desarticulação progressiva de sistemas sociais e por um sentimento de aceleração do tempo (NIEWIADOMSKI, 2004-2005), sendo uma sociedade marcada pela compressão sem precedentes do tempo e do espaço, pela racionalização, reflexão, impessoalização e desterritorialização das relações sociais. (ILLOUZ, 2009).

No *mundo moderno tardio*, “a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre a intimidade do eu, se torna cada vez mais comum”. Precisamente nesse contexto, a pesquisa situa o fenômeno dos fóruns e enquetes sobre namoros virtuais. O namoro virtual, enquanto *narrativa contada no Orkut*, nada mais é senão um corolário dessa contemporaneidade. Numa sociedade que delega ao indivíduo a tarefa de se autoconhecer e de produzir a si próprio, a *escrita de si* desenvolvida em fóruns e enquetes pode funcionar como uma estratégia de *constituição do eu e de estilos de vida*. Diante de um contexto de perdas de referências coletivas, o indivíduo se vê impelido a construir por si só suas próprias referências, de modo que a *escrita de si* pode representar uma ferramenta importante para a

construção de sentidos. Esse mecanismo de *escrita* se mostra impregnado de características próprias ao específico momento histórico.

Por que narrar histórias de namoros virtuais no Orkut?

Delory-Momberger (2008, p. 26) defende que “é no narrar a vida que os sujeitos representam a vida”. Quanto a nós, sustentamos semelhantemente que é no narrar histórias de namoros virtuais no Orkut que os sujeitos representam suas vidas amorosas. Segundo a abordagem dessa autora, o ser humano somente se apropria de sua vida e de si mesmo por meio de histórias. Antes de contar essas histórias para comunicá-las aos outros, “o que ele vive só se torna sua vida e ele só se torna ele mesmo por meio de figurações com as quais representa sua existência”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 35). Assim, jamais se atinge diretamente o vivido, salvo pela mediação das histórias. Quando no Orkut desejamos nos apropriar de nossa vida amorosa, nós a narramos em fóruns e enquetes. Conforme essa perspectiva, um dos meios possíveis de se ter acesso à nossa vida é, portanto, percebermos o que vivemos por intermédio da escrita de uma história (ou de uma multiplicidade de histórias). Esse processo pelo qual os indivíduos recorrem à palavra e à imagem para representar sua existência passa a ter importância nas sociedades *tardias modernas*.

Indubitavelmente, os fóruns e enquetes como espaços-tempos biográficos não são criações espontâneas, nascidas unicamente da iniciativa individual: trazem, antes, a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem tanto nos modelos de figuração narrativa quanto nas formas de relação dos indivíduos consigo mesmos e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem. Reiteradamente, as histórias que contamos de nossa vida se inscrevem sob as condições sócio-históricas da época e da cultura às quais pertencemos. “Contar histórias é tão antigo quanto o mundo”. (ENRIQUEZ, 2009, p. 7). As primeiras histórias falavam, sobretudo, de seres excepcionais como Aquiles, Ulisses, Homero. Eram histórias “fantásticas” contadas com o fim de fascinar leitores ou ouvintes. Entretanto, em vista da emergência do individualismo e da burguesia enquanto classe ascendente, já presentes desde o Renascimento, no final do século XVII e, principalmente, no século XVIII, houve mudanças nos conteúdos dessas histórias.

“Os heróis tornaram-se mais familiares, mais próximos das preocupações de todos”. A mudança fundamental aconteceu “com Descartes”. Com ele, “todos os indivíduos passaram a poder pensar e agir e todos se tornaram dignos de interesse”. (ENRIQUEZ, 2009, p. 8). Esse interesse por indivíduos *quaisquer, sem qualidade*, levava todos a perceberem que suas

próprias vidas poderiam ser, de igual modo, atrativas, para si mesmos e para os outros. “Todos poderiam um dia dizer, como o fez Napoleão: *quão romance é a minha vida!*” (ENRIQUEZ, 2009, p. 8). De igual modo, membros que discutem namoros virtuais no Orkut poderiam dizer: *Quão romance é minha vida amorosa!* Todos esses membros parecem tornar suas vidas amorosas em *romance* e eles próprios em personagens de *romance*. As histórias apresentadas nos fóruns e enquetes surgem como interessantes para si próprios e para os outros. O ato de contar histórias de namoros virtuais no Orkut supõe o emprego de técnicas capazes de solucionar dilemas contemporâneos, como aquele de ter que se dar sentido.

Na perspectiva que estávamos adotando, as *narrativas* construídas pelos indivíduos nos fóruns e enquetes sobre suas próprias *histórias de namoros e amor* abrem caminhos para compreender modelos de constituição de vínculos amorosos e de ideais românticos a eles associados.

Reflexividade, suporte e (re)criação do vivido

Por que *narrar* histórias de namoros virtuais no Orkut? Nossas hipóteses teóricas gerais giram em torno das seguintes proposições: o processo de perdas de referências coletivas em favor de valores individuais pode conduzir os indivíduos a *contarem* suas próprias histórias enquanto imperiosa tarefa de produzir e de construir sentido para si. Esse fenômeno pode introduzir os indivíduos num processo *narrativo* e, em consequência, num processo *reflexivo*. O *entusiasmo* por discutir namoros virtuais no Orkut participaria dessa tendência contemporânea, atendendo às demandas de *reflexividade* típicas da *alta modernidade*. Através de escritos *autobiográficos*, os namoros virtuais emergem nos fóruns e enquetes como que constituídos por *narrativas* que preenchem funções culturais próprias das sociedades contemporâneas. As narrativas sobre namoros virtuais constituem respostas significativas à *representação de si*, do outro e do mundo, inscrevendo-se assim nas questões culturais da formação do laço social.

Os namoros virtuais são narrados nos fóruns e enquetes enquanto experiências coerentes que forjam uma *representação adequada de si*, bastante significativa como resposta a essa perda de referências, que retorna ao indivíduo a prova de se dar sentido. Nos fóruns e enquetes, o que se discute são questões próprias aos namoros. O ato de contar *histórias de namoros virtuais* no Orkut implica um processo de recriação, reconstrução e reelaboração dessas mesmas histórias, recorrendo-se a *técnicas ficcionais na representação* de eventos vividos. As técnicas de criar ficções são necessárias à composição dos escritos nos fóruns e

enquetes. Nesses termos, explicar, compreender e interpretar eventos vividos em namoros virtuais constituem-se em *suportes* (MARTUCCELLI, 2007) pelos quais os indivíduos se fundam enquanto *sujeitos de sentido*. Compreender um evento é ser capaz de contá-lo. A explicação, a compreensão e a interpretação são indissociáveis da estrutura narrativa. Essas narrativas supõem diferentes formas de *ficcionalização* e *teatralização da vida amorosa*.

A tese

Nesta seção, vamos articular essas diferentes referências que contribuem para a problematização de nossa tese.

A pesquisa estuda discussões sobre o tema namoro virtual em fóruns e enquetes de comunidades virtuais da rede social Orkut. São debates tecidos por pessoas que afirmam manter um namoro *on-line*. Nesse sentido, colocamo-nos as seguintes questões: Em que se revestem tais debates? O que subjaz às práticas que visam “interrogar” os próprios namoros? Conforme nossas hipóteses, tais debates desvelam diferentes aspectos sociais contemporâneos: 1) eles emergem para responder às demandas de uma sociedade que toma a *reflexividade* como elemento fundamental para a constituição do *eu*; 2) convertem-se em *suportes*, na medida em que as relações sociais, tecidas nesses espaços, aparecem investidas por uma *escrita de si* que indivíduos lançam mão para se constituírem enquanto *sujeitos de sentido* e, por fim; 3) discutem os namoros virtuais com vistas *a reconstruir de outra maneira aquilo que foi vivido*, isto é, os debates nos fóruns e enquetes passam por um processo de (re)elaboração na condição narrativa que revivifica e ao mesmo tempo recria o vivido.

A análise empírica demonstra que essas discussões apresentam-se em forma de uma modalidade específica de *apresentação do eu*. Nelas, ao indivíduo é requerido que *represente a si mesmo* e *encene sua vida amorosa on-line*, por meio de debates públicos, razão pela qual são ainda espaços caracterizados por certa *espetacularização da intimidade*. Ora, estaríamos numa cultura que se ancora em imagens, na qual a lógica da visibilidade e da aparência desempenha papel primordial na *construção de si*.

Não esqueçamos, afinal, que o central nesta pesquisa é que as discussões de namoros virtuais aparecem sob a forma de *narrativas*, enquanto *experiências* construídas com elementos extraídos do *fato* e da *ficção*. É nesse sentido que estamos defendendo a tese de que os fóruns e enquetes que discutem namoros virtuais convertem-se em *narrativas cuja intriga é*

formada pela associação entre amor romântico, felicidade amorosa e experiência vivida no namoro.

Para essa problematização, o recorte desta pesquisa são as *narrativas contadas no Orkut*, as quais se apresentam enquanto trechos de vida amorosa que pertencem ao gênero mais amplo de textos do tipo autobiográfico, cuja característica se aproxima daquilo que conhecemos como *escrita de si*. Compreenderemos, nesta tese, a natureza da *escrita de si* no ambiente *on-line*. No capítulo IV, desenvolveremos integralmente a tese que toma esses diversos elementos de análise acima.

Para demonstração da tese no aspecto formal, adotamos a seguinte estratégia de apresentação: na parte I, mostraremos em que se constitui a presente pesquisa e como chegamos nela. Na parte II, descreveremos em detalhes a rede social Orkut, sua configuração, constituição e características etc., bem como a comunidade virtual na qual ocorrem as discussões de namoros virtuais, ao mesmo tempo que vamos articulando dados de campo com os referenciais teóricos. Na parte III, apresentaremos os fóruns e enquetes como produto de um modelo social denominado *alta modernidade*, desenvolvendo a perspectiva segundo a qual os fóruns e enquetes de namoros virtuais se constituem em *narrativas* cuja *intriga* desvela *histórias de amores virtuais felizes*, formadas com elementos extraídos tanto do *imaginário amoroso* quanto da concretude vivida nos relacionamentos virtuais. Por último, na parte IV, apresentaremos uma breve discussão sobre o suposto desaparecimento do Orkut e nossas notas conclusivas.

2 RELATOS SOBRE A PRODUÇÃO DA PESQUISA

Nesta seção, mostraremos a trajetória desta pesquisa, que teve seu início antes do doutoramento.

Com vistas a introduzir o trabalho, cumpre assinalar que o formato assumido por esta pesquisa de tese provém de estudos anteriormente desenvolvidos. Ela é um reflexo de pesquisas realizadas, respectivamente, nos anos 2004¹² e 2006¹³, sendo uma referente ao processo de comercialização de *declarações de amor* e à construção de sentidos ao redor

¹² SILVA, Vergas Vitória Andrade. *Confissões apaixonadas via telefone: um estudo sobre as declarações de amor e os serviços de telemensagens*. 2004. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2004.

¹³ SILVA, Vergas Vitória Andrade. *“De repente do riso fez-se o pranto”: representações e expressões do amor e do sofrimento amoroso*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Natal, 2006.

delas e outra sobre a relação *sofrimento amoroso e ideal de amor romântico*. Fazemos um percurso em retrospectiva com vistas a retrazar as origens de uma investigação sobre namoros virtuais e os caminhos percorridos por este trabalho.

Estudos em retrospectiva e a origem da tese sobre namoros virtuais

Este estudo sobre namoro virtual reflete preocupações de pesquisas precedentes. Estivemos nos últimos anos às voltas com questões concomitantes, ora relativas às *transformações e reconfigurações da intimidade* (GIDDENS, 1993), ora aos processos subjacentes à *formação de vínculos amorosos contemporâneos*. Um duplo interesse norteava essas questões: apreender, por um lado, variações nos arranjos e formatos das relações amorosas atuais e compreender, por outro, as *(re)definições da crença amorosa vigente* (COSTA, 1998), isto é, o ideal de amor romântico¹⁴. Passar em revista essas preocupações é um esforço do qual não se pode prescindir, pois assim se deflagram os caminhos que nos levaram a um estudo sobre formas emergentes de relações amorosas, como os vínculos amorosos *on-line*, uma prática emergente na internet que guarda similitudes com formas sociais contemporâneas.

Tendo como pano de fundo aquele duplo interesse, levamos a cabo em 2004 a realização da pesquisa *Confissões apaixonadas via telefone*, num esforço por compreender as especificidades e particularidades das relações amorosas contemporâneas, através de um estudo sobre *declarações de amor* comercializadas por agências de *telemensagens*¹⁵, as quais são caracterizadas por produzir, vender e anunciar, via telefone, *declarações de amor*¹⁶ padronizadas. A hipótese teórica principal era a seguinte: as *condições modernas*¹⁷, no sentido apontado por Giddens (2002), potencializaram mudanças globais nas sociedades, incluindo aí

¹⁴ Conforme as formulações do psicanalista Jurandir Freire Costa (1998), o ideário romântico permanece sendo a *crença amorosa dominante*, apresentando-se como norma de conduta emocional.

¹⁵ Essas agências funcionam de maneira que o interessado em enviar uma *telemensagem* possa ligar para uma agência e escolher, entre diversas mensagens, aquela que lhe apraz. Fornece o nome e o número telefônico da pessoa a quem a mensagem deve ser endereçada. Em seguida, os serviços se encarregam de ligar e enviar a mensagem escolhida.

¹⁶ Esses serviços lidam com a venda de mensagens, via telefone, sobre temas diversos, tais como: *religiosos, desculpas, paqueras, eróticas, boa sorte, amizade, reconciliação, romântica, amor*, entre outros. Nesse estudo, lidamos com as *românticas*, isto é, o termo *declarações de amor* equivale a *mensagens de amor românticas*, assim classificadas pelos serviços de *telemensagens*.

¹⁷ Segundo Giddens (2002, p. 9-10), “as instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto ao seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global”. Nesse sentido, as condições modernas são caracterizadas “por profundos processos de reorganização do tempo e do espaço”, atuando na “transformação do conteúdo e na natureza da vida social cotidiana”.

as relações íntimas. Tais mudanças incidem também nos modos e nos meios por que as pessoas expressam sentimentos amorosos.

A pesquisa abordava duas questões. A primeira, mais geral, referia-se aos modos de expressar-se amorosamente em condições modernas, em que se indagava: como se deu o processo de comercialização de *declarações amorosas*? A segunda questão, mais específica, buscava dar cabo dos significados e sentidos que usuários das *telemensagens* atribuíam àquelas declarações¹⁸. Ante essas questões, as noções de *Encaixe-Reencaixe*, *Sistemas peritos e abstratos*, *Compromissos com rosto-Compromissos sem rosto* e *Confiança*, desenvolvidas por Giddens (1991, 1993, 2002), serviram como o ponto de partida para a análise¹⁹.

Diante desse quadro teórico, é evidente que o principal argumento a sustentar a pesquisa era aquele mesmo defendido pela abordagem de Giddens (1991, 1993, 2002), qual seja, que a *modernidade*, marcada por um ritmo de vida acelerado, trazia facilidades para a vida cotidiana das pessoas. Aí se inclui o emprego da *confiança* em novos serviços impessoais ou em *sistemas peritos*, como as agências de *telemensagens*, que forneciam *declarações de amor* padronizadas, sem a necessidade de um *compromisso com rosto*. Inferíamos que os serviços de *telemensagens* redefinem as *declarações de amor*, *desencaixando-as* das formas tradicionais de manifestações e *reencaixando-as* a partir de *sistemas abstratos*.

Em suma, esse estudo insistia em tratar as agências de *telemensagens* como serviços que emergiam diante das conseqüências modernas. Essas últimas puseram em movimento novas formas de relações afetivas, novas representações, novas necessidades e novos serviços. As condições sociais modernas, portanto, disponibilizaram, além de novas oportunidades e facilidades para a vida cotidiana dos indivíduos, uma multiplicidade de alterações que resultaram em implicações, tanto no que se refere à sociedade quanto ao indivíduo. Na

¹⁸ Realizamos uma análise e estudo da problemática, a partir de procedimentos que privilegiaram a pesquisa orientada para o caráter quantitativo. Partindo desse princípio, considerou-se, enquanto procedimento metodológico, a técnica de aplicação de questionários, os quais foram respondidos por pessoas que já haviam enviado ou recebido tais declarações. Aplicamos 30 questionários no período de 18 de janeiro a 09 de fevereiro de 2004, na cidade de Natal/RN, com homens e mulheres entre 18 e 30 anos. Foi feita também consulta aos donos desses serviços. Visitamos cinco estabelecimentos, onde entramos em contato com os participantes da pesquisa.

¹⁹ Os conceitos empregados na análise são assim designados: *Desencaixe*: “retira a atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias tempo-espaciais”. (GIDDENS, 1991, p. 58). *Reencaixe*: “com este termo me refiro à reapropriação ou remodelação de relações sociais desencaixadas de forma a comprometê-las a condições de tempo e lugar”. (GIDDENS, 1991, p. 83). *Sistemas peritos*: “quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional”. (GIDDENS, 1991, p. 35). *Confiança*: “a crença em pessoas ou sistemas peritos, conferida com base em um *ato de fé*”. (GIDDENS, 2002, p. 221). *Compromissos com rosto e compromisso sem rosto*: “os primeiros se referem a relações verdadeiras que são mantidas por, ou expressas em condições sociais estabelecidas em circunstância de copresença. Os segundos dizem respeito ao desenvolvimento de *fé* em sistemas peritos”. (GIDDENS, 1991, p. 8).

sociedade, tais condições mobilizaram formas novas de intercâmbio social, alterando, na esfera individual, formas íntimas e pessoais; nesse sentido, atingiram até mesmo as formas de se fazer *declarações de amor*.

Ao término daquele estudo, emergiam novas questões, surgindo assim novos problemas de pesquisa, em especial, dois deles: o primeiro problema dizia respeito ao conteúdo das *declarações de amor*. Nas referidas *telemensagens*, percebia-se a forte presença de um discurso pautado no ideal de amor romântico, sendo comum o emprego de expressões características do romantismo, isto é, as *declarações* traziam uma noção de *amor* baseada na ideia de encontro de *alma gêmea* ou *príncipe encantado*, em que a relação amorosa era vista como *transcendente, indissolúvel, eterna, verdadeira*, que era sempre contraída à *primeira vista* etc. (SILVA, 2004).

O amor romântico, tal qual disseminado pelo ocidente e numa perspectiva idealizada, conduz os indivíduos, por meio de um aprendizado cultural, a lidar com esse ideal como sendo ele um *milagre*, um *encantamento suntuoso* que atravessa séculos, uma espécie de *maravilhamento* “feito de encontros inesperados ou de acasos favoráveis. Ele é como um choque violento que eletriza, cega, encanta”. (DEL PRIORE, 2005, p. 12). Do ponto de vista dos enamorados, esses experimentam sentimentos que julgam inexplicáveis e de ordem irracional, sendo tomados por sensações e emoções que não conseguem explicar.

No plano ideal, o amor romântico projeta-se em dois sentidos: o sujeito amoroso apoia-se no outro, *idealizando-o* ao mesmo passo que *se idealiza*. Supervalorização e exaltação do *objeto amado* são algumas das premissas que o caracterizam. Seguindo esses princípios, atribui-se à pessoa amada uma série de perfeições. É sempre idólatra e fetichista. É tido como uma dimensão importante daquilo que é socialmente realçado e valorizado. De prestígio cultural incontestável, esse ideal surge na vida ordinária dos indivíduos para “enriquecê-la de novidades, de riscos estimulantes, de prazeres cada vez mais sedutores”. (ROUGEMONT, 2003, p. 378).

Em resumo, o ideal de amor romântico caracteriza-se pela idealização temporária do *objeto amado*, pela liberdade de escolha do(a) parceiro(a) e pela autorrealização. Conforme revela o estudo sobre o ideal de amor romântico, desenvolvido pelo psicanalista Jurandir Freire Costa (1998), há três proposições que caracterizariam o amor tal qual concebem os indivíduos modernos: a) O amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; b) O amor é um sentimento surdo à *voz da razão* e incontrolável pela força da vontade; c) O amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos

aspirar. Essas três afirmações sustentariam a concepção que se tem a respeito do amor romântico²⁰.

Após essa breve digressão sobre o amor romântico, voltemos à discussão que se refere aos conteúdos das *declarações amorosas* comercializadas pelos serviços de *telemensagens*. Os resultados daquela pesquisa abriam-nos um novo campo de análise, qual seja: a pertinência dos discursos amorosos baseados no ideal de amor romântico. Nesses termos, uma inquietação levava-nos a questionar: *Os discursos sobre o ideal de amor romântico ainda permanecem centrais enquanto norma de conduta emocional? Tal ideal permanece como a principal crença amorosa vigente? Compreender como as imagens do amor romântico apresentavam-se na contemporaneidade era um dos problemas que surgiam ao término da pesquisa sobre declarações de amor. Questionávamo-nos: Quais seriam as especificidades e facetas que fundam o amor romântico hoje? Como os contemporâneos representam e vivenciam esse ideal?*

O segundo problema de pesquisa surgia a partir dos resultados obtidos na análise dos questionários. Na consulta aos entrevistados a respeito dos sentidos e significados sociais que apresentavam aquelas *declarações*, a questão do *sofrimento amoroso* sobressaía-se de modo significativo. O uso dos serviços de *telemensagens* era justificado pelos entrevistados(as) como uma possibilidade de reverter um *estado de sofrimento*. O principal sentido atribuído às *declarações* estava ligado à expressão do *sofrimento por amor*. Muitos deles(as) faziam uso das *declarações*, pois afirmavam sofrer em razão de traições, abandonos, brigas, não correspondência amorosa etc.; por esses motivos, enviavam as *declarações de amor* na esperança que elas revertissem aquele *estado*. Daí surgia o segundo problema: a questão do *sofrimento amoroso*, que aparecia associado ao ideal de amor romântico.

Nesses termos, o estudo sobre *as declarações de amor comercializadas pelos serviços de telemensagens* serviu como um ponto de partida para empreender uma nova pesquisa, realizada em 2006, a respeito do ideal de amor romântico e do *sofrimento amoroso*. Esse estudo pretendia responder à seguinte questão: Há correspondência entre a crença no ideário romântico e as causas do *sofrimento por amor*? Buscava-se apreender os sentidos sociais acerca dos modos de *amar* e de *sofrer*, objetivando analisar os significados sociais das representações do amor e do *sofrimento amoroso* contemporâneos, através da análise da

²⁰ O objetivo de Costa (1998) é desenvolver uma tese sobre o amor romântico com o intuito *desmascarar* as três proposições que caracterizam a forma como se ama hoje. Seu trabalho desvela, em verdade, que o ideal de amor romântico pode ser classificado como um complexo emocional feito de crenças, julgamentos, sensações e sentimentos. O autor assegura que o amor é um construto humano, uma crença emocional, uma invenção da modernidade europeia do século XVIII.

trajetória de vida amorosa construída por homens e mulheres²¹ que vivenciam e/ou vivenciaram relacionamentos afetivo-sexuais²².

A análise das trajetórias de vida amorosa foi empregada como um meio de apreender as *representações* do amar e do sofrer tal como as pessoas que as viveram contam, isto é, o que são o amor e o sofrimento para aqueles que amam ou sofrem. A partir dessas *trajetórias*, intentava-se compreender a questão das representações construídas pelas pessoas acerca do sofrimento amoroso. Para tanto, conceitos elaborados por Cornelius Castoriadis (1982), como *imaginário social*, *significações sociais imaginárias* e *instituição*, serviram de principais suportes teóricos.

Apoiando-nos na abordagem de Castoriadis (1982), considerávamos o ideal de amor romântico ligado ao sofrimento como uma *instituição social histórica* que é ao mesmo tempo *instituída* e *instituinte*. Esse ideal nada mais é senão uma instituição portadora de *significações imaginárias sociais* que funcionam como suporte de certas práticas sociais, sendo a *coletividade anônima* responsável por suas formulações e *instituição*. Tais *significações* apresentam papel fundamental em estruturar as representações do mundo e, obviamente, as representações sobre o amor romântico e o sofrimento. Como hipótese teórica central, tínhamos que o *sofrimento amoroso* decorreria das contradições entre o ideal de amor romântico (forma de amar dominante) e as práticas vividas pelas pessoas em seus relacionamentos. Um dos determinantes desse sofrimento poderia ser o movimento contraditório entre o *ideal* e o *real* vividos na cotidianidade dos relacionamentos íntimos. O desmanche do *sonho romântico* se desvelaria na cotidianidade (RIBEIRO, 1996) e, assim, as experiências vivenciadas pelos amantes, nas rotinas diárias, desmentiriam a idealização e o sonho de felicidade contidos no imaginário social sobre o amor. (COSTA, 1998; CARVALHO, 2003).

O ideal de amor romântico, tal como apresentado pelo *imaginário social*, consiste num estado de contínua felicidade “sem conflitos, uma espécie de fusão místico-amorosa

²¹ Um trabalho com trajetórias de vidas amorosas, que *convida* pessoas a relatarem suas experiências afetivo-sexuais, a divulgarem *intimidades*, exige cautela. Por isso, fomos levados a convidar *pessoas conhecidas* e outras que foram indicadas por essas *pessoas*, o que facilitou o acesso e a adesão às entrevistas. Participaram da entrevista 15 pessoas.

²² A pesquisa foi orientada para o caráter qualitativo. Para apreendermos as *representações* e o *vivido no amor*, elegemos a técnica das entrevistas abertas semiestruturadas, de modo a explorar dos relatos as seguintes dimensões: 1. *Sobre as relações afetivo-sexuais amorosas* – a situação atual em termos de relacionamento amoroso; 2. *Sobre o credo amoroso dominante* – quais as representações construídas pelos sujeitos acerca do amor e do sofrimento; 3. *Sobre a trajetória de vida amorosa* – como os sujeitos vivenciaram a experiência do amor e do sofrimento amoroso em seus relacionamentos afetivo-sexuais, ou seja, na prática; 4. *Sobre o comportamento amoroso na sociedade atual* – como os sujeitos veem, na sociedade atual, as mudanças que estão ocorrendo no terreno amoroso à luz das novas formas de conjugalidades, arranjos e vínculos e das novas expressões do amor e das relações amorosas.

monogâmica”. (ALBERONI, 1986, p. 141). Entretanto, o que revelam estudos ocupados em *desnaturalizar* a noção de amor romântico, como os produzidos por Costa (1998), Rougemont (2003) e Carvalho (1998), é que a busca por realizar o ideário romântico nas relações afetivo-sexuais pressupõe regras de condutas conflitantes. Isso porque o amor romântico foi posto em lugar exorbitantemente idealizado, ou seja,

pedimos ao amor o que, um dia, pedimos a Deus, e fizemos do parceiro da relação amorosa uma espécie de substituto da dama da cultura cavaleiresca ou das formas eternas e perfeitas da metafísica grega. Como ninguém consegue preencher a contento tais papéis e funções – a não ser precariamente e por um pequeno período –, as expectativas idealizadas são sempre frustradas. (COSTA, 1998, p. 101).

A promessa da plena realização de si no encontro com o outro é uma exigência, por exemplo, que faz com que o ideal de amor romântico possua características “que tornam literalmente impossível a realização de suas demandas”. (SOUSA *apud* COSTA, 1998, p. 193). Desse modo, o sofrimento amoroso seria constitutivo, de algum modo, da própria dinâmica do ideal de amor romântico, cujas exigências são, por vezes, irrealizáveis satisfatoriamente pelos indivíduos. Há uma espécie de incompatibilidade entre o que é posto pelo *imaginário social* sobre o amor e o que é vivido nos relacionamentos. De certo modo, a crença na completa realização do amor romântico nas relações afetivo-sexuais pressupõe a possibilidade de sofrimento, isso porque os elementos que formam o *ideal de amor bem-sucedido* já não encontram suporte na *realidade afetiva* dos sujeitos contemporâneos. Há dúvidas se teriam sido outrora encontrados.

Com base nessas proposições e na análise das *trajetórias de vida amorosa*, inferimos ser da condição estrutural do ideal de amor romântico apresentar contradições: seus elementos constitutivos são, por vezes, incompatíveis com as premissas presentes na vida rotineira das pessoas. Isto é, o imaginário social demanda àqueles que desejam vivenciar o amor romântico em sua plenitude o cumprimento de alguns pleitos que, em longo prazo, parecem não guardar relação com a *durée* da vida cotidiana. (SILVA, 2006).

Em parte, a vida cotidiana é feita de aspectos banais, trivialidades, experiências corriqueiras, imprevistos, tarefas por vezes enfadonhas e tediosas, constrangimentos, coação, sujeição, obrigações, comprometimentos. A ideia de amor romântico, por sua vez, surge na vida das pessoas como um evento *raro e extraordinário* que vem romper ou transformar o que é prosaico na vida ordinária dos indivíduos, surgindo assim confrontos e choques entre as *exigências românticas* e as rotinas do dia a dia. A pesquisa empírica mostrou que a convivência e as experiências vivenciadas nos relacionamentos desvelam contradições não

somente entre *ideal e prática*, mas também em cada uma das pessoas implicadas na relação amorosa. Essas contradições acabam por gerar conflitos em dois níveis: num deles, o conflito consigo próprio (no que se refere à própria idealização); no outro, o conflito entre o casal, estendendo-se também à família (filhos, pai, mãe etc.). Esses conflitos, por sua vez, provocam sofrimentos que se acentuam na medida em que se vislumbra, por exemplo, o fim do vínculo amoroso.

Concluíamos a pesquisa enfatizando que a expectativa romântica de realização amorosa surge como garantidora dos sentimentos de completude e felicidade dos indivíduos. Entretanto, o ideal de amor romântico supõe uma série de exigências e cumprimento de papéis que não são tão fáceis de serem efetivados, em sua prática, pelos indivíduos. Por exemplo, é exigido do par amoroso o cumprimento de algumas condições, como fidelidade, reciprocidade, companheirismo, atenção, gentileza, cumplicidade, compartilhamento da intimidade, dedicação, diálogo, compreensão. (GOLDENBERG, 2004). Pelo lado da relação amorosa, há outras condições, tais como: que ela seja indissolúvel, proporcione segurança e felicidades contínuas e que não caia na rotina. (COSTA, 1998). É nesse sentido que surgem conflitos entre a proposição romântica e as práticas amorosas contemporâneas.

A etapa final desse estudo continha um conjunto de questões novas, como, por exemplo: *por que tem tanta força o imaginário coletivo da ideia de amor romântico e suas mitologias concomitantes? Por que o ideal de amor romântico continua gozando de grande prestígio social, mesmo causando certos sofrimentos?* A partir dessas primeiras questões, iniciávamos em 2008 a presente pesquisa de tese. Em razão de outros interesses, havíamos renunciado a essas questões iniciais em proveito de outras mais satisfatórias. A verdade é que iniciávamos a atual pesquisa com a influência pelos mesmos interesses de pesquisa anteriores, os mesmos que acabamos de passar em retrospectiva.

Desse modo, persistir na compreensão, a partir do contexto contemporâneo, *das especificidades da formação de vínculos amorosos que se baseariam no ideal de amor romântico* significava, além de elegê-las como principal eixo temático de que partiriam as primeiras perguntas e hipóteses da pesquisa de tese, a oportunidade de rever velhas questões que ficaram pelo caminho sem respostas. Assim, tendo esse eixo temático como pano de fundo, insistíamos em uma nova investigação que buscasse compreender, num plano amplo: 1) *os processos de formação de vínculos amorosos contemporâneos*; 2) *os significados e ideais que compõem o imaginário romântico hoje*.

Decerto, a eleição desse eixo temático inicial, além de confirmar a pertinência de interesses de pesquisas precedentes, corroborava e ganhava novo fôlego a partir de

apropriações teóricas de autores como Paiva (2007), Giddens (1991, 1993, 2002), Neves (2007), Aboim (2006a, 2006b, 2009) Costa (2005) Illouz (2007, 2009, 2011), Roudinesco (2003), Dubar (2009) e Bauman (2004). Tais autores davam-nos pistas importantes para pensarmos nas transformações que estão ocorrendo no terreno das relações amorosas, nas intimidades e nas conjugalidades. Esses estudos apontavam para mudanças significativas nos arranjos e na constituição de vínculos amorosos no contexto atual. Alguns deles davam ainda margem para pensar no peso de tais mudanças sobre os significados atribuídos ao amor romântico.

O debate sobre as transformações no terreno amoroso: influências

Foi a partir do debate a respeito das transformações por que passam as relações amorosas hoje que elegemos como campo de interesse norteador desta pesquisa de tese questões ligadas às mudanças e permanências de condutas amorosas associadas a ideais românticos. Mediante a definição desse campo de interesse, chegamos aos debates sobre namoros virtuais, termo *nativo* para designar relacionamentos amorosos que se estabelecem por meio da internet, sendo namoros que se constituem e se mantêm por meio de um computador ligado em rede. No que se refere ao esboço inicial de nossa pesquisa de tese, a emergência do fenômeno namoro virtual na cena amorosa contemporânea poderia representar a possibilidade de compreender, por um lado, as formas que tomam os vínculos amorosos atuais e, por outro, analisar as formas das manifestações do ideal de amor romântico.

Portanto, a opção por esse campo de interesse é resultado dos debates que se estabeleceram em torno do terreno amoroso contemporâneo, os quais serviram como uma ponte que nos levaram a esta pesquisa. Assim sendo, as influências de estudos que apontavam para fragilidades nos vínculos amorosos atuais (BAUMAN, 2004), as mudanças na constituição de parcerias e conjugalidades homoeróticas (PAIVA, 2007), a emergência de novos modelos de sexualidade, parentalidade e amor (NEVES, 2007), as modificações que afetaram o casamento contemporâneo (ROUDINESCO, 2003), a intimidade (GIDDENS, 1993), as conjugalidades (ABOIM, 2002a, 2006b, 2009), os padrões românticos da relação a dois (COSTA, 2005) e as definições modernas do amor romântico (ILLOUZ, 2009) foram fundamentais e exerceram real influência sobre nossos interesses de pesquisa.

Por exemplo, o ensaio do sociólogo Zygmunt Bauman (2004) sobre o processo de liquefação dos laços sociais na vida cotidiana da sociedade contemporânea mostrava-nos que nem o *amor* escapou à liquidez própria de tudo que acontece com o mundo e as pessoas nos

dias de hoje. A atualidade é descrita por Bauman (2004, p. 7) como fluida, líquida, tratando-se de um mundo “repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevista”. Nesse contexto, o homem contemporâneo é aquele “sem vínculos”, aquele destituído de “ligações indissociáveis e definitivas” (BAUMAN, 2004, p. 8), o que caracterizaria a fragilidade dos vínculos amorosos na atualidade. Desse modo, Bauman (2004) deflagra nesse trabalho as dificuldades encontradas hoje para se constituir vínculos amorosos.

Diante desse panorama, Bauman (2004) considera as relações virtuais como sendo feitas sob medida para o *líquido cenário da vida moderna*. Os laços que aí se constroem são frouxos para que possam ser, durante muitas vezes, desfeitos, tendo em vista as mudanças atuais, que, decerto, são frequentes. Diferentemente dos relacionamentos tidos como “reais”, os virtuais, segundo o autor, são mais fáceis de entrar e sair. “Eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear”. Sempre se pode apertar a tecla deletar, de modo que o vínculo se desfça. Por essas características, os namoros virtuais encaixam-se nesse modelo de *sociedade líquida*. De outro modo, Bauman (2004, p. 12) aponta para mudanças nas maneiras em que as pessoas deixam de utilizar termos como *relacionar-se* e *relacionamento* e passam a utilizar, cada vez mais, termos como *conexões* ou *estar conectado*, “em vez de parceiros, preferem falar em redes”.

Apesar do caráter ensaísta desse trabalho, uma vez que lhe falta a prova empírica, as discussões empreendidas por Bauman (2004) são relevantes para a nossa pesquisa, pois, além de apontar para mudanças na natureza dos vínculos sociais, sobretudo, os amorosos, conduzem-nos a pensar os namoros virtuais como uma instância contemporânea, isto é, como uma produção de nossa era, como resultado de um modelo de *sociedade em rede*, no sentido dado por Castells (1999, 2004). Esse último autor identifica uma nova estrutura social, marcada pela presença e pelo funcionamento de um sistema de redes interligadas, advertindo, no fundo, que é preciso levar a sério as mudanças introduzidas em nosso padrão de sociabilidade em razão das transformações tecnológicas e econômicas, que fazem com que a relação dos indivíduos e da própria sociedade com o processo de inovação técnica sofra alterações consideráveis. Essa proposição se fez relevante diante de nossos propósitos de pesquisa, sendo o primeiro pressuposto que consideramos, ou seja, partirmos para um estudo sobre namoros virtuais considerando-os intimamente relacionados à sociedade contemporânea.

Outro trabalho que exerceu influências sobre as nossas definições de pesquisa foi o desenvolvido pelo sociólogo Crístiam Paiva (2007). Em seu estudo sobre a gestão da intimidade nas parcerias homoeróticas masculinas, o autor problematiza a *referência*

heterocêntrica, o *imaginário do casal*, do casamento e da família entre homens que vivem em regime de coabitação. Num trecho específico de seu trabalho, Paiva (2007) dialoga com a psicanalista Elisabeth Roudinesco (2003), sobretudo, a respeito de mudanças na constituição de parcerias e conjugalidades homoeróticas. Elas estariam hoje reivindicando o *direito à normalização*, isto é, casais homoeróticos estariam hoje às voltas com questões inéditas, como aquelas sobre o direito ao casamento institucionalizado e a constituição de família através de adoção. Essa experiência de conjugalidade, quando comparada a de décadas anteriores, pode ser considerada um exemplo notório de mudanças contemporâneas.

Tais mudanças não somente são visíveis nas parcerias homoeróticas, evidentemente. Num artigo sobre *mulheres e os discursos genderizados sobre o amor*, a psicóloga social Ana Sofia Neves (2007) reflete acerca das implicações da construção social dos discursos sobre o amor na vivência da intimidade adulta feminina heterossexual. Dentre um conjunto de proposições, ela defende que as mudanças que vêm acontecendo na vida privada, sobretudo na família e nas relações sociais de gênero, desvelam a emergência de “novos modelos de sexualidade, de parentalidade e de amor”. (NEVES, 2007, p. 615). Conforme a autora, essas mudanças contribuem decisivamente para a reconfiguração dos papéis das mulheres e dos homens na sociedade.

De outro modo, o trabalho de Roudinesco (2003, p. 197), ao questionar sobre a *nova ordem familiar*, apresenta também um cenário de mudanças que afetaram, em alguma medida, as relações entre os sexos, especialmente o *casamento contemporâneo*. Segundo essa autora, “o casamento, despojado dos ornamentos de sua antiga sacralidade”, está hoje em constante declínio. É tardio e reflexivo. Está frequentemente “precedido de um período de união livre ou de experiências múltiplas de vida comum ou solitária”. No que se refere aos filhos, são cada vez mais concebidos fora dos laços matrimoniais. Para Roudinesco (2003, p. 197), os filhos hoje assistem, “uma vez em cada três, às núpcias de seus pais, doravante unidos não para a duração de uma vida, mas, em mais de um dos terços dos casos, para um período que se consumará com um divórcio”.

Segundo a abordagem do sociólogo Anthony Giddens (1993), tais mudanças que incidem sobre as relações íntimas decorreriam das consequências da *modernidade*. Para o referido autor, é num contexto de *destraditionalização* da sociedade moderna e de desenvolvimento da *reflexividade*, regulando as relações entre indivíduos e suas rotinas, que transcorre a *transformação da intimidade*. Nesse cenário, Giddens (1993, p. 10) analisa a emergência da *sexualidade plástica*, aquela desprovida da necessidade de reprodução e do *relacionamento puro*, entendido como “um relacionamento de igualdade sexual e emocional”.

Decerto, essas novas formas de igualdade e liberdade transformam de forma decisiva a textura das relações íntimas.

Giddens (1993) refere-se ainda a uma transição do modelo de amor romântico para o *amor confluyente*. Essa transição está diretamente associada às transformações operadas no estatuto social das mulheres. Essas transformações decorrem da exigência de homens e mulheres partilharem relações íntimas igualitárias. A noção de *amor confluyente*, que diz respeito a um “amor ativo, contingente, entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia de amor romântico”. Tal noção se afasta, por conseguinte, da busca da “pessoa especial”, dando maior importância à busca pelo *relacionamento especial*.

De acordo com Giddens (1993), no *relacionamento puro* – que não tem sentido de pureza –, o que prevalece para a manutenção ou dissolução da relação é a satisfação mútua que esta propicia. Esse modelo de relacionamento entra em choque com o modelo de relacionamento baseado em ideais românticos, no qual prevalece a consolidação de laços duradouros, ou seja, o *até que a morte os separe* prevalece. O referido autor apresenta, portanto, um quadro de mudanças que se desdobra num *novo modelo cultural de intimidade*. Dois conjuntos de mudanças têm especial importância: uma nos laços afetivos, quando apresenta a noção de *relacionamento puro*, e outra no modelo de amor romântico, quando apresenta a noção de *amor confluyente* (apesar disso, veremos, especificamente no capítulo II, que tais noções também se relacionam).

No mesmo sentido, têm-se as discussões trazidas pela socióloga Sofia Aboim (2006b), que apresenta, tal como Giddens (1993), um cenário de mudanças no terreno amoroso que incidem sobre ideais românticos. Em seu estudo sobre *conjugalidades, afetos e formas de autonomia individual*, Aboim (2006b) afirma que na *modernidade tardia* o desenvolvimento do individualismo refletiu em mudanças nas conjugalidades e nas formas de vivenciar o amor romântico. O indivíduo hoje se veria no conflito de escolher entre a liberdade individual e as gratificações amorosas de uma vida a dois. As conjugalidades contemporâneas, por conseguinte, estariam divididas entre um ideal romântico de fusão afetiva, no qual se concentram expectativas de felicidade pessoais, e o investimento na realização individual.

Nesse sentido, as conjugalidades atuais estariam marcadas por tendências contraditórias, configurando o que Aboim (2006b) denominou de *paradoxo conjugal contemporâneo*. Segundo essa autora, o ideal de amor romântico, dominante durante a modernidade, enfrentaria agora os desafios impostos pela crescente igualdade de gênero, pela visão dinâmica e erotizada da relação e, mais uma vez, pela valorização da individualidade. Na contemporaneidade, os ideais românticos seriam estreitos para conter a busca de

autorrealização afetiva. Dessa maneira, Aboim (2006b) corrobora a tese de que o ideal de amor romântico passa por sensíveis mudanças.

Num ensaio sobre *romantismo e consumo na modernidade tardia*, o sociólogo Sergio Costa (2005, p. 112) confere particular atenção à questão da crescente mercantilização dos contextos em que o amor é vivido e idealizado. O autor questiona se o amor romântico, construído na história social moderna “como o último refúgio do aconchego e da espontaneidade, da entrega altruísta e da suspensão das relações instrumentais”, pode subsistir a comercialização capitalista. Segundo Costa (2005, p. 119), o mercado de fato oferece os bens que propiciam a vivência do amor romântico, colocando à disposição dos amantes uma gama de produtos que podem facilitar e intensificar a interação amorosa, entretanto, “não tem o poder de despertar o amor no coração dos amantes”.

É importante reter desse ensaio o modo como Costa (2005, p. 124) avalia o lugar do amor romântico na *modernidade tardia*. Conforme o autor, o amor romântico segue desempenhando papel central como ideal amoroso e “desencadeador das emoções correspondentes”. No entanto, “esse desejo de intensidade coexiste com mudanças importantes no padrão romântico da relação a dois”, isto é, persistem paralelamente dois modelos culturais: um ligado ao “ideal de comunidade a dois acima de tudo e de todos” e outro ligado a certo pragmatismo amoroso. Enquanto o primeiro modelo “é orientado pelos ideais românticos, o pragmatismo se apoia em valores como a igualdade, o entendimento dialógico e a realização pessoal dos parceiros”. (COSTA, 2005, p. 124).

Outro trabalho relevante que discute mudanças no padrão romântico da relação a dois, dentre outras questões mais centrais, é o desenvolvido pela socióloga Eva Illouz (2009), que discute a respeito do amor e das contradições culturais do capitalismo. A verdade é que Illouz (2009) buscou compreender os mecanismos mediante os quais se produziu a interconexão das emoções românticas com a cultura, a economia e a organização social do *capitalismo avançado*. Esse último, de acordo com a autora, apresenta duas *faces*: a primeira possibilita a participação de todos na esfera econômica e simbólica do consumo, enquanto a segunda reproduz a concentração de riqueza e legitimações de distinções sociais.

Diante disso, defende que as *definições modernas de amor romântico* e suas práticas hoje se entrelaçam com essa dualidade que caracteriza o capitalismo tardio. Em sentido amplo, a tese defendida pela socióloga Eva Illouz (2009) é a de que o amor romântico em suas manifestações atuais conforma um campo coletivo em que entram em jogo as divisões sociais e as contradições culturais próprias do capitalismo. Segundo Illouz (2009, p. 23), a experiência romântica contemporânea está ligada aos discursos culturais de autorrealização,

ao hedonismo e ao autoconhecimento. Esses últimos, portanto, caracterizam o *núcleo de nossa cultura do amor* hoje.

Decerto, os autores acima ressaltam em seus trabalhos mudanças na sociedade contemporânea bem como as que se passam nas relações entre os sexos. Levando-os em conta, partimos para uma investigação que corroborava a tese sobre as transformações verificadas nos vínculos amorosos e nas representações que se têm do amor romântico. Sob a influência dessas discussões teóricas, chegamos ao estudo dos namoros virtuais, que representam um campo de pesquisa no qual é possível averiguar mudanças nos modos de se constituir vínculos afetivos e ideais românticos a eles associados. A partir daí, partimos para uma primeira pesquisa exploratória, indo a campo com a seguinte pergunta de partida: em que medida o ideal de amor romântico ainda incide sobre formatos de vínculos amorosos atuais, como os namoros virtuais?

No ciberespaço: as primeiras aproximações empíricas

A influência daquelas discussões teóricas, portanto, levou-nos a explorar a questão dos namoros virtuais. Nesse sentido, os resultados das leituras deram-nos pistas acerca do que estudar. O problema passava a ser onde realizar a pesquisa: tínhamos a certeza de que o campo de estudo eram os namoros virtuais, mas encontrar um campo empírico adequado a nossos propósitos não parecia fácil. Diante disso, empreendemos uma primeira aproximação empírica no *ciberespaço* com vistas a estabelecer o campo de investigação. Desse modo, a primeira investida no campo contava com a análise da dinâmica entre a ascensão de novos padrões de vínculos amorosos e a sociedade contemporânea. Por essa perspectiva, buscamos na internet o surgimento das diversas formas do chamado namoro virtual.

Entretanto, antes de explorarmos o campo, obtivemos informações do fenômeno através do destaque que ganhava na imprensa, o que nos dava mostras de sua emergência. De modo a ilustrar contamos, sobretudo, com as matérias que foram publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*. Desde 1995, ele publica matérias sobre o tema namoro virtual, tais como “Estudante dá receita de cantada cibernética” (23/07/1995), “Bate-papo causa fila de espera” (25/12/1996), “Casal que se conheceu na internet some” (17/10/1997), “Amor virtual: filme traz romance na rede mundial” (16/12/1998), “Ciberpessoas: conversas virtuais viram namoros reais” (14/04/1999), “Casal vive conto de fadas nos tempos da internet” (03/05/2000), “Sem olhos nos olhos: namoro por internet fica só na fantasia” (15/07/2002),

“Serviços ajudam usuários a viver romance” (08/01/2003), “Internauta acha namorada em *blog* de poesia” (05/05/2004), “Imagens digitais ajudam solteirões” (02/02/2005), “Confidências *on-line*” (02/06/2008), “Pé na bunda *on-line*” (16/03/2009).

O fenômeno ganhava visibilidade, de tal modo que a jornalista Alice Sampaio (2002) publicava o livro *Amor na internet: quando o virtual cai na real*. A jornalista, desde 1999, recolhia histórias de homens e mulheres que afirmavam já terem mantido algum tipo de relação amorosa virtual, publicando assim um livro sobre 17 dessas histórias. Na busca por saber “o que está acontecendo em matéria de relacionamento amoroso via internet” (SAMPAIO, 2002, p. 7), a jornalista deparou-se com um grande número de pessoas que “se conheciam e se apaixonavam” (SAMPAIO, 2002, p. 13) todos os dias através de um computador ligado em rede.

Destacamos três trechos dessas histórias que se prestam para exemplo. O primeiro: *Frequento salas de chat há três anos, desde que tinha 35. Conheci vários caras pessoalmente. Nunca foram pessoas que mentissem sobre sua aparência.* (SAMPAIO, 2002, p. 63). O segundo: *Era viúvo há oito anos. Me interessei pela internet no início de 2000. Conheci seis ou oito pessoas pessoalmente, embora tenha teclado com muito mais gente.* (SAMPAIO, 2002, p. 113). O terceiro: *Tenho 43 anos, sou separada e encontrei meu amor pela internet em setembro de 2000. Quem me convenceu a entrar na rede foi meu filho, que frequentava salas de chats.* (SAMPAIO, 2000, p. 105). Desse modo, essas histórias, registradas por Sampaio (2002), como também as matérias jornalísticas acima expostas, foram consideradas as primeiras informações que obtínhamos a respeito dos namoros virtuais.

Após esse primeiro contato com o fenômeno, partíamos para o *ciberespaço* na busca de outros indícios empíricos. O ciberespaço, como um “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 17), abriga, além da infraestrutura material da comunicação digital, seres humanos que alimentam esse universo com práticas, atitudes, modos de pensamento e valores. Nesses termos, representa um lugar no qual são mantidas interações relevantes que podem ser entendidas como *constitutivas de uma cultura em si mesma* (HINE, 2004), sendo um campo em que se apresentam diferentes formas de relações sociais, papéis e definições do *eu*. O ciberespaço constitui um lugar em que podem ser encontradas formas atuais de organização e relação social, como, por exemplo, os namoros virtuais. Nesse sentido, pode ser considerado um lugar plausível para realizar um trabalho de pesquisa social que investiga a constituição de laços amorosos contemporâneos.

Assim, foi com o interesse de trazer à arena da análise empírica a questão dos namoros virtuais e sua emergência na cena amorosa contemporânea que realizamos, entre julho e

agosto de 2010, uma pesquisa exploratória em *sites* da internet. Em termos metodológicos, foi exclusivamente orientada pela pergunta de partida. Fomos a campo na busca por saber em que a emergência dos namoros virtuais incide sobre representações do ideal de amor romântico. Para esse momento, era importante desvelar os modos como os namoros virtuais ocorrem, isto é, traçar um breve perfil dos espaços nos quais eles são possíveis. Ainda, descrever suas características e variáveis, buscando saber o que subjaz à emergência desse fenômeno.

Diante desses propósitos, a pesquisa exploratória contou com duas etapas. Na primeira, o objetivo era verificar de que modo e onde se apresentavam os namoros virtuais. A partir daí, consultamos *sites* de agências de encontros virtuais, salas de bate-papo com temas *namoro*, *encontro*, *amor virtual*, e comunidades virtuais da rede social Orkut²³ que se referiam a namoros iniciados a partir da internet. Na segunda etapa, o objetivo era verificar dimensões e aspectos constitutivos do fenômeno namoro virtual. Assim, examinamos relatos sobre esses namoros em fóruns e enquetes de comunidades do Orkut que agregavam membros que afirmam ter encontrado seus parceiros(as) na internet.

Nesse sentido, na primeira etapa desta pesquisa, em que se buscava evidenciar espaços *on-line* nos quais os namoros virtuais eram possíveis, consultamos²⁴ quatro agências de encontros virtuais, quais sejam: *Be2*, *Comovai*, *A2encontros* e *Par perfeito*²⁵, consideradas as maiores no Brasil. A consulta contou exclusivamente com informações oferecidas pelos próprios *sites*. Em geral, essas agências expõem na página principal garantias sobre a efetividade do serviço. Segundo suas próprias informações, as agências de encontros virtuais configuram-se um *espaço ideal, sério e seguro* para encontrar *alguém especial* e constituir uma relação amorosa duradoura, sustentando-se no seguinte argumento: *a internet tem poder de encurtar distância e construir relacionamentos reais*²⁶.

Ao acessar os *sites* dessas agências, os interessados obtêm informações sobre o funcionamento do serviço e suas vantagens. O usuário interessado em namoro cadastra-se com informações sobre o *seu sexo e o sexo que busca, nome-apelido, idade, cidade, país, senha, e-mail*. Deve-se preencher ainda um questionário sobre *gostos, interesses, opiniões e,*

²³ Neste contexto de produção da pesquisa, o Orkut era considerado ainda um dos *sites* de maior expressão e presença brasileira. Essa é uma das razões por que ele foi escolhido para compor esta pesquisa. Além disso, tratava-se de um espaço em que era possível se deparar com uma vasta produção sobre namoros virtuais. No Orkut, encontram-se vários fóruns e enquetes sobre esse tema. Outras redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, por exemplo, não apresentavam, nesse período, o acesso que têm hoje (em 2012). Ademais, esses últimos não contavam com espaços propícios ao debate sobre namoros virtuais.

²⁴ Em consulta realizada no dia 13 de julho de 2010.

²⁵ *Be2* (www.be2.com.br), *Comovai* (www.comovai.com.br), *A2encontros* (www.a2encontros.com.br) e *Par perfeito* (www.parperfeito.com.br).

²⁶ Disponível em: <www.parperfeito.com.br>.

principalmente, dizer *que tipo de pessoas quer para iniciar um relacionamento*. Oferecem ainda *testes de personalidade gratuitos desenvolvido cientificamente* que, ao serem respondidos pelos usuários, garantem *namoros e encontros amorosos compatíveis*. As agências possuem um sistema de cruzamento de dados que, diante dos resultados do teste, *se encarregam] de unir informações e selecionar perfis compatíveis com o seu*²⁷.

Nos *sites* dessas agências, encontram-se ainda informações sobre o número de pessoas que buscam namoros virtuais no Brasil. Embora esses números não pareçam corresponder à realidade, prestam-se a impressionar. Nesse sentido, qualquer um pode encontrar nessas agências *milhões de solteiros e solteiras interessantes, em busca da cara metade*²⁸. Entretanto, apesar da quantidade de pessoas disponíveis, o sucesso do namoro virtual dependerá de certos modos de proceder: *escolha um apelido adequado, invista alguns minutos para escrever um perfil interessante e coloque sua foto, seja ativo, seja verdadeiro. Visite o seu perfil, escreva e responda suas mensagens com frequência*²⁹. As páginas dessas agências estão repletas de depoimentos e imagens de casais felizes com resultados de seus encontros virtuais.

Diante desse cenário desenhado pelos *sites* de encontros virtuais, consideremos as contribuições da socióloga Eva Illouz (2007), as quais são importantes para pensarmos nossa pergunta de partida: aquela sobre como os ideais românticos incidem frente à emergência de namoros iniciados na internet. Numa conferência sobre *redes românticas*, a autora centra a atenção “em *sites* que dizem ajudar pessoas a encontrar relacionamentos instáveis”. (ILLOUZ, 2007, p. 166). Na verdade, ela defende a tese de que tais serviços representam um “significativo afastamento da tradição do amor romântico”³⁰. (ILLOUZ, 2007, p. 172). Através da análise de um *site* estadunidense, <www.match.com>, essa autora apresenta quatro características dos relacionamentos iniciados por tal *site* que entrariam em choque com os ideais românticos.

O primeiro elemento constitutivo das relações amorosas engendradas por *sites* dizem respeito ao conflito entre amor romântico e escolha racional de parceiros. Tais agências se constituem de modo que o interessado, em uma relação amorosa virtual, descreva com certos detalhes a pessoa que deseja. Diante disso, a contradição está no fato de que “se o amor romântico caracteriza-se por uma ideologia da espontaneidade, a internet exige o modo

²⁷ Disponível em: <www.be2.com.br>.

²⁸ Disponível em: <www.parperfeito.com.br>.

²⁹ Disponível em: <www.be2.com.br>.

³⁰ Esta tese confronta tal proposição. Veremos nos capítulos que se seguem.

racional de seleção de parceiros, o que contradiz a ideia do amor como uma epifania inesperada que aparece na vida contra toda a vontade e razão”. (ILLOUZ, 2007, p. 191). O segundo refere-se ao conflito entre amor romântico e atração física. Conforme a autora, o corpo sempre esteve relacionado com a experiência do amor romântico. Desse modo, “se o amor romântico estava intimamente relacionado com a atração sexual, produto da presença dos corpos materiais, físicos, a internet se baseia na interação textual descorporeificada”. (ILLOUZ, 2007, p. 191).

O terceiro conflito advém da contradição entre amor romântico e a *instrumentalização* própria das parcerias constituídas nesses *sites*. Neles, os interessados descrevem-se a partir de um conjunto de qualidades que atribuem a si próprios, isto é, através de atributos e características desejáveis como sou simpático(a), alegre, divertido(a), entre outras. Sendo assim, vê-se o conflito no seguinte argumento: “se o amor romântico pressupõe desinteresse, ou seja, uma completa separação entre a esfera da ação instrumental e dos sentimentos e emoções, a tecnologia dos *sites* aumenta a instrumentalização das interações ao dar relevância ao valor que a gente se atribui a si mesmo e aos demais em um mercado estruturado”. (Illouz, 2007, p. 192). A autora defende que o amor tornou-se, hoje, com o advento de *sites* de encontros amorosos *on-line*, um sentimento que somente pode existir caso haja, antes, um saber empírico e cognitivo da pessoa com a qual afetivamente está se relacionando. Os *sites* fazem com que o saber cognitivo do *outro* preceda em tempo e em importância aos próprios sentimentos.

O quarto e último elemento de contradição com ideais românticos diz respeito ao caráter único da pessoa amada desmentido por esses *sites*. A ideia de amor romântico com frequência esteve acompanhada da noção de exclusividade e especificidade do objeto amado. De acordo com Illouz (2007, p. 192), “se a internet tem um espírito é o da abundância nos intercâmbio entre várias e diferentes pessoas. Ela se deve a que os encontros via internet introduziram no terreno das relações amorosas os princípios do consumo massivo baseada em uma economia da abundância, da opção infinita, a eficiência, a racionalização, a seleção e a padronização”. Após apresentar tais características e argumentos, a autora é contundente quando conclui ser “evidente que estamos ante uma grande mudança na sensibilidade romântica”.

Desse modo, a consulta feita às agências de encontros virtuais e os argumentos defendidos por Illouz (2007) forneciam pistas que pareciam corroborar nossa questão inicial, isto é, que relações amorosas emergentes na internet podem significar mudanças nos modos como o amor romântico é vivido. Dessa feita, continuamos a investir esforços no ciberespaço

na busca por novos elementos que corroborassem ou desmentissem os argumentos formuladores de nossa pergunta de partida. Assim sendo, ainda à procura por espaços em que os namoros virtuais eram constituídos, visitamos *sites* de salas de bate-papos, como *Bate-papo da UOL* (www.batepapo.uol.com.br), *Bate-papo da BOL* (www.bpbol.uol.com.br) e *Terra Chat* (www.chat.terra.com.br).

O procedimento de encontro com esses *sites* foi semelhante aos das agências de encontros virtuais, assim, contamos exclusivamente com informações fornecidas pelos próprios *sites*, os quais foram consultados com o fim de verificar a distribuição das salas por temáticas. Buscávamos, sem maiores interesses, verificar a frequência e a quantidade de usuários em salas com o tema *namoro virtual*. Os *sites* de bate-papo, em geral, distribuem pessoas em conversas *on-line* e instantâneas segundo determinados interesses por temas, tais como namoro, amizade, encontros, sexo, variados, exterior, idiomas, tema livre, religião etc., que ainda podem ser subdivididos. Por exemplo, as salas com o tema namoro podem ser divididas em: *amor de verão*, *amor de inverno*, *namoro virtual*, *sem compromissos*, *traídos*, *GLS*³¹, entre outras.

A respeito de *sites* de bate-papo, o pesquisador em comunicação Sérgio Dayrell Porto (1999), organizador do livro *Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na internet*, contribui com decisivos argumentos sobre o universo das interações que se dão nos *chats* ou bate-papos. Segundo esse autor, as conversas *on-line* que se desenrolam nessas salas são caracterizadas pelo uso de *nickname*³², que garante o anonimato, pelo uso da escrita como principal meio de comunicação e pela ruptura na relação tempo e espaço que garante a interação com diferentes pessoas mesmo que elas estejam a quilômetros de distância. Apesar do caráter datado do livro, visto que o ano da pesquisa é o de 1999; desde então, muitas foram as mudanças ocorridas nesse universo, Porto (1999, p. 26) fornece esclarecimentos chave sobre “a intimidade contemporânea vivenciada pelos salões de entretenimento da internet”, os quais se prestam a corroborar nossos interesses de pesquisa. Assim, Porto (1999), ao investigar novos padrões de sociabilidade que emergem na internet, sobretudo, nos *chats*, evidencia, de igual modo, mudanças nos modos pelos quais vínculos amorosos podem ser constituídos hoje.

Da mesma maneira que a visita a *sites* de bate-papo e o estudo de Porto (1999) evidenciavam reconfigurações importantes, tanto nos meios de interação quanto na formação de relações amorosas, as comunidades virtuais da rede social Orkut, igualmente, traziam

³¹ Disponível em: <www.bpbol.uol.com.br>.

³² Apelido.

elementos que apoiavam o argumento sobre a emergência de novos padrões de sociabilidade amorosa na internet. Em nossa investida no ciberespaço, tivemos acesso a quatro dessas comunidades, quais sejam: *Eu tenho um amor virtual*, *Conheci meu amor na net*, *Namoro à distância* e *Conheci meu amor pela internet*. Concentramos atenção especial nessa última, que foi uma das primeiras a serem criadas no Brasil com esse tema (em 2004, mesmo ano de criação do Orkut no Brasil) e, também, uma das maiores em termos de membros cadastrados, contando com 11.245 usuários³³ que afirmam ter um namoro virtual. São considerados membros ativos aqueles que participam com frequência dos fóruns e enquetes. Retomaremos a discussão sobre essa comunidade adiante, quando exploraremos a segunda etapa da pesquisa exploratória.

Por agora, contemos com um brevíssimo quadro numérico sobre a realidade dos namoros virtuais na internet. Se tomarmos os próprios números informados pelas agências especializadas em propiciar *encontros virtuais*, pelos *sites* que propagavam os chamados *chats/bate-papo* e por comunidades virtuais cujo tema era namoro virtual, teremos números bastante expressivos. Esses números, embora não plenamente confiáveis, davam-nos mostras de que o namoro virtual, longe de ser um fenômeno isolado, apresentava-se em crescente emergência, portanto, uma realidade observável, ao menos segundo essa primeira etapa da pesquisa exploratória.

Os números de usuários que as próprias agências de *encontros virtuais* apresentavam eram bastante significativos, por exemplo: a agência *Comovai* enuncia em sua página inicial: *São 9 anos de existência, mais de 500 casamentos e milhares de namoros realizados*. Do mesmo modo, a agência *A2 Encontros* diz possuir *um cadastro altamente selecionado com mais de 12.000 clientes*. Outra agência, a *Be2*, afirma possuir *18 milhões de inscritos que buscam amor, namoro, relacionamento e encontros amorosos de confiança*. Por fim, a agência *Par Perfeito*, de igual modo, conta com *mais de 30 milhões de usuários cadastrados, uma média de 10 mil novos usuários a cada dia*.

O *Bate-papo Uol* apresentava os seguintes números³⁴: 7.488 salas com câmera, 7.697 salas abertas, 34.372 pessoas *on-line* e 384.850 lugares. Os temas recorrentes das salas eram *amizades*, *encontros*, *namoros*. No dia da consulta, o *site* contava com 859 pessoas distribuídas em 60 salas com o tema namoro virtual. Ademais, há inúmeras comunidades virtuais do Orkut que concentram pessoas que afirmam ter um namorado(a) virtual. Em julho de 2010, tínhamos um número em torno de 2.000 comunidades, como, por exemplo: *Meu*

³³ Em consulta realizada no dia 20 de setembro de 2010.

³⁴ Em consulta realizada no dia 19 de julho de 2010.

namoro virtual (1.678 membros), *namoro virtual à realidade* (1.736 membros), *namoro virtual, Orkut & MSN* (1.404 membros), *Eu tenho um amor virtual* (2.957 membros)³⁵.

Ao término desta primeira etapa da pesquisa, pudemos ainda contar com *depoimentos* que pareciam confirmar a preeminência desses namoros no cenário amoroso atual. Deparamo-nos com esses depoimentos no *site GI*³⁶. O *site* promoveu no “Dia dos namorados” do ano de 2008 uma consulta aos internautas que tinham conhecido seu/sua namorado(a) na internet. Ao total, 181 pessoas participaram da enquete: *Conheci meu amor na internet*. A título de exemplo, vejamos como dois deles descrevem o processo de construção de um vínculo afetivo por meio da internet. Fernanda³⁷, internauta que participou da consulta, revela como se casou com uma pessoa que conheceu num *site* de bate-papo. Ela depõe: *Conheci meu marido em 2002 [...]. Já no primeiro dia de bate papo, quando ele me enviou uma música da Celine Dion, senti que ali começaria uma história. Após alguns e-mails trocados começamos a namorar*. De outro modo, o depoimento de Tales, que também participou da enquete promovida pelo *site GI*, parece demonstrar que comunidades virtuais também são espaços propícios à construção de namoros. Ele diz: *Estava navegando por uma comunidade de uma cidade da Austrália e resolvi perguntar a uma garota [...] como era o modo de vida lá. Depois de umas trocas de mensagens, trocamos MSN, e o papo foi mudando. Ali começou um namoro que dura até hoje*.

Portanto, os resultados que obtivemos com a primeira etapa da pesquisa exploratória apontavam para mudanças nas maneiras pelas quais vínculos amorosos, especificamente os virtuais, podem ser constituídos hoje. Ao investigarmos sobre os modos e os lugares onde os namoros virtuais se apresentavam, constatamos, a partir dessa primeira visada no campo, que o uso da internet como suporte para interceder experiências amorosas parecia confirmar variações tanto nas formas em que se constroem relações amorosas quanto nos espaços em que elas se dão. Caso tomemos como referência formas de sociabilidades que se estabeleciam antes do aparecimento da internet, poderemos confirmar a emergência de novas formas de sociabilidade contemporâneas, visto que os namoros virtuais constituem-se enquanto um

³⁵ Em consulta realizada no dia 13 de julho de 2010.

³⁶ *Site* das Organizações Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/VCnoG1/0,MUL598563-8491,00-CONHECI+O+MEU+AMOR+PELA>>.

³⁷ Com o fim de preservar as identidades dos participantes da enquete, modificamos seus verdadeiros nomes por outros fictícios.

relacionamento amoroso capaz de ser construído, consolidado e mediado por dispositivos digitais.

O fato é que esses relacionamentos remetem a formas de experiências inéditas, ao menos em dois sentidos: 1) fazem alusão a indagações sobre as noções ausência-presença dos corpos na relação, resultado de mudanças no papel do tempo e do espaço; 2) são relacionamentos iniciados, em grande parte, pelo processo de comunicação escrita, surgindo a partir de mudanças no papel dos meios de comunicação. Seus efeitos, então, remetem a questionamentos de dualismos, tais quais: real-virtual, verdade-ficção, autêntico-falso, representação-realidade. (HINE, 2004). O namoro virtual, nesse sentido, é concebido como uma instância da sociedade contemporânea, sobretudo, de uma *sociedade ligada em rede*. Para Castells (2004, p. 15), a internet tornou-se “tecido das nossas vidas”. Ele a compara com a rede elétrica, “dada a sua capacidade para distribuir o poder da informação por todos os âmbitos da atividade humana”. Constitui atualmente “a base tecnológica da forma organizacional que caracteriza a Era da Informação: a rede”. Para o autor, uma rede “é um conjunto de nós interligado”.

De outro modo, é importante enfatizar o papel que os usos sociais da internet desempenharam sobre as mudanças nas formas de se constituir vínculos amorosos. Essa constatação corrobora com o debate sobre a internet e as relações sociais que se constroem através dela. (LÉVY, 1999; CASTELLS, 1999; HINE 2004). Nessas discussões, o agente da mudança não é a internet em si mesma, senão os usos e a construção de sentido ao redor dela. Os diversos usos sociais da internet trouxeram à tona formas de vínculos inéditos, como os namoros virtuais. Em consequência, implica estabelecer a imagem da internet como *cultura* na qual se pode estudar os usos que as pessoas conferem a ela. Deve-se interpretar a rede como um objeto cultural que adquire sentido socialmente através de sua produção e uso. (HINE, 2004).

Orkut como cultura e artefato cultural: dados sobre namoros virtuais

Na segunda etapa da pesquisa exploratória, o objetivo era apreender dimensões e aspectos constitutivos aos namoros virtuais. Demanda que só seria possível através de consulta a pessoas que *namoram virtualmente*. São elas *agentes autoconscientes* (GIDDENS, 2005) que conferem sentido e propósito ao que fazem, razão pela qual não podemos descrever o que são os namoros virtuais com precisão a menos que primeiro compreendamos os

conceitos que as pessoas aplicam a essa prática. Diante dessa abordagem, chegamos a comunidades virtuais do Orkut, compostas por grupos que afirmavam manter um namoro através da internet. Nosso interesse estava voltado na apreensão dos sentidos e significados que essas pessoas atribuíam aos seus namoros virtuais. De tal modo, poderíamos alcançar o objetivo dessa segunda exploração no campo: entender o que subjaz a esse *fenômeno social on-line*. (HINE, 2004).

Nesse sentido, criamos uma conta no Orkut com um perfil que identificava a pesquisa como ligada à área das ciências sociais. A partir daí, fomos em busca de comunidades que se referiam a namoros virtuais. Chegamos a quatro delas. A primeira, criada em 25 de dezembro de 2004 por Débora³⁸, com 11.539 membros associados, *Conheci meu amor pela internet*. Essa comunidade estava relacionada e agregada a mais quatro: *O Orkut bagunçou minha vida* (1.253 membros), *Não aguento mais sofrer por amor* (3.618 membros), *Ciumenta(o) sim!!! E daih?* (2.912 membros) e *Meu namorado é o máximo* (91.616 membros). A segunda comunidade a que chegamos era denominada *Namoro à distância* (19.603 membros), criada por Janaina em 12 de maio de 2004. Eram três as comunidades ligadas a ela: *Meu amor, eu te amo!* (94.511 membros), *Amor igual ao teu...* (120.679 membros) e *Amor não se escolhe. Acontece!* (664.429 membros).

A terceira comunidade que encontramos tinha como nome *Conheci meu amor na net* com 4.325 membros cadastrados, foi criada por alguém que se denomina Billy Corgan³⁹. Sem comunidades associadas. A última, criada em 14 de maio de 2006 por Mariana, é *Eu tenho um amor virtual* composta por 3.233 membros e com uma única comunidade associada: *Já te amei em outras vidas* (2.529 membros). Todas as quatro comunidades eram *abertas para não membros*. Por isso, tivemos acesso livre, isto é, poderíamos ver todos os membros, bem como seus fóruns e enquetes. A partir daí, consultamos seus donos, comunicamos que estávamos fazendo uma pesquisa e perguntamos se poderíamos acompanhar as discussões presentes nos fóruns e as enquetes, sem obrigatoriamente participarmos. A resposta foi positiva, pois, segundo eles, não haveria problemas em observar os debates, uma vez que as comunidades eram abertas a todos que tivessem uma conta no Orkut.

A partir do encontro com essas primeiras comunidades, localizamos assim os sujeitos que iriam compor nossa pesquisa, isto é, homens e mulheres que confirmam em espaços *on-*

³⁸ Nome fictício. Todos os demais nomes próprios que apareceram no texto são fictícios. Trata-se de um modo de preservar as identidades dos sujeitos da pesquisa.

³⁹ O dono desta comunidade não utilizava o próprio nome, e sim um apelido. Provavelmente, em referência ao cantor da banda de rock Smashing Pumpkins. Por isso, conservamos seu apelido, uma vez que não o identifica diretamente.

line, especificamente em fóruns e enquetes, ter um namoro virtual. Eram considerados, então, os *agentes cognoscitivos*, ou seja, “atores sociais que possui[am] um considerável conhecimento das condições e consequências do que fazem em suas vidas cotidianas” (GIDDENS, 2003, p. 331) e, conseqüentemente, de suas vidas amorosas. São atores que conhecem as condições e consequências do que fazem em seus namoros virtuais. Portanto, somente eles eram “ordinariamente capazes de descrever em termos discursivos” o que é um namoro virtual e os sentidos que lhe são atribuídos.

Na visita às quatro comunidades acima referidas, identificamos dois grupos típicos de discussões. O grupo das pessoas que debatiam condutas e práticas amorosas *on-line* vivenciadas nos namoros virtuais, cujas discussões estavam presentes nos fóruns e enquetes das comunidades *Conheci meu amor pela internet*, *Namoro à distância*, *Conheci meu amor na net*, *Eu tenho um amor virtual*. Nas comunidades associadas a estas últimas, quais sejam, *Já te amei em outras vidas*, *Meu amor, eu te amo!*, *Amor igual ao teu...*, *Amor não se escolhe*. *Acontece!*, *Não aguento mais sofrer por amor*, *Ciumenta(o) sim!!! E daí?* e *Meu namorado é o máximo*, localizamos o outro grupo: o das pessoas que debatiam questões mais diretamente ligadas à *crença amorosa* compartilhada pelo grupo, a qual é ligada a ideais românticos.

Nesse sentido, essas comunidades do Orkut significaram, para os nossos interesses de pesquisa, um encontro com um contexto cultural *on-line* no qual seria possível um estudo sobre namoros virtuais e ideais românticos a eles associados. Por essas razões consideramos o Orkut, bem como tudo aquilo que é produzido na internet, *como cultura* (HINE, 2004, p. 19) em que é possível apreender práticas que dão sentido aquele espaço através da interação entre os participantes do Orkut. É um local propício ao estudo dos significados dados pelas pessoas a comportamentos amorosos *on-line*. Assim, é um lugar no qual se produzem relações sociais significativas, gestando-se *uma cultura* ou uma *cibercultura*, isto é, “conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores”. (LÉVY, 1999, p. 17).

Ademais, o Orkut é aqui considerado *como artefato cultural*. (HINE, 2004, p. 19). Nesses termos, é tido como produto da cultura, na medida em que apenas adquire sentido socialmente através de sua produção e uso pelas pessoas. Desse modo, apresentará significados culturais diferentes segundo os contextos em que é empregado. O Orkut é uma construção contextualmente localizada e definida pelos modos como as pessoas o utilizam. Classificar o Orkut *como artefato cultural* implica, desse modo, assumir que nossa realidade atual poderia ter sido outra, pois as definições tanto do que é como do que foi são resultados de compreensões culturais. (HINE, 2004).

Portanto, no Orkut, ocorrem interações sociais virtuais que se produzem socialmente, de modo que os significados que lhes são atribuídos não existem previamente aos seus usos. Afirmar que o Orkut é um *objeto* ou um *artefato cultural* como qualquer outro implica considerá-lo como um espaço marcado pela diversidade de pessoas, crenças, valores, costumes. Os sentidos que lhes podem ser conferidos não são os mesmos para todas as pessoas: *quase todos estão no Orkut, mas não do mesmo modo*. Foi com esse entendimento que começávamos a segunda etapa da pesquisa exploratória. Tínhamos certeza de que o Orkut e as comunidades com membros que afirmavam manter namoros virtuais seriam um espaço a compor nosso campo de pesquisa, mas havia ainda a necessidade de certas delimitações metodológicas. Mas, antes de prosseguirmos, convém apresentarmos, brevemente, o que é o Orkut.

O Orkut⁴⁰ é definido por seus organizadores como “uma comunidade online criada para tornar a [...] vida social mais ativa e estimulante”⁴¹. Diz respeito a uma rede social que permite a interação entre pessoas por meio de fotografias, vídeos e mensagens escritas. Segundo informações do próprio *site*, os brasileiros ocupam o primeiro lugar no *ranking* de usuários do Orkut no mundo⁴². É importante notar que as comunidades e as relações que aí se estabelecem não são *irreais, fantasiosas ou ilusórias*, trata-se de “um coletivo mais ou menos permanente que se organiza por meio do novo correio eletrônico mundial”. (LÉVY, 1999, p. 130). Elas são construídas sobre afinidades de interesses, ou seja, é como se “os amantes da cozinha mexicana, os loucos pelo gato angorá, os intérpretes apaixonados por Heidegger, antes dispersos pelo planeta, [dispusessem] agora de um lugar familiar de encontro e troca”. (LÉVY, 1999, p. 130). É necessário enfatizar que várias práticas que surgem no ciberespaço guardam similitudes com as formas sociais e os papéis que desempenhamos no dia a dia fora da rede. Podemos inferir que as relações *on-line* são diferentes daquelas de tipo *face a face*, mas não podemos afirmar que não guardam aproximações com o espaço das ações cotidianas *off-line*.

A constituição de comunidades virtuais como forma de sociabilidade é fruto da intensificação da comunicação mediada por computador. Aquelas que compõem a rede social Orkut, por exemplo, contribuem para a formação de relações afetivas e de interesse

⁴⁰ A criação do Orkut no Brasil data de 24 de janeiro de 2004. Seu nome é originado de seu projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do *site* de busca *Google*.

⁴¹ Disponível em: <www.orkut.com.br>.

⁴² Segundo informações do próprio *site* (www.orkut.com.br), o alvo inicial do Orkut era os Estados Unidos, mas a maioria dos usuários é do Brasil e da Índia. No *ranking* de usuários por países, a demografia do Orkut demonstrava em 13 de abril de 2010 os seguintes números: Brasil – 48.0%, Índia – 39.2%, EUA – 2.2%, Japão – 2.1%, Paquistão – 1.0%, outros 5.3%.

estruturadas em torno de toda sorte de temas, tendo por base a proximidade dos agentes envolvidos. É um espaço de interação e cooperação no qual membros conjugam-se conforme analogias de gostos, sentimentos, interesses etc. Por exemplo, há comunidades como aquelas formadas por pessoas que se identificam com as *Ciências Sociais* (19.418 membros), ou que torcem pelo time de futebol *Grêmio – comunidade oficial* (124.682 membros), ou que são *Viciadas em café* (98.075 membros), ou que amam *Literatura* (66.749 membros) ou que estão *Fazendo tese* (1.917 membros) etc. Elas são formadas por fóruns e enquetes, que são espaços que se prestam a um fim interativo. Os membros discutem o assunto proposto em cada tópico e criam outros através de questões que eles mesmos formulam. Desse modo, tendo em vista a dinâmica do Orkut, acompanhamos durante um mês as discussões presentes nos fóruns e enquetes das comunidades: *Conheci meu amor pela internet*, *Namoro à distância*, *Eu tenho um amor virtual* e *Conheci meu amor na net*.

A título de exemplo, vejamos algumas questões debatidas nesses espaços. Ana Paula, membro da comunidade *Conheci meu amor na internet*, postou, em 22.06.2009, a seguinte questão: *Quem conheceu seu amor pela net e se casou?*, a qual foi respondida por 48 pessoas. O fórum *Mais um namoro à distância acabando...*, postado por Fernando, membro da comunidade *Namoro à distância*, em 10.12.2009, em que 36 pessoas responderam. *Você acredita que um amor pela net pode dar certo?*, postado por Juliana, membro da comunidade *Conheci meu amor na net*, em 19.09.2007: 147 pessoas responderam a essa questão. Por fim, *Qual é o nome do seu amor virtual?*, postada por Gisele, membro da comunidade *Eu tenho um amor virtual*, em 06.10.2006, respondida por 416 pessoas.

Como se pode depreender, nos fóruns e enquetes, os internautas fazem questões sobre sua própria condição, isto é, elaboram questionamentos a respeito do enamoramento virtual com outros internautas. É nesse sentido que algo se afigura interessante. Nesses fóruns e enquetes, os que fazem as questões são os que igualmente vivenciam as mesmas situações daqueles aos quais tais questões são endereçadas. Quer dizer, as questões formuladas lhes dizem respeito. Diante disso, somos levados a crer que tanto os que formulam as questões quanto aqueles que as respondem compartilham das mesmas práticas e representações, e é por isso que estão unidos por certa familiaridade.

Em resumo, o Orkut é uma rede de interações simbólicas formada por um conjunto de usuários que acabam por imprimir nela um registro social. Em outras palavras, trata-se de uma grande *comunidade* virtual – sem lugar ou tempo –, formada por relações recíprocas de copresença entre atores que, de forma *não intencional*, terminam por produzir e reproduzir, naqueles espaços, uma série de práticas sociais. É constituída, conseqüentemente, por regras

e valores culturais, isto é, seus membros estabelecem entre si relações interpessoais e, com isso, consagram vida a esse espaço virtual, ao passo que fundam pactos sociais de convivência. Os fóruns e enquetes do Orkut se prestam, por meio da escrita, à formação de redes de relações sociais baseadas no compartilhamento de interesses, sentimentos, ponto de vistas e expectativas.

Desse modo, os fóruns e as enquetes podem ser considerados práticas contemporâneas de *escrita on-line*, nos quais usuários comuns debatem sobre suas vidas privadas. São, assim, formas em que se pode construir uma *narrativa sobre si*. Essas *narrativas* revelam o compartilhamento público de intimidades e o cotidiano de pessoas *banais*. Como exemplo, vejamos dois depoimentos postados nos fóruns da comunidade *Conheci meu amor pela internet*. Eles aparecem caracterizados por uma *narrativa* que apresenta o *eu* e reveste-se, na realidade, de três sintomas concomitantes de nossa época, ou seja, do furor por *contar sua vida* (GIUST-DESPRAIRIES, 2000), do interesse e valorização por vidas banais e do compartilhar intimidades. (SILÍBIA, 2004).

Fórum intitulado “Está chegando o dia D...”⁴³ postado por Jeane, membro da comunidade *Conheci meu amor na internet*.

Gente, hj faltam exatamente 8 dias para eu conhecer pessoalmente o meu amor... E ele irá conhecer minha família tbm. Estou tão nervosa e com tantas incertezas. Como foi o encontro de vcs? Talvez lendo as suas experiências eu melhore. rrsr. (postado em 22/04/2010).

Gente, estava doida para vim contar para vcs... Nós encontramos e foi tudo perfeito! Ele chegou no dia 01.05 e foi direto para o hotel. Como tínhamos feito um roteiro antes, ficou mais fácil. Quando ele estava devidamente instalado, me ligou e eu fui. Bati na porta, pense em um abraço... Eu sinto ele até agora kkk. No domingo, ele enfrentou a minha família em um almoço. Todos o adoraram. E ele foi embora na segunda meio dia. Na despedida combinamos de não sofrer por estarmos distantes, mas ficarmos cada dia mais felizes, pois temos um ao outro. Já ia me esquecendo, ele me deu o anel de compromisso, lindo d+, tem fotos no meu Orkut. Definitivamente, ele é meu presente de deus. (postado em 06/05/2010).

Através dessa etapa da pesquisa, marcada pelo trabalho de detalhamento e classificação do Orkut, chegávamos a algumas constatações. Nos fóruns e nas enquetes dessa rede social, é comum deparar-se com uma modalidade de *escrita de si* que se presta, de maneira geral, à *apresentação do eu* por meio da *teatralização* de modos de vida. O depoimento acima postado por Jeane é um exemplo. Ela utiliza os fóruns e enquetes de modo a *apresentar-se* aos demais. Num primeiro momento, ela *apresenta-se* através de um pedido de ajuda, como alguém ansiosa e apreensiva com um encontro amoroso. Já num segundo

⁴³ Neste trabalho optamos por preservar o estilo de escrita *on-line*. Apropriamo-nos dos depoimentos, conservando os neologismos, as abreviações e os problemas de português.

momento, a *apresentação* passa a ser outra. Então, ela entra em *cena* encarnando um *personagem*, no sentido goffmaniano do termo, feliz com o resultado do encontro físico com seu namorado virtual. O encontro é descrito através de uma *narrativa encenada e dramatizada*. Trata-se de uma *narrativa* construída de modo inteligível, coerente e aceitável.

Dessa forma, os usos que foram dados aos fóruns e enquetes do Orkut servem àquilo que o sociólogo Erving Goffman (1985) denominou de *apresentação do eu na vida cotidiana*. Nesse espaço virtual, os indivíduos *apresentam-se* aos demais mediante uma *escrita sobre si*. A *apresentação do eu* é feita ainda por meio de imagens (fotografias, vídeos, clipes) e informações contidas em seus perfis. Eles *Inventam e teatralizam* formas de vida ao postarem ou responderem questões discutidas nos fóruns e enquetes. Portanto, o que se expressa nessas discussões é um cotidiano *encenado e dramatizado* por meios de jogos performáticos nos quais e pelos quais os indivíduos se apresentam.

Se para Goffman (1985) os indivíduos *apresentam-se* aos demais mediante o exercício de papéis que desempenham em várias situações cotidianas, constatamos, a nosso modo, que os indivíduos que debatem em fóruns e enquetes do Orkut apresentam uma imagem de *si* por meio da *representação teatral*, nessa nova dimensão da vida cotidiana que é o ciberespaço. Ao escreverem em fóruns e enquetes, os membros das comunidades recorrem também a *técnicas ficcionais na representação de si e dos eventos reais*. (WHITE, 1994). Nos termos que os usuários do Orkut utilizam a escrita, esta se torna um artifício capaz de criar *ficções sobre si*.

Conseqüentemente, podemos ainda considerar as manifestações presentes nos fóruns e enquetes do Orkut como uma das modalidades dos gêneros autobiográficos, sendo consideradas uma tendência contemporânea socialmente relevante, sobretudo, em sociedades e segmentos individualistas. Esse furor por *contar sua vida*, isto é, essa urgência “por se contar participaria de uma necessidade de se constituir pela narrativa”. (GIUST-DESPRAIRIES, 2000, p. 90). Desse modo, os usuários do Orkut (re)constróem suas experiências por meio de enredos narrados. As experiências vividas que se apresentam nos fóruns e enquetes surgem *redesenhadas* e coerentes. Assim, os membros parecem vivenciar e experimentar os fatos narrados de *outro modo*. Contam suas histórias *para ensaiar um viver* (GAULEJAC, 2000, p. 135), isto é, contar suas histórias nos fóruns e enquetes conduz os sujeitos “a recriar, a reconstruir e a reelaborar de outra maneira aquilo que foi vivido anteriormente para viver de outra forma”. (GAULEJAC, 2000, p. 137).

Tomemos um exemplo que parece corroborar com a noção de que os depoimentos postados em fóruns e enquetes parecem pertencer ao gênero autobiográfico. Há a presença de

uma escrita de si. Quem narra, atua e assina é a mesma pessoa. Trata-se de uma narrativa redesenhada e coerente, pois o narrador a escreve com um começo, um meio e um fim. Ao voltar a ler essa mesma produção, ela pode parecer-lhe com outros significados. O depoimento foi postado por Carla em 11.10.2005, no fórum intitulado *Conte sua história de amor*:

Encontrei o amor da minha vida!!! Bom, a minha história é meio complicada. Eu "conheci" essa pessoa q eu amo intensamente através da Net. Foi a primeira vez que eu entrei em uma sala de bate-papo. Eu estava participando, junto c/ uma amiga, de um workshop sobre como ensinar língua estrangeira usando a Net. Detalhe: eu moro em Belém do Pará e ele na Serra Gaúcha. Nos conhecemos, trocamos email, ele tbm pegou o email da minha amiga, e foi ela quem ficou mais empolgada c/ ele, mas ele se apaixonou por mim e eu por ele. Depois de 1 mês trocando email ele pediu o nº do meu telefone, começamos a nos falar toda semana, não podíamos deixar de nos corresponder 1 dia se quer. Depois de 4 meses ele sumiu do mapa, desapareceu sem deixar notícias, foi o maior desespero! Eu sofri muito, tentei manter contato e nada. Passados 8 meses ele apareceu novamente. Pediu mil desculpas, disse q havia sumido pq achava q eu não teria coragem de largar td aqui e ir morar com ele (já havia me pedido em casamento) e realmente eu não tinha certeza, mas ele não conseguiu me esquecer e voltou mais apaixonado do q nunca! Eu o perdoei e pedi p/ q ele nunca mais fizesse isso comigo novamente. Pediu-me em casamento novamente, eu aceitei, mas agora nós conversamos bem e ele está esperando a minha formatura p/ q eu possa ir embora p/ o RS. Estamos contando os dias ansiosamente (p/ piorar a Universidade está em greve). Estou deixando p/ trás uma carreira e minha família, pois acredito q ele é o amor da minha vida... Outro detalhe: ainda não nos conhecemos pessoalmente. Eu o amo loucamente!!!

Essas práticas de *narrativas de si* que se prestam à *apresentação* dos indivíduos nos fóruns e enquetes do Orkut estão ainda relacionados à outra tendência contemporânea: a *espetacularização do eu*. (SIBÍLIA, 2004). Esses espaços dão forma a um tipo de *publicação on-line*, que revela “um cotidiano como um lugar de extrema visibilidade na atualidade, profusamente exposto, olhado, documentado, vigiado, espreitado”. (BRUNO, 2004, p. 22). Por exemplo, o depoimento acima pode ser visitado por milhares de pessoas. O fenômeno dos fóruns e enquetes não está isolado, ao contrário, relaciona-se com a emergência de outros fenômenos considerados também como *exibicionistas*: os *reality-shows* na televisão, *blogs*, *fotoblogs*, *videoblogs*, *Myspace*, *Facebook* e certos usos do *Youtube* e das *webcams* etc. (SIBÍLIA, 2008).

Portanto, chegamos a essa etapa da pesquisa exploratória, considerando os fóruns e enquetes do Orkut como formas de *escrita de si*, que, ligadas à crescente ênfase biográfica, expressam uma *urgência por se contar*. (GIUST-DESPRAIRIES, 2000). Através da escrita, os indivíduos *ficcionalizam a si e os eventos que narram* (RICOEUR, 1991, 1994, 1995, 1997, 2000; White, 1994), desse modo, contam suas vidas com vistas a vivê-las de outra

maneira. (GAULEJAC, 2000). Ao assim procederem, *apresentam o eu* do mesmo modo que *teatralizam* formas cotidianas de vida. (GOFFMAN, 1985). A *apresentação do eu* é feita através da *espetacularização do eu* na internet. (SIBÍLIA, 2008). Mais adiante, teremos tempo de ampliar esses conceitos e noções, tão logo caminhemos para o desenvolvimento desta pesquisa.

A respeito das quatro comunidades analisadas para essa segunda etapa da pesquisa exploratória, quais sejam, *Conheci meu amor pela internet*, *Namoro à distância*, *Eu tenho um amor virtual* e *Conheci meu amor na net*, as primeiras observações permitiram traçar um perfil dos *modos de inserções*, nesses espaços virtuais, por seus usuários. Através da análise dos usos que empregam aos fóruns e enquetes, constatamos a presença de discussões nas quais o conteúdo aparece atravessado por certa *teatralidade cotidiana*. Os conteúdos dos fóruns e enquetes apresentam *expressões de um cotidiano amoroso on-line*, isto é, os modos pelos quais os membros das referidas comunidades utilizam esses espaços servem àquilo que, baseando-nos em Goffman (1985), estamos chamando de *apresentação do eu* e *teatralização* de modos de vida amorosos.

Vejamos em que estão enredados esses debates. De forma bem geral, seus membros envolvem-se em discussões que travam de modo *teatralizado* sobre questões relativas a dúvidas e angústias a respeito de seus namoros; fazem pedidos de ajuda a membros que já são experientes no quesito namoro a distância; fazem desabaços frente a sofrimentos, alegrias, medos, incertezas; pedem ajuda para reconquistar um *amor*; avisam sobre casamentos e encorajam outros internautas com falas de incentivo; falam sobre nascimento de filhos (de pais que se conheceram na internet); relatam suas queixas e desilusões a respeito de seus parceiros. Esses membros inserem-se ainda nas comunidades para fazer advertências àqueles ainda inexperientes no namoro via internet; relatam desapontamentos diante do primeiro encontro presencial; descrevem como foram enganados(as) por seus parceiros(as); oferecem conselhos para suportar bem a saudade e a ausência; descrevem fins de namoro; fazem declarações de amor etc.

A observação demonstra ser possível ver nesses modos de inserções formas de vida, maneiras de sentir, amar, desejar, sonhar, perceber, que aparecem *dramatizadas* e *encenadas* por meio de narrativas escritas. Temos como exemplo duas questões. Uma formulada por Ana, membro da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, postada em 23.05.2006: *Quanto tempo vocês teclaram pela net?* e a resposta dada por Samanta, membro da mesma comunidade, postada em 24.05.2006: *Faz dois anos e ainda não tivemos oportunidade de nos conhecermos. Falamos por telefone, e-mails. Ele mora um pouco longe!...Só sei que ele me faz*

feliz! A outra foi formulada por Daniela, membro da mesma comunidade, em 30/07/2005: *Faz quanto tempo que estão juntos?* Joana responde assim:

Olá, bom ja vai fazer 1 ano e 2 meses q to esperando ele volta do japao, nos conhecemos num bate papo. Ele ta no japao, e eu sou loka por japas, entao começamos a conversa todo dia na net, foi aí q me apaixonei, e larguei do meu namorado pra esperar o kevi volta do japao. eu amo ele loucamente, e sei q ele tbm gosta mto de mim, se nao nao teria me aturado tanto tempo né... hehehe... e tenho mais q certeza q seremos mto felizes qd ele volta, fomos feitos um para o outro... mas é isso aí... bjos pra todos e boa sorte

Tomando como base esse *perfil de inserções* nos fóruns e enquetes, o que parece é que essas comunidades das quais acompanhamos suas discussões possibilitam a seus membros formas específicas de *expressão de si*, *apresentação do eu* e *teatralização da vida íntima*. Esses fóruns e enquetes tornaram-se um espaço que grupos ligados por afinidades têm para *desenhar* trechos de *narrativas sobre si* que compartilham publicamente na internet. São espaços em que se pode falar e partilhar sentimentos, angústias, dores, alegrias, etc. Na verdade, as comunidades parecem inaugurar um novo espaço de *expressão de um cotidiano amoroso*; no caso das comunidades aqui pesquisadas, é possível também apreender, em certa medida, o modo como as pessoas constroem seus laços na internet e como experienciam o *amor* no mundo virtual.

Conheci meu amor pela internet: delimitação do campo

A partir dessas breves constatações, fizemos nosso primeiro recorte empírico. Das comunidades visitadas na segunda etapa da pesquisa exploratória, elegemos, para concentrar nossos estudos, a comunidade *Conheci meu amor pela internet*. Ela foi eleita por ser aquela que concentrava membros que realmente haviam se conhecido e começado um namoro através da internet, ao contrário da comunidade *Namoro à distancia*, que concentrava também pessoas que haviam se conhecido presencialmente e que agora mantinham uma relação a distância mediada pelo computador. Nesse sentido, já havíamos feito a primeira delimitação: tratava-se de um estudo sobre namoros virtuais no qual o processo de constituição do vínculo tenha sido realizado através da internet.

A eleição da comunidade *Conheci meu amor pela internet* deu-se ainda por ser aquela que possuía uma quantidade significativa de membros ativos, isto é, pessoas que participavam com certa assiduidade dos fóruns e das enquetes. As demais comunidades, *Eu tenho um amor virtual* e *Conheci meu amor na net*, eram consideradas pouco ativas, havendo um número

reduzido de postagens; além disso, seus fóruns e enquetes eram pouco visitados. Assim, caso consideremos as postagens como atos de comunicação, será necessário, por um lado, considerar, de igual modo, a intensidade da interação que ali se estabelece. “As postagens são tão mais significativas lá onde a interação é mais intensa e não simplesmente onde há um grande número de membros que jamais se relacionam”. (RAMOS, 2010, p. 6).

Nesse sentido é que nossa escolha da análise dos fóruns e das enquetes da comunidade *Conheci meu amor pela internet* recairá, mais adiante, sobre aqueles que foram produzidos em situação de maior intensidade da interação e pelos membros mais atuantes. Em setembro de 2010, essa comunidade apresentava 365 postagens nos fóruns e 11 postagens nas enquetes. Entretanto, nem todas tinham *audiência*, isto é, algumas postagens não recebiam comentários ou respostas, ao contrário de outras em que a intensidade da interação era visível, como uma questão do fórum feita por Débora, dona da comunidade, em 10/03/2005: *Qual é a música tema do amor de vocês?*, a qual recebeu em troca 614 respostas. De outro modo, temos o exemplo de uma enquete feita por Natália, membro da comunidade, em 09/08/2007: *Um amor nascido de internet tem alta probabilidade de chegar a um casamento?*, respondida por 744 membros.

Entretanto, para levar a cabo essa segunda etapa da pesquisa exploratória na qual buscávamos, por meio da análise de fóruns e enquetes, as dimensões constitutivas aos namoros virtuais, empreendemos uma consulta a 376 postagens que compõem todo o acervo da comunidade⁴⁴. Decerto, nem todas apresentavam interações significativas, mas seria necessário identificar quais continham essas características. Desse modo, elegemos para análise 26 questões dos fóruns e seis questões das enquetes, que foram selecionadas pelo fato de apresentarem o maior número de respostas, isto é, o maior número de interações. Entendemos que aquelas que apresentam grandes quantidades de postagens podem ser também as mais significativas para os membros da comunidade. Assim, selecionamos os fóruns e as enquetes que apresentavam até dez respostas ou comentários. São eles:

26 questões selecionadas na seção fórum em 11/08/2010

Aonde o amor de vocês moram? (Feita por Erick em 25/07/2005⁴⁵, 206 postagens), *Está chegando o dia D...* (Feita por Jack Novais em 22/04/2010, 41 postagens), *Qual é a idade de seu amor?* (Feita por Sandrinha em 31/01/2005, 509 postagens), *Quanto tempo vcs teclaram pela net?* (Feita por Dinha em 23/05/2006, 231 postagens), *Qual o nome do seu amor?* (Feita por Val em 04/07/2006, 352 postagens), *Qual é a música tema do amor de vocês* (Feita por Sandrinha em 10/03/2005, 614 postagens), *Quem casou com o amor da net?* (Feita por

⁴⁴ Em pesquisa realizada em setembro de 2010.

⁴⁵ Como se depreende, selecionamos, também, fóruns e enquetes de anos precedentes. Eles recebem até hoje, 2011, postagens e comentários.

Joel em 05/12/2009, 36 postagens), *Faz quanto tempo que estão juntos?* (Feita por Déa em 30/07/2005, 376 postagens), *Você procurava seu amor pela net ou foi por acaso?* (Feita por um anônimo em 18/11/2008, 50 postagens), *Como se conheceram?* (Feita por Katrine em 02/04/2009, 35 postagens), *Namorada(o) conhecido pela net, pais aceitaram?* (Feita por Eldes em 21/08/2005, 70 postagens), *Quem conheceu seu amor pela net e se casou?* (Feita por Ana Paula em 22/06/2009, 48 postagens), *Conselhos? Alguém me ajuda?* (Feita por Léa em 29/06/2009, 11 postagens), *Vai dar casamento* (Feita por Fábio e Helen em 08/01/2007, 98 postagens), *Você largaria tudo pelo seu amor?* (Feita por Layla em 18/10/2008, 18 postagens), *Incertezas da parte dela, o que vcs acham?* (Feita por Caio em 10/02/2009, 19 postagens), *Vcs transaram no primeiro encontro?* (Feita por um anônimo em 02/08/2005, 96 postagens), *Namoro ou casamento* (Feita por Elisandro em 30.04.2006, 50 postagens), *Para amores de cidade diferentes* (Feita por Hevanna em 04/02/2005, 34 postagens), *Quem mudou ou vai mudar? (quem irá ceder e mudar de seu bairro, cidade, estado ou país?)* (Feita por Leila e Pablo em 12/06/2006, 15 postagens), *Onde você conheceu seu amor pessoalmente?* (Feita por Mari em 25/06/2005, 625 postagens), *Conte sua história de amor* (Feita por Silvia em 11/10/2005, 50 postagens), *Conheci meu amor pela internet e me casei com ele* (Feita por Aline em 26/09/2005, 11 postagens) *Musica do primeiro encontro* (Feita por Vanderlei em 26.10.2005, 28 postagens) *A quanto tempo vcs estão juntos?* (Feita por Ninive em 02/04/2005, 62 postagens) *O primeiro encontro como aconteceu* (Feita por Joyce em 18/02/2005, 34 postagens).

6 questões selecionadas na seção enquete em 13.08.2010

Se a sua família não aprovasse o relacionamento, vc desistiria ou corria atrás em nome de seu amor? (Feita por Layla em 03/12/2008, recebeu 209 votos no total)

10 votos – *Se a minha família não quer eu desistiria*

23 votos – *não sei*

176 – *Jamais deixaria o amor passar*

Você imaginava que encontraria seu grande amor pela internet? (Feita por Janine em 07/10/2007, recebeu 557 votos no total)

67 votos – *sim*

238 votos – *não*

252 votos – *Nunca imaginei*

Um amor nascido de internet tem alta probabilidade de chegar a um casamento? (Feita por Janine em 09/08/2007, recebeu 744 votos no total)

383 votos – *sim*

20 votos – *não*

72 votos – *às vezes*

268 votos – *depende das pessoas envolvidas*

1 voto – *outro*

Um amor de net é pra sempre? (Feita por Doris em 24/04/2009, recebeu 103 votos no total)

64 votos – *sim*

39 votos – *não*

Vc visitaria seu amor, mesmo ele morando à KM de vc? (Feita por Carlos em 27/09/2008, 237 votos no total)

185 votos – *sim, claro, qualquer distância do mundo*

7 votos – *Depende, se não for muito longe*

41 votos – *se eu realmente amá-lo*

4 votos – *Nunca, nem a 10 KM de minha cidade*

O que vc faz quando está esperando seu grande amor e ele só entra quando vc está saindo. O que vc falaria para ele? (Feita por Jenni em 21/12/2007, 242 votos no total)

40 votos – *dava bronca*

173 votos – *perguntaria porque entrou tarde*

29 votos – *ou perguntaria se ele(a) está te traindo*

Ao fim dessa empreitada, após leitura e análise desse material, pudemos constatar, além dos fóruns e enquetes com maior intensidade de interação, quais eram os principais temas debatidos naquele espaço. Foram identificadas duas temáticas centrais e nove subtemáticas associadas às centrais. O primeiro tema central e alvo de discussão referia-se àquilo que designamos como sendo da ordem da: 1. *Constituição do vínculo amoroso virtual*. Este se encontra associado a outras discussões como aquelas sobre 1.1. A história que narra o momento em que se conheceram; 1.2. A distância geográfica que separa os casais; 1.3. O tempo dedicado ao vínculo virtual; 1.4. A supervalorização e idealização de seus namoros virtuais; 1.5. O namoro virtual como processo de conhecimento mútuo; 1.6. A transição do namoro virtual ao presencial e, por fim; 1.7. Os preconceitos de familiares e amigos com namoros virtuais.

A segunda temática central designamos como: 2. *Concepção de amor associada aos namoros virtuais*. As subtemáticas ligadas a ela eram: 2.1. Declarações de sentimentos amorosos pautados na crença do ideal de amor romântico e; 2.2. Expressões de práticas românticas. Dessa maneira, a ascensão dessas temáticas desvelou, ao seu modo, um conjunto de repertórios culturais que configuram a interpretação pessoal de sentimentos amorosos e um modo de namorar *on-line* segundo os próprios membros da comunidade *Conheci meu amor pela internet*. Através dessas interpretações, chegamos a algumas características dos namoros virtuais tais quais surgem nesses fóruns e enquetes. São relacionamentos que aparecem baseados em *narrativas contadas*.

Contar sua vida amorosa: namoro virtual e narrativa

Doravante, apresentaremos os resultados da segunda etapa da pesquisa exploratória. Passemos de imediato a delinear os principais aspectos e dimensões do namoro virtual. Eles foram orientados a partir das temáticas centrais discutidas nos fóruns e enquetes da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, isto é, por meio das temáticas denominadas *Constituição de um vínculo amoroso virtual* e *Concepção de amor associada aos namoros*

virtuais chegamos aos aspectos e às dimensões que constituem um namoro virtual tal qual compreendem os membros que frequentam a comunidade. Foram concebidos, então, a partir da constituição das crenças, dos critérios de valor, das regras morais e das normas de relacionamento compartilhadas por esse grupo. Veremos que esses namoros aparecem apoiados por uma *narrativa* de cunho sentimental e amoroso cuja ênfase recai sobre as *histórias de amores felizes*, que, sendo *contadas* em fóruns e enquetes, prestam-se, inevitavelmente, à *apresentação do eu* e a instituir o próprio namoro através de *representações teatrais*, mas também *ficcionais*.

De acordo com essa perspectiva, *o contar* a vida amorosa em fóruns e enquetes convém ao seguinte desígnio: que os namoros virtuais possam existir, também, intrínsecos a uma *narrativa* de alcance global capaz de criar *ficções* sobre eventos reais. Nessas narrativas, eles articulam elementos ficcionais referentes ao ideal de amor romântico às suas próprias experiências de namoros virtuais. Nelas encenam-se, por um lado, modos de aparição pública na internet e, por outro, compartilham intimidades de modo dramatizado. Um relato amoroso postado nesses espaços pode ser visualizado por milhares de pessoas. É nesse sentido que os namoros virtuais aparecem, igualmente, como uma *narrativa* tanto para um público anônimo quanto para os próprios envolvidos na relação. Não se trata de afirmar que esses namoros não existam empiricamente, eles, ao contrário, existem duas vezes, como experiência vivida e como narrativa contada. Essas duas dimensões, evidentemente, não estão separadas, existem concomitantemente, isto é, tanto se pode experienciar o vivido dos namoros através de narrativas quanto se pode viver as narrativas sobre namoros como experiência que articula ao mesmo tempo fato e ficção. (RICOEUR, 2000).

É dessa forma que discutiremos mais adiante o namoro virtual como *narrativa contada* no Orkut. Agora, passemos à apresentação dos principais aspectos e dimensões dos namoros virtuais. São relacionamentos nos quais o primeiro contato surge por meio da escrita; posteriormente, a escrita não é abandonada. Ao contrário, permanece como um dos principais veículos de comunicação e contato. Nesse sentido, são considerados namoros quando a *narrativa* aparece, seja por conversas escritas que travam através de mecanismos como *Messenger*, *e-mails*, *scraps*, seja por meio de depoimentos deixados no celular ou mesmo em fóruns e enquetes. É nesses espaços que os envolvidos *contam suas histórias de amor* e, em muitos casos, vivenciam e experimentam seus namoros através dos *fatos que narram* de modo *ficcionalizado* e *encenado*.

O processo de *constituição de um vínculo amoroso virtual* supõe a mediação de seis etapas ritualizadas e *encenadas* segundo determinados padrões válidos pelo grupo de pessoas

que compõem a comunidade. Tomemo-las como uma espécie de *modelo ideal* construído através da análise dos fóruns e enquetes selecionados para a pesquisa. As fases *ideais* são as seguintes: *processo de escolha do(a) parceiro(a)*, *técnicas de aproximação e abordagem*, *frequência dos encontros virtuais*, *o pedido de namoro*, *namorando virtualmente* e *o encontro presencial*. Em todas essas fases, deflagra-se o uso da *narrativa*, ora como elemento principal, ora como coadjuvante, mas sempre *narrativa*. Através dessa escrita narrada, as discussões sobre namoros virtuais aparecem como um modo de *apresentação do eu* que *ficcionaliza* e *teatraliza* o próprio da vida amorosa.

A primeira fase, o *processo de escolha do(a) parceiro(a) na internet*, segundo as discussões nos fóruns e enquetes, dá-se mediada por *encontros* com fotos presentes em *perfis*, isto é, a *apresentação* dos pares ocorre mediante imagens congeladas, mas, apesar de menos numerosos, há casos em que o vídeo cumpre esse papel. Como não há a possibilidade, nessa fase, de um *contato físico imediato* com o outro, a foto suplanta essa *falta* e funciona como o primeiro mecanismo de interação. É dessa forma que a eleição do(a) parceiro(a) pode dar-se mediante a apreciação de fotos. Caso a imagem fotográfica suscite alguma atração afetivo-sexual, é comum que se busquem, a partir daí, informações que possam dizer algo sobre aquele(a) da foto. Esse empreendimento é feito por meio da leitura de descrições escritas nesses mesmos *perfis*, mais precisamente, em espaços que se prestam à resposta da questão: *quem sou eu*. Em geral, a resposta tem como fim *apresentar-se* aos demais, articulando gostos, opiniões, interesses, estilos de vida, valores, personalidade e temperamento, tudo isso por meio do recurso escrito.

A *apresentação do eu*, sobretudo no Orkut, acontece também mediante informações presentes em *scraps* e *depoimentos* encaminhados por amigos(as) ou parentes. Essas informações podem ser relevantes para os interessados na foto, pois, de algum modo, os *scraps* e *depoimentos* sempre desvelam algum detalhe sobre quem é a pessoa, ao menos, segundo os fóruns e enquetes. A *apresentação do eu* no Orkut pode se dar ainda através de filiações a comunidades virtuais. Por isso, aqueles que a foto chama a atenção passam a averiguar quais são essas filiações, com vistas a colher informações que revelem alguma afinidade, por exemplo, cantor(a), time de futebol ou gostos em comum etc.

Tudo isso se dá graças às fotos, à leitura de textos e à mediação da tecnologia. O processo de escolha do(a) parceiro(a) recebe o suporte de dispositivos digitais e visuais para consolidar-se, o mesmo ocorrendo com a segunda fase da constituição de um vínculo virtual, isto é, com as *técnicas de aproximação e abordagem*. O primeiro contato e aproximação com o outro é feito, em geral, através de um texto escrito. A aproximação dá-se mediante

mensagens de *scraps* ou aquelas deixadas no Orkut com o fim de dirigir cumprimentos e saudações ou fazer um comentário para expressar um gracejo. Nos casos em que há reciprocidade, é muito comum que se solicite o endereço do MSN. É a partir daí que se principiam as primeiras conversas *on-line* e em tempo real, as quais se iniciam somente através da escrita; em seguida, elas passam a contar com a *webcam*. Apenas a partir daí segue-se para conversas com voz, mediadas por telefone ou *Skype*.

Desse modo, a primeira e a segunda fases permitem aos envolvidos a verificação de três elementos importantes: 1. Atributos físicos, considerados fundamentais no processo de escolha; 2. Símbolos de *status* e posição social; e 3. Intenções manifestas na persistência dos contatos e na acessibilidade a futuras aproximações. Assim, a sequência da aproximação se dá pela seguinte ordem: *típicas ideais*, encontros em espaços públicos *on-line*, como Orkut, *chats*, agências de encontro, *blogs*, dentre outros. Logo em seguida, passam a conversas de tipo reservadas em *MSN*, *Skype*, e-mail, telefone etc. Após a fase das primeiras aproximações, chega-se à terceira fase que denominamos *a frequência dos encontros virtuais*, sendo caracterizada pela presença de conversas diárias e pela dedicação atribuída ao conhecimento da outra pessoa. Nesse momento, podem surgir as primeiras declarações de sentimentos de tipos amorosos. Em seguida, parte-se para o *pedido de namoro*, a quarta fase.

Ambos, homens e mulheres, exprimem o interesse de manter um compromisso, isto é, um namoro. O namoro é justificado por razões sentimentais e amorosas baseadas na afinidade de gostos, interesses, planos de vida em comum etc. A partir da data em que foi firmado o compromisso, passam a contar o *tempo de namoro*, que é sempre comemorado com grande entusiasmo pelo casal. É um dia marcado por trocas de mensagens e declarações de amor públicas e privadas, além de envio, pelos correios, de presentes e lembranças. Outra característica dessa fase é que há a divulgação para amigos e colegas a respeito do novo *status: estamos namorando*. Essa mesma informação é posta no Orkut para que todos os membros possam ver que agora têm um namorado(a). Há ainda a comunicação e a apresentação do(a) namorado(a) para a família e parentes mais próximos, em geral, via *webcam*. Essa fase ainda pode ser marcada pela entrega de um *anel de compromisso* que tem a função de consagrar e legitimar socialmente a união.

A quinta fase por nós designada *namorando virtualmente* é uma fase sustentada por inúmeras conversas tanto escritas quanto realizadas *viva voz*, isto é, as interações ocorrem por meio de trocas de e-mails, *MSN*, *Skype*, do envio de mensagens de *scraps* deixadas no Orkut, bem como por infundáveis telefonemas. Os conteúdos das conversas estão marcados, em sua grande maioria, pela presença de cinco diferentes elementos: 1. Por um discurso de tipo

romântico que se expressa em declarações de sentimentos frente ao outro⁴⁶; 2. Por falas *de si* que se prestam ao conhecimento mútuo⁴⁷; 3. Por diálogos nos quais compartilham o dia a dia⁴⁸; 4. Por conversas sobre planos em comum para o futuro⁴⁹ e, por fim; 5. Por diálogos baseados em desavenças e conflitos. É comum que haja brigas, em geral, provocadas por certos desentendimentos e, principalmente, por ciúmes⁵⁰.

Nessa descrição *típica ideal* que fazemos dos namoros virtuais, a última fase é a do *encontro presencial*, sendo vivida por muitos deles como um momento marcado por inúmeras ansiedades, angústias, mas também por alegrias. As angústias e ansiedades são causadas pelo medo de *no presencial* não haver a mesma afinidade que ocorre no *virtual*. A alegria, por sua vez, é causada pela realização de um encontro que idealizaram durante algum tempo e, também, pela possibilidade de que o namoro que mantiveram até aqui exclusivamente no virtual dê certo também no presencial. Planejam com minúcias de detalhes o encontro. O lugar em que se encontraram passará a ser símbolo da relação. Entretanto, é importante reter que conhecer pessoalmente o outro não implica, necessariamente, deixar o vínculo virtual. A condição de se estar namorando virtualmente está ligada à distância geográfica que separa os casais e nem sempre os envolvidos estão aptos a mudarem de cidade ou estado imediatamente. É muito comum que se conheçam presencialmente e após esse momento voltem à condição de *namorando virtualmente*. Os namoros, nessa fase, são caracterizados ora pela *presença física imediata*, ora por sua ausência.

Em parte, os resultados que obtivemos com o fim da pesquisa exploratória esclareciam determinados aspectos da nossa primeira pergunta de partida, qual seja, *em que formatos*

⁴⁶ Essas expressões, por exemplo, são vistas em trocas de *cartões de amor virtuais* que eles mesmos produzem. É uma produção marcada pela presença de poemas intercalados por fotos do casal ou vídeos produzidos em situações cotidianas de momentos que a distância não permite que o outro participe. Ainda há a possibilidade de envio a seus parceiros(as) de letras de músicas que chamam *música tema do namoro*.

⁴⁷ São relacionamentos fortemente marcados por diálogos que requerem aos envolvidos o compromisso com a *verdade sobre si*. Como relacionamentos que se mantêm a distância, é comum a cobrança por autenticidade. É preciso que os envolvidos saibam quem realmente eles namoram. Nesse processo de *contar sobre si*, acabam por se conhecerem mutuamente.

⁴⁸ São namoros em que os envolvidos sabem exatamente o que foi feito durante o dia do seu parceiro(a) e o que farão no dia seguinte. Esse *saber* sobre a vida do outro é expresso na questão: *o que você fez hoje? O que você fará amanhã?* Ter essas informações é muito importante para o estabelecimento da *confiança*.

⁴⁹ Os planos para o futuro estão, em geral, fomentados, num primeiro momento, pela ideia de conhecerem-se presencialmente. Após, discutem sobre a possibilidade de casamentos formais ou não, se terão filhos ou não e, por último, a discussão recai sobre quem mudará de cidade ou estado de modo que a relação torne-se exclusivamente presencial.

⁵⁰ Há sempre o fantasma de aparecer outra pessoa e que ela esteja presente fisicamente.

inéditos de vínculos afetivos, tais quais os namoros virtuais, incidem sobre ideais românticos. Essa questão norteou, em certa medida, os caminhos traçados por essa primeira investida em campo. Em resposta, temos que o advento dos namoros virtuais em nada ou pouco incidem sobre os significados nos ideais românticos. Conforme a realidade dos fóruns e enquetes da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, se há mudanças, elas não figuram sobre as representações do amor romântico, senão nos meios e nos espaços em que esse ideal é experimentado e vivido. O amor romântico é *experimentado*, em grande parte, por meio de dispositivos digitais e pela narrativa; sobre essa última, a presente pesquisa se ocupará.

Os namoros virtuais e o amor romântico aparecem nos fóruns e enquetes como sendo constituídos, ambos, por *narrativas* e pela tecnologia digital. Ao passo que *contam* o vivido de seus namoros virtuais e dos ideais românticos a eles associados em espaços de debates públicos, os indivíduos (re)constróem suas experiências, que surgem *redesenhadas* e mais significativas. Ao *contarmos histórias de amor*, acabamos por ficcionalizar os eventos reais (WHITE, 1994) e, desse modo, vivenciamos e experimentamos os fatos narrados de *outro modo*. (GAULEJAC, 2000b). Os relatos sobre namoros virtuais e amor romântico que aparecem nesses fóruns e enquetes estão marcados por *práticas dramatúrgicas* que se prestam, também, à *apresentação do eu*. (GOFFMAN, 1985).

Portanto, é somente ao cabo desta pesquisa exploratória que esboçamos as primeiras definições referentes à problemática central e as principais hipóteses de nossa pesquisa de tese. Os resultados obtidos nesse primeiro itinerário da investigação foram decisivos tanto no que se refere à eleição das abordagens teóricas quanto às delimitações empíricas e metodológicas. Através da análise desses resultados, definimos, com maior clareza, do que trata este estudo: de narrativas de namoros virtuais presentes em fóruns e enquetes do Orkut. Mais precisamente, este estudo esforçar-se por compreender como essas narrativas encontram-se entrelaçadas por elementos ficcionais extraídos tanto de empréstimo do ideal de amor romântico quanto das próprias experiências vivenciadas na concretude dos namoros virtuais.

PARTE II – O CAMPO EMPÍRICO

CAPÍTULO I: A GALÁXIA DO ORKUT E A VIDA SOCIAL EM REDE

Castells (2004), de forma contundente, assegura que todos nós, conectados ou não com a internet, vivemos hoje num *mundo diferente*. “Assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que MacLuhan chamou de a *Galáxia de Gutenberg*, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a *Galáxia da internet*”. (CASTELLS, 2004, p. 8). Trata-se de uma analogia empregada por Castells (2004) para referir-se a um *mundo* edificado pela internet. Do mesmo modo que a criação de Gutenberg conectou o mundo ao possibilitar a reprodução e distribuição generalizada do conhecimento e das informações, a internet, por sua vez, permitiu a “comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”. (CASTELLS, 2004, p. 8). À sua maneira, a rede social Orkut é, igualmente, reflexo desse *novo mundo* instituído pela rede mundial de computadores. É uma *galáxia* que possibilita a *conexão* e a *comunicação de muitos com muitos*, dado o grau de inter-relação alcançado. O Orkut será descrito, a seguir, segundo uma abordagem específica.

Nesse sentido, o presente capítulo esforça-se por apresentar o campo empírico da pesquisa. Descreve de forma sucinta as principais especificidades e particularidades da *galáxia* Orkut. O objetivo a ser alcançado, ao cabo da descrição, é demonstrar quais são as características centrais que fundam a conduta social em rede, próprias a esse universo virtual. Diante desse propósito, nossa descrição foi realizada tendo como base a observação sistemática direta na rede Orkut, iniciada desde o ano 2009 e estendendo-se até meados do ano 2011. Com a criação de uma conta exclusiva no Orkut destinada aos interesses deste trabalho de doutoramento, chamada *Pesquisa tese: Vergas Vitória*, contamos com o acesso diário e ilimitado aos principais conteúdos do *site*. Foi a partir daí, por exemplo, que tivemos ingresso aos fóruns e enquetes e que fizemos os primeiros contatos com membros de comunidades virtuais que discutiam o tema *namoro virtual*.

As primeiras aproximações, em sua maioria, foram realizadas por intermédio dos recursos ou ferramentas disponíveis no próprio Orkut, quais sejam: *Solicitação de Amizade* e *Páginas de Recados*, que estreitaram nossas relações com o grupo. Por meio deles, deixávamos claras nossas intenções de pesquisa e buscávamos interessados em participar do estudo, utilizando-se, assim, do mesmo recurso que eles próprios usavam para se aproximar

de alguém. Talvez seja essa uma das razões que expliquem o porquê de as repostas serem sempre prestativas e prestimosas. Havia reciprocidade e interesse em contribuir com a pesquisa, bem como curiosidade por saber detalhes sobre o estudo (*o que é, quais os objetivos*) e, principalmente, em que nossa pesquisa poderia ajudá-los. Dedicamos algum tempo a esses questionamentos. Ao final dessa primeira bateria de questões e respostas, o que permanecia como *sentimento* central era uma satisfação em participar de uma tese de doutorado, considerando-a como um valor. Alguns demonstravam certa alegria em saber que alguém estudava o tema *namoro virtual*, especialmente por ser um assunto que eles tanto debatiam e discutiam tanto em seus fóruns e enquetes.

Além da observação sistemática e de contatos feitos com membros do Orkut, a descrição contou também com o emprego de imagens das páginas do *site*. De modo a protegê-los, as imagens nas quais aparecem os rostos dos participantes da pesquisa são apagadas. Com o recurso da tecla *print screen*, que captura em forma de *figura* tudo que está na tela do computador, recortamos algumas dessas imagens com dois propósitos distintos: um somente com vistas à ilustração e outro como recurso auxiliar para descrição, uma vez que as imagens nos permitiam ver com maior precisão certos detalhes. É necessário deixar claro, desde o começo, que não é de interesse da pesquisa realizar análises dessas imagens. Ao contrário, estaremos atentos, na maioria das vezes, aos conteúdos escritos. Além do uso dessas imagens, foram realizadas consultas em diversas comunidades virtuais do Orkut, como recurso acessório à descrição. O objetivo era compreender o Orkut através do próprio Orkut. Consultamos sistematicamente uma em especial, considerada a comunidade oficial do Orkut, chamada *Orkut Brasil*, com 1.638.499 membros. Também recebeu visitas constantes o *Blog Oficial do Orkut*⁵¹. Ao consultarmos seu conteúdo, percebemos que, na maioria das vezes, eram postagens dos próprios produtores e engenheiros do *site*.

Ademais, nossa descrição contou com o acompanhamento do *dia a dia* de 14 pessoas, ou melhor, 14 *perfis* do Orkut, que durou em média um ano. Foram realizadas *visitas* frequentes em suas páginas pessoais, *scraps*, *depoimentos*, *comunidades*, *álbuns de fotos*, *vídeos* e *amigos*, entre o período de junho de 2010 a agosto de 2011. Esse grupo pertencia originalmente à comunidade *Conheci meu amor pela internet*. Quando criamos a comunidade da pesquisa, *Compreendendo amores virtuais*, os usuários migraram para esta. E foi a partir daí que os consultamos a respeito da possibilidade de acompanhá-los através de visitas diárias, não havendo objeção por parte deles. O critério de escolha dos perfis foi aleatório. Os

⁵¹ Disponível em: <<http://blog.orkut.com/>>.

primeiros que responderam positivamente foram os eleitos à observação. Trata-se de um grupo formado por 8 mulheres e 6 homens, com média etária entre 19 e 30 anos, residentes em cidades diversas do Brasil como Recife/PE, Pomedoro/SC, Moraújo/CE, Rio de Janeiro/RJ, Natal/RN, Santa Maria/RS, João Pessoa/PB, Belo Horizonte/MG, Salvador/BA, Maceió/AL, Belém/PA, Pelotas/RS, Pedro Leopoldo/MG e Teresina/PI. Os *perfis* pertencentes a esse grupo podem ser considerados os *atores da pesquisa*.

Conforme Recuero (2010, p. 25), os atores “são o primeiro elemento da rede social. Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. [...] Atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”. No estudo do Orkut, os *atores da pesquisa* não são imediatamente discerníveis. Não temos acesso a todos os seus dados, o que é algo próprio desse campo. Assim, nesse caso, como sugere Recuero (2010, p. 25), “trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço. Um ator, assim, pode ser representado por weblog, por um fotolog, por um twitter ou mesmo por um perfil do Orkut”. Os atores desta pesquisa estão, portanto, representados por perfis. Porém, ainda se pode questionar de forma hesitante: por que considerar tais ferramentas, isto é, perfis do Orkut, como atores sociais? Inicialmente, decerto, não são atores sociais. São, antes, “espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade”. (RECUERO, 2010, p. 26). Assim, um aspecto relevante para este estudo é considerar as características da expressão pessoal ou pessoalizada que se dá no Orkut.

1.1 O QUE É O ORKUT? SUAS DINÂMICAS E SUA ARQUITETURA

Antes de nos aproximarmos de uma definição específica e detalhada do Orkut, apresentemos uma de caráter geral. De modo abrangente, podemos defini-lo como um *site* de relacionamento *on-line* que agrega um conjunto de pessoas, seus ideais, crenças, valores, performances, emoções, estilos, conflitos, dramas etc. A interatividade, a interconexão e a inter-relação entre pessoas, mensagens e imagens representam um dos aspectos mais marcantes do Orkut. Sua configuração permite que usuários ponham em movimento várias atividades *on-line* que geram, em consequência, diferentes formas de interação. O Orkut foi estruturado de tal modo que os recursos que o constituem estão todos voltados para práticas sociais interativas. Dedicaremos essa primeira parte do trabalho à sua descrição.

São seis os principais recursos que animam as práticas sociais no Orkut, todos passíveis de suscitar formas variadas de interação, vejamos: 1) a construção dos *perfis* (sempre constante); 2) a atividade de convidar e ser convidado por *amigos*, 3) as postagens de fotos e vídeos; 4) o envio de recados e depoimentos; 5) o uso do bate-papo; e 6) a participação em comunidades por meio de fóruns e enquetes. A interação mediante tais recursos permite, por exemplo, que pessoas tornem-se amigas, namoradas, casem-se (ou divorciem-se), obtenham um emprego, reúnam-se em torno da discussão de temas específicos etc. Essas interações ocorrem por meio de três linguagens distintas e, ao mesmo tempo, complementares, isto é, os membros do Orkut fazem uso desses recursos interativos por meio da escrita, do áudio e das imagens.

As interações no Orkut são engendradas, desse modo, a partir de um combinado da escrita digitalizada, do som estéreo e da imagem fixa (foto) ou em movimento (vídeo). Para fins de análise, como se notará no decorrer deste trabalho, concentrou-se maior atenção, sobretudo, nas interações que se dão por meio da escrita. O trabalho se tornaria bastante amplo, caso optássemos por todas as formas de interação. Mais adiante, veremos que é sobre as discussões de namoros virtuais em fóruns e enquetes de comunidades virtuais do Orkut que esta pesquisa irá se debruçar, na tentativa de compreender a formação dos vínculos amorosos contemporâneos. Os fóruns e enquetes, por sua vez, são predominantemente escritos – essa pode ser considerada uma das razões por que privilegiar a escrita em nossa pesquisa.

A construção dos *perfis*

Para dar início à tarefa de descrever os principais recursos do Orkut, comecemos pelo processo de construção dos *perfis*. Ao se constituírem enquanto *membros*⁵² dessa rede *on-line*, as pessoas passam a ter existência física no *site* tão somente na medida em que são apresentadas e descritas em *perfis*. Tal qual no Orkut, o perfil é uma “versão computacional de quem você é”. (ILLOUZ, 2011, p. 111). Em outras palavras, “o objetivo do perfil é enunciar a verdade a respeito do próprio sujeito”⁵³. (ILLOUZ, 2011, p. 116). Nesse sentido, sua construção, na maioria das vezes, mobiliza uma demanda interessante: a pessoa que se descreve no perfil é solicitada, minimamente, a passar por um processo de autoavaliação,

⁵² Diz-se da pessoa pertencente ao Orkut.

⁵³ Trata-se de uma *verdade* construída pelo próprio sujeito e condicionada pelo peso das determinações sociais. Não se tem aqui a falsa ilusão de que o sujeito teria uma verdade completa sobre si mesmo.

autorrotulação ou autoclassificação. Para responder a pergunta *quem sou eu*⁵⁴, em algum momento, é-se levado a refletir⁵⁵ sobre o *eu*⁵⁶. O processo de reflexão presente no momento da construção do *perfil* restringe-se, sobretudo, ao olhar que a pessoa lança sobre ela mesma com vistas a *dizer quem é*.

Esse processo de descrição do *eu* pressupõe, em muitos casos, que a pessoa concentre-se em si mesma para captar e comunicar quem ela é, em geral, sob a forma de gostos, opiniões, fantasias etc., mas há outras formas, como veremos a seguir. No momento em que escrevem ou constroem imagens de seus perfis, as pessoas geralmente são levadas a centrarem-se em si mesmas e, nesse sentido, é comum que recorram à percepção que têm de seu *eu*, mas também à percepção que têm de seu ideal de *eu*. Em decorrência, tal processo de apresentação pessoal é feito, muitas das vezes, de maneira idealizada e supervalorizada. Em outras palavras, apresentam-se no Orkut evocando um *eu idealizado*. Todavia, isso não significa dizer que o *eu* que aparece nos perfis sejam *mentirosos* ou *falsos*. A *verdade* que os sujeitos constroem sobre eles mesmos não é aqui oposta à *ficção*. (RICOEUR, 2000, 1997; WHITE, 1994). A *ficção*, longe de estar exclusivamente ligada à ideia de *irrealidade*, encontra-se antes entrelaçada com certa *verdade imaginada* e construída pelos próprios sujeitos.

Quando as pessoas escrevem sobre *quem são*, revelam como elementos implícitos tanto a *razão* quanto a *imaginação*. Em qualquer *representação adequada da verdade sobre si*, serão necessárias *técnicas ficcionais* essenciais à composição de um discurso verdadeiro sobre o *eu*. Segundo o historiador White (1994, p. 139), “muitos tipos de verdade, mesmo na história, só poderiam ser apresentados ao leitor por meio de técnicas ficcionais de representação. Essas técnicas consistiam em artifícios retóricos, tropos, figuras e esquemas de palavras e pensamento”. Levando em conta essa perspectiva, podemos afirmar que nos perfis do Orkut há o elemento da *ficção*, já que o perfil é elaborado recorrendo-se a um conjunto de *técnicas ficcionais* no ensejo de construir uma representação sobre quem se é no Orkut. Utilizam-se *técnicas* como escrita, imagens, fotos, letras de músicas, poemas, frases, trechos de textos, pensamentos, ideias etc. Teremos oportunidade de detalhar esses aspectos mais adiante.

⁵⁴ Pergunta presente no momento de escrever o perfil.

⁵⁵ Não se trata, entretanto, de que o sujeito, através dessa atividade de construir um perfil, passará por um processo de reflexão ampla que o levará a ter um conhecimento completo sobre si; é antes um momento em que, talvez pela primeira vez, seja levado a pensar sobre quem é ele.

⁵⁶ O *eu* que aparece nos perfis é na verdade uma representação que fazemos de nós mesmos para os outros. Ao cabo de contas, o *eu* corresponde à pessoa para si.

Há uma característica muito peculiar nos perfis que é importante destacar: eles são, a todo o tempo, (re)construídos, (re)elaborados, (re)montados. Trata-se de uma apresentação pessoal em constante estado de mudança, implicando (re)negociações também constantes. Reiteradamente, isso não representa falseamentos do *eu*, mas expressões verdadeiras daquilo que se é ou se deseja ser. Em síntese, no perfil, o *eu* tornou-se algo a ser montado e manipulado, sobretudo para causar impressões. Ou seja, nessas apresentações pessoais, acentua-se um manejo deliberado do *eu* com vistas à criação de impressões programadas.

O trabalho de apresentação pessoal encenado no e através do Orkut pressupõe e implica a capacidade de ser sensível a diferentes situações e de nelas encenar papéis diferentes. No perfil, o *eu* pode ser captado por uma multiplicidade de representações e linguagens, em especial as escritas e as audiovisuais, como afirmado acima. Quando mediadas por essas representações e linguagens, geralmente, as apresentações pessoais assumem um caráter uniforme, homogêneo e padronizado. O processo de descrever o *eu* baseia-se, nesse sentido, em *roteiros culturais da personalidade desejável*. (ILLOUZ, 2011). Nos perfis, as pessoas usam convenções sociais estabelecidas e as aplicam nelas mesmas, como, por exemplo: *Sou muito simpática, Sou bem humorada, Gosto de viajar e sair com amigos, Estou sempre de bem com a vida, Sou divertida e engraçada, Gosto de fazer novas amizades*.

Em outras palavras, o uso da linguagem escrita e audiovisual cria uniformidade e padronização dos perfis. (ILLOUZ, 2011). Trata-se de uma ironia, pois o que se almeja nessas apresentações são justamente a singularidade e a unicidade, capaz de concorrer com os demais perfis, que são numerosos. Desse modo, o aspecto escrito e audiovisual dos perfis põe os sujeitos numa situação de intensa competição com os outros, e o problema que se coloca é o de saber como romper com essa uniformidade. Como todos parecem iguais, o esforço é construir um perfil que chame a atenção, que se destaque dos demais.

Nesse processo de apresentação pessoal, a aparência física adquire uma importância pungente. As fotos postadas ao lado do perfil do indivíduo deflagram que o corpo está presente, apesar dos aspectos *descorporificados* do Orkut. A apresentação física corporal transforma-se em imagens congeladas e fixas, que cristalizam o corpo no presente eterno da fotografia. Essas fotos situam-se, do mesmo modo que os próprios perfis, num *mercado competitivo* de fotografias similares. Como as fotografias representam as pessoas, essas últimas esforçam-se por apresentar sua melhor *pose*. As fotos em geral são sempre bem produzidas, talvez devido aos motivos apresentados por Vlad Patryshev, engenheiro de *software* do Orkut: *sabemos que uma boa fotografia é importante porque é a primeira coisa*

*que as pessoas olham no seu perfil*⁵⁷. Esse processo resulta em quatro consequências, colocando as pessoas numa posição em que: 1) tornam-se conscientes de sua aparência física; 2) suas fotos serão fonte de valor social; 3) são levadas a competir com outras fotos nesse mercado; 4) sua foto e seu corpo ficam em exposição pública. (ILLOUZ, 2011).

Desse modo, o perfil, considerado uma das primeiras demandas que dão acesso ao Orkut, apresenta geralmente três características interessantes que serão retomadas mais à frente, neste trabalho: 1) é construído mediante a decomposição da pessoa em categorias distintas de gostos, opiniões, personalidade e temperamento; 2) converte o *eu privado* numa representação pública, mais precisamente, o perfil torna visível o *eu privado* e o exhibe publicamente para uma *plateia*; 3) contribui para uma espécie de “textualização da subjetividade”, ou seja, “para uma forma de apreensão de si mesmo em que o eu é externalizado e objetificado através de meios visuais de representação e linguagem”. (ILLOUZ, 2011, p. 113).

Em suma, elaborado o perfil, as pessoas passam a contar com uma página de apresentação pessoal na Web (ver abaixo na Figura 1 um exemplo de perfil construído para a pesquisa). É desse modo que se iniciam as interações públicas com os demais. Essas interações, reiteradamente, estabelecem-se através de convites de *amigos*, de trocas de comentários escritos em *scraps*, no processo de exposições de suas fotos e imagens, vídeos, preferências pessoais etc. Com essas características, o Orkut pode ser classificado enquanto um *site de redes sociais* que, segundo Recuero (2010, p. 102), “são aqueles sistemas que permitem: 1) a construção de uma *persona* através de um perfil ou página pessoal; 2) a interação através de comentários; 3) a exposição pública da rede social de cada ator”. Por meio desse *site de rede social*, é possível listar, encontrar e fazer amigos(as), formar e participar de comunidades virtuais.

⁵⁷ Postado em 15 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://blog.orkut.com/>>. Acesso em: 4 jul. 2011.

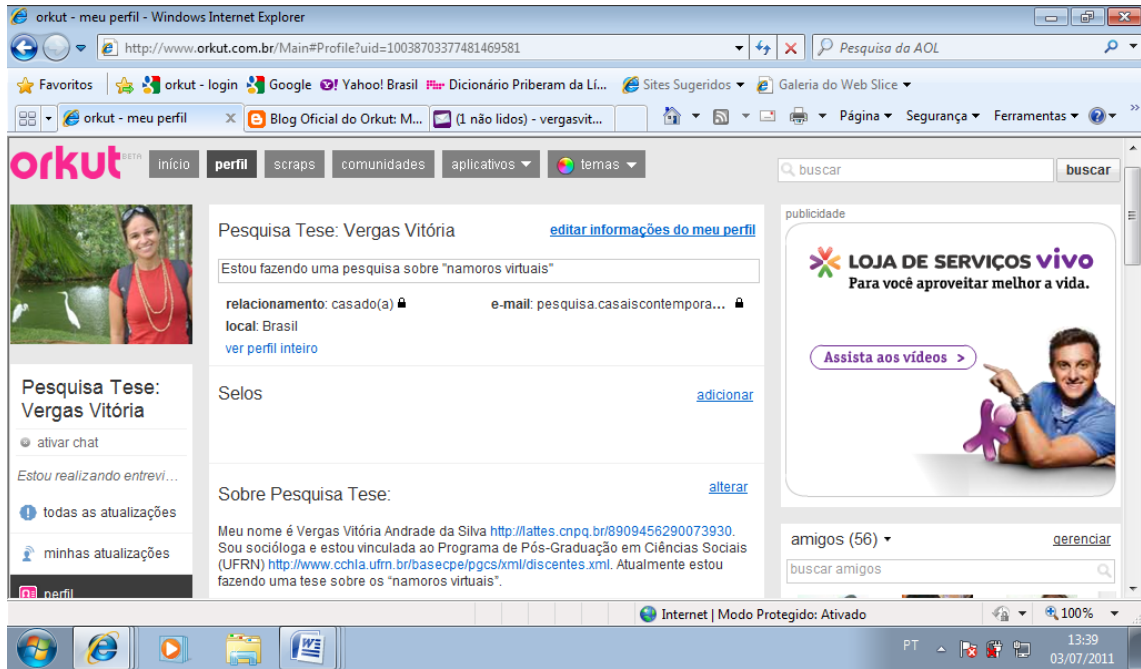


Figura 1: O perfil da pesquisa no Orkut

Destacamos abaixo os 14 perfis que serão analisados nesta pesquisa. Como se pode evidenciar, o Quadro 1 demonstra, em termos gerais, o modo como essas pessoas no Orkut esforçam-se por se descrever e por enunciar uma *verdade* sobre o *eu*. No quadro em questão, é possível notar as estratégias levadas a efeito por esses grupos, tomadas aqui como exemplo para construir uma *versão computacional de quem são* no Orkut. Doravante, passemos a contar com esse quadro de perfis com vistas tanto a cotejar com a descrição e discussões feitas até agora quanto a demonstrar como se dá o processo de produção desses perfis.

A análise inicial do quadro abaixo chama a atenção para três características inerentes à construção dos perfis, anunciadas no início deste capítulo. Quanto à primeira, todos os perfis apresentados abaixo fazem uso da escrita digitalizada, considerada por nós uma *técnica ficcional*, podendo-se, desse modo, notar que os envolvidos na construção dos perfis levam em conta a *ficção* para dizer quem são. Em relação à segunda, percebe-se que os perfis em questão contribuem para uma espécie de *textualização da subjetividade*, expressão utilizada por Eva Illouz (2011) para demonstrar que pessoas, quando constroem perfis, *objetificam* e apreendem a si mesmas através dos meios visuais de representação e linguagem escrita. No que se refere à terceira e última característica, os perfis abaixo convertem as pessoas em *representações públicas*, pois todas elas apresentam-se em páginas pessoais na internet, visíveis para muitas pessoas.

Perfil	Quem sou eu?
Mônica	<i>Futura Turismóloga, Alvinegra, bipolar, inconstante, super conversadeira, cheia de manias, fresca, chata, quase anti-social</i>
Renato	<i>Quem é o Renato?? Tanta coisa pra falar do meu amor e eu tenho que resumir nesse minúsculo perfil... Ele é aquele que melhora os meus dias.! Ele é aquele que acredita independente da opinião dos outros! Ele é aquele SUPER GAROTO que toda garota sonha.! Ele é aquele garoto que faz meu coração bater acelerado.! Ele é o garoto que me faz sentir o melhor sentimento do mundo!</i>
Amanda	<i>A namorada do Mário</i>
Mário	<i>O namorado da Amanda</i>
Adriana	<i>Não vejo mistério em ser simples, nem loucura em ser sincero, apenas levo as coisas da maneira como gostaria que elas fossem, apenas vivo o meu destino na esperança de que, seja lá onde este caminho der, o final vai ser sempre o melhor possível, não para mim, mas para a minha história, e independente do espetáculo, ou do fracasso, das lágrimas que vão cair, ou das gargalhadas que vou ecoar no final eu vou estar ali feliz por tudo que fiz, e resignado com o próximo passo que vou dar. Acho que este é o encanto da vida.</i>
Beto	<i>Estou aqui para falar um pouquinho do meu amor.. amooor você é a pessoa mais importante do mundo.. eu amo esse seu jeito de ser.. amo seus carinhos.. suas brincadeiras.. amo você por inteiro.! como é bom estar apaixonada por alguém como você. Taõ diferente, Taõ especial, Taõ único. as vezes penso estar sonhando, ate por que para mim, você é um anjo! Me faz flutuar até as nuvens, e voltar delicadamente;</i>
Laura	<i>Aquela que não tem medo de ser quem realmente é! Enquanto vocês riem de mim por eu ser diferente...eu apenas sorrio,pois todos vocês são iguais! Sou igual remédio...saiba respeitar a dose e serei sua cura, caso contrário, serei seu pior veneno !</i>
Carlos	<i>A verdade é que todo mundo vai te machucar. Você apenas tem que encontrar aqueles pelo qual vale a pena sofrer.</i>
Nívia	<i>Ser noiva é... Sonhar com o vestido de noiva o tempo todo. Falar de casamento até cansar e cansar! Se emocionar de verdade ao ouvir a marcha nupcial e outras músicas de casamento. Ter crises de choro e estresse e entrar na famosa TPM (Tensão Pré Matrimônio)...</i>
Igor	<i>Ser noivo é... Arcar com responsabilidades que antes não tinha...Compreender o universo das noivas... É aguentar os “xiliques” da amada...Entender a importância de Bem-casados e lembrancinhas... É tentar ser “delicado” pra falar com a noiva quando algo não nos agrada...</i>
Rafaela	<i>Eu amo você, e é só isso que nos importa. Então esquece o quê as pessoas dizem, o quê elas acham, não importa. Me dá a tua mão e foje comigo. Farei de ti a pessoa mais feliz deste mundo, basta dizer sim e só terei olhos pra ti...</i>
Gabriel	<i>Momentos felizes e Inesquecíveis ao Lado do meu amor, mas agora infelizmente é hora de voltar. Te Adoro minha Flor vou mas te levo comigo no meu coração</i>
Andressa	<i>O mundo la fora te julga, te condena e te incrimina. E a verdade é que NENHUM deles te conhece. Mas isso não importa para eles!!</i>
Eliane	<i>Esperando um bebê!!!!</i>

Quadro 1: Os atores da pesquisa – os perfis

Com o propósito de destacar os principais elementos que caracterizam os *perfis* do Orkut numa perspectiva mais empírica, adotemos, para um primeiro exercício de análise, os acima descritos. É interessante observar que tais perfis deflagram diferentes aspectos a respeito do processo de construção da *verdade* sobre *quem se é* no Orkut. Eles revelam seis formas variadas das quais as pessoas lançam mão para elaborar uma versão de *si mesmas* neste *site*. Passemos a apresentá-las.

Tomando como parâmetro os perfis apresentados no Quadro 1 (acima), notemos que a primeira forma se expressa nas ocasiões em que, no ensejo por *dizerem quem são*, as pessoas exprimem certa descrição do *eu* decompondo-se em categorias gerais de gostos, opiniões, religião, profissão, humor, sentimentos, ideais, preferências etc. Esse é o caso, por exemplo, do perfil de Mônica. A partir dele, podemos presumir que para responder à pergunta *Quem sou eu*, ela tenha passado minimamente por processo de autoavaliação. Ao se entregar à tarefa de construir seu perfil, foi imprescindível para Mônica lançar sobre si um olhar. A condição necessária para responder à pergunta *quem sou eu* exigiu-lhe um procedimento mínimo de reflexão, uma vez que, conforme a socióloga Mariana Thibes (2008, p. 10, grifo do autor), toda elaboração de perfil implica “um exercício de *construção do eu*, criando uma reflexividade constante sobre a identidade”. A resposta apresentada desvela a percepção que Mônica tem do seu *eu*, de modo que se autorrotula decompondo-se nas seguintes categorias: *futura turismóloga, alvinegra*⁵⁸, *bipolar, inconstante, super conversadeira, cheia de manias, fresca, chata, quase anti-social*.

A segunda forma empregada pelo grupo para construir um *perfil* ou uma *verdade sobre si* é aquela em que se descrevem levando em conta depoimentos de tipos amorosos elaborados por seus(as) parceiros(as). Trata-se de uma forma atípica de *perfil*, deparando-se com *perfis* em que sua construção não é pessoal, mas, sim, algo raro. No entanto, apesar de incomum, defrontamo-nos com dois casos em que a resposta à pergunta *quem sou eu* foi escrita por uma terceira pessoa, mais precisamente, foi formulada por suas namoradas, como é o caso dos perfis de Renato e de Beto (Quadro 1). Neles, os dois jovens são descritos nos perfis a partir do olhar de suas parceiras, que os descrevem tendo como base uma *gramática amorosa romântica*. Em vez de uma descrição pessoal pautada na decomposição em categorias gerais como gosto, opinião etc., considerada mais comum, há descrições feitas por outras pessoas, mediante categorias amorosas.

Como se observa no Quadro 1, Renato é descrito por sua namorada como aquele *que melhora os meus dias!* [...] *Ele é aquele SUPER GAROTO que toda garota sonha!* *Ele é aquele garoto que faz meu coração bater acelerado!* Beto, por sua vez, é descrito por sua namorada como a *pessoa mais importante do mundo.. Tão diferente, Tão especial, Tão único*. Apesar dessa condição atípica, é necessário sublinhar que Renato e Beto são os verdadeiros atores e sujeitos de seus perfis. A despeito de a pergunta *quem sou eu* não ter sido respondida pelos *titulares* dos perfis, eles, em grande proporção, também participam de sua elaboração,

⁵⁸ Referindo-se ao time pelo qual torce, chamado ABC Futebol Clube, cujas cores são branco e preto.

na medida em que aceitam, consentem e legitimam a descrição feita. Esse entendimento, entretanto, em algum momento, contradiz o argumento acima que versa sobre o processo pessoal de autoavaliação, autorrotulação ou reflexão, possível no momento em que se escreve *sobre si* no perfil.

A contradição, no entanto, é somente aparente, pois um olhar mais acurado sobre essa atipicidade leva-nos a crer que o processo de autoavaliação parece ocorrer do mesmo modo nesse caso também, mas com alguma variação. Renato e Beto acolhem a descrição feita como se fosse deles. Na verdade, o processo de autoavaliação ocorre primeiro pelo olhar do outro: *se é assim que me veem, melhor verificar*. Essa descrição passa também por um processo de reflexão, pois Renato e Bento são levados a lançar um olhar sobre si mesmos para confirmarem ou contestarem aquilo que foi dito sobre eles, de modo que no fim refletem e se autoavaliam. Ao cabo de contas, creem que são realmente aquilo que está escrito no depoimento de suas namoradas. Ao contrário do primeiro caso descrito acima (o perfil de Mônica), que exige que o criador do perfil passe primeiramente por um processo de autoavaliação ou autorrotulação para descrever-se, diferentemente, nesse caso, Renato e Beto passam pelo processo de autoavaliação depois que são descritos.

A terceira maneira refere-se àquelas pessoas que constroem seus perfis ou dizem *quem são* a partir do anúncio de seu estado em termos de relacionamento amoroso, isto é, *namorando, casado, divorciado* etc. Nesses casos, o *eu* aparece vinculado a uma parceira amorosa, como é o caso dos perfis de Mário e Amanda, Nívia e Igor. Ambos os casais aparecem identificados por seus vínculos afetivos. Por exemplo, ao responder a pergunta *quem sou eu*, Amanda registra: *A namorada do Mário*. Ele, do mesmo modo, responde a mesma pergunta da seguinte forma: *O namorado de Amanda*. Nívia e Igor, igualmente, escrevem sobre si definindo-se, respectivamente, como *sou noiva* e *sou noivo*. Vejamos um breve trecho de seus perfis, respectivamente, em que eles se descrevem como: *Ser noiva é... sonhar com o vestido de noiva o tempo todo; Ser noivo é... Arcar com responsabilidades que antes não tinha*.

A quarta maneira destacada pelo grupo quando do momento de elaborar um perfil é aquela arquitetada por intermédio de declarações de amor. São os casos dos perfis de Rafaela e Gabriel. Ambos constroem uma perspectiva de *quem são* no Orkut a partir do sentimento amoroso que expressam um pelo outro. A declaração de amor funciona, aqui, como um elemento constitutivo do *eu*. Eles apresentam-se nos perfis reconhecidamente como *apaixonados*. O *eu* se reduz, nesses casos, a categorias românticas. Rafaela enuncia *quem é* no Orkut declarando-se: *Eu amo você, e é só isso que nos importa. Então esquece o quê as*

peessoas dizem, o quê elas acham, não importa. Gabriel, de modo igual, responde a pergunta *quem sou eu* a partir da seguinte confissão de amor: *Momentos felizes e Inesquecíveis ao Lado do meu amor, mas agora infelizmente é hora de voltar. Te Adoro minha Flor vou mas te levo comigo no meu coração.*

De acordo com os elementos dispostos no Quadro 1, a quinta forma utilizada pelos perfis para responder a pergunta *quem sou eu* é aquela em que as pessoas anunciam um atual *estágio da vida*, isto é, a definição de si está pautada numa situação transitória pela qual vive o sujeito. Nesses casos, as pessoas dirão *quem são* tendo como parâmetro uma condição vivida recentemente, uma etapa ou fase da vida. Como exemplo, temos o perfil de Eliane, no qual ela descreve-se a partir do anúncio de sua gravidez. Por ser considerada uma fase muito importante de sua vida, constrói uma representação do seu *eu* vinculada à ideia da maternidade. Em seu perfil, ela se expressa definindo-se como *mãe* a partir do seguinte anúncio: *Estou grávida.*

A sexta e última maneira é a que deflagra os perfis de Amanda, Laura, Carlos e Andressa. Neles, o *eu* é apresentado e definido por meio de frases, pensamentos, ideias ou trechos de textos que parecem dizer algo sobre seus sentimentos pessoais. Eles expressam quem são evocando de empréstimo palavras ou expressões de outros autores. Embora não possam ser considerados os agentes diretos dos textos, identificam-se com eles de tal modo que tais escritos passam a dizer algo sobre *quem são* ou o que estão sentindo naquele momento. Assim, os textos que apresentam nos perfis falam por eles.

No caso do perfil de Carlos (Quadro 1), o que se vê é a expressão de sentimentos deflagrados pela frase de um autor desconhecido, mas que Carlos toma como sua. O conteúdo da frase, da qual se vale para dizer *quem é*, anuncia que todos nós estamos sujeitos à dor e ao sofrimento quando se trata de nossos relacionamentos com os outros. Por meio desse conteúdo, ele constrói uma perspectiva de *quem ele é* no Orkut. Carlos define-se com a seguinte frase: *A verdade é que todo mundo vai te machucar. Você apenas tem que encontrar aqueles pelo qual vale a pena sofrer.* Andressa, igualmente, parece empregar a mesma fórmula, definindo-se com base no sentimento expresso numa frase que toma como sua. O seu perfil é construído a partir do conteúdo expresso pela frase que fala dos males causados pelo julgamento dos outros. Em seu perfil, Andressa apresenta-se assim: *O mundo lá fora te julga, te condena e te incrimina. E a verdade é que NENHUM deles te conhece. Mas isso não importa para eles!!.*

Ademais, é ainda necessário ressaltar que nos perfis, como verificado acima, as pessoas poderão *apresentar-se* no Orkut recorrendo à percepção que têm do seu *eu* ou,

igualmente, à percepção ideal do seu *eu*. De modo a corroborar essa proposição, consideremos o perfil de Adriana (Quadro 1). Tal qual o exemplo de Laura, Carlos e Andressa, Adriana também se define tomando como modelo frases de valor simbólico. Em seu perfil, as frases são utilizadas de modo tão enfático que o *eu* aparece de forma superidealizada e valorizada. Ela vale-se dessas frases para descrever-se como alguém *simples* e *sincera*. No seu perfil, Adriana vive um *destino esperançoso* e, por essa razão, ele [o seu destino] *será o melhor possível* e, no final das contas, ela *será feliz por tudo que fez*. Trata-se de um ideal de *eu* construído por ela que não está em oposição à *ficção*. De forma reiterada, é importante destacar que Adriana não se apresenta nesses termos recorrendo ao recurso da *mentira* ou da *irrealidade*. Ela se vale da escrita em sua apresentação, tomada, mais uma vez, como uma *técnica ficcional*.

Os perfis que estamos adotando para análise, de forma geral, apresentam a marca constante da reconstrução, da remontagem e da renegociação. O *eu* aqui é a todo tempo montado e remontado com vistas a causar impressões. Comparemos dois perfis construídos pela mesma pessoa, Laura, um recolhido em 17/07/2011 e outro em 20/09/2011. Ela, do mesmo modo de Adriana, Carlos e Andressa, também se vale de frases para construir seu perfil. Entretanto, nesse caso, observemos tão somente as formas variadas que um mesmo perfil pode assumir no Orkut. Vejamos como o *eu* apresenta-se modificado nas duas versões. Na primeira (Quadro 1), ela se mostra como: 1) alguém *que não tem medo de ser quem é*; 2) alguém *diferente*, que se distingue dos demais, considerados por ela *todos iguais*. Como nos perfis é necessário causar impressões, ela termina sua apresentação com a seguinte de frase de efeito: *Sou igual remédio... saiba respeitar a dose e serei sua cura, caso contrário, serei seu pior veneno!*

Na segunda versão, ver abaixo, Laura parece apresentar-se de modo a *brincar* ou *escarnecer* com quem ler seu perfil. Ela descreve-se compondo seu perfil com algumas *obviedades*, com o intuito de ocultar e revelar ao mesmo tempo informações sobre si. Trata-se de um *jogo* em que o maior objetivo é causar impressões e diferenciar-se dos demais perfis. Nessa apresentação, ela se mostra como *a menina da foto* (referindo-se à sua foto, presente em seu perfil), a *amiguinha daqueles ali* (referindo-se aos seus *amigos* do Orkut); mas caso alguém queira saber mais sobre ela, anuncia: *é só dar uma olhadinha nas minhas comunidades*. Assim, Laura parece afirmar que suas comunidades podem dizer muito sobre ela. Vejamos, abaixo, a descrição completa.

Quem sou eu? A menina dá foto << e amiguinha dakeles alie >> Quer saber mais sobre mim? Dá uma olhadinha nas minhas comus q vc descobre...se eu fosse falar

tudiin akie,o perfil ia fikr mto longo e todo mundo sabe q ninguém lê perfil longo / blééé [...] Veio me visitar? Tbm será visitado. Quer privacidade? Compra um diario uééé 😊 Veio fuçar? Perdeu a viagem... o melhor da minha vidinhaa eu faço em off 😊 Quer comentar minhas fotos? Ótimo, [...] Sem maais ...

Conforme as duas versões do mesmo *eu*, expressas pelos perfis de Laura, evidencia-se que a apresentação pessoal no Orkut, longe de ser estática ou fixa, demonstrará sempre um caráter dinâmico. Os perfis encontram-se em frequente estado de mudança, o que implica (re)negociações entre os sujeitos, também constantes. Consequentemente, no perfil, o *eu* tornou-se mais flexível, aberto e múltiplo. Em função da estrutura facilitadora do Orkut, os indivíduos apresentarão tantos *eus* quantos forem as diferentes pessoas cuja opinião lhes interesse. Os indivíduos poderão projetar na presença dos outros diferentes definições do *eu*, dada a especificidade de cada situação em que se envolvem ou dado seu estado de espírito ou humor. O *eu* no perfil poderá ser montado e construído sob diferentes óticas e em definitivas vezes.

Para os propósitos desta seção, estamos tomando a demanda de elaboração de um *perfil*, de modo geral, como uma forma de *representação*, nos termos de Goffman (1985). A respeito dessa noção, o autor afirma: “Venho usando o termo *representação* para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. (GOFFMAN, 1985, p. 29).

O perfil do Orkut se equipara a uma forma de *representação* na medida em que se refere a uma *atividade* que supõe a *presença contínua* de *observadores*, que são considerados, neste trabalho, os *membros* do Orkut, os quais podem ter alguma *influência* sobre os demais participantes. Esse trabalho de *representação* pressupõe ainda o que Goffman (1985, p. 23) chama de *desempenho*, que diz respeito a “toda atividade de um determinado participante que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos demais participantes”. O que interessa reter é que a razão de ser da construção de um perfil está na possibilidade da presença de pessoas suscetíveis a sofrerem influência. Ninguém que frequenta o Orkut estaria ocupado em criar um perfil para si próprio, uma vez que este é elaborado pensando nos demais membros.

Outro termo importante para pensar o trabalho de elaboração do perfil no Orkut, também ligado à noção de *representação*, é o termo *fachada*. Goffman (1985, p. 29) o utiliza para referir-se a um “equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a representação”. Tomando como

referência essa noção, o que se vê nos perfis são formas de expressões que, em geral, aparecem padronizadas, de modo que o indivíduo as utiliza com vistas a passar, tomando de empréstimo as palavras de Goffman (1985, p. 13), a “impressão que lhe interessa transmitir”. Isso porque “quando um indivíduo se apresenta diante de outros, terá muitos motivos para procurar controlar a impressão que estes recebem da situação”. (GOFFMAN, 1985, p. 23).

De forma específica, entretanto, estamos tomando os perfis do Orkut enquanto “fachada pessoal”. (GOFFMAN, 1985). No perfil, os indivíduos se esforçam por dizer quem são, construindo suas *fachadas pessoais* de modo a expressarem um conjunto de elementos que os apresente como o *próprio ator*, estando preocupados em apresentar seu sexo, idade, raça, altura, aparência etc. Vejamos como Goffman (1985, p. 31) conceitua *fachada pessoal*:

Podemos tomar o termo fachada pessoal como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência.

A construção do perfil ou da *fachada pessoal* constitui uma demanda muito importante, pois se presta ainda a uma *apresentação do eu* no Orkut, no sentido goffmaniano. Essa noção, na perspectiva adotada pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2004), em seu artigo *Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno*⁵⁹, refere-se a um

conjunto das estratégias através das quais os sujeitos sociais esforçam-se para construir sua *identidade*, moldar sua imagem social, em suma, *se produzir*: os sujeitos sociais são também atores que se exibem e que, em um esforço mais ou menos constante de encenação, visam a se distinguir, a dar a “melhor impressão”, enfim, a se mostrar e a se valorizar. (BOURDIEU, 2004, p. 12).

Inferimos que essa forma de *apresentação do eu*, ou seja, essa maneira pela qual o indivíduo se apresenta a si mesmo, está de algum modo presente na construção dos perfis do Orkut. Ela é possível na medida em que o próprio Orkut disponibiliza um conjunto de recursos que incitam a descrição pessoal. Isto é, a estrutura física do Orkut permite aos seus membros, mais uma vez referindo-se às palavras de Bourdieu (2004), construir suas *identidades*, moldarem suas *imagens*, *produzirem-se* na rede social Orkut. Tomemos como modelo, novamente, o *perfil* de Mônica, membro do Orkut. Vejamos abaixo na Figura 2 como

⁵⁹ Publicado originalmente no jornal *Le Monde* em 4 de dezembro de 1982.

ela *apresenta-se*, como responde a pergunta *quem sou eu* e como constrói sua *fachada pessoal* em sua página inicial do Orkut.

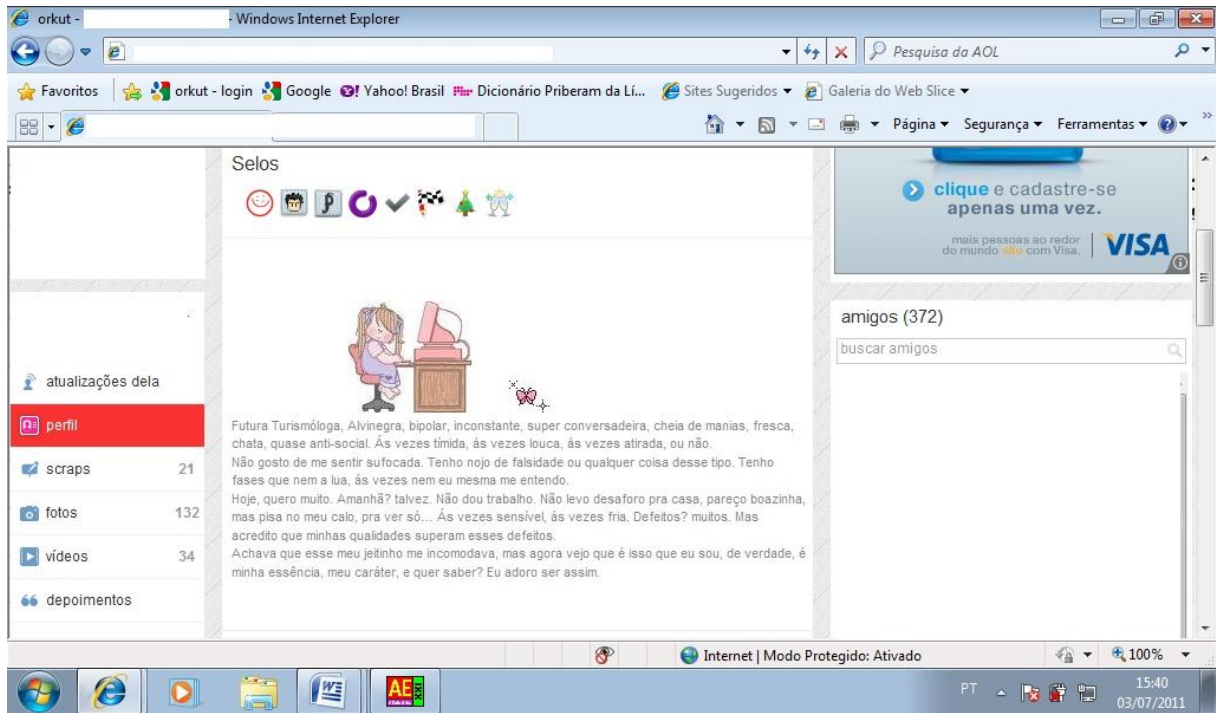


Figura 2: Perfil de Mônica⁶⁰

Futura Turismóloga, Alvinegra, bipolar, inconstante, super conversadeira, cheia de manias, fresca, chata, quase anti-social. Às vezes tímida, às vezes louca, às vezes atirada, ou não. Não gosto de me sentir sufocada. Tenho nojo de falsidade ou qualquer coisa desse tipo. Tenho fases que nem a lua, às vezes nem eu mesma me entendo. Hoje, quero muito. Amanhã? talvez. Não dou trabalho. Não levo desaforo pra casa, pareço boazinha, mas pisa no meu calo, pra ver só... Às vezes sensível, às vezes fria. Defeitos? muitos. Mas acredito que minhas qualidades superam esses efeitos. Achava que esse meu jeitinho me incomodava, mas agora vejo que é isso que eu sou, de verdade, é minha essência, meu caráter, e quer saber? Eu adoro ser assim.

Nesse perfil, que estamos tomando como um exemplo paradigmático, é possível perceber como Mônica *apresenta a si mesma e as suas atividades às outras pessoas* que frequentam o Orkut. O que interessa é deixar claro que ela faz sua *apresentação* e dá seu *espetáculo para benefício de outros*. Isto é, ela age de tal modo que, *com ou sem intenção*, apresenta a si mesma visando *impressionar* os outros. Há razões que a levam a atuar de forma a transmitir às outras pessoas a *impressão* que lhe interessa transmitir. Isso, entretanto, não quer dizer que sua apresentação seja *mentirosa ou fantasiosa*. Mônica, como todos os demais

⁶⁰ Disponível em: <www.orkut.com.br>. Acesso em: 03 jul. 2011.

membros do Orkut que constroem seus perfis descrevendo-se, crê no *papel* que está representando, ou seja, está sinceramente convencida de que a *impressão da realidade que encena é a verdadeira realidade*.

Outro aspecto interessante a destacar dessa *apresentação* é o modo como Mônica apresenta uma *impressão idealizada de si mesma*. Segundo Goffman (1985, p. 46), “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade”. Há uma forte tendência de que os indivíduos em situação de *apresentação* ofereçam “a seus observadores uma impressão que é idealizada de várias maneiras”. (GOFFMAN, 1985, p. 40). Isto é, Mônica dá expressão a padrões ideais e, conseqüentemente, pode em sua apresentação no Orkut ter abandonado ou escondido ações que não sejam compatíveis com esses padrões. Nesses termos, ela poderá ainda em sua *apresentação* ter acentuado certos aspectos e dissimulado outros, pois “quando um indivíduo faz uma representação esconde tipicamente mais que prazeres e poupanças impróprias”. (GOFFMAN, 1985, p. 46).

A construção da *fachada pessoal* supõe, ainda, o preenchimento do que o *site* chama de *perfil completo*. Assim, além de *apresentar-se* na página pessoal respondendo a pergunta *quem sou eu*, pode-se preencher informações a respeito de si mesmo a partir de quatro categorias presentes na estrutura do *site*, também móveis, que servem ao propósito de *apresentação do eu*, sendo elas: *geral, social, profissional e pessoal*. Tais categorias trazem subsídios para o detalhamento da *apresentação*, servindo como forma de construir uma perspectiva de quem se é nessa rede social *on-line*. Vejamos no Quadro 2 abaixo quais as informações solicitadas por cada categoria. Notemos como elas sugerem um detalhamento específico do *eu*.

Geral	Social	Profissional	Pessoal
Nome, sobrenome	Filhos	Nível de escolaridade	Cor dos olhos
Sexo	Etnia	Empresa e o e-mail de onde trabalha	Cor do cabelo
Cidade, estado, país, endereço e CEP ⁶¹	Religião	Escola ou faculdade/universidade onde estuda	Tipo físico
E-mail, telefone, endereço de <i>MSN</i>	Visão política	-	Aparência
Situação em termos de relacionamento amoroso: solteiro(a), casado(a), namorando(a), relacionamento aberto	Orientação sexual Cidade natal Página na Web Tipo de humor Paixões Esportes	-	O que mais gosto em você mesmo O que mais te atrai

⁶¹ Código de Endereçamento Postal.

ou casamento aberto	Livros Músicas Programas de TV Estilo de se vestir (alternativo, casual, clássico) Fuma Animais de estimação Bebe Com quem mora Cinema Cozinha		
---------------------	---	--	--

Quadro 2: Informações solicitadas no *perfil completo*

Tomemos novamente o caso do perfil de Mônica. Observemos como ela preenche as quatro categorias, *apresentando-se*, desse modo, de forma mais ou mesmo completa no Orkut. Na categoria social, ela disponibiliza seu endereço do *Twitter*; divulga estar solteira; seu aniversário, em 10 de janeiro; sua idade, 22 anos; e cidade onde mora (Figura 3). No que se refere à categoria *social*, ela então se apresenta no Orkut como uma pessoa que não tem filhos, que seu humor é extrovertido, extravagante e simpático, que gosta de animais de estimação e o livro que mais gostou foi *O caçador de pipas*. Quanto ao programa de TV que mais gosta, destaca *os seriados*. A cozinha que aprecia é a nordestina. É cristã, não fuma nem bebe. Mora sozinha, e a paixão que tem na vida é *ser diferente e nunca fingir*. Seu esporte predileto é o futebol, sua música preferida é *Colbie Caillat - I Never Told You* e o gênero de cinema que mais gosta é *uma boa comédia* (ver abaixo na Figura 3).

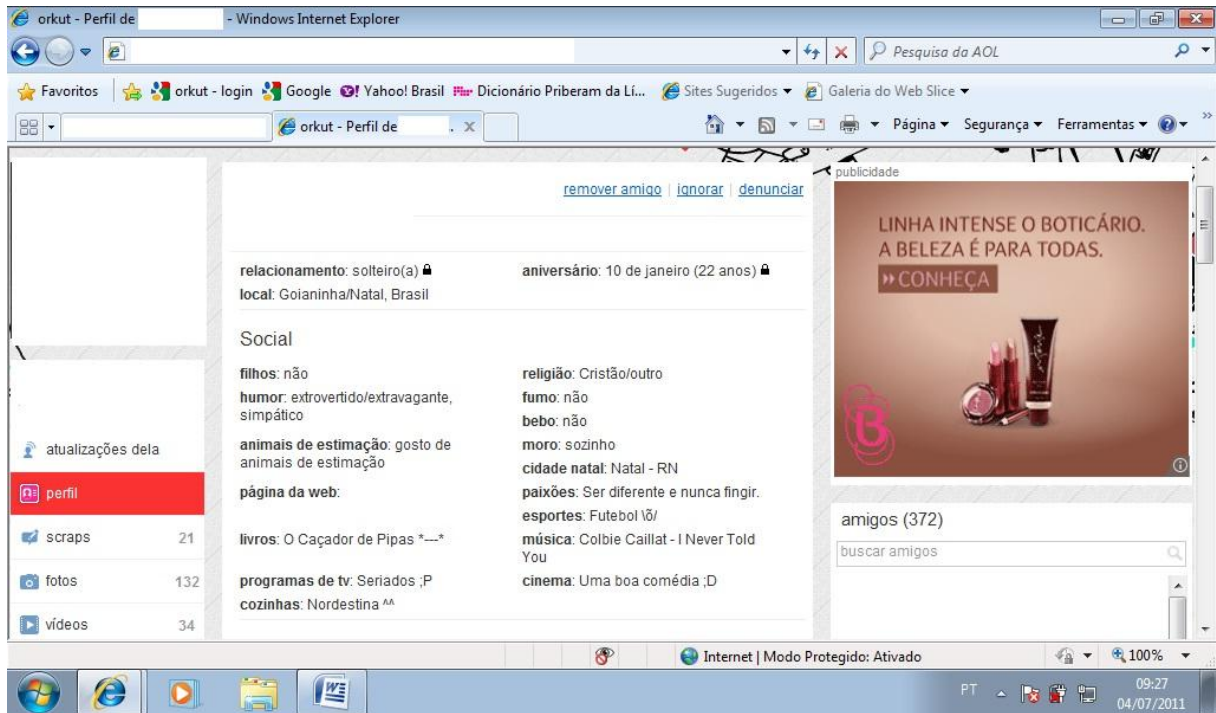


Figura 3: Perfil de Mônica – categoria geral e social⁶²

A respeito da categoria *profissional*, Mônica *apresenta-se* com escolaridade em nível superior incompleto e fazendo faculdade de turismo na UFRN (Figura 4). A última categoria disponibilizada pelo Orkut é a chamada *pessoal*. Nela, Mônica *apresenta-se* divulgando a cor dos seus olhos: castanhos, afirmando ser o que mais gosta em si mesma. A cor de seus cabelos é castanho escuro e, por fim, o que mais lhe atrai são *convicção, inteligência, demonstração de afeto e tempestades* (Figura 4).

⁶² Disponível em: <www.orkut.com.br>. Acesso em: 04 jul. 2011.

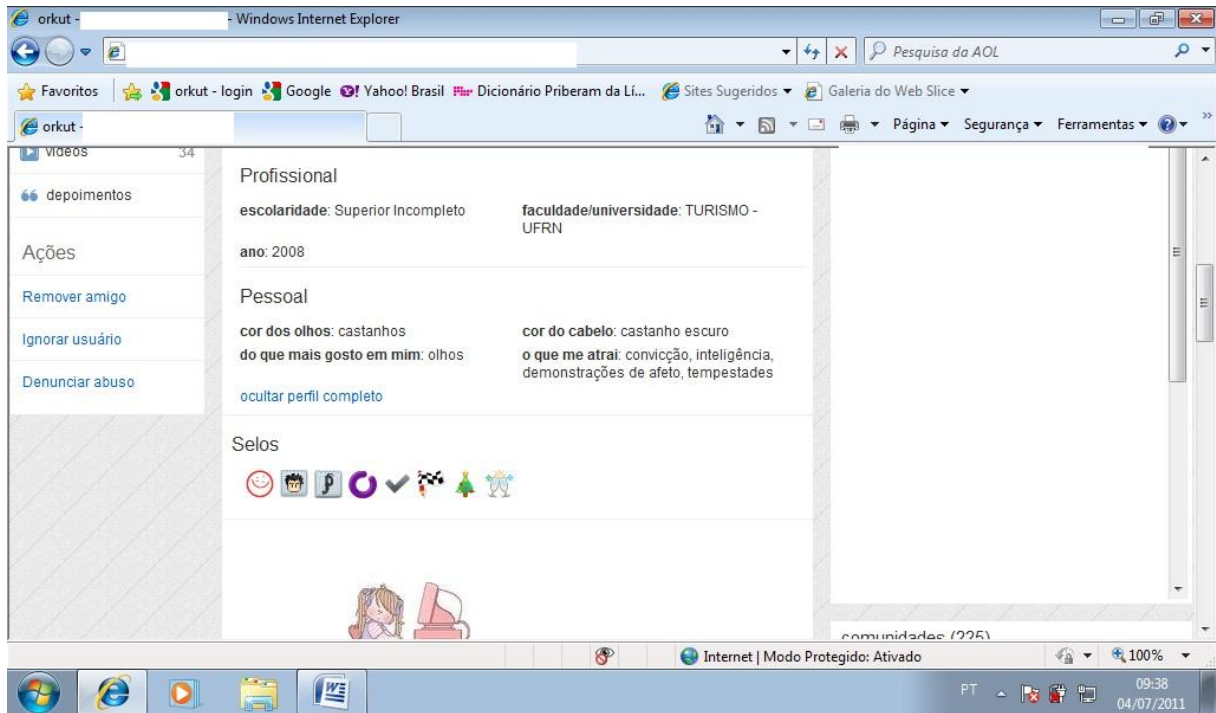


Figura 4: Perfil de Mônica – categoria profissional e pessoal⁶³

No Orkut, portanto, Mônica e todos os demais membros da rede têm a oportunidade de transmitir informações a seu próprio respeito por meios *cênicos*. Como antes afirmado, a apresentação pessoal não é feita senão visando os outros, ou melhor, no caso do Orkut, visando os demais *membros* que fazem parte dele. Nesse sentido, estamos considerando-os, tal qual a noção desenvolvida por Goffman (1985, p. 78), “equipe de representação” ou abreviadamente “equipe”. Goffman (1985) se valerá dessa noção para referir-se a qualquer grupo de indivíduo que coopere na encenação de uma rotina particular. Em outras palavras: “um membro de equipe é alguém de cuja cooperação dramaturgicamente um indivíduo depende para promover uma dada definição da situação”. (GOFFMAN, 1985, p. 81). O autor faz ainda uma observação, qual seja: uma equipe não é um grupo em relação a uma *interação*, isto é:

Uma equipe pode ser definida como um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária, para ser mantida uma determinada definição projetada da situação. Uma equipe é um grupo, mas não um grupo em relação a uma interação, ou série de interações, na qual é mantida a definição apropriada da situação. (GOFFMAN, 1985, p. 99).

Num outro sentido, será conveniente muitas vezes usar o termo de Goffman (1985), *região de fachada*, para referir-se ao Orkut propriamente tido. Uma *região*, para esse autor, “pode ser definida como qualquer lugar que seja limitado de algum modo por barreiras à

⁶³ Disponível em: <www.orkut.com.br>. Acesso em: 04 jul. 2011.

percepção”. (GOFFMAN, 1985, p. 101). A *região de fachada*, por sua vez, é o lugar em que a *representação* é executada. Nesses termos, o Orkut ou, como nós também o designamos, a *região de fachada* é um espaço privilegiado no qual uma dada *encenação* pode ser realizada. Nela, os *membros* do Orkut esforçam-se por *apresentar* a si mesmos na medida em que, também, incorporam em suas ações ou atividades padrões sociais tidos válidos para o grupo. Isso ocorre porque “a representação de um indivíduo numa região de fachada pode ser vista como um esforço para dar a aparência de que sua atividade nessa região mantém e incorpora certos padrões”. (GOFFMAN, 1985, p. 102).

Por fim, é, ainda na *região de fachada*, o lugar onde se executa o que Goffman (1985, p. 191) designa de “a arte de manipular a impressão”. Trata-se de um atributo necessário a um *ator* para o trabalho de *representar*, com sucesso, um determinado *personagem*. Conforme Goffman (1985, p. 228), a *impressão* refere-se a uma fonte de informações a respeito de “fatos não aparentes e como meio pelo qual as pessoas que a recebem podem orientar sua resposta ao informante, sem ter de esperar que todas as consequências das ações deste último se façam sentir”. A seu modo, no Orkut, seus *membros* convertem-se em *atores* fabricantes de *impressões*, envolvidos na tarefa “demasiada humana de encenar uma representação”. (GOFFMAN, 1985, p. 230). As noções goffmanianas permitem-nos abandonar o senso comum no qual a *representação* que se faz para os outros no Orkut seja algo incongruente, bem como observar a complexidade presente numa simples *apresentação* ou construção de um perfil no qual interagem diferentes pessoas.

Convidar e ser convidado por *amigos*

O Orkut, em repetidas ocasiões, é apreendido, neste capítulo, como um palco em que transcorrem interações sociais. A atividade de convidar e ser convidado por *amigos* é um marco central na constituição dessas interações e propicia o encontro com o outro. Tornar-se *amigo* ou convidar alguém para sê-lo é, no Orkut, o elemento básico responsável pela formação de vínculos sociais, por onde principiam os primeiros contatos. É o ponto de partida para a consolidação das interações entre membros. Essa atividade ainda funciona como um elemento de configuração social do Orkut. Esse último somente existe na medida em que há pessoas interagindo. Através desse recurso, diferentes grupos sociais interatuam-se, práticas e interesses se intercambiam. No ato de convidar ou aceitar um convite de amizade, as pessoas

poderão encontrar-se na rede e construir diferentes tipos de laços sociais, sejam eles de amizade, amorosos, familiares, profissionais etc.

Como tornar-se *amigo* no Orkut? São quatro os recursos oferecidos, os quais servem para estreitar o contato um com o outro. Para ser *amigo* de alguém nessa rede, o interessado pode recorrer aos seguintes recursos: 1) *Link de Busca*, em que poderá achar o *amigo* a quem deseja estar ligado em rede, pesquisando pelo nome próprio; 2) *Link Convidar Amigos por e-mail*, em que o interessado deverá digitar o endereço de *e-mail* da pessoa que deseja ser *amigo*; 3) *Link Adicionar como amigo*, que é o mais habitual, em que o pedido de amizade é feito diretamente na página pessoal do indivíduo que se quer ser *amigo*; 4) *Lista de sugestão de amigos*, nesse caso, próprio Orkut seleciona *perfis* e oferece como *amigos*. Essa lista de amigos sugeridos pelo *site* aparece na página pessoal.

Aqueles a quem é endereçado o convite de amizade, independentemente de qual dos quatro recursos foi o utilizado, *Link de Busca*, *Link Convidar Amigos por e-mail*, *Link Adicionar como amigo* e *Lista de sugestão de amigos*, receberão em sua página pessoal a seguinte solicitação num outro *link* chamado *Lembretes: Quer ser meu amigo no Orkut?* Quem recebe tal lembrete poderá escolher entre duas opções: 1) *Aceitar solicitação de amizade* ou 2) *Recusar solicitação de amizade* (ver exemplo na Figura 5). Nela, há dois pedidos de amizades pendentes, um feito por Celia e outro feita por Joana. Elas não poderão interagir ou figurar no quadro de amigos presentes na página pessoal, senão quando receberem parecer favorável. Isto é, quando forem aceitas como *amigas*.

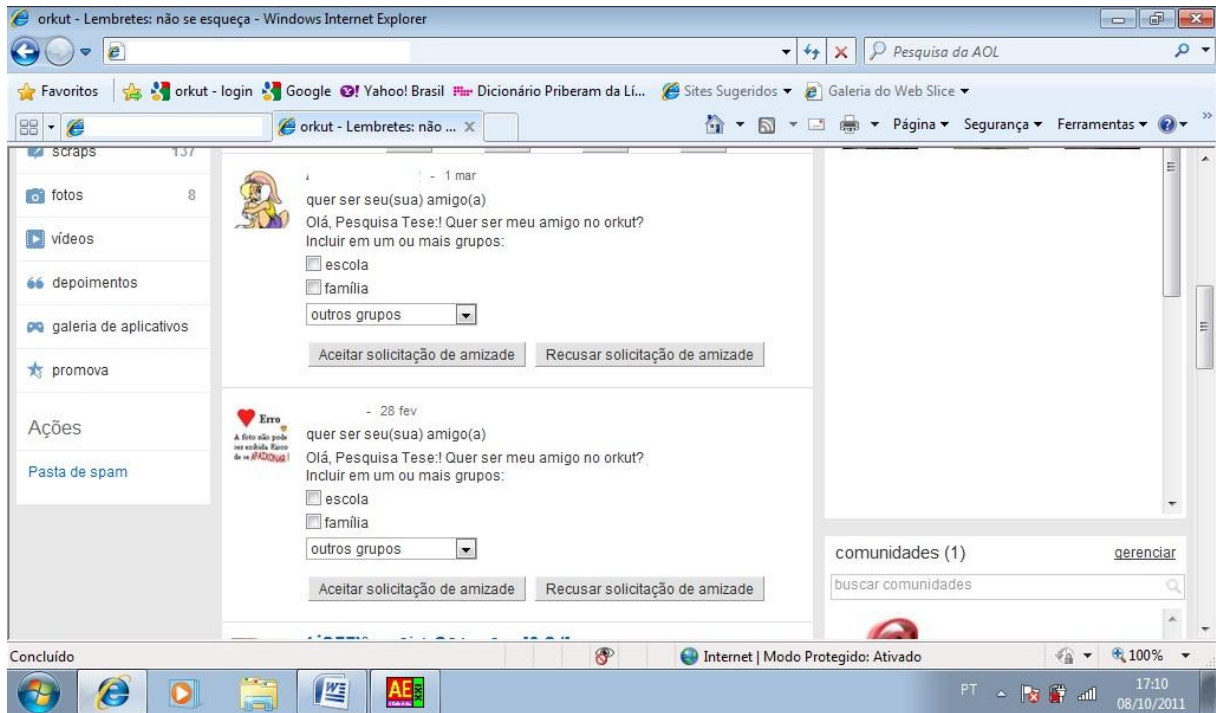


Figura 5: *Quer ser meu amigo no Orkut?*

Notadamente, o exercício da amizade no Orkut, ao contrário do que ocorre nas interações *off-line*, passa por um *pedido formal*, comum tão somente em determinadas práticas amorosas, como o namoro ou o casamento, em que há a possibilidade de um *pedido de namoro* ou um *pedido de casamento*. Isso é interessante porque o *pedido de amizade* no Orkut passa, em certo sentido, por julgamento e eleição, assegurados pela estrutura do *site*, visto que o Orkut disponibiliza *links* nos quais somente uma opção é válida. Como é possível perceber pelas informações contidas na Figura 5, esse pedido é, em geral, avaliado como podendo ser aceito ou recusado. Caso receba parecer favorável, aquele que enviou o pedido aparecerá em um *quadro de amigos*, visíveis para os demais membros do Orkut, como no exemplo da Figura 6. Nela, aparecem os *amigos* que estão ligados pelo perfil desta pesquisa.

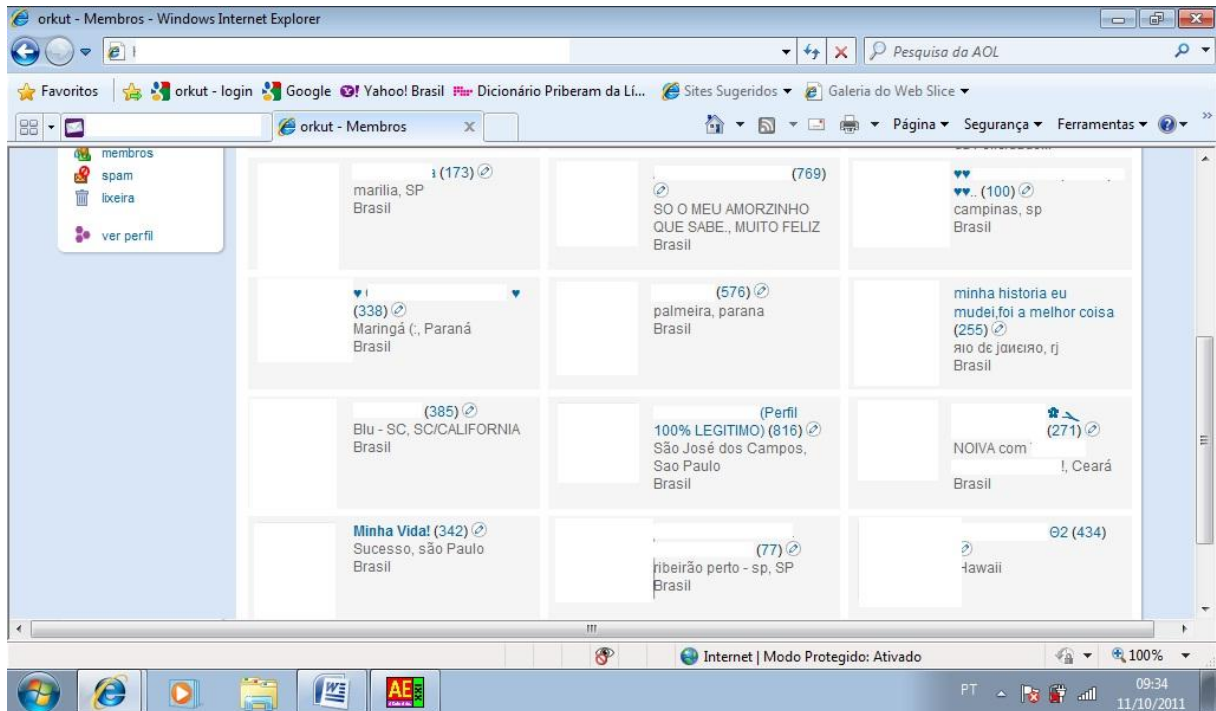


Figura 6: Quadro de *amigos*

Convidar e ser convidado por *amigos* deflagra uma demanda que deve ser destacada: ela leva o indivíduo, guardada as devidas proporções, a refletir se de fato deseja manter relações com a pessoa solicitante da amizade. Boa parte das atividades sociais do Orkut é suscetível de revisão pelas próprias pessoas interpeladas. Essa característica aparece na *construção dos perfis* e nos demais recursos do Orkut que aparecerão descritos no decorrer deste capítulo. Nas práticas cotidianas *off-line*, as amizades se constituem, em sua maioria, pela espontaneidade na construção dos laços⁶⁴. Não é comum pedir para que alguém seja seu *amigo*, apesar do componente eleição estar presente. Como sugere a citação da historiadora francesa Anne Vincent-Buffault (1996, p. 9), em seu estudo sobre o exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX, “a amizade é alegria suplementar, marca de uma eleição”.

A respeito das relações de amizade no Orkut, há outros dois aspectos que merecem ser destacados. O primeiro é que, no Orkut, a qualquer momento, é possível desligar-se de um *amigo*. Com a mesma facilidade em que uma pessoa torna-se amiga de alguém, pode *desfazer-se* dela, clicando no *Link Remover Amigo*. Esse recurso parece corroborar a assertiva de Bauman (2004, p. 12, grifo nosso): “diferentemente dos *relacionamentos reais*, é fácil entrar e sair dos relacionamentos virtuais [...]. Sempre se pode apertar a tecla de deletar”. O segundo aspecto diz respeito à quantidade de *amigos* da qual pode dispor um perfil na rede

⁶⁴ Não se defende, nesse caso, que no Orkut o processo de construção das amizades não possa ser espontâneo. Há casos em que as amizades são consolidadas, assim como nas interações *off-line*.

Orkut (Tabela 1). O volume de amigos é tão expressivo que o próprio Orkut desenvolveu técnicas e *marcadores* concebidos para ajudar os usuários a lidar com a grande quantidade de pessoas, sob a forma de imagens de estrelas, coraçõzinhos, troféus, listas especiais como o *grupos de amigos*, classificando os *amigos* em categorias como *família*, *faculdade*, *melhores amigos* etc. Nosso objetivo não é discutir a natureza dessas amizades, sua profundidade, extensão, temporalidade, se verdadeiras ou falsas.

Tabela 1: Número de *amigos* no Orkut

PERFIS	NÚMEROS DE AMIGOS ⁶⁵
Andressa	985
Gabriel	689
Adriana	577
Laura	465
Amanda	416
Mário	399
Mônica	379
Eliane	375
Beto	304
Rafaela	262
Igor	188
Renato	153
Carlos	166
Nívia	141

Provavelmente, somente a internet ou as relações virtuais no Orkut possibilitam a alguém ter um número tão significativo de pessoas para chamar de *amigos*. Como se verifica na Tabela 1, Andressa lidera o *ranking* com o maior número de *amigos*, 985. Em último lugar, encontra-se Nívia, com 141. Nas interações *off-line*, é difícil manter relações de amizade com um conjunto tão numeroso de pessoas. Todavia, no Orkut tal prática parece ser possível, pois ser *amigo*, nessa rede, exprime conotações diferentes daquelas entendidas social e costumeiramente, tendo em vista sabermos somente que há uma deflagração do caráter social da amizade. Conforme Souza e Hutz (2008, p. 259), a amizade é “um relacionamento pessoal e voluntário, que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas partes gostam uma da outra e buscam a companhia uma da outra”. No Orkut, não necessariamente os *amigos* são íntimos, entretanto, ajudam-se ou buscam a companhia um do outro no plano virtual. Em muitos casos, considerar alguém *amigo*, nessa rede, significa, sobretudo, estar ligado com ele em rede. Há aqui toda uma reconceituação do que seja *amigo* e *amizade*.

⁶⁵ Em 07 de agosto de 2011.

Isso, entretanto, não denota que as pessoas, no Orkut, não possam ser *amigas* no sentido *comum* do termo. Um desses sentidos comuns é aquele destacado, novamente, por Vincent-Buffault (1996, p. 9), para quem a amizade permite “estabelece[r] redes de influência, inventa[r] lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações”. Não há indícios de que, no Orkut, os amigos não possam se encontrar, conviver e/ou interagir. Outro sentido comum dado à amizade e passível de se ver, no Orkut, é aquele discutido por Souza e Hutz (2008). Os amigos, em sua maioria, afirmam os autores, “revelam um maior número de assuntos e com mais profundidade, são parecidos quanto a traços de personalidade e atitudes, e se assemelham em sentimentos e gostos à medida que interagem”. (SOUZA; HUTZ, 2008, p. 260).

No Orkut, o *exercício da amizade* pode trazer essas marcas, isto é, podem ser relações de amizade que se caracterizam pela homogeneidade de traços de personalidade, interesses, intimidade, confiança e lealdade. É possível haver constância nos diálogos, nos encontros, nas trocas de expressões carinhosas e de confidências. Em geral, a amizade é, no sentido comum e também no Orkut, fruto de uma eleição pessoal baseada, evidentemente, em diferentes aspectos sociais e simbólicos. Souza e Hutz (2008, p. 260) destacam quatro aspectos considerados significativos na escolha das amizades, quais sejam: faixa etária, sexo, estado civil e religião. Em certo sentido, tais aspectos são, em sua maioria, aqueles dos quais os *amigos* do Orkut se valem na eleição de suas relações de amizade. Esses autores justificam tais critérios com os seguintes argumentos:

Pessoas da mesma faixa etária possuem recursos sociais e pessoais similares, o que previne contra a exploração de um sobre o outro. Amizades de mesmo sexo previnem contra a possibilidade de romance, o que altera profundamente a amizade. Além disso, assim como há qualidades comuns entre mulheres, há aspectos compartilhados apenas por homens. Nas amizades entre casais, nota-se um vínculo maior entre as duas esposas e os dois maridos – um efeito conjunto de sexo com estado civil. (SOUZA; HUTZ, 2008, p. 260).

Tomando como referência os dados sobre o Orkut e, em especial, o exame dos 14 perfis acima referidos, a pesquisa identificou variados *tipos de amigos* comuns nessa rede, ou seja, constatamos quatro diferentes formas de se tornar *amigo* no Orkut. Conforme nossos dados empíricos, classificamos: 1) aqueles que já se conheciam *off-line*, considerados amigos de longa data e que passaram, também, a figurar como *amigos* no Orkut; 2) aqueles que se consideram *conhecidos*, isto é, frequentam os mesmos lugares, moram no mesmo bairro ou prédio ou, por exemplo, pegam sempre ônibus juntos, convertendo-se, em função disso, em

amigos no Orkut; 3) aqueles que se conheceram pessoalmente (em sua maioria em lugares públicos, como festas, bares, praia) e tornaram-se *amigos* no Orkut, sendo, nesse caso, comum que, ao se conhecerem, usem a seguinte expressão: *Me adiciona no Orkut*; 4) aqueles que se conheceram no próprio Orkut e lá mesmo se fizeram *amigos*⁶⁶.

Esse último é o caso, por exemplo, da amizade entre Rafaela⁶⁷ e Beatriz (ver depoimento abaixo). Como descreveremos, ainda, neste capítulo, o Orkut disponibiliza um recurso denominado *depoimento*, o qual é utilizado comumente para que os *amigos* façam *declarações de amizade*:

Depoimento de Beatriz para Rafaela em 4 de março de 2011: *É um privilégio ser sua amiga virtual. Sei que não faz muito tempo que nos conhecemos, mas te digo que tenho um carinho especial por ti. Tu és especial: Uma morena linda, inteligente, interessante, personalidade forte. Com certeza o seu cariooca é um homem de sorte! Feliz aniversário, Deus te abençoe SEMPRE. Que seus sonhos e planos se tornem realidade e você e o Gabriel Sejam muito felizes! Paz, amor e Sucesso! Eu te desejo do fundo do meu coração ❤️ Da sua amiga virtual 😊*

Muitas das interações entre *amigos* no Orkut podem dar-se por meio de diferentes recursos ou ferramentas. Os *amigos*, de modo a interagir, poderão fazer uso de recursos como: 1) endereçar *mensagens coletivas* a vários amigos ao mesmo tempo, em geral com *frases e pensamentos* temáticos; 2) enviar *cartões virtuais* com expressão de carinho e afeto; 3) fazer *convites pessoais* (para festas, casamentos, formaturas etc.); 4) escrever *depoimentos* (ver abaixo o depoimento de Jéssica para Mônica); 5) usar o recurso *recados* para *fazer cumprimentos e saudações*, como desejar boa semana, boa dia etc.; 6) *felicitar datas comemorativas* como aniversário, dia do amigo (ver abaixo o depoimento de Luciana para Carlos); 7) *falar sobre o que estão fazendo da vida* (*estudando, trabalhando, vai morar fora do Brasil, vai casar* etc.); 8) *fazer pedidos especiais*; 9) *divulgar eventos importantes*; 10) *tirar dúvidas sobre questões gerais* etc. Dessa lista, deve-se destacar que muitos desses usos desvelam, entre esses amigos, estilos de vida e valores semelhantes, troca de confidências, compartilhamento de experiências (intimidade), revelação e abertura, confiança, (sinceridade, apoio mútuo).

Depoimento de Jéssica para Mônica em 8 de agosto de 2011: *Nossa amizadee começo do Nadaa. Atrávé de uma pessoa que acabou nos unindo de uma formaa Liindaaa LS. Hoje agradeço muito por tudo isso! Você é muitoo especiaaal amiga.*

⁶⁶ Nesse caso, pode ocorrer de nunca se encontrarem pessoalmente ou se encontrarem e manterem relações fora do Orkut, *off-line*.

⁶⁷ Rafaela é um dos perfis analisado nesta pesquisa.

*Minha Gatonaa, sempree que precisar eu vou estar aquiiii *--*Te amoo Gordaaaa
--♥*

Depoimento de Luciana para Carlos em 20 de julho de 2011: *Amigos por uma ocasião inesperada.... Nem sonhava em conhecer ele... i muito menos ser amiga... rrsrrsr. Eu ser a Pricunhada dele.. alguém sabe o que é isso? Pois é.. eu tmb naum sabia... rrsrrsr Ele sabe que é considerado, sabe do meu respeito por ele... E sabe tmb que pode sempre contar comiigo! ^^Feliz dia do Amiigo 🤔*

Neste capítulo, de maneira breve, discutimos a respeito do número de *amigos* que poderão estar ligados a um perfil. Entretanto, é imprescindível ainda que se levante uma questão: o que se encontra subjacente a esse fenômeno de quantificação de amizades? A rede social Orkut permite inter-relações entre indivíduos que se consideram *amigos*, em uma quantidade bastante expressiva, desde que se queira. A hipótese é a de que há uma produção de valor para o perfil, quando se agrega a ele uma quantidade, cada vez maior, de pessoas consideradas *amigas*. Trata-se de uma realidade intrinsecamente pautada na ideia de *status*, que confere grau de distinção ou privilégios, funcionando a lógica do “quanto mais amigos tenho, mais valor agregado terá meu perfil”. Identificamos, tal qual a classificação de Recuero (2010), quatro prerrogativas ou valores vinculados ao número de *amigos* no Orkut, quais sejam: *visibilidade, reputação, popularidade e autoridade*.

A quantidade de *amigos* permite ao “dono” do perfil, por exemplo, estar *mais conectado*, o que implica um aumento da *visibilidade social* no Orkut. A *visibilidade* é constituída como um valor porque proporciona ao *perfil* ser mais visível na rede. (RECUERO, 2010). Tornar-se visível significa poder ampliar os valores a serem obtidos por meio das conexões com os amigos, assim como obter informações em primeira mão. Quanto mais conectado estiver o *perfil* a *amigos*, maiores serão as chances de receber determinados tipos de informação que circulam na rede. Aumentar a *visibilidade social* de um *perfil* através do número de *amigos* tem efeitos não apenas na complexificação da rede, mas, igualmente, no “capital social” obtido pelo ator. Segundo Bourdieu (2008), para que uma dada forma de conduta cultural se transforme em *capital*, ela deve ser conversível em benefícios econômicos ou sociais, isto é, em algo que os agentes possam jogar num *campo*⁶⁸, algo que lhes confira o direito de acesso ou os desqualifique, ou que os ajude a se apoderarem do que está em jogo nesse *campo*.

⁶⁸ Conforme Bourdieu (1983, p. 89), um campo “se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputa e aos interesses próprios de outros campos e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo. [...] Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo”.

Outro valor importante construído no Orkut e que também está vinculado ao número de *amigos* agregado a um perfil é o da *reputação*. Trata-se de um valor que está relacionado às informações recebidas pelos atores sociais sobre o comportamento dos demais. Nesse caso, a *reputação* de um perfil seria uma consequência de todas as impressões dadas e emitidas pelas pessoas da rede. Assim sendo, a *reputação* pode ser influenciada pelas ações de determinado perfil, mas não unicamente por elas, pois depende também das construções dos outros sobre essas ações. Conforme Recuero (2010, p. 111), “a reputação é uma percepção qualitativa, que é relacionada a outros valores agregados”. Nesses termos, a *reputação* refere-se às qualidades percebidas nos atores pelos demais membros do Orkut. Um perfil terá *reputação* quanto mais os *amigos* atribuírem a ele esse valor.

A *popularidade* é um valor relacionado à *audiência*, que é também facilitada pelo número de *amigos* que um perfil exibe na rede. Trata-se de um valor relativo à posição ocupada pelo perfil dentro do Orkut. Um perfil mais centralizado na rede é mais popular porque há mais pessoas conectadas a ele e, conseqüentemente, poderá ter uma capacidade de influência mais forte que outros no Orkut. A *popularidade* também é relacionada ao número de *recados*, *depoimentos* e visitas que um determinado perfil recebe, mas também ao número de fotos que exibe em seu *álbum*. Enquanto a *visibilidade* é um valor relacionado com a capacidade de se fazer visto, a *popularidade* é uma característica relacionada à posição estrutural no Orkut. Enquanto todos possuem visibilidade (uns mais que os outros), somente alguns perfis são populares.

Abaixo, na Tabela 2, observa-se a distribuição dos números de recados recebidos pelos perfis analisados nesta pesquisa. Como se pode notar, Andressa, Gabriel e Adriana são aqueles que mais recados apresentam no Orkut, respectivamente, 17.656, 3.837 e 1.805. Caso observemos novamente a Tabela 1 acima, veremos que são eles que mais amigos apresentam em sua página pessoal: Andressa com 985, Gabriel com 689 e Adriana com 577 *amigos*. Assim, se considerarmos o número de recados agregando o valor de *popularidade* aos perfis, não restam dúvidas quem são os mais *populares* dos catorze perfis abaixo.

Tabela 2: Número de *recados* no Orkut⁶⁹

PERFIL	NÚMERO DE RECADOS ⁷⁰
Andressa	17656
Gabriel	3937
Adriana	1805
Beto	1714
Carlos	1196
Nívia	1091
Laura	352
Igor	155
Eliane	136
Rafaela	35
Mário	25
Mônica	14
Amanda	09
Renato	04

Um quarto e último valor vinculado à quantidade de amigos que um perfil possui é o da *autoridade*. Segundo Recuero (2010, p. 113), “a autoridade compreende também reputação, mas não se resume a ela. A *autoridade* é uma medida de influência, da qual se depreende a reputação”. Ela se refere ao poder de influência de um perfil no Orkut, sendo a medida da efetiva influência de um ator com relação aos seus *amigos*. É possível medir a *autoridade* de um perfil a partir também da quantidade de respostas que recebe de um determinado *post*. Ou seja, a *autoridade* pode estar relacionada à influência e à capacidade de um perfil gerar conversações no Orkut. Em suma, deve-se ainda acrescentar que esses valores, *visibilidade*, *reputação*, *popularidade* e *autoridade*, longe de se manifestarem de forma separada, estão correlacionados, podendo um mesmo perfil apresentar, ao mesmo tempo, os quatro valores.

Por último, é importante destacar o papel fundamental ocupado pelo recurso *convidar ou ser convidado por amigos* na feitura social do Orkut. Essa rede *on-line* é constantemente construída e reconstruída a partir da ação das pessoas que, no Orkut, se tornam *amigas* e passam a interagir e manter ligações em rede. O momento da produção da ação dessas pessoas no Orkut é também o momento da reprodução da vida social na rede. A vida cotidiana reproduzida ali é também parte integrante da reprodução de práticas institucionalizadas *off-line*. A existência do Orkut está ligada à reprodução das rotinas da vida dos seus membros.

⁶⁹ É importante advertir que os números de recados que se apresentam nos perfis de Rafaela, Mário, Mônica, Amanda e Renato não correspondem aos números totais de recados recebidos, como é o caso dos demais. Esses optaram pela prática de “ler, responder e apagar” os recados, justificando essa ação com o argumento: “quero mais privacidade”.

⁷⁰ Em 07 de agosto de 2011.

São as pessoas que se tornam *amigas* que dão continuidade à vida social no Orkut. No decorrer de suas atividades diárias *on-line*, os *amigos* encontram-se uns com os outros em contextos situados de interação *on-line*, sendo os encontros o fio condutor dessas interações. Essas últimas são, a todo o tempo, formadas e reformadas na existência social *on-line*. São os encontros que possibilitam a reprodução da vida social no Orkut.

A postagem de fotos e vídeos

O exercício de postar fotos no Orkut serve para três demandas importantes. Ele convém, num primeiro momento, à apresentação física-corporal dos membros da rede; num segundo, outorga existência *real* ao perfil e; num último, possibilita o estabelecimento de interações sociais. Por intermédio da exibição de fotos pessoais no Orkut, os membros apresentam-se enquanto *corpo*, como pessoas de *carne e osso*, ao passo que poderão construir relações de proximidade com aqueles com quem estão ligados na rede. Quando se postam fotos no Orkut, todos os demais participantes considerados *amigos* não somente poderão vê-las, mas também comentá-las. Essa atividade gera diálogos, conversações, comentários etc. Todos os perfis do Orkut são marcadamente caracterizados pela exibição de fotos pessoais. Aqueles perfis em que essa característica não esteja presente poderão ser tachados de *fake*, perfis considerados falsos. O ato de postar fotos é, por excelência, uma atividade que dá existência aos perfis no Orkut. O perfil será tanto *real* quanto mais fotos expuser.

No que se refere à postagem de vídeos, esses, em geral, não apresentam a marca da *personalidade*, mais comum na postagem das fotos. Ao contrário, exibem imagens de terceiros (Figura 7), muito embora encontremos, em pequena escala, vídeos pessoais, cuja imagem exibida é a da própria pessoa. Contudo, em sua maioria, os vídeos do Orkut são marcadamente caracterizados por imagens que apresentam cantores ou *clips* de músicas preferidas, trechos de programas de TVs, de novelas, de futebol e de séries de TVs, entrevistas com personalidades famosas, *trailer* de filmes ou documentários, vídeos “caseiros”, como aqueles feitos em festas de formatura, aniversário, na praia, em casa, com a família, com animais etc. Esses aspectos, em certo sentido, são centrais no interior Orkut, pois poderão informar, por exemplo, a um eventual visitante do perfil quais os principais gostos, estilos e os modos de ser de alguém etc. Assim como as fotos, os vídeos servem também ao propósito de apresentação do perfil, gerando interações e informando que o perfil é *real*.

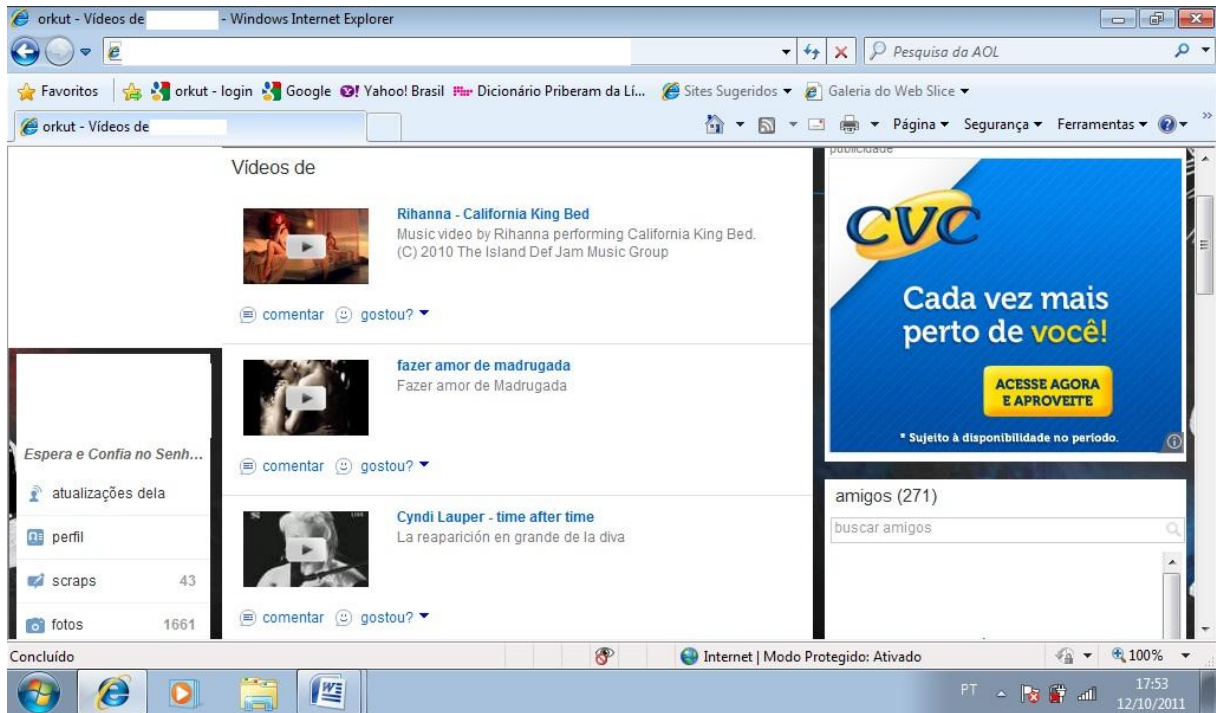


Figura 7: Os vídeos no Orkut

Essas últimas características, comuns tanto às fotos quanto aos vídeos, talvez sejam uma das razões que expliquem o *excesso* das imagens no Orkut como um todo. As pessoas passam a publicar um número maior de fotos e vídeos na busca por uma melhor apresentação de forma física corporal, de modo a construírem vínculos com os demais e a dizerem que existem enquanto pessoas e não como *fakes*. Para ilustrar, vejamos abaixo, na Tabela 3, informações sobre a quantidade de fotos e vídeos exibidos nos perfis analisados nesta pesquisa. Como é possível notar, Rafaela e Laura são aquelas que mais exibem fotos e vídeos, respectivamente, com 2.838 fotos e 140 vídeos e 1.889 fotos e 81 vídeos. Ademais, é importante ainda chamar a atenção para o fato de que as fotos podem ser vistas no Orkut tanto no formato *perfil* – que é constantemente modificado –, no qual somente uma foto é apresentada, quanto no formato *álbuns*, espaços em que é possível agregar muitas fotos. Abaixo, contam-se as fotos que estão postas em *álbuns*.

Tabela 3: Número de fotos e vídeos no Orkut

PERFIL	NÚMERO DE FOTOS	NÚMERO DE VÍDEOS
Rafaela	2.838	140
Laura	1.889	81
Igor	1.324	03
Gabriel	824	66
Amanda	746	04
Andressa	595	30

Adriana	543	19
Carlos	491	18
Mário	329	50
Beto	275	02
Renato	230	26
Nívia	180	21
Mônica	141	44
Eliane	04	49

Esse fenômeno, caracterizado pela abundância de imagens, fotos e vídeos pessoais expostos em redes sociais, foi denominado por Sibília (2008, p. 13) de “exibição da intimidade na internet”. Refere-se, *grosso modo*, a práticas e condutas que se apoiam em imagens, nas quais o *mercado das aparências* desempenha papel central. Ao cabo de contas, o que emerge dessas práticas e condutas é o que a autora denomina de o *show do eu*. Partindo dessa abordagem, o *eu* no perfil ou no álbum de fotos no Orkut é tomado e apresentado como *espetáculo*. Segundo Debord (2003a, p. 11), “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência”. Nas fotos exibidas no Orkut, o fundamental é que o *eu* apareça. Nesse espaço, as pessoas são, guardadas as devidas proporções, *convocadas a se mostrarem*.

Na construção dos perfis, é inevitável que se exponham fotos pessoais, sob pena de, como vimos acima, ser confundido com um perfil *falso*. Na Figura 8 abaixo, pode-se ver um exemplo de foto do perfil. Trata-se do perfil do Carlos, analisado por esta pesquisa. Fica evidente a exibição de sua foto pessoal para todos os membros do Orkut. Nessa rede social, ele somente passa a existir como tal, ou melhor, só se converte no perfil *Carlos*, quando *aparece* como imagem. Em seguida, na Figura 9, referente ao perfil de Andressa, também analisado nesta pesquisa, aparece um exemplo de fotos em álbuns. Em geral, as fotos exibidas nos álbuns retratam, por sua vez, uma espécie de cotidiano *espetacularizado*. As fotos que aparecem nesses espaços demonstram encontros ordinários com amigos (em churrascos, *shopping*, festas, praia, escola, faculdade), fotos de viagem, formatura, casamento, aniversário, em estádio de futebol, com a família, com animais de estimação, com namorados etc.



Figura 8: Foto no perfil

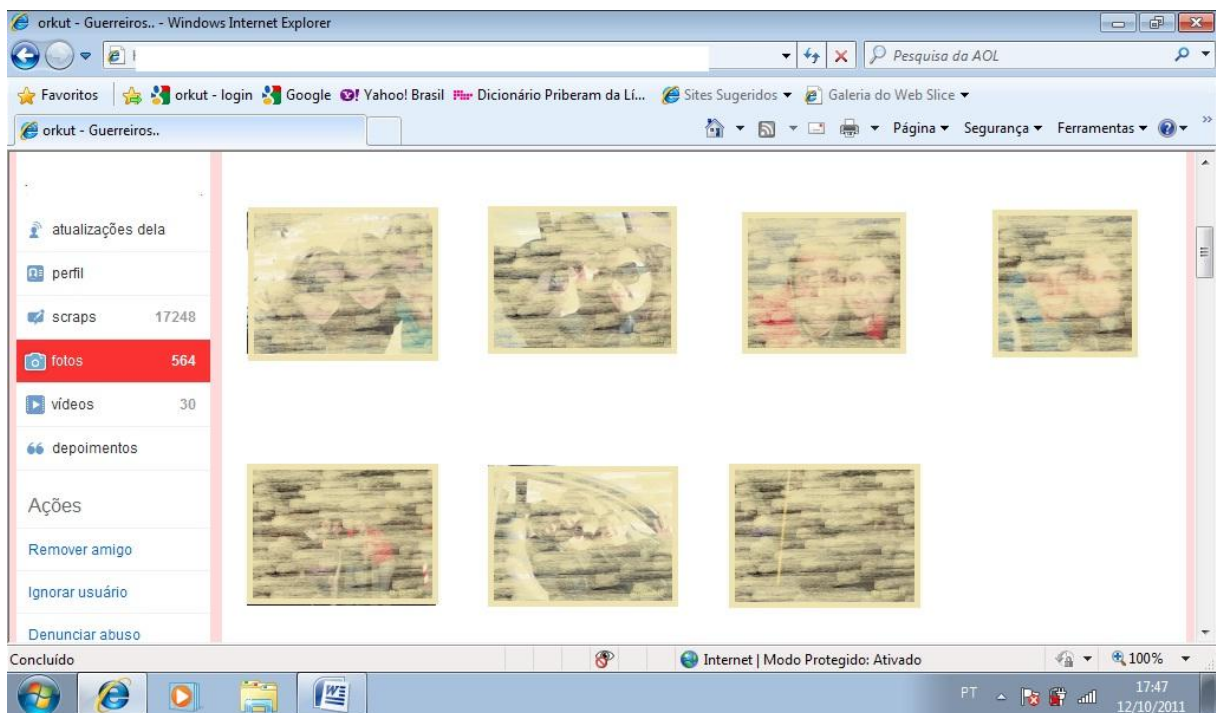


Figura 9: Fotos em álbuns

Em suma, determinados membros do Orkut estruturam seu perfil em termos de *espetáculo*, dando valor ao *aparecer* como *imagem*. Trata-se de uma estratégia de visibilidade do *eu*. Nessa ótica, o existir, enquanto ser social no Orkut, passa obrigatoriamente pelo

exercício de postagem de fotos e vídeos. Esse exercício, por sua vez, confere ao perfil *status* social, que poderá se reverter em outros valores, como exemplo, aqueles ressaltados na seção “convidar e ser convidado por *amigos*”. Ou seja, a abundância das fotos imprime ao perfil valores como *visibilidade*, *reputação*, *popularidade* e *autoridade*.

Envio de recados e depoimentos

De início, é necessário marcar as distinções entre *recado* e *depoimento*, bem como destacar suas principais funções. A diferença fundamental entre eles é que, contrário aos *recados*, os *depoimentos* necessitam de aprovação pessoal. Aquele que recebe um *depoimento* de um *amigo* deverá optar por clicar no *link aceitar depoimento* ou *recusar depoimento*. Somente quando recebe aprovação, poderá figurar em exibição na página pessoal do perfil. Todo e qualquer visitante do Orkut poderá ver os *depoimentos* que lhes forem escritos. Em sua maioria, usam-se os *depoimentos* para escrever mensagem de cunho extraordinário, como fazer declarações sentimentais (de amizade, amorosas, para expressar saudades, prestar homenagens etc.), sendo esses *depoimentos* dificilmente apagados. Eles ajudam a compor a imagem do perfil. É uma forma de o perfil *apresentar-se* na rede, já que os conteúdos dos *depoimentos* podem oferecer informações, do perfil em questão, sobre os modos, as crenças, os ideais etc. Ademais, são importantes geradores de valores.

Os *recados*, a seu modo, não precisam de aprovação. Para escrever um *recado*, basta ter acesso ao perfil do remetente, digitar a mensagem desejada, clicar no *link postar recado* e ele figurará de imediato, sem a obrigatoriedade da aceitação, na página de recado do perfil. É comum que os membros do Orkut utilizem os recados para envio de mensagens de conteúdo ordinário, do tipo: desejar boa semana, felicitar datas comemorativas (Aniversário, Páscoa, Natal, Ano Novo, Dia do Amigo etc.), comentar questões referentes ao dia a dia, contar novidades, fazer cumprimentos e saudações, como também enviar imagens (como cartões virtuais, fotos e vídeos). Como são, em geral, mensagens corriqueiras, os recados podem sem custo ser apagados, visto que alguns deles não apresentam o mesmo valor sentimental atribuído aos *depoimentos*. É claro que isso não se constitui em uma regra fixa, há exceções. Alguns *recados* poderão ser bastante valorizados, de modo que nunca serão apagados, lógica também aplicada aos *depoimentos*.

Repousa sobre a vida social do Orkut um constante *escrever-e-responder recados e depoimentos*. Esse exercício parece importante na medida em que tais trocas aproximam as pessoas, tornado-as semelhantes. Conforme vimos na Tabela 2, muitos recados são enviados,

lidos e respondidos. É desse modo que a vida social no Orkut dá-se também pela constante circulação de mensagens. É interessante notar que essa atividade é, por vezes, marcada por uma espécie de *obrigatoriedade* na retribuição. É pouco provável que alguém se mobilize a escrever um *recado* para outra sem a expectativa de receber uma resposta em *recompensa*. Diante disso, podemos indagar: por que os *recados* e *depoimentos* no Orkut, em geral, devem ser *obrigatoriamente* lidos e respondidos? Trata-se de uma relação pautada em interesses, mas que supõe *reciprocidade*. Esta, por sua vez, produz entre *amigos* valores afetivos, confiança, amizade e compreensão mútua, além de prestígio social no Orkut.

O envio de *recados* e *depoimentos* no Orkut constitui-se, a princípio, em uma atividade *desinteressada* e *espontânea*. Ninguém é constrangido a escrever ou responder aos que lhes enviam *recados* ou *depoimentos*, ao contrário, trata-se de um exercício voluntário e não obrigatório. No entanto, *a posteriori*, constata-se que esse desinteresse é apenas aparente. O que se verifica, num segundo olhar, é a presença de um sistema de prestações com três momentos complementares e interdependentes: as obrigações de “enviar”, “ler” e “responder”⁷¹. A obrigação de retribuir o *recado* ou o *depoimento* recebido desmente a espontaneidade do envio. São muitos os *recados* e *depoimentos* trocados entre *amigos* no Orkut, estando em jogo nessas trocas a formação de vínculos sociais na rede.

Sendo assim, os membros do Orkut mantêm tais obrigações de prestações recíprocas na aposta por se ligarem às pessoas. Nesse sentido, as trocas de *recados* e *depoimentos* apontam para o fortalecimento das interações sociais no Orkut. Na realidade, os *recados* e *depoimentos* vão e voltam sempre. Pouco importa seu valor, pouco importa sua natureza, podendo ser até repetidas, idênticas ou não, o importante é que elas se reproduzam como num espelho, gerando interações.

Abaixo, na Figura 10, encontram-se dois exemplos de recados, endereçados ao perfil de Adriana. Nota-se em seu conteúdo o caráter obrigatório na retribuição da mensagem enviada. Nesse exemplo, Adriana havia dirigido a Fátima um recado consultando-a a respeito de suas férias. Por esperar uma resposta em recompensa, Fátima responde e pede desculpas pelo atraso: *oi, aproveitando muito as ferias? Desculpa ter demorado a responder é q eu não*

⁷¹ Isso remete ao “paradigma da dádiva” que repousa sobre a fórmula *dar-receber-retribuir* do antropólogo Marcel Mauss (1974), na obra *Ensaio sobre a dádiva*. A tese central defendida no ensaio é de que a dádiva gera a aliança, tanto as matrimoniais como as políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade). Postula um entendimento da constituição da vida social por um constante dar-e-receber. Mostra ainda como, universalmente, dar e retribuir são obrigações, mas organizadas de modo particular de acordo com a cultura.

tava mexendo no meu Orkut⁷². No segundo exemplo, Adriana, do mesmo modo, havia escrito um recado a Ingrid, falando-lhe de suas saudades, já que estavam de férias. Como tal ato exige reciprocidade, Ingrid retribui com o seguinte recado: *Oiiii florr... Vc acredita q eu tb ja estou com muita saudades de vc, mas da facu. nao, srrrsr.... Amem, q passamos, ne!!!rsrs bjaoo*⁷³. Por meio dessas trocas, há forte possibilidade de fortalecimento e incremento de relações.

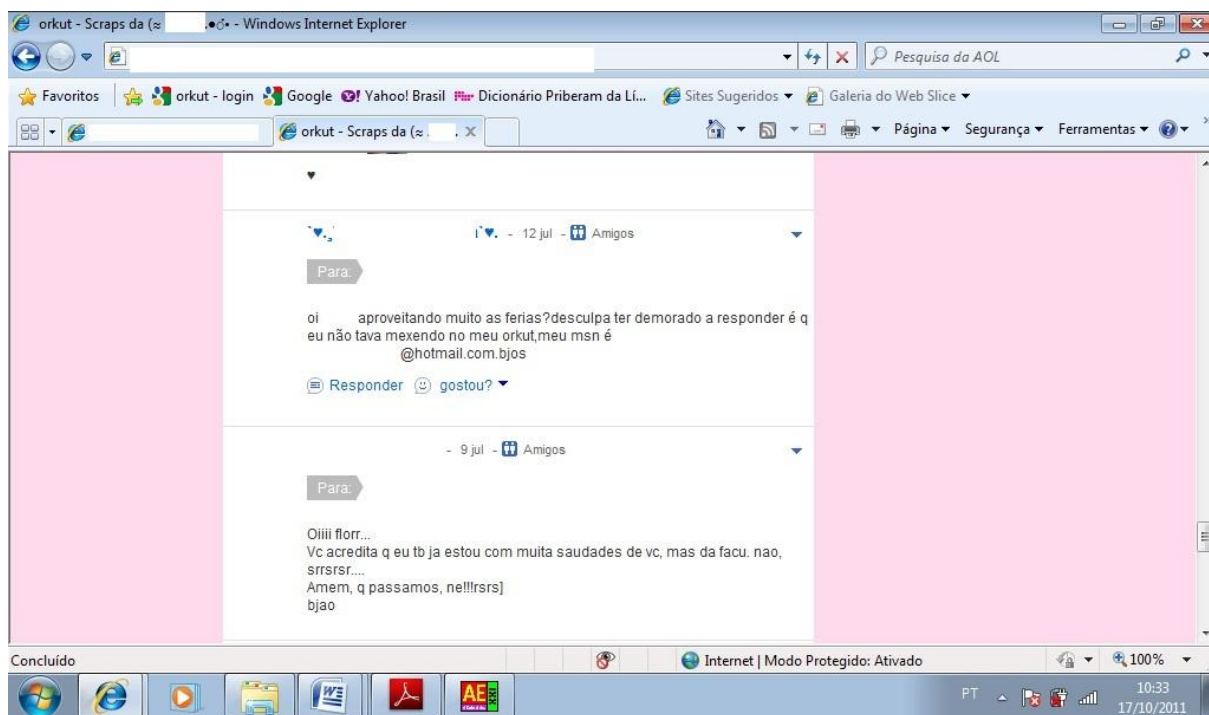


Figura 10: Recados de Adriana

O uso do bate-papo

O bate-papo ou *chats* é outro recurso do Orkut que gera interações. Trata-se de *conversas* que podem ser estabelecidas entre *amigos* em tempo real. A interação entre aqueles que “batem papo” no Orkut é instantânea e marcada por diálogos simultâneos e imediatos. A diferença entre outras formas de interação e o Orkut é que neste a resposta ocorre sem detença. O bate-papo somente poderá ser estabelecido com o *amigo* caso ele esteja naquele mesmo momento também *on-line*. Uma *conversa* no bate-papo ocorre mediante o acesso do

⁷² Recado escrito em 12 de julho de 2011.

⁷³ Recado escrito em 09 de julho de 2011.

perfil daquele com quem se quer dialogar. Sua disponibilidade em conversar estará marcada por *bolhas coloridas*, presentes em sua página principal. Por exemplo, uma bolha verde significa que eles estão disponíveis, vermelha indica que estão ocupados e laranja que eles estão ausentes do Orkut no momento. Nesses termos, clica-se na bolhinha verde para iniciar a conversação.

Tais conversações são, em sua maioria, caracterizadas pelo uso da escrita e dos *emoticons*, palavra derivada da junção de dois termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone). Os *emoticons* são utilizados com o objetivo de traduzir ou transmitir um estado emotivo por meio de ícones que ilustram uma expressão facial, tais como: 😊 (sorrindo, estou alegre); 😞 (estou triste, chorando). É nesse sentido que se cultiva no Orkut um tipo de escrita com fortes marcas de oralidade. São habituais nos bate-papos o recurso à transcrição literal da fonética e um tom coloquial que evoca as conversas cotidianas. Outro aspecto que se destaca diz respeito ao fato de imperar certo *descuido* com relação às formalidades da linguagem e às regras da escrita, já que são escritos marcados pela *pressa*, costumam ser textos breves.

Nas conversas, os amigos, a fim de manterem um diálogo rápido, como ocorre nas conversações *off-line*, abusam de abreviaturas, siglas, acrônimos e *emoticons*. Às vezes, juntam várias palavras eliminando os espaços, enquanto ignoram os acentos ortográficos e os sinais de pontuação, bem como todas as convenções referidas ao uso de letras maiúsculas e minúsculas.

Participação em comunidades virtuais

A existência de comunidades virtuais e pessoas a elas agregadas é outro componente muito importante do Orkut, gerador de laços sociais, por vezes, significativos. São espaços considerados interativos nos quais um conjunto numeroso de pessoas reúnem-se com o propósito de discutir publicamente, através de fóruns e enquetes, temas afins, de modo a formar relações pessoais. Um dos primeiros autores a conceituar *comunidade virtual* foi Howard Rheingold (1995, p. 20 *apud* RECUERO, 2010, p. 137), que afirma:

As comunidades virtuais são agregações sociais que surgem da rede [internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.

De acordo com essa prescrição teórica, o primeiro requisito a compor a noção de comunidade virtual é, portanto, a ideia de um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais. Outro elemento importante que corrobora essa abordagem foi destacado por André Lemos (2002, p. 93), sociólogo que classifica as comunidades virtuais como “agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”. É no interior dessa mesma perspectiva que as comunidades virtuais, tais quais se mostram no Orkut, apresentam quatro elementos formadores característicos: 1) “as discussões públicas”; 2) “as pessoas que se encontram e reencontram”; 3) “o tempo” (a permanência em termos de duração, de modo a aprofundar a relação) e; 4) “o sentimento” (pertencimento no sentido de ligação, sentimento de pertença, ter algo em comum). (RECUERO, 2010, p. 137). Abaixo, na Figura 11, vê-se um exemplo de comunidade virtual. Ela chama-se *Conheci meu amor pela internet* e será posteriormente detalhada neste trabalho.

The screenshot shows a web browser window displaying the Orkut website. The main content is a poll titled "Pesquisas" (Polls) for the community "Conheci meu amor pela internet" (I met my love on the internet), which has 12,342 members. The poll lists several questions with their respective authors, number of votes, and dates. The questions are:

pergunta	autor	votos	abrir data	fechar data
<input type="checkbox"/> votar	Conseguii ? - :	51	17/03/10	
<input type="checkbox"/> votar	Há qtos tempo está cm ele(a)?	203	02/02/10	
<input type="checkbox"/> votar	Se a sua familia não aprovasse o seu relacionamento,vc desistiria ou corria atrás em nome do amor?	281	03/12/08	
<input type="checkbox"/> votar	acredita	115	27/09/08	
<input type="checkbox"/> votar	Você imaginava que encontraria seu grande amor pela internet?	631	07/10/07	
<input type="checkbox"/> votar	Um amor nascido da internet tem alta probabilidade de chegar a um casamento?	837	09/08/07	
<input type="checkbox"/>	Qual das duas frases vcs preferem???	4	06/04/10	fechado
<input type="checkbox"/>	teste..	3	28/02/10	fechado
<input type="checkbox"/> votar	um amor da net e pra sempre .	147	24/04/09	
<input type="checkbox"/> votar	O q vc faz le a Descrição	278	21/12/07	

Figura 11: *Conheci meu amor pela internet*

Com base na Figura 11, podemos confirmar a presença dos quatro elementos formadores característicos, destacados acima. Como se pode notar, o primeiro elemento diz respeito à presença de um número significativo de pessoas: 12.342 membros, que se encontram e reencontram em torno de um tema comum; nesse caso, os namoros virtuais. O segundo demonstra que boa parte dessas pessoas está ligada à comunidade há algum *tempo*, desde o dia em que foi fundada, em 25 de dezembro de 2004. O terceiro refere-se à

permanência, em termos de *tempo* de convivência, que torna as pessoas unidas por um *sentimento de pertença*, de modo que se apresentam publicamente como *membros*. Por fim, quarto elemento, conforme mostra a Figura 11, está relacionado à notória presença de debate público, confirmando as questões que destacamos: *Há quanto tempo está com ele(a)? Você imaginava que encontraria seu grande amor pela internet?*

Outro aspecto referente às comunidades virtuais de que não se pode prescindir é o quantitativo. De acordo com a postagem recolhida do *Blog Oficial do Orkut*, feita por um de seus programadores, Ellen Spertus, no ano de 2008, contavam-se *45 milhões de comunidades, abrangendo todas as áreas imagináveis* (ver Quadro 3 abaixo, detalhando os principais temas das comunidades do Orkut). Os números não são somente expressivos em termos de quantidades de comunidades, mas também em números de membros cadastrados, como acima demonstrado através da Figura 11. Há comunidades consideradas gigantescas que agregam milhões de pessoas, por exemplo: *Odeio acordar cedo* (6.669.859 membros), *Eu acredito e confio em Deus* (6.137.388), *Te incomodo?? Que peena!!!* (4.828.819), *Eu amo chocolate* (4.164.083), *Eu amo fim de semana* (3.609.462 membros), *Mulher não se pega, conquista!* (3.321.119), *Sua inveja faz a minha fama* (2.790.369)⁷⁴.

COMUNIDADES: DIVISÃO TEMÁTICA			
Atividades	Computadores e Internet	Gays, Lésbicas e Bi	Esportes e Lazer
Ex-alunos e Escolas	Países e Regiões	Governo e Política	Religiões e Crenças
Artes e Entretenimento	Culturas e Comunidade	Saúde, Bem-estar e Fitness	Romances e Relacionamentos
Automotivo	Família e Lar	Hobbies e Trabalhos Manuais	Escolas e Cursos
Negócios	Moda e Beleza	Pessoas	Ciência e História
Cidades e Bairros	Culinária, Bebidas e Vinhos	Música	Viagens
Empresa	Jogos	Animais e bichos de estimação	Outros

Quadro 3: Temas de comunidades virtuais no Orkut

⁷⁴ Disponível em: <www.orkut.com.br>. Acesso em: 01 jul. 2011.

Em relação à *estrutura* e ao modo de funcionamento das comunidades virtuais, pode-se afirmar que elas sugerem, em primeiro lugar, a presença de um *dono*, aquele que cria e mantém a comunidade; em segundo, a presença de pessoas que dela tornam-se *membros*. Ao *dono*, cabe ainda a tarefa de *aceitar* ou *recusar* interessados em participar da comunidade, bem como organizá-la, dialogar com todos os membros, liberar ou recusar *posts* etc. Haverá ainda, em alguns casos, a presença do *moderador*, aquele que divide algumas tarefas com o *dono*. Sobre isso, deve-se destacar que todos que estão associados, ou melhor, são *membros* de comunidades, exibindo-as na página pessoal do perfil (ver na Figura 12, por exemplo, as comunidades presentes no perfil de Mônica). Como se pode notar, ter acesso ao perfil de Mônica implica, em consequência, ter acesso a algumas de suas comunidades, quais sejam: *Desisto, Só queria alguém especial, Felizes somos nós..., Nunca tô sozinha, tenho Deus!, Por todas aquelas vezes..., Eu adoro andar de havaianas, Assina a chamada para mim, Quanto + durmo + quero dormir, Hunf.*

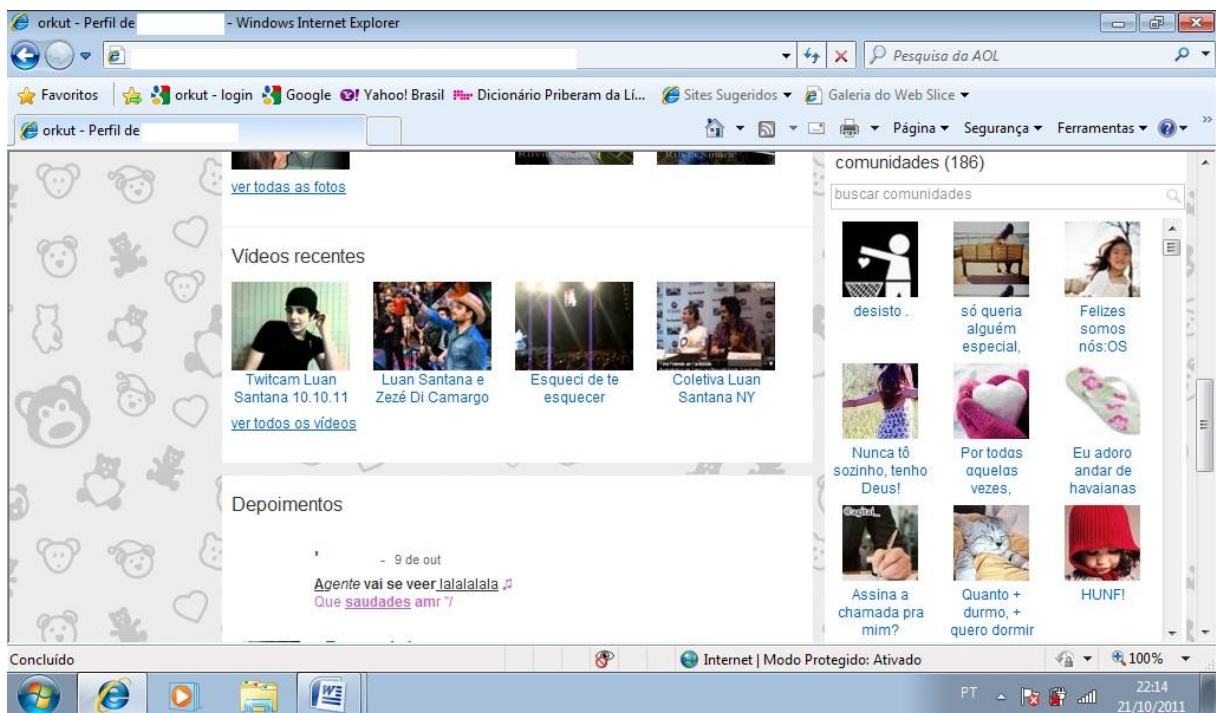


Figura 12: Exemplos de comunidade virtuais

Em função dos nomes atribuídos às comunidades virtuais do Orkut, comumente, elas acabam por prestar informações pessoais para aqueles que a elas têm acesso, ou seja, ter ingresso às comunidades de alguém é, de igual modo, ter ingresso a algumas características particulares sobre o *perfil* em questão. Tais como surgem no Orkut, as comunidades virtuais, conforme a problematização da Recuero (2010, p. 91), são, muitas das vezes, utilizadas

“como um ferramenta de construção de identidade”, ou seja, “como forma de construir uma perspectiva de quem se é no sistema”. A perspectiva de Recuero (2010) encontra respaldo em algumas postagens feitas no *Blog Oficial do Orkut*, uma delas em especial. Conforme *post* escrito em 11 de outubro de 2007, Eduardo Thuler, gerente de produto do Orkut, escreveu que as comunidades virtuais são chamadas, em alguns casos, de *comunidades crachás*, termo utilizado para referir-se àquelas comunidades em que as pessoas aderem somente por se *identificarem* com elas.

Logo abaixo, no Quadro 4, vejamos exemplos de comunidades virtuais ligadas aos 14 perfis analisados pela pesquisa. Mediante tais exemplos, questionemos de que maneira tais comunidades funcionam como uma *ferramenta de construção de identidade* ou, em outras palavras, em que medida representam o grupo pesquisado. Segundo a perspectiva que estamos adotando, as comunidades virtuais, em geral, funcionam como um mecanismo que informa certos caracteres próprios ou exclusivos de uma pessoa. Como notaremos no Quadro 4, em muitos casos, as comunidades têm o potencial de informar determinados elementos pessoais como gostos, estilos, crenças, valores, ideais, personalidades, emoções, cidade natal, dia de nascimento, profissão etc. Em suma, elas são capazes de representar um traço ou um reflexo, um aspecto ou um ponto de vista típico de alguém.

Perfil	Exemplos de comunidades
Mônica	“Viciados em livros” (117.072 membros); “Odeio esperar” (1.284.825 membros); “Eu adoro yakisoba” (1.968 membros)
Renato	“Gremistas de Santa Maria - RS” (18.112 membros); “Minha bagunça é organizada” (1.464.710 membros); “Odeio gente atrás de mim no PC” (1.890.874 membros)
Amanda	“Música” (29.815 membros); “Nascidos em 16 de março” (5.038 membros); “Pequenos gestos me conquistam” (101.161 membros)
Mário	“Arnaldo Jabor não me manipula” (7.694 membros), “Vinicius de Moraes” (348.459 membros), “Pernambuco” (196.528 membros)
Adriana	“Amo ouvir música alta” (2.956.152 membros); “Sou lá de Itapipoca” (2.485 membros); “Penso logo ouço Legião Urbana” (11.988 membros)
Beto	Viciados em tecnologia (23.069 membros); Desistir é para os fracos (200.978 membros), Eu jogo play station... ps3 ps2
Laura	“Amo olhar a lua e as estrelas” (42.082 membros), “Eu odeio novelas” (10.972 membros), “As vezes nem eu me entendo” (2.264.225 membros)
Carlos	“Guitarristas de Belém” (568 membros) “Minha família é evangélica” (6.728 membros), “Eu odeio pagode” (379.195 membros)
Nívia	“Eu sou socorrista” (4.281 membros), “Eu tenho personalidade forte” (70.743 membros), “Tudo na vida tem seu tempo” (830.011 membros)
Igor	“Canto Técnica Vocal” (33.906 membros) “Natação é melhor que futebol” (13.570 membros) “Comida Japonesa” (67.008 membros)
Rafaela	“Eu odeio injustiça” (23.212 membros), “Bicicleta, o melhor transporte” (41.675 membros) “Creio na ressurreição de Cristo” 3.169 membros
Gabriel	“Devotos de São Francisco” (59 membros); “MST, Movimento dos Sem Terra” (11.569 membros); “Meu cachorro se chama Bingo” (641 membros)
Andressa	“Eu odeio cigarro” (646.881 membros); “Pânico de perguntas pessoais” (66.316

	membros); “A felicidade é relativa” (7.309 membros)
Eliane	“Eu sou muito ansiosa” (219.487 membros); “Odeio admitir q estava errada” (257.116 membros); “Decepções de amor” (483 membros)

Quadro 4: Os perfis e suas comunidades⁷⁵

Valendo-nos das informações contidas no Quadro 4, podemos inferir que, ao menos no que se refere a esses dados, as comunidades virtuais apresentam algum potencial de representar os *perfis* da pesquisa, pois, da maneira como estão estruturadas, desvelam certos aspectos ou traços próprios das pessoas a elas associadas. As comunidades virtuais, nesse sentido, convertem-se em mecanismos capazes de proporcionar um exercício dinâmico de (re)construção de *identidades* na rede Orkut. Vejamos como isso se revela. Tomando como exemplo o perfil de Renato e suas comunidades, notaremos que, numa primeira vista, já nos seriam apresentadas algumas informações a seu respeito. Através das três comunidades que se destacam no Quadro 4, podemos afirmar que de Renato sabemos: ele é um torcedor do Grêmio Futebol Clube; pode ser considerada uma pessoa pouco preocupada com a organização; e que não gosta de pessoas perto dele enquanto está no computador.

Do mesmo modo, do perfil de Gabriel sabemos, independentemente de nos conhecermos ou não, que ele se apresenta no Orkut como alguém *crente* no santo da igreja católica, São Francisco, parece favorável ao Movimento dos Sem-Terra e tem um cachorro chamado Bingo. O perfil de Nívia, a seu modo, revela sua profissão: socorrista. Ela descreve-se como alguém que tem personalidade forte e crê que as questões relativas à sua vida terão um tempo determinado para acontecerem. Entretanto, o que é interessante reter desses perfis é que muitas dessas *informações pessoais*, caso as relações se dessem no plano *off-line*, levariam algum tempo para se ter conhecimento delas, havendo nesse caso uma inversão de papéis. Poderemos ter acesso a muitos aspectos sobre alguém, os quais somente saberíamos se conversássemos ou o conhecêssemos pessoalmente, mesmo antes de termos trocado qualquer palavra com essa pessoa. Por fim, é ainda importante advertir que aqui não se compartilha da ideia de que os 14 perfis em questão sejam *verdadeiramente*, como demonstram suas comunidades; ao contrário, eles assim se *representam*, tornando-se uma *construção de si*.

Numa outra perspectiva, chamamos a atenção para o uso dos fóruns e enquetes, os quais são considerados lugares situados num espaço-tempo simbólico e podem se definir no âmbito das redes de relações em que os indivíduos se inserem e nas quais se constituem enquanto *membros* das comunidades. As postagens nesses fóruns e enquetes, como veremos nos próximos capítulos, sugerem algo bastante interessante: eles supõem um

⁷⁵ As comunidades que se apresentam no exemplo foram escolhidas aleatoriamente.

compartilhamento de experiência através de expressões pessoais. É nesse sentido que os fóruns e enquetes surgem como uma espécie de suporte expressivo. No interior dessa mesma perspectiva, observamos, em postagens do *Blog Oficial do Orkut*, depoimentos que corroboram essa premissa. Patrick Barry, engenheiro de software, postou a seguinte declaração: *é nosso objetivo fazer do Orkut a ferramenta definitiva de autoexpressão e comunicação*⁷⁶. Do mesmo modo, Keyla Ribeiro, da equipe de operações do Orkut, declarou: *É importante ter em mente que o Orkut é um meio para que as pessoas se expressem e se comuniquem [...]*⁷⁷.

Em suma, os fóruns e enquetes, tais quais os que se apresentam no Orkut, emergem enquanto espaços que se prestam ao compartilhamento público de expressões pessoais. De modo geral, essas expressões são compartilhadas através da escrita. É por intermédio dela que as pessoas falam e expressam questões referentes a si e ao seu dia a dia. Teremos oportunidades mais adiante de trazer à arena da análise empírica tais questões. Por ora, o que se percebe nesse jogo de interações textuais ou ainda nessas interações com mediação da escrita é a própria representação que elas trazem de si e de seu cotidiano. Ao cabo de contas, o *eu* e a vida diária e ordinária emergem e se mostram nessas interações, nesses fóruns e enquetes.

Outro aspecto importante a sublinhar diz respeito ao modo de funcionamento das comunidades virtuais no que se refere à sua semelhança com o recurso *Postar recados e depoimentos*, já descrito neste capítulo. Nas comunidades virtuais, impera uma lógica pautada num constante *perguntar-escrever-responder*, que, em certo sentido, aproxima as pessoas. A vida social das comunidades, portanto, dá-se pela constância de postagem de fóruns e enquetes. A verdade é que as pessoas postam questões na perspectiva de receber respostas em retribuição. Daí decorre outro aspecto, também já descrito neste trabalho: quanto mais se posta e recebe postagens em recompensa, mais *visibilidade, reputação, popularidade e autoridade* terá o perfil. Em resumo, as postagens estão orientadas por uma relação de interesses, que supõe reciprocidade, muito comum de se verificar nos chamados *tópicos de ajuda*. Observemos o exemplo abaixo, nele se vê uma relação recíproca pautada em interesses. Leila solicita uma sugestão na esperança de receber em troca uma resposta. Esta última é retribuída por Fernando, também membro da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.

⁷⁶ Disponível em: <<http://blog.orkut.com/>>. Acesso em: 31 ago. 2007.

⁷⁷ Disponível em: <<http://blog.orkut.com/>>. Acesso em: 7 dez. 2007.

Quero uma sugestão: Estamos teclando, nos falndo no tel há meses e vamos nos encontrar. Se rolar química, será que é legal deixar rolar tudo? Eu sinceramente, acho que, apesar de sentir vontade vou deixar para mais para frente. Ele pensa o mesmo, disse que quer dormir abraçado comigo, mesmo sem rolar nada. Mas e aí? É errado se a gente deixar rolar? Digo isto pq já nos conhecemos bem, só falta o encontro, e neste tudo pode mudar. (Leila, em 07/11/2005).

Hum... Deixa acontecer naturalmente.... Esse negocio aí de transar e tal eu axu q eh pelo momento em q vcs vaum estar juntos isso acontece naum tem como responder antes. O sexo eh visto como um pecado ainda e naum como uma função mormal de nosso corpo, bom eh minha opnião... (Fernando, em 08/11/2005).

Um último aspecto a ser ressaltado diz respeito ao fato de as interações sociais estabelecidas nas comunidades virtuais gerarem, ainda, três diferentes processos sociais que, para os interesses desta pesquisa, merecem consideração, sendo classificados por Recuero (2010) como *competição*, *cooperação* e *conflito*. As comunidades virtuais, em sua maioria, estão fundadas sob a égide desses três processos. Conforme Recuero (2010), a *cooperação* é o processo fundador da estrutura social de qualquer rede. Nesse caso, a *cooperação* é a condição sem a qual não poderiam existir redes sociais. Em outras palavras, sem *cooperação*, no sentido de um agir organizado, não haveria comunidades virtuais no Orkut. A *cooperação*, nesses termos, pode ser gerada por três elementos diferentes, mas concomitantes. *Coopera-se* no sentido de dar existência às comunidades, pois se está envolvido por ela através de: 1) interesses individuais ou pessoais; 2) qualidade de determinados tipos de *status* envolvidos e; por fim, 3) finalidades e objetivos do grupo.

Outro processo social comum às comunidades virtuais destacado por Recuero (2010) refere-se à *competição*. Indubitavelmente, a *competição* prevalece como um dos elementos fundadores das comunidades. Ela é reconhecida “como uma forma fundamental de luta social”. (RECUERO, 2010, p. 81). De acordo com a autora, apesar de o ato de *competir* compreender, igualmente, a luta, esta não se equipara à hostilidade, característica do *conflito*, terceiro e último processo social que caracteriza as comunidades virtuais. Segundo essa perspectiva, a *competição* pode gerar *cooperação* entre os membros da comunidade no sentido de suplantar a opinião de outros. Num fórum polêmico, pode haver *competição* no sentido da defesa de uma opinião. Vários membros *cooperam* em sua defesa, ao passo que também estão *competindo* entre si.

O *conflito*, de outro lado, pode gerar hostilidade, desgaste e ruptura da estrutura social da comunidade na qual se está envolvido. (RECUERO, 2010). Muitas vezes, ele está associado à violência e à agressão. Para que exista *competição*, não é necessário um

antagonismo concreto, como no caso do *conflito*. Como é possível notar, a *cooperação*, a *competição* e o *conflito* não são necessariamente processos distintos e não relacionados. O *conflito*, por exemplo, pode envolver *cooperação* na medida em que há a necessidade de reconhecimento dos antagonistas como adversários, o que implica *cooperação*. Do mesmo modo, o *conflito* entre grupos pode gerar *cooperação* em seu interior, não se podendo deduzir que não exista *conflito* em uma comunidade virtual. No entanto, para que a própria estrutura da comunidade exista, a maioria das interações precisa ser *cooperativa*. (RECUERO, 2010).

Abaixo, veremos vários diálogos realizados através de fóruns na comunidade *Namoro a distância*. Neles, é possível verificar os três processos que aqui acabamos de descrever. Trata-se de um debate logo, apesar disso vale a pena se debruçar sobre ele uns instantes, com vistas a perceber como os processos – *cooperação*, *competição* e *conflito* – podem ser de fato característicos das comunidades virtuais e, ainda, estar conjugados.

Thauan : 27. Set. 2011

Fale com a moderação! Perguntas, Sugestoes e Reclamacoes!

Léo: 27. Set. 2011

Libere o html para postagem de videos e fotos na comunidade ^^

Fagner: 27. Set. 2011

Libere o html para postagem de videos e fotos na comunidade ^

Thauan : 27. Set. 2011

Po mew, eu tbm queria muito fazer isso, mas infelizmente so a dona pode fazer isso...Sou moderador com limitacoes, tbm queria mudar a descricao da comu, mas nao posso. e o pior, estou sem contato com a dona...

Léo: 27. Set. 2011

Cara, mas fala com a dona, p vc ficar com a comunidade ja q ela nao participa pelo visto rs.

Thauan : 27. Set. 2011

Léo, To achando mais facil fazer outra comunidade. E ela ja nao entra mais pq o marido dela morreu, entao fica complicado pra caramba, estou de maos atadas!

Vivian: 28 Set. 2011

Mandei uma mensagem p/ a dona da comu...vamos ver se ela responde né?

Vivian: 28 Set. 2011

A dona da comunidade respondeu q não vê motivos p/ passar a comunidade p/ outro dono e q tem a comunidade faz muitos anos...

Léo: 28. Set. 2011

Ai cara, pega a comunidade e pronto, fala com a guria sem medo, é rapidinho. Se quiser eu assumo, mas é melhor p organizar e principalmente, liberar o html rsrs

Vivian: 28. Set. 2011

Então Leo, ela não vai passar a comunidade p/ ninguém , inclusive disse q qquer um pode ter comunidade no orkut...então...é isto... Perguntei se ela não poderia passar a comunidade: resposta: “Não vejo motivos para isso! Tenho essa comunidade a

mts anos e nao seria agora que passaria a comunidade para alguém. Todo mundo que tem acesso ao orkut tem total liberdade para criar novas comunidades sendo assim necessário! Att Janaina” Bom, ela me respondeu no mesmo dia em q enviei a mensagem...então ela entra no orkut...

Léo: 28. Set. 2011

Poxa, q “Uó” é essa guria heim rsrs. Envia uma mensagem falando p ela liberar o HTML da comunidade, p postar fotos e videos nos topicos, pq aparece só o link, dai é ruim.

Janaina (dona da comunidade): 28. Set. 2011

Sim !eu entro (qse) todos os dias no orkut , apesar de não mais ficar logada nele por mt tempo como antes, pq meus dias são mt corridos! E ao contrario do que disseram...eu não participo mais ativamente da comunidade pq meu marido faleceu,e sim pq não tenho tempo de participar todos os dias ...mas qd posso sempre to observando postagens! Não liberarei html na comunidade pq já teve mt problema com isso! Os mais antigos aki sabem...tipo quem ta de 3 ou 4 anos pra cá! Léo, não sou “Uó” não,impressão sua!Pelo contrário, não desrespeitei, não falei mal,nem julguei ninguem , apenas tenho a opção de dizer sim ou não,e se eu disse NÃO é pq tenho meus motivos!Julgar o jeito de ser de uma pessoa apenas por ouvir um Não demonstra imaturidade,por não saber lidar com o peso dessa palavra! Já que me julgou,tb me acho no direito de julga-lo! E outra coisa quando a Vivian entrou em contato comigo ela não me disse nd de Html! Tauãm eu tenho add no meu orkut , e se tiver que entrar em ctt comigo tem total liberdade para isso,afinal não o conheço pessoalmente e está add justamente por causa da comunidade.(se tivesse entrado em ctt comigo me falando sobre o HTML eu concerteza tinha esclarecido isso!) reclamações,dúvidas e etc,passem para o Tauãm! E Tauãm se puder me passar se for algo que eu possa resolver ou esclarecer eu agradeceria !!

O diálogo entre os perfis Thauan, Léo, Fagner, Viviam e Janaina dá-se em função de um fórum intitulado *Fale com a moderação! Perguntas, Sugestões e Reclamações!*, postado por Thauan, *moderador* da comunidade. É ele quem inicia o processo que culmina num conjugado de *cooperação*, *competição* e *conflito*. Em resposta a esse fórum, Léo sugere que Thauan, *moderador* da comunidade, libere o código HTML⁷⁸ para que possa postar fotos e vídeos, já que somente a dona da comunidade, Janaina, tem esse código de acesso. Em *cooperação*, como se nota no diálogo, Fagner reforça o pedido repetindo a mesma solicitação. Numa reação *cooperativa*, Thauan novamente, seguido de Léo e com o ingresso de Viviam, passa a insistir na liberação do código. É claro que essa *cooperação* gera *competição*. Eles *competem* numa *luta* por suplantar a opinião da dona da comunidade, Janaina, contrária à solicitação do grupo.

Ao final do diálogo, o que se vê é um início de *conflito* que, nesse caso, não chega a gerar violência ou agressão, mas apresenta um tom *hostil*. Janaina de forma incisiva, enuncia

⁷⁸ HTML (acrônimo para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto) é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Web. Documentos HTML podem ser interpretados por navegadores.

a todos: *não desrespeitei, não falei mal, nem julguei ninguém, apenas tenho a opção de dizer sim ou não, e se eu disse NÃO é pq tenho meus motivos! Julgar o jeito de ser de uma pessoa apenas por ouvir um Não demonstra imaturidade.* Como se percebe no último diálogo, Janaina responde a todo o grupo solicitante do código de acesso, demonstrando certa *irritação*. Anunciando ser totalmente contrária à liberação do HTML, responde às críticas que lhe foram endereçadas com bastante contundência.

1.2 O UNIVERSO SOCIAL DO ORKUT: CARACTERÍSTICAS GERAIS

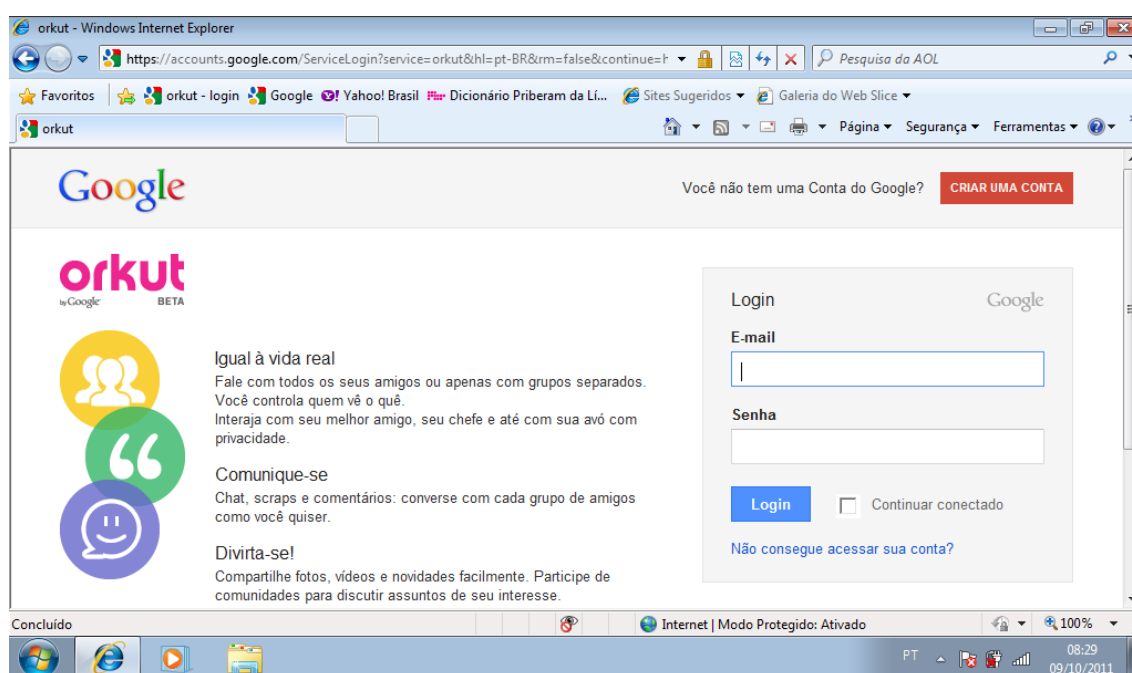


Figura 13: Página inicial do Orkut⁷⁹

O Orkut é uma *rede social*: pessoas e interações

Conforme as informações contidas em sua página inicial (Figura 13), o Orkut é um espaço na internet *igual à vida real* no qual pessoas *interagem*, *divertem-se* e *comunicam-se* com outras através de *chats*⁸⁰, *scrap*s⁸¹ e *comentários*. Levando em conta esse primeiro trecho de acesso ao *site*, podemos destacar dois elementos importantes que caracterizam bem o

⁷⁹ Disponível em: <www.orkut.com.br>. Acesso em: 03 jul. 2011.

⁸⁰ Bate-papo.

⁸¹ Recados.

Orkut. O primeiro deles refere-se à presença de pessoas, característica endossada por Arijit De, engenheiro de *software*, que declarou no *Blog Oficial do Orkut: não há dúvida de que a melhor coisa a respeito do Orkut são as pessoas que você encontra lá*⁸². O segundo elemento diz respeito às interações sociais, característica que encontra respaldo em depoimentos como o do Odelino Filho, membro da comunidade *Orkut Brasil*⁸³ (1.638.499 membros), que escreveu: *no Orkut você nunca está sozinho*⁸⁴.

Nessa perspectiva, o Orkut pode ser classificado enquanto uma “rede social”, tal qual o entendimento da estudiosa da mídia Raquel Recuero (2010). Em seu estudo sobre as redes sociais na internet e a sociedade contemporânea, a autora define rede social “como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”. (RECUERO, 2010, p. 24). Como visto no parágrafo anterior, essas são as duas primeiras características que fundam o Orkut. Ele é povoado por pessoas que constroem relações sociais entre si. De modo a confrontar essa afirmação, vejamos uma conversa⁸⁵ retirada dessa *rede social*, na qual *interagem* dois *atores* membros do Orkut: Amanda⁸⁶ e Vanessa, que utilizam o recurso *scraps* para se comunicarem.

Amanda – 5 julho 2011

Oi Vanessa, tudo bom? Quanto tempo...
Então, lembra que uma vez eu pedi pra você fazer duas plaquinhas com nome? Pra Natalie e pra Letícia. Quanto você cobra?

Vanessa – 6 julho 2011

oi, tudo bem sim e vc?
como esta o emprego novo?
R\$ 20 cada
bjão

Amanda – 12 julho 2011

Comigo está tudo bem também.
Faculdade, emprego, tudo maravilhoso. :)
Será que da tempo de fazer até sábado? Minha cunhada queria.

Vanessa – 12 julho 2011

xiiiiiiiiiiii acho que nao dá pq tenho que comprar a peça crua....
só mais pra frente....
bjao

Amanda – 12 julho 2011

Hmmm, então deixa. É que a Dolly precisava pra um chá de bebê sábado.

⁸² Postado em 19 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://blog.orkut.com/>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

⁸³ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=105721601>>.

⁸⁴ Fórum postado em 9 de junho de 2011, recebeu 900 comentários. Acesso em: 14 jul. 2011.

⁸⁵ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br>>. Acesso em: 17 jul. 2011.

⁸⁶ Amanda faz parte dos 14 perfis analisados nesta pesquisa.

Nesse exemplo, Amanda e Vanessa parecem utilizar o Orkut como um lugar de convivência social em que estabelecem entre si ligações significativas. Nesse pequeno trecho da conversa, é possível observar que a interação entre as duas inicia-se mediante cumprimentos, como as saudações: *Tudo bom? Tubo bem sim e você?* Elas também trocam informações pessoais, como no momento em que Amanda responde a Vanessa sobre seu *novo emprego* e a *faculdade*, revelando que tudo está *uma maravilha*. A interação se mantém até ser apresentado o interesse pela execução de uma demanda específica: a encomenda e o orçamento de *plaquinhas*, as quais não poderão ser confeccionadas. Enfim, apresentamos esse exemplo aleatório sem maiores pretensões, senão com aquela de demonstrar que o primeiro requisito do Orkut é, portanto, a ideia de um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, sendo, por essas características, considerado uma *rede social*. (RECUERO, 2010).

Orkut e as interações sociais mantidas a distância

As relações sociais estabelecidas no Orkut são marcadas por uma peculiaridade, a saber: são mantidas a distância. Outra característica importante do Orkut é resultante de três processos concomitantes. O primeiro diz respeito a mudanças na *relação tempo e espaço*. No Orkut, pessoas espacialmente distanciadas entram em contato, o que mostra que as noções de *tempo* e *espaço* sofreram alterações, isto é, as distâncias diminuíram ao passo que o tempo também. São relações que quase sempre independem dos lugares geográficos ou do tempo. Le Breton (1999, p. 148) utiliza o termo “fim das fronteiras geográficas” para classificar esse processo de supressão do tempo-espaço. Segundo esse autor, o indivíduo, “sentado diante da tela, tem intercâmbios com amigos [...] do mundo inteiro, faz pesquisa em bancos de dados ou dialoga durante horas com interlocutores espalhados no espaço, sem se preocupar com as fronteiras”. (LE BRETON, 1999, p. 148). É esse mesmo fenômeno que ocorre no Orkut.

O segundo processo é o de *virtualização*. As relações que se mantêm no Orkut são consideradas virtuais. O termo virtual será problematizado abaixo, mas, de forma antecipada e segundo a abordagem que estamos tomando como referência, convém afirmar que o *virtual* não é um termo oposto ao *real*. (LÉVY, 1996). O virtual refere-se a um “desprendimento do aqui e agora”, a um “não estar presente”. (LÉVY, 1993, p. 19). Em outras palavras, ele supõe presença, mas ela não é *física* nem *imediata*. Apesar de *não presente*, o Orkut está repleto de pessoas e relações, bem como, em decorrência, repleto de paixões e de projetos, de conflitos e

de amizades. O espaço virtual do Orkut não proporciona menos o *sentimento* da realidade física do universo vivido pelas pessoas *off-line*. “Longe de ser uma ilusão, a cultura cibernética” ou a cultura do Orkut, em nossos termos, “é capaz de mobilizar afetos poderosos”. (LE BRETON, 1999, p. 151).

O terceiro e último processo refere-se ao que estamos chamando de *fim das coerções corporais*, noção utilizada por Le Breton (1999) em sua discussão sobre o ciberespaço como lugar de *desaparecimento do corpo*. No Orkut, as relações se dão sem a *presença imediata* do corpo. Essa condição, entretanto, não invalida a possibilidade de se manterem laços fortes, duradouros e afetivos. Isso porque toda “navegação na internet” ou, em nosso caso, toda a navegação no Orkut “proporcionam aos internautas uma *sensação perturbadora da presença*”. (LE BRETON, 1999, p. 143). Sobre o corpo dos membros do Orkut, ressoam inúmeros efeitos de sensações e emoções provocadas pela interação. Assim, podemos afirmar, conforme Le Breton (1999, p. 143), que essas pessoas “livres das coerções corporais habituais [...] sente[m] fisicamente um mundo sem carne”.

Tomando como parâmetro esse modelo de relação social a distância, vejamos abaixo como pessoas no Orkut podem interagir *virtualmente* e em *tempo* e *espaço* diferenciados sem a obrigatoriedade da *presença física e imediata do corpo*. Tomemos o exemplo abaixo como uma ilustração desse modelo de relação. Ele apresenta o caso de Andressa⁸⁷, membro do Orkut, moradora da cidade de Pelotas/RS. Muitas das relações que ela mantém no Orkut são a distância. Conversas retiradas⁸⁸ de seus *scraps* corroboram essa asserção. Andressa constrói relações *virtuais* com outros membros do Orkut espalhados geograficamente, como no caso de Ana Paula, que, apesar de residir no mesmo estado que ela, mora numa cidade diferente chamada Passo Fundo/RS. Na mesma linha, temos o caso de Juninho e Laura, amigos com quem Andressa também interage, os quais, respectivamente, moram em São Domingos do Capim/PA e em Portugal. Como se vê abaixo, são relações que podem ser estabelecidas sem a presença física.

De Ana Paula (Passo Fundo/RS) para Andressa, 21 de junho 2011

*Oiee... Nossa tempão mesmoo, nunca mais nos falamos.
Eu to bem, to morando aqui em Passo Fundo, e tu como que esta? Morando em
Pelotas ainda? Beijooo e Boa Semana.*

De Juninho (S. Domingos do Capim/PA) para Andressa, 15 de julho de 2011

Tou bem sim... E as novas? Quanto tempo né...

⁸⁷ Andressa também faz parte dos 14 perfis analisados pela pesquisa.

⁸⁸ Disponível em: <www.orkut.com.br>. Acesso em: 22 jul. 2011.

De Laura (Sintra – Portugal) para Andressa, 17 de junho de 2011

Oi amada!!! que bom receber notícia tua, aqui estamos bem, o verão está começando muito lentamente, Europa é frio quase o ano inteiro mas já estou acostumada, também...são mais de 10 anos de Portugal. Tenho viajado muito pois daqui fica mais barato, em Setembro vou pra Grécia. Adoro viajar hahahaha, beijos.

Orkut: imperativo da visibilidade

Caso ainda consideremos as informações de acesso à página inicial do Orkut (Figura 13), notaremos que o *site* assegura que as relações sociais mantidas ali poderão também ser estabelecidas em *privacidade*. A página traz o seguinte texto: *interaja com seu melhor amigo, seu chefe e até com sua avó em privacidade*. Decerto, trata-se de um trecho que assegura a seus membros relações sociais *privadas* e, conseqüentemente, não *públicas*. Entretanto, no próprio Orkut é possível encontrar alguns indícios que contradizem essa garantia. Como exemplo, há várias discussões em *comunidades virtuais* em torno do tema *privacidade*. Muitas delas questionam a ausência de relações privadas no Orkut.

Tais comunidades podem ser categorizadas em três grupos temáticos que apesar de distintos se imbricam. O primeiro grupo é o daquelas discussões que *reclamam por privacidade no Orkut*. Como exemplo desse grupo temático, temos a comunidade *Eu quero privacidade no Orkut* (100.987 membros)⁸⁹, criada por Jean, considerado dono da comunidade. Ele a descreve assim: *Ooooo Coisinha não tem o que fazer? Fica fuxicando meu Orkut. Chega pow eu quero privacidade no Orkut*.

O segundo grupo temático é o daquelas pessoas que parecem responder à reivindicação do primeiro grupo. Isto é, são comunidades que afirmam *não existir privacidade no Orkut*, tais como: *Não existe privacidade no Orkut* (4004 membros)⁹⁰, cuja dona, Kaline, a descreve da seguinte forma: *Privacidade [no Orkut] isso vc jamais vai ter, e se quiser exclua seu orkut!;* e *Quer privacidade? Sai do Orkut* (63.513 membros)⁹¹. A dona dessa comunidade chama-se Kelly e, como veremos a seguir, ela a descreve em forma de *desabafo*, afirmando ser inevitável a exposição no Orkut, visto que faz parte da estrutura do *site*. Segundo Kelly, todos no Orkut aparecerão de algum modo, pois não há como ter *privacidade* numa rede social. Vejamos abaixo seu depoimento, ou seja, o modo como sua comunidade é descrita:

⁸⁹ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=102264997>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

⁹⁰ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=8976114>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

⁹¹ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=6549498>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

*Resolvi criar essa comunidade como uma forma de protesto. Estou de saco cheio de gente que entra no orkut, critica, mas não sai de jeito nenhum. Como entender isso? **Privacidade não se tem numa rede, quem está no orkut vai aparecer.** Isso não significa ter que colocar tudo que acontece consigo aqui e tal, mas **haverá alguma exposição, algo inevitável, uma vez que, faz parte dele,** não há como... Ficam passando lição de moral com explicações patéticas. **Entrou na rede, apareceu!** Se você também não agüenta mais essas pessoas, entre nessa comunidade!*

O terceiro e último grupo temático refere-se ao de pessoas que parecem *não se importar com a falta de privacidade no Orkut*. Admitem saber que muitas pessoas *bisbilhotam* seu Orkut e que elas próprias também fazem o mesmo com relação ao Orkut dos outros. Fazem parte desse grupo comunidades como: *Fucei seu Orkut mesmo! E DAÍ?* (58.958 membros)⁹² e *Te peguei fuçando meu Orkut* (184.519 membros)⁹³. Essa última é descrita por Leandro, dono da comunidade, assim: *Para todos que já tiveram o prazer de pegar seu amigo(a), ex-namorado(a) ou até mesmo seu patrão fuçando seu Orkut! Haha. Entrem e comentem a respeito das pessoas que vc pegou “olhando” seu Orkut!* O último exemplo de comunidade desse grupo é a chamada *Eu sei que você fuça meu Orkut* (655.336 membros)⁹⁴. Vejamos abaixo a descrição feita pelo dono, que se chama Otávio:

Comunidade Dedicada a Todos Que Sabem Que Sempre Tem Alguém Fuçando Nosso Orkut. Por Que Todo Mundo Tem Um Amigo Ou Conhecido Bem Curioso Que Faz Questão De Ficar Fuçando Nosso Orkut. Se Você Também Sabe Que Algum Curioso Fuça Seu Orkut Esse é o Seu Lugar.

Além da existência dessas comunidades, estudos sobre redes sociais na internet corroboram a premissa de que não há privacidade no Orkut, como, ao contrário, afirma o trecho de acesso ao *site*. Um exemplo desses estudos é o ensaio da antropóloga Paula Sábilia (2008, p. 8) sobre “a exibição da intimidade na internet”. Segundo a autora, emergem hoje no ciberespaço novas práticas de *expressão* e *comunicação* que se convertem numa “crescente publicização do privado”. É o caso de plataformas como Orkut, *Myspace*, *Blogs*, *Youtube* etc. Sábilia (2008, p. 50) segue sua discussão afirmando que certas práticas no Orkut supõem uma espécie de *espetacularização da intimidade cotidiana*, que se refere a “um arsenal de técnicas de estilização das experiências de vida e da própria personalidade para ficar *bem na foto*”.

Nesses termos, longe de ser um lugar para se manterem relações sociais com *privacidade*, o Orkut, segundo Sábilia (2008, p. 233), é uma ferramenta de “autoestilização”

⁹² Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=12232851>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

⁹³ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1087>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

⁹⁴ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1109768>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

que se encontra à disposição de qualquer pessoa. Através dessa ferramenta, é possível exibir “todo o tipo de cena da vida privada com facilidade, rapidez e baixo custo”. (SIBÍLIA, 2008, p. 253). Ainda conforme essa antropóloga, um dos meios mais populares de *exibição da vida privada* no Orkut pode se dar através da divulgação de fotos pessoais. Um indício dessa prática pode se vislumbrar em comunidades virtuais construídas exclusivamente com o fim de se debater a importância das fotos no Orkut, como exemplo, temos: *Eu tiro foto pensando no Orkut* (523.269 membros)⁹⁵. Vejamos abaixo, como Marcelo, o criador da comunidade, a descreve:

Comunidade Pra você que adora tirar foto e imagina sempre quando tá tirando como aquela foto iria ficar legal no seu orkut, como iria ficar legal de profile. Se você sempre que vai Em um lugar pensa em tirar foto pra colocar no Orkut essa é a sua comunidade.

Ademais, a própria equipe do Orkut publicou em seu *Blog Oficial* um *post* em 26 de janeiro de 2011 que parece confirmar, por um lado, a abordagem de Síbilía (2008, p. 16): “o atual auge de exibição da intimidade na internet” e; por outro, respalda as discussões dos próprios membros do Orkut que afirmam que este é um espaço no qual a privacidade não existe. Trata-se de um *post* que divulga números surpreendentes. Ele anuncia *recordes* de exibições de fotos, vídeos e *scraps* no final de 2010 e início de 2011. Segundo a equipe do Orkut, na véspera do Natal do ano 2010, foram compartilhados *93 milhões de scraps*. De igual modo, no início do ano 2011, foram exibidos *1,6 bilhões de fotos* e *2 bilhões de vídeos*. Vejamos abaixo o *post* completo:

*Fotos e scraps continuam sendo recursos populares, e atingiram alguns recordes no mês passado. Na véspera do Natal, os usuários compartilharam inéditos 93 milhões de scraps. No dia 3 de janeiro, depois do ano-novo, 1,6 bilhão de fotos foram exibidas, o que totaliza 19 mil exibições por segundo. Para se ter uma ideia melhor, o YouTube ultrapassou a marca de 1 bilhão de exibições em outubro de 2009 e chegou aos 2 bilhões em maio do ano passado*⁹⁶.

A discussão acima a respeito da presença ou ausência de privacidade no Orkut sugere uma conceituação cuidadosa. Mais adiante, esse aspecto será enfocado. Por ora, cumpre ressaltar que o par público/privado sempre fez parte da civilização ocidental, ao menos desde a Antiguidade clássica, como bem demonstra Arendt (1995), em suas formulações sobre *a condição humana*, e Sennett (1988), em sua discussão sobre as *tiranias da intimidade*. Antes

⁹⁵ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1441403>>.

⁹⁶ Postado em 26 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://blog.orkut.com/>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

de entrarmos em questões mais conceituais, seria necessário demarcar duas características importantes a respeito das noções de *privado*, *público* e *íntimo*: uma é considerada mais geral; e outra, específica para os dias de hoje. A primeira característica defende que essas noções são esferas culturalmente variáveis. A segunda, que almejamos enfatizar, revela que sofreram transformações importantes a partir do surgimento nas novas tecnologias da informação.

No que se refere à segunda característica, inferimos que a internet ou mesmo o Orkut transformaram radicalmente os modos de vivenciar o público, o privado e o íntimo. (THIBES, 2008). Isto é, o que se compreende hoje por público, privado e íntimo, bem como as fronteiras que separam cada qual, vai depender, em grande medida, das definições que os próprios indivíduos constroem. Decerto, essas definições ou redefinições estão sendo criadas e negociadas no cotidiano das relações entre os indivíduos em redes sociais *on-line*. Essas questões serão desenvolvidas mais adiante nos capítulos subsequentes.

Usos sociais do Orkut: dinamicidade e transformações

Conforme as problematizações de Recuero (2010), as *redes sociais* na internet apresentam outra característica importante, a qual atribuímos também ao Orkut, a saber: a de que elas modificam-se em relação ao tempo, isto é, as “redes são dinâmicas e estão sempre em transformação”. (RECUERO, 2010, p. 79). Tudo que é da ordem da cultura é dinâmico e sofre mudanças. O Orkut, que é um elemento cultural, apresentará, conseqüentemente, essas características. Foram muitas as mudanças no Orkut, em seus sete anos de existência. Criada em 24 de janeiro de 2004, de lá para cá, essa *rede social*, caracterizada pela dinamicidade e por consecutivas transformações, modificou-se em função dos usos sociais.

O argumento no qual nos apoiamos nesta discussão defende que são as pessoas que modificam a internet através dos usos sociais. De algum modo, certas abordagens formuladas sobre a relação homem/tecnologia virtual tenderam a postergar a perspectiva teórica que considera os fenômenos humanos produtos histórico-sociais. Nessas abordagens, a internet parecer advir de um mundo não humano, de um *mundo frio das máquinas*, estranho a qualquer significação e valores culturais. Esses estudos partem, equivocadamente, do pressuposto de que a internet causa *impactos*⁹⁷, no sentido determinístico. Isto é, a internet

⁹⁷ A internet, longe de causar “impactos”, de ser “determinante”, está mais apta a “condicionar”. Decerto, é produzida dentro de uma sociedade ou de uma cultura e por essas razões só pode criar condições para os indivíduos. Entretanto, mesmo considerando essa perspectiva, consente-se, por outro lado, que seria um equívoco dar por certa uma proposição que delega à internet isenção de encargo no que tange às mudanças por que experimentam os indivíduos hoje. Seria incorreto admitir que o avanço nos usos da internet não *condicione*

seria comparada a um *projétil* ou um *míssil* e seus usuários seriam o *alvo*. Ora, o uso indiscriminado da *metáfora bélica do impacto* esconde uma dimensão importante, qual seja: a particular relação entre internet e usos sociais⁹⁸.

Contrária a tal abordagem, nossa discussão é tributária de uma perspectiva teórica que considera a internet um fenômeno humano ornamentado por significações culturais. (CASTELLS, 2004; HINE, 2004; LÉVY, 1999). O que está em jogo, nessas abordagens, é a dimensão do significado da experiência humana com a internet. Essa tecnologia é inseparável da questão do sentido conferido pelos indivíduos. Por essas razões, o fenômeno internet é, para os propósitos deste trabalho, definido e constituído por ordens sociais, apresentando qualidade simbólica. O que se defende aqui é que a internet nada é fora das relações sociais que a constituem, ou melhor, ela é um fenômeno instituído pelo concurso das ações humanas e, por isso, não pode ser desarticulada dos simbolismos sociais. Assim, não é um “ator autônomo”, como muitos querem crer, apartado da sociedade e da cultura.

Com o Orkut não é diferente, ele é uma produção da cultura que somente adquire sentido socialmente através dos usos das pessoas que nele se envolvem. A utilização do Orkut para múltiplas tarefas transformou-o ao longo do tempo. Não se pretende aqui detalhar todas essas transformações, entretanto citemos uma em especial, a qual servirá de exemplo para entender o Orkut como prática social. Referimo-nos ao fenômeno que ficou conhecido como *a invasão brasileira*. Isto é, a presença esmagadora de brasileiros no Orkut no período em que não havia uma cota específica dessa rede de relacionamento no Brasil, ou seja, não havia uma cota em língua portuguesa. No entanto, isso não impediu que milhares de brasileiros fizessem uso desse *site*.

O Orkut foi construído, inicialmente, para o público norte-americano, porém muitos brasileiros acessavam sua página em inglês e postavam *recados e depoimentos* em português, fato que gerou desafetos entre os estrangeiros que alegavam que os brasileiros invadiram e dominaram todos os seus espaços, postando num idioma que não entendiam. O que queremos notar é como Orkut, enquanto prática social, está sujeito a transformações inesperadas. Um *site* de relacionamento construído para determinado público torna-se, de repente, de um outro público, sem que nada tivesse sido planejado. Os usos sociais do Orkut pelos brasileiros fizeram com que, segundo a *demografia do Orkut*, o Brasil ocupasse o primeiro lugar no

práticas e condutas. Portanto, à vista disso, compreende-se que os homens, na medida em que produzem e usam a internet, ao mesmo tempo, são produzidos ou alterados por ela. Por isso, é-se partidário da tese segundo a qual o uso da internet pesa na formação de novas atitudes, novas experiências e novas subjetividades.

⁹⁸ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

ranking de usuários por países, com 48%, seguido da Índia, com 39,2%, e dos EUA, com 2,2%⁹⁹.

Um reflexo dessa presença brasileira no Orkut vê-se, por exemplo, em comunidades virtuais construídas especificamente para se discutir, através de fóruns e enquetes, o quanto as pessoas frequentam esse *site*. Observemos três em especial: *Entro no Orkut toda hora* (177.893 membros, criada em 13 de março de 2005), *Deixa eu ver meu Orkut* (160.959 membros, criada em 23 de agosto de 2007), *G.A.V.O, Viciados em Orkut* (40.942 membros – criada em 07 de maio de 2004). A título de ilustração, vejamos como essa última comunidade é descrita: *G.A.V.O significa Grupo de Apoio aos Viciados em Orkut!!! Se você não consegue ligar o computador sem dar “aquela passadinha” no Orkut, venha para o Grupo e sinta-se à vontade, somos todos viciados! =D*. Abaixo, encontram-se dois exemplos de fóruns, retirados da comunidade *G.A.V.O*¹⁰⁰, que parecem confirmar a presença assídua dos brasileiros no Orkut.

Fórum 1 intitulado “Vc já perdeu algo por causa do Orkut??” Postado por Lourdes, membro desta comunidade, em 16.06.2008: *Bem galera me diz aí alguém já perdeu um namorado(a), festas, comemorações, viagens, por naum conseguir fikar sem logar no Orkut. Me diz aiii*. (Este Fórum obteve 79 comentários como o feito por Naty, também membro da referida comunidade, em 11.01.2008 abaixo)

Já pedi a hora! É o tempo todo no orkut...! Esqueço da vida, de estudar, de sair de casa! E etc.

Fórum 2 intitulado “Quanto tempo já ficou sem abrir seu Orkut? Horas, dias, meses, anos?” Postado por Rodrigo, membro desta comunidade em 10.06.2008. Este fórum obteve 261 comentários como o feito por Taty, membro da comunidade, em 17 de julho de 2011: *Quando eu to em casa ~ 3 hrs no maximo :/ viajando ~ mais que 1 semana eu não aguento :D*

Enfim, a existência de comunidades virtuais que discutem a *frequente presença de brasileiros* nesse *site* e o fenômeno *a invasão brasileira* no Orkut ilustram, de algum modo, o quão ele foi produzido socialmente. Os usos sociais do Orkut pelos brasileiros fizeram dele um dos mais acessados no Brasil. Como já afirmamos no início deste trabalho, 67% dos brasileiros utilizam a internet para participar de *sites* de relacionamento, como o Orkut¹⁰¹.

⁹⁹ Disponível em: <www.orkut.com.br>.

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=54940>>. Acesso em: 18 jul. 2011.

¹⁰¹ Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.BR).

O Orkut é igual à vida real

Voltemos, por agora, a tomar como referência as informações contidas na página inicial do Orkut. Mediante a observação da Figura 13, vimos que o Orkut é comparado à *vida real*. Tal analogia desvela outra característica importante do Orkut: ele é um reflexo das realidades vividas *off-line*. Através dessa analogia, depreendem-se, então, as intenções do *site* em certificar que as relações sociais construídas ali, longe de serem irreais, fantasiosas ou inexistentes, exercem influências concretas na vida das pessoas. Nesse sentido, o Orkut pode ser considerado uma extensão da vida tal como é, em todas as suas dimensões e modalidades.

As relações sociais que se reproduzem nesse ambiente *on-line* podem ser as mesmas que se reproduzem no ambiente *off-line*. Os internautas entram no Orkut com os mesmos valores, crenças, padrões, conceitos e preconceitos vivenciados em suas realidades diárias cotidianas fora da internet. Isto é, as interações estabelecidas *on-line* são coerentes com as interações *off-line*. Em contraste com as afirmações de que o Orkut constitui uma causa de alienação e fuga do *mundo real*, a interação social nessa rede não parece ser, na generalidade, muito diferente da configuração da vida quotidiana fora da internet, podendo o Orkut ser considerado um prolongamento dessa última.

1.3 A REDE ORKUT NUMA BREVE REPRESENTAÇÃO QUANTITATIVA

Interessa-nos ainda aqui apresentar um esboço, mais ou menos geral, sobre o que é o Orkut, considerando-se dados estatísticos. O objetivo é construir um panorama que dê conta de um dos *sites* mais frequentados pelos(as) brasileiros(as). Em outras palavras, tencionamos desenhar um cenário quantitativo que apresente o Orkut em números. Nesse ponto, enfrentamos um primeiro obstáculo. Tal demanda apresenta uma série de dificuldades. Há um conjunto de questões que dificultam a quantificação em números exatos sobre o Orkut. É por essas razões que alguns números que se seguem podem ser classificados como *frágeis*. De todo o modo, desde que, a princípio, façamos essa ressalva: eles poderão ser úteis na medida em que nos fornece uma aproximada *representação* quantitativa do Orkut.

Os dados que temos sobre o Orkut, portanto, apresentam-se *frágeis*, pois apesar de ser uma das maiores redes *on-line*, em termos de membros cadastrados no Brasil, há poucos dados a seu respeito. A insuficiência de estatísticas que apresentem um quadro geral fornecendo mais informações sobre o Orkut parece ser mais uma característica desse campo. É muito difícil ter mais informações sobre quem são os indivíduos que fazem parte dessa rede

de relacionamento. Há um conjunto de razões que explicam essa dificuldade. Muitas delas estão associadas à construção de *perfis*, uma vez que neles as pessoas *dizem quem são*, entretanto mudam com uma frequência constante as informações cadastradas. Há, ainda, aquelas informações *falsas*, referidas, sobretudo, à categoria idade. Para se cadastrar no Orkut, a idade mínima estabelecida é de 18 anos, mas é visível a presença de jovens com idade inferior. Há pessoas, ainda, que podem ter mais de um perfil.

Apesar desses *obstáculos*, apresentaremos alguns dados. Por exemplo, contemos com a pesquisa realizada pela Serasa Experian Hitwise¹⁰², divulgada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 28/04/2010¹⁰³. Conforme seus resultados, o Orkut continua líder de acesso no Brasil (Figura 14). Apesar do aumento de visitas dos brasileiros a outros *sites*, como *Facebook*¹⁰⁴ e *Twitter*¹⁰⁵, o Orkut segue na liderança. O *Facebook* cresceu 804% em acessos, desde abril de 2009, e o *Twitter* subiu 768%. Apesar desse crescimento, a porcentagem de visitas aos *sites* segue baixa em comparação ao todo: o *Facebook* tem 2,35% dos acessos da categoria Redes sociais e Fóruns e o *Twitter* tem 1,91% da mesma categoria. O Orkut, por sua vez, lidera a referida categoria, com 62,14% dos acessos. Quem mais se aproxima dele é o *YouTube*, com 17,23% das visitas. Quando são contados todos os *sites* mais acessados pelos brasileiros, o Orkut fica em segundo lugar, atrás apenas do Google Brasil¹⁰⁶.

¹⁰² Empresa que presta serviço em *marketing* digital. Segundo informações disponíveis em seu *site*, <<http://www.serasaexperian.com.br/hitwise/>>: “no Brasil, medimos o comportamento de mais de 500 mil pessoas, distribuídas geograficamente para representar a população online do País”. Acesso em: 01 set. 2011.

¹⁰³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u726772.shtml>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

¹⁰⁴ Segundo Recuero (2010, p. 172), “o facebook (originalmente, *thefacebook*) foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto este era aluno de Harvard. A ideia era focar em alunos que estavam saindo do secundário (High School, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na universidade. Lançado em 2004, o Facebook é hoje um dos sistemas com maior base de usuários no mundo, não tão localizado quanto outros, como o Orkut”.

¹⁰⁵ Conforme Recuero (2010, p. 174), “O twitter permite que sejam escritos pequenos textos de até 140 caracteres a partir da pergunta: o que você está fazendo? É estruturado com seguidores e pessoas a seguir, onde cada twitter pode escolher quem deseja seguir e ser seguido por outros. Há também a possibilidade de enviar mensagens em modo privado para outros usuários. A ideia do twitter nasceu com Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams ainda em 2006, como um projeto da empresa Odeo”.

¹⁰⁶ Versão brasileira do *site* de busca e pesquisa.

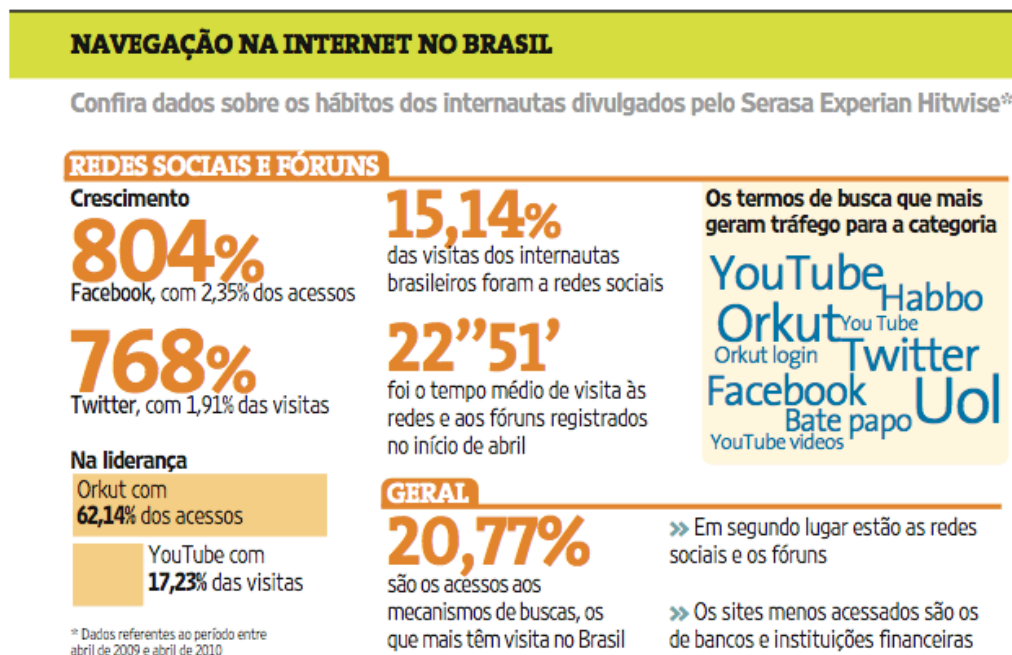


Figura 14: Navegação da internet no Brasil¹⁰⁷

Consideremos, além disso, alguns dados que são fornecidos pelo próprio Orkut. Eles podem não ser os mais *sólidos*, mas talvez forneçam, em certo sentido, uma aproximação com a realidade do Orkut que queremos aqui apresentar. São dados sobre: 1) a quantidade de membros cadastrados no Brasil; 2) a média de idade que afirmam ter os frequentadores do Orkut; 3) os principais interesses no acesso ao *site* e; por fim, 4) as condições em termos de relacionamentos afetivo-sexuais (solteiro, casado, namorando etc.). Vejamos abaixo a Tabela 4.

Tabela 4: Dados demográficos do Orkut

Percentual de membros		Média de idades	
Brasil	50,60%	18 – 25 anos	53,48%
Índia	20,44%	26 – 30 anos	14,99%
Estados Unidos	17,78%	31 – 35 anos	6,68%
Paquistão	0,86%	36 – 40 anos	4,15%
Paraguai	0,44%	41 – 50 anos	4,14%
Reino Unido	0,40%	Mais de 50 anos	3,47%
Portugal	0,36%		
Afganistão	0,35%		
Japão	0,34%		
Canadá	0,33%		

¹⁰⁷ Figura retirada do jornal *Folha de S. Paulo*, em 30/08/2011.

Interesses no acesso		Relacionamento afetivo-sexual	
Amigos	44,04%	Não há resposta	59,31%
Companheiros para atividades	13,53%	Solteiro(a)	24,76%
Contatos profissionais	13,02%	Casado(a)	8,70%
Namoro	14,41%	Namorando	5,36%
		Casamento liberal	0,19%
		Relacionamento aberto	1,66%

Fonte: www.orkut.com.br¹⁰⁸.

Tomando como referência os dados disponibilizados na Tabela 8, fica evidente a posição de primeiro lugar ocupado pelo Brasil no *ranking* de países em termos de membros cadastrados, com 50,60%. Um segundo dado relevante desvela que o espaço do Orkut é prioritariamente jovem. Quem mais parece frequentar essa rede de relacionamento são aqueles e aquelas com a média de idade em torno de 18-25 anos. Os dados mostram que 53,48% dos frequentadores do Orkut estão nessa faixa de idade. Esses mesmos indivíduos fazem uso do Orkut, segundo os dados da Tabela 8, tendo como principal interesse a construção de laços de amizade, com 44,04%. E, por fim, em termos de relacionamento afetivo-sexual, a maioria, cerca de 59,31%, não responde a essa questão, sendo que 24,76% afirmam ser solteiros contra 8,70% que se dizem casados, outros 5,36% encontram-se namorando, 0,19% afirmam ter um *casamento liberal* e 1,66% dizem ter um *relacionamento aberto*¹⁰⁹.

A respeito da pesquisa sobre *Atividades desenvolvidas na internet*, realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.BR), já apresentada no início deste trabalho, destaquemos, sobretudo, os dados sobre *o uso de sites de relacionamento, como o Orkut*. Esses dados demonstram a percentagem sobre *o total de usuário da internet*. Concentremos nossa atenção em 6 pontos da Tabela 5 abaixo, quais sejam: 1) o total de pessoas das áreas urbana e rural que usam o Orkut; 2) a que região do país pertencem; 3) sexo; 4) grau de instrução; 5) faixa etária e; 6) renda familiar.

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/MembersAll.aspx>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

¹⁰⁹ O *site* não apresenta nenhuma explicação ou mais informações a respeito dos termos *casamento liberal* ou *relacionamento aberto*.

Tabela 5: Atividades desenvolvidas na internet
(Percentual sobre o total de usuários de internet)¹¹⁰

Percentual (%)	Participar de sites de relacionamento como Orkut	Participar de listas de discussão ou fóruns	Criar ou atualizar blogs e/ou páginas na internet (website)	Outras atividades de comunicação	Não utilizou a internet para se comunicar
TOTAL	67	12	15	-	10
Área urbana	67	13	16	-	10
Área rural	69	07	11	-	13
REGIÕES DO PAÍS					
Sudeste	62	15	16	-	09
Nordeste	79	10	12	-	09
Sul	67	11	15	-	10
Norte	70	09	20	01	13
Centro-Oeste	62	10	14	01	13
SEXO					
Masculino	64	15	17	-	11
Feminino	70	10	14	-	09
GRAU DE INSTRUÇÃO					
Analfabeto/Educação infantil	56	02	05	-	28
Fundamental	72	06	13	-	13
Médio	69	10	16	-	08
Superior	61	25	18	-	03
FAIXA ETÁRIA					
10-15 anos	74	05	11	-	16
16-24 anos	80	15	20	-	05
25-34 anos	64	15	15	-	08
35-44 anos	50	12	13	-	11
45-59 anos	38	14	12	-	16
60+ anos	35	04	08	01	22
RENDA FAMILIAR					
< R\$ 465,00	70	05	11	-	15
R\$466,00-R\$ 930,00	68	07	11	-	14
R\$931,00-R\$1.395,00	69	11	17	-	09
R\$1.396,00-R\$2.325,00	68	16	17	-	07
R\$2.326,00-R\$4.650,00	61	16	19	01	05
R\$4.651,00 +	55	26	21	01	04

Como confirmam os dados disponíveis na Tabela 5, 67% das pessoas que fazem uso da internet no Brasil a empregam com vistas a *participar de sites de relacionamentos, como Orkut*, sendo que, na área rural, esse número chega a 69%, contra 67% presentes na área

¹¹⁰ Base: 9.747 entrevistados que usaram a internet nos últimos três meses (amostra principal + *oversample* de usuários de internet). Respostas múltiplas, estimuladas e rodziadas.

urbana. A região Nordeste, por sua vez, lidera o *ranking* com 79% das pessoas que utilizam a internet com intenção de frequentar *sites* de relacionamento, como o Orkut. Em seguida, aparece com o segundo lugar a região Norte com 70%, logo após a região Sul com 67% e empatadas têm-se as regiões Sudeste e Centro-Oeste com 62% cada. No que se refere ao sexo, a presença feminina é maior, alcançando 70% contra 64% da presença masculina.

Desse mesmo universo, em termos de grau de instrução, 72% das pessoas que usam o Orkut afirmam ter o ensino fundamental; 69%, o ensino médio; 61%, ensino superior; e, por fim, analfabeto e ensino infantil ficam com 56%. Quanto à faixa etária, a maioria pode ser considerada jovem, pois 74% dessas pessoas afirmam ter entre 10 e 15 anos, aparecendo em seguida a faixa etária também jovem de 16-20 com 80%. O que se percebe é que quanto maior a idade, menor é a participação nesses *sites* de relacionamento. Entre 25-34, temos 64%; entre 35-44, o percentual diminui para 50%; entre 45-59, cai mais um pouco, para 38%; e, com mais de 60 anos, esse percentual chega a 35%. No que diz respeito à renda familiar, 70% das pessoas que frequentam o Orkut ganham em média menos de R\$ 465,00 contra 55% que ganham mais de R\$ 4.651,00. Quanto menor é a renda, maior uso do Orkut e quanto maior a renda, menor o acesso.

1.4 O ORKUT COMO INSTÂNCIA DA SOCIEDADE EM REDE

Esses dados preliminares revelam-se imprescindíveis, pois são capazes de fornecer um cenário mais ou menos abrangente sobre o que é o Orkut numa perspectiva quantitativa. Entretanto, estamos da mesma forma afinados com a abordagem que define o Orkut enquanto instância de uma *sociedade em rede*¹¹¹, valendo-nos da noção-título da obra de Castells (1999). Esse autor se esforçou em compreender a sociedade contemporânea sob a perspectiva da *rede*, a qual é entendida como um “conjunto de nós interligados”. (CASTELLS, 1999, p. 15). No referido estudo, o autor parte de uma certeza manifesta: a patente difusão das tecnologias da informação e da comunicação que torna a *rede* um aspecto tangível do social. Essa é a condição que favoreceu a emergência de um novo modelo de *sociedade* baseado em *redes*. Esse modelo de sociedade está se constituindo em todo o planeta, e Castells (1999)

¹¹¹ Na obra *A sociedade em rede*, Castells (1999, p. 51) “estuda o surgimento de uma nova estrutura social, manifestada sob várias formas conforme a diversidade de culturas e instituições em todo o planeta. Essa nova estrutura social está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o *informacionalismo*, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX”.

atribui a sua emergência, especialmente, à internet¹¹² e à sua capacidade de distribuir o poder da informação¹¹³.

Numa *sociedade em rede*, emergem práticas e comportamentos intimamente ligados à ideia de *interatividade*, de *interconexão* e de *inter-relação*. Segundo a abordagem de Costa (2002), vivemos hoje num mundo repleto de *pequenas janelas digitais*, as quais, a todo o tempo, oferecem-nos “notícias, avisos, diversão, recados dos amigos... São visores dos celulares, palmtops, terminais eletrônicos no banco, aparelhos de fax, bips, computadores e televisão digital”. (COSTA, 2002, p. 12). No interior dessa mesma perspectiva, Sibília (2008, p. 12) dá destaque a um conjunto de práticas emergentes e fruto de uma *sociedade em rede*. De acordo com a antropóloga, emergem “nos meandros desse ciberespaço de escala global” novos comportamentos inscritos no “âmbito da comunicação mediada por computador”. A autora enumera: “Primeiro foi o correio eletrônico, uma poderosa síntese entre o telefone e a velha correspondência, que se espalhou a toda velocidade na última década, multiplicando ao infinito a quantidade e a agilidade dos contatos”. (SIBÍLIA, 2008, p. 12).

Seguidamente aos *e-mails*, popularizaram-se “os canais de bate-papo ou chats, que logo evoluíram nos sistemas de mensagens instantâneas do tipo MSN ou Yahoo Messenger; e em redes de sociabilidade como Orkut, Myspace e Facebook”. (SIBÍLIA, 2008, p. 12). Quanto aos *blogs*, “os primeiros apareceram quando o milênio agonizava; quatro anos depois existiam três milhões em todo o mundo, e em meados de 2005 já eram 11 milhões”. (SIBÍLIA, 2008, p. 13). Mais recentemente, surgiram os *sites* que permitiriam a exibição de troca de vídeos caseiros, “uma categoria na qual o *YouTube* ainda constitui uma das grandes coqueluches da rede: ao permitir expor pequenos filmes gratuitamente, conquistou um sucesso estrondoso em pouquíssimo tempo”. (SIBÍLIA, 2008, p. 12).

É sob esse panorama que o Orkut emerge como produto de um contexto caracterizado pelo *informacionalismo* ou por um modelo de desenvolvimento baseado na Comunicação Mediada por Computadores (CMC)¹¹⁴. Nessa conjectura, o Orkut situa-se no bojo de uma *revolução tecnológica*¹¹⁵ concentrada nas tecnologias da informação que, conforme Castells

¹¹² A internet, segundo Castells (1999, p. 16), “é uma meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos para muitos em tempo escolhido e a uma escala global e, nesses termos, tornou-se a alavanca de transição para uma nova forma sociedade: a sociedade em rede”.

¹¹³ Conforme Castells (1999, p. 50), “a sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional”.

¹¹⁴ Basicamente, as modalidades de CMC são distinguidas entre as “assíncronas”, aquelas que não dependem da presença simultânea dos interlocutores no evento comunicacional, e as “síncronas”, aquelas que permitem a comunicação em tempo real entre dois ou mais interlocutores. (MÁXIMO, 2006, p. 25).

¹¹⁵ Castells (1999, p. 43) utiliza a revolução da tecnologia da informação para analisar a complexidade da nova sociedade e cultura em formação.

(1999), reiteradamente, começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Segundo ele, as novas tecnologias da informação estão “integrando o mundo em redes globais” (CASTELLS, 1999, p. 57) e, nesses termos, podem, guardadas as devidas proporções, propiciar mudanças sociais e históricas¹¹⁶, “embora não determine a evolução e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades”. (CASTELLS, 1999, p. 44).

O Orkut, na perspectiva que estamos adotando aqui, constitui-se em um coletivo mais ou menos permanente que se organiza a partir das modalidades de CMC e adquire características próprias, pressupondo padrões articulados de relações sociais, regras, normas, valores, crenças e linguagens desenvolvidas no próprio contexto em que ocorrem as interações entre membros do Orkut. É sob essa ótica que estamos utilizando o termo *cultura do Orkut*. Isto é, essa rede social *on-line* é tão diversa e contraditória como a própria sociedade e a cultura. Ela não constitui um sistema minimamente coerente de regras e valores sociais. O Orkut é antes governado pela *arbitrariedade* do simbólico, que é a condição indicativa da cultura.

As pessoas que frequentam e fazem uso do Orkut não estabelecem relações com ele de modo natural ou biológico, senão de forma simbólica, de modo cultural, já que “nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem”. (SAHLINS, 1979, p. 189). Nesses termos, nem o Orkut escapa dessa constituição cultural. Trata-se de uma rede de comunicação global, mas as realidades que nela emergem são produtos de ações simbólicas levadas a cabo sob condições específicas e a partir de códigos particulares. O Orkut é fruto de um tempo e de um lugar determinados. É um produto relacional entre indivíduo, cultura e sociedade. Os indivíduos, nele inseridos, engendram conceitos simbólicos, linguísticos e comportamentais com os quais dão sentidos às suas próprias práticas.

Como um espaço social instituído por relações humanas contraditórias e ambivalentes, a vida social e cultural no Orkut dificilmente decorre sem conflitos. Alguns deles podem expressar-se nas contendas entre os membros que discutem sobre aquele ou aquela que tenha infringido as regras *morais* do grupo. É nesse sentido que o Orkut é constituído também por um conjunto de *leis* consuetudinárias que regulam os comportamentos. Assim como em todas

¹¹⁶ São muitas as mudanças anunciadas por Castells (1999), destaquemos, entretanto, aquelas que ocorreram entre os sexos. Segundo ele, “apesar de todas as dificuldades do processo de transformação da condição feminina, o patriarcalismo foi atacado e enfraquecido em várias sociedades. Desse modo, os relacionamentos entre os sexos tornaram-se, na maior parte do mundo, um domínio de disputas, em vez de uma esfera de reprodução cultural. Houve uma redefinição fundamental de relações entre mulheres, homens, crianças e, conseqüentemente, da família, sexualidade e personalidade”. (CASTELLS, 1999, p. 40).

as relações sociais, há no Orkut condutas consideradas adequadas ou inadequadas pelo grupo, há sanções a que todos estão sujeitos ao *rebelarem-se* às regras feitas pelos membros que formam o Orkut. Em outras palavras, os membros do Orkut, ao engendrarem os conteúdos simbólicos e as práticas culturais nesse espaço, acabam por promover, agenciar, permitir ou ponderar, dessa maneira, determinadas ações, ao mesmo tempo que negam, restringem ou impõem interditos a outras, a partir das interações contínuas e constantes.

Os usos do Orkut, como meio de interação social e pertença simbólica, são um produto das ações humanas e podem ser tomados como mais uma dimensão do cotidiano contemporâneo, no qual dinâmicas interativas são engendradas em relação com outras esferas da vida social. Assim, o Orkut, guardadas as devidas proporções, é um fenômeno cotidiano contemporâneo, estando ligado às atividades diárias e corriqueiras de determinados contemporâneos inseridos nesse contexto de comunicação global e mediada por computadores ligados em *redes*. Trata-se de um cotidiano interligado pela *sociedade em rede* que toma forma de existência no que se convencionou chamar *ciberespaço*¹¹⁷.

Nesse contexto, a noção de *ciberespaço* é considerada imprescindível para entender o que é esse *site*. Ela já foi problematizada no início deste trabalho, mas aprofundemos por agora. Trata-se de uma noção importante, visto que a plataforma Orkut está inserida no *ciberespaço*. Adotemos de empréstimo, então, uma conceituação inicial, um tanto técnica, do filósofo Pierre Lévy (1999, p. 92-93), para levar a efeito aqui um sucinto exame da realidade designada por esse termo.

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século.

O ciberespaço, como nos sugere Lévy, é um espaço de comunicação possibilitado pela interconexão mundial dos computadores, no qual as informações comunicadas são de natureza digital. Esses seriam os pressupostos técnicos principais, ou necessários, para a

¹¹⁷ O termo *ciberespaço* foi utilizado pela primeira vez por William Gibson em seu livro de ficção científica *Neuromancer*. (JUNGBLUT, 2004).

existência do *ciberespaço* e, conseqüentemente, para a existência do Orkut, enquanto rede social *on-line*. Ainda, a respeito da noção *ciberespaço*, Ribeiro (2002, p. 3), em um artigo sobre a internet como base tecnossimbólica que possibilita a emergência e potencializa o desenvolvimento de uma *comunidade transnacional imaginada-virtual*, adverte que

existen muchas definiciones de ciberespacio pero es imposible dejar de considerar que este se refiere a las redes y sistemas crecientes de medio-ambientes mediados por computadoras. En tanto que una red espacializada, mediada por computadoras, el ciberespacio es visto como capacitador de copresencia completa y de la interacción de múltiples usuarios.

Conforme Ribeiro (2002), embora haja diversos conceitos construídos em torno da noção *ciberespaço*, existem duas características que o autor destaca como fundamentais, quais sejam: 1) um lugar passível da copresença e 2) de interações múltiplas entre usuários. Essa noção de *ciberespaço* guarda relação de sentido com a definição de Orkut dada pelo próprio *site*, menos no que se refere à primeira característica do que à segunda. Vejamos a seguir como o Orkut se autodefine como um espaço propício à formação de laços sociais, tal qual a noção de Ribeiro (2002), sendo um lugar que se presta à construção, consolidação e manutenção de relacionamentos antigos e novos, quer sejam pessoais, quer sejam profissionais.

*A rede social do Orkut pode ajudá-lo tanto a manter relacionamentos existentes quanto a estabelecer novas amizades entrando em contato com pessoas que você não conhece. O Orkut permite que você encontre facilmente pessoas que compartilhem seus hobbies e interesses, procure relacionamentos afetivos ou estabeleça novos contatos de trabalho. Você também pode criar e participar de uma ampla variedade de comunidades on-line para discutir eventos atuais, reencontrar antigos amigos de colégio e etc...*¹¹⁸

De outro modo, o antropólogo David Le Breton (1999), em sua obra *Adeus ao corpo*, um estudo sobre o desaparecimento do corpo nas redes virtuais, conceitua o *ciberespaço* como:

[...] um modo de existência completo, portador de linguagem, de culturas, de utopias. Desenvolve simultaneamente um mundo real e imaginário de sentidos e valores que só existem por meio do cruzamento de milhões de computadores e do emaranhamento de diálogo, de imagens, de interrogações de dados, de discussões em *chats* [...], imenso espaço imaterial de comunicação, de encontros, de informações, de divulgação de conhecimento, de comércio etc., que coloca provisoriamente em contato indivíduos afastados no tempo e no espaço. (LE BRETON, 1999, p. 141-142).

¹¹⁸ Disponível em: <www.orkut.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2010.

Essa noção de *ciberespaço* auxilia-nos a entender o Orkut como um lugar de existência completo, portador de linguagens e culturas específicas, como antes explicitadas neste trabalho. A noção de Le Breton (1999) parece se aproximar mais da concepção que estamos chamando de *cultura do Orkut*. É nesses termos que a noção de *cibercultura* é também válida. Ela é importante para dar conta de “práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores” (LÉVY, 1999, p. 17) que se engendram na plataforma Orkut. Para os propósitos desta seção, contudo, não interessa tanto ingressar, mais a fundo, nas diversas questões que envolvem as diferentes conceituações dadas ao *ciberespaço*. Todavia, interessa ainda pensar no processo de *virtualização* de amplas atividades que compõem o cotidiano de várias pessoas presentes no Orkut.

No entanto, ainda mais essencialmente, interessa compreender um pouco do cerne disso que atualmente designamos de *virtual*, especialmente em sua complexa ligação com o que, em linhas gerais, é colocado em oposição ao real, ao *off-line*. Mais uma vez, consideremos, nesse sentido, as definições que Lévy (1996) nos fornece sobre o *virtual*. Primeiramente, o filósofo chama a atenção para o fato de que a “invenção de novas velocidades é o primeiro grau da virtualização”. (LÉVY, 1996, p. 23). Para o autor, isso não somente está relacionado às comunicações propriamente ditas, mas também se estendem aos transportes, ou seja, à facilidade em se obter mobilidade física.

Contudo, o *virtual* que interessa aqui é, de modo evidente, esse que está coligado ao surgimento da internet e que permitiu criar modos de comunicação e interação social, cujo espaço e tempo sofrem profundas mudanças nas formas em que são percebidos, fazendo, conseqüentemente, com que tudo que acontece através desse meio assuma um “aspecto insubstancial, fugidio, amorfo, efêmero etc.” (JUNGBLUT, 2004, p. 102). O *virtual* que ocorre na internet é tributário, necessariamente, de um tipo de comunicação experimentado pelos indivíduos que operam computadores. Logo, quando se fala em *relações virtuais na internet*, não estamos falando propriamente em internet, mas, sim, em “comunicação mediada por computador”. (JUNGBLUT, 2004, p. 109).

O que interessa reter, por agora, é o fato de o Orkut ser também caracterizado por essa *virtualidade*. Esse termo é alvo de contradições e ambiguidades. Lévy (1996, p. 15) esclarece que é necessário se livrar de uma oposição fácil e enganosa que se estabeleceu entre o real e o virtual, qual seja: “No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a *realidade*”. Por sua vez, “o real seria da ordem do *tenho*, enquanto o virtual seria da ordem do *terás*, ou da ilusão”. (LÉVY, 1996, p. 15). O virtual não é o que não existe, mas o que existe em potência e que tende a atualizar-se,

a se resolver. Na passagem do virtual para o atual, cria-se uma resposta, uma solução a um conjunto complexo de problemas e necessidades potenciais.

Entretanto, o que Lévy (1999, p. 19) enuncia é que uma das principais modalidades da *virtualização*, e que serve a nossos propósitos de pesquisa, é seu caráter de “desprendimento do aqui agora”. Isto é,

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separe do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. [...] A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar. (LÉVY, 1996, p. 21).

Desse modo, caso adotemos a abordagem dada por Lévy (1999, 1996) como correta para entender o processo de *virtualização* das relações sociais que se estabelecem no Orkut, poderemos tratar tais relações como estando *desprendidas do aqui agora*. As pessoas frequentadoras do Orkut tornam-se, nessa perspectiva, *não presentes*. Isto é, não há a obrigatoriedade da *presença física imediata* para haver interações entre elas. Estão, assim, *desengatadas dos espaços físicos e geográficos ordinários e das temporalidades dos relógios e dos calendários*. De tal modo, o Orkut rompe drasticamente com o que Lévy (1996) chama de unidade de tempo e de espaço.

CAPÍTULO II: *CONHECI MEU AMOR PELA INTERNET*

Diversos estudos que se prestam a refletir sobre a contemporaneidade apresentam-na como um período de profundas e irreversíveis transformações sociais. Trabalhos como os desenvolvidos pelo filósofo francês Pierre Lévy (1993, 1996, 1999) e pelo sociólogo espanhol Manuel Castells (1999, 2004) reforçam que essas mudanças foram propiciadas, em grande parte, pelo ingresso cada vez mais decisivo das *tecnologias da informação* na vida cotidiana das pessoas, causando nelas modificações substanciais. Nesse panorama, dentre tantas mudanças em curso, uma delas nos parece basilar, a saber: aquela introduzida pelo uso das *tecnologias da informação* como suporte para as experiências amorosas dos indivíduos. A influência de tais *tecnologias* vem se entremeando cada vez mais nas relações amorosas, que passam a contar com formas específicas de mediação, como internet, celulares, entre outras.

Hoje, com o ingresso das *máquinas informacionais*, essas relações dispõem do meio virtual para existir. Podem ser construídas, consolidadas e mediadas por dispositivos digitais. Nesse contexto, surgem as diversas formas do chamado *namoro virtual*. As transformações que ocorreram durante séculos, nos relacionamentos entre homens e mulheres, adentraram também o século XXI, constituindo-se a partir de mudanças sociais e culturais e gerando *novos* tipos de relações amorosas. Nesse sentido, os namoros virtuais são relacionamentos que surgem a partir das transformações operadas pela internet. Conseqüentemente, a emergência da internet marca, por seu turno, profundas mudanças nos contextos em que o *amor* é vivido e idealizado. Frente a essas modificações, esclarecimentos sobre a presença das emoções e do corpo nos namoros virtuais também se impõem. Para dar conta dessas proposições, o presente capítulo traz para o campo da análise empírica o contexto que descreve os múltiplos sentidos evocados pela expressão “conheci meu amor pela internet”.

Assim sendo, o capítulo presta especial atenção à apresentação do universo social constituído pelos namoros virtuais. Intenta apresentar os diversos repertórios culturais que conformam a interpretação pessoal dos sentimentos amorosos nesses namoros, assim como o que aqueles que os vivem contam. Aqui, analisa-se o modo como as pessoas entrevistadas constroem, representam e vivem o namoro virtual em suas próprias experiências virtuais. Tende-se, assim, a considerar os sentidos construídos e atribuídos pelos próprios apaixonados à interação amorosa *on-line*. Discorre, por fim, sobre a construção social dos namoros virtuais por meio da perspectiva que os considera reflexos do social. Em cada época histórica, as manifestações sexuais e amorosas, proclamadas como ideais ou não, também são resultados das modificações sociais e culturais que os indivíduos vivem. Os desdobramentos das

condições de vida, criadas pela *sociedade em rede* e, igualmente, pela *modernidade tardia*, podem ser considerados notáveis no plano específico dos relacionamentos.

Para esta pesquisa de doutorado, concentramos desvelo especial à comunidade *Conheci meu amor pela internet*, pelas mesmas razões já colocadas na primeira parte deste estudo. Por isso, adiante, delinearíamos, através do recurso da descrição, seus principais aspectos e dimensões¹¹⁹. Com essa chamada inicial, esforçaremos-nos para demonstrar o universo dos namoros virtuais por meio do exame das principais temáticas e dos modos de inserção social trazidos por fóruns e enquetes. Diante desses desígnios, nossa descrição busca apoio no recurso da observação direta da comunidade *Conheci meu amor pela internet*. Ela iniciou-se no ano 2009 e desdobrou-se até meados de 2011. Auferimos para análise 26 questões dos fóruns e seis questões das enquetes¹²⁰. No mesmo sentido, apresentaremos a comunidade *Compreendendo amores virtuais*, que serviu como um recurso metodológico. Exporemos, ainda, os resultados obtidos mediante as entrevistas feitas por *MSN*¹²¹. Nosso objetivo aqui é trazer elementos capazes de construir um *conceito* de namoro virtual, segundo os próprios indivíduos.

No total, 14 pessoas responderam às questões¹²² dos fóruns¹²³ da comunidade *Compreendendo amores virtuais*, sendo 10 mulheres e quatro homens, entre o período de junho, julho e agosto de 2010¹²⁴. É importante destacar que esse grupo é originário da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, o qual foi convidado a frequentar a que citamos anteriormente. Quanto às entrevistas por *MSN*, foram realizadas 23 no total, sendo 14 com mulheres e nove com homens, durante julho, agosto, setembro e outubro de 2010. Mais uma vez, este se tratava de um grupo que, originalmente, estava ligado à comunidade *Compreendendo amores virtuais*. Nesse último caso, o procedimento deu-se da seguinte maneira: deixamos disponível o endereço do *MSN* da pesquisa na comunidade. Aqueles interessados em conceder entrevistas poderiam nos adicionar. Dessa forma, marcávamos as entrevistas de acordo com a disponibilidade do(a) entrevistado(a).

¹¹⁹ Ao descrever, mesmo que brevemente, a comunidade *Conheci meu amor pela internet*, poderemos, de igual modo, desvelar o que se discute sobre namoros virtuais, tal qual se desenrolam no Orkut. Estamos tratando essa comunidade em especial como um *modelo*.

¹²⁰ Ver na parte I deste trabalho, na seção *Conheci meu amor pela internet*, as questões selecionadas.

¹²¹ Ver anexo o roteiro de questões das entrevistas.

¹²² Ver anexas as questões feitas nos fóruns da comunidade *Compreendendo amores virtuais*.

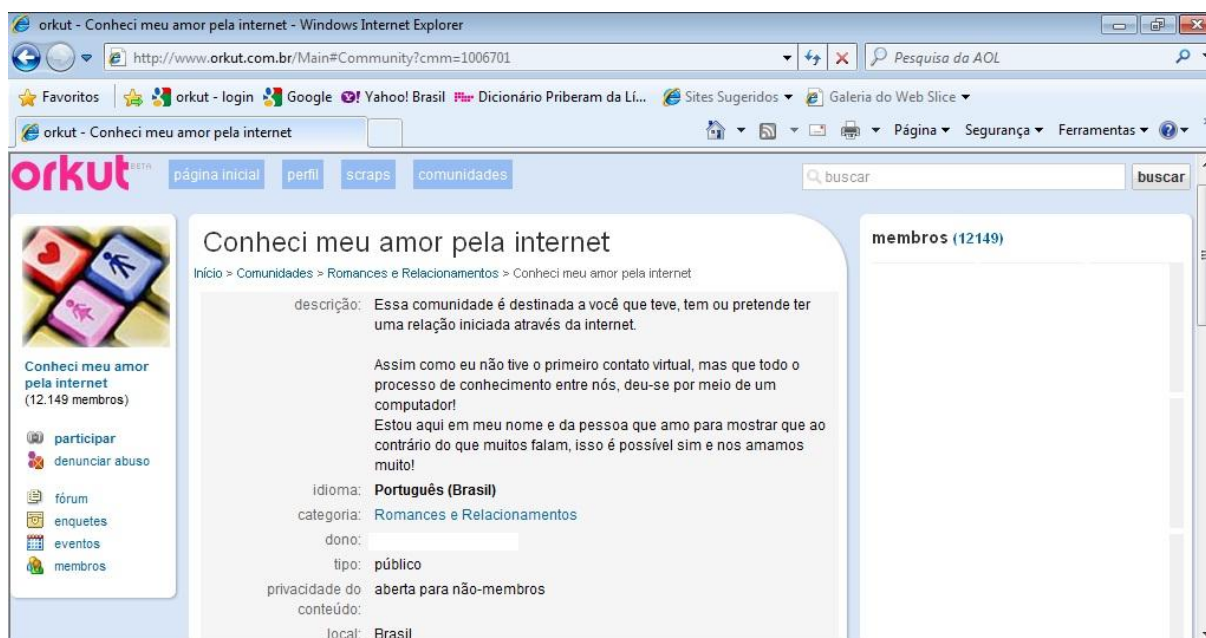
¹²³ Não foram elaboradas enquetes.

¹²⁴ Seria importante revelar aqui que a comunidade *Compreendendo amores virtuais* não surtiu o efeito esperado. Nosso objetivo, com sua criação, era realizar entrevistas, ou melhor, consultá-los a respeito de seus namoros virtuais, mediante o próprio recurso do qual eles se valiam para discutir suas relações *on-line*. Entretanto, muitos deles sugeriram que a *conversa* deveria ser realizada por *MSN*. Assim o fizemos. Como se pode notar, a ideia de realizar entrevistas com o recurso *MSN* foi dos próprios atores da pesquisa. Eles a justificavam com base no dinamismo e instantaneidade que esse recurso proporciona.

2.1 AS COMUNIDADES DA PESQUISA

Conheci meu amor pela internet

Nosso interesse pela comunidade *Conheci meu amor pela internet* é manifesto. Trata-se de uma rede *on-line* que discute namoros virtuais. É verdade também que estes últimos, da maneira como aparecem nos fóruns e enquetes, apresentam certas variações. Dessa forma, parece bastante razoável iniciar esta seção apresentando-as¹²⁵. São quatro as principais variantes que se desvelam em tais discussões. Nelas, é possível encontrar casos em que os envolvidos com o namoro virtual mantêm a relação amorosa 1) apesar de nunca terem se visto fora das interações *on-line*; há, entretanto, 2) os que já se encontraram presencialmente e, atualmente, mantêm a relação nos dois formatos (virtual e presencial); de outra maneira, encontram-se aqueles que afirmam estar 3) noivos (mantêm relação entre o virtual e o presencial); e por fim, há 4) namoros que começaram e terminaram na internet sem a possibilidade de encontros presenciais. Diante dessa breve categorização, concentremos esforços, a partir de agora, nos aspectos propriamente ditos da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.



¹²⁵ Doravante, quando apresentamos a noção de namoro virtual, podemos, de igual modo, contemplar tais variações.

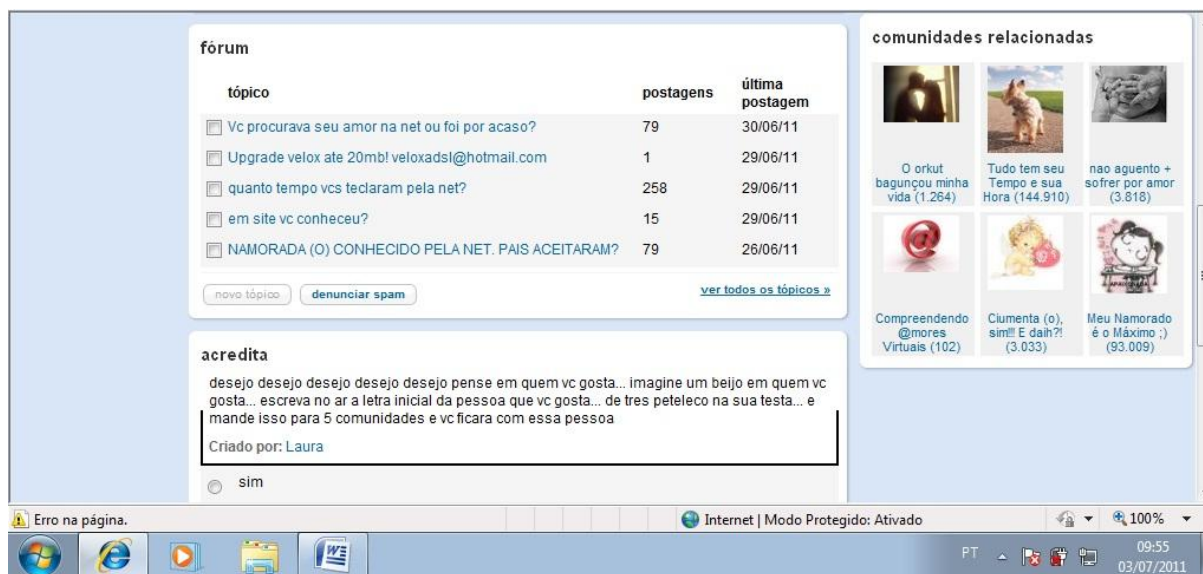


Figura 15: A comunidade da pesquisa

A Figura 15 acima apresenta a comunidade *Conheci meu amor pela internet*. Um primeiro aspecto, bastante sugestivo, a ser observado encontra-se no lado superior e esquerdo dessa figura. É o desenho de um teclado de computador com a reprodução de um casal e um coração¹²⁶. Todas as comunidades virtuais do Orkut são caracterizadas por figuras ilustrativas que anunciam algo sobre o que elas discutem. No caso da comunidade da pesquisa, não há dúvidas, a imagem que a representa faz alusão à possibilidade de formação de vínculos amorosos, por meio do computador, da internet. Tal imagem parece sugerir, como supôs o depoimento da internauta Lia¹²⁷, de Sorocaba/SP, que *um amor pode sim nascer nas teclas de um computador*. Ela participou de uma reportagem feita pelo site G1¹²⁸, cujo tema era “conheci meu amor pela internet”.

Na parte inferior da imagem símbolo da comunidade em apreço, nota-se ainda a concentração de 12.149 membros, um número bastante significativo de pessoas que se reúnem, há algum *tempo*, em torno de um *sentimento de pertença simbólica*. Na verdade, são *agregações* de pessoas que se encontram e reencontram através de debates públicos, de tal modo que acabam por trazer à tona um conjunto de temáticas importantes e reveladoras de aspectos constitutivos ao universo social dos namoros virtuais. São debates que suscitam questões intrínsecas a um formato de relacionamento que se estabelece no meio *on-line*, o qual elas próprias afirmam manter. Por exemplo, na Figura 15, vemos que os membros da

¹²⁶ Sabe-se que a imagem do coração está fortemente atrelada à ideia de amor.

¹²⁷ Nome fictício, assim como os de todos os demais que se seguem.

¹²⁸ O site <g1.globo.com> promoveu no “dia dos namorados”, no ano de 2008, uma consulta a internautas que conheceram seus/suas namorados(as) na internet.

comunidade discutem questões como: *Vc procurava seu amor pela internet ou foi por acaso?*, *Quanto tempo vcs teclaram pela net?*, *Em que site vc o(a) conheceu?*, *Namorada(o) conhecido pela internet, pais aceitaram?*

Da mesma forma, encontramos, nesses espaços de discussões públicas, expressões ou declarações que somente têm sentido no contexto dos namoros virtuais. Notemos como se materializam algumas delas: *Foi amor à primeira teclada*¹²⁹ (Daniela), *Estamos mais felizes do que nunca na ponte aérea ES-SP/SP-ES*¹³⁰ (Adriano), *Meu amor virtual é minha vida*¹³¹ (Bernardo), *Então começamos a conversa todo dia na net, foi aí que me apaixonei, e larguei do meu namorado pra esperar o Carlos volta do Japão*¹³² (Joana), *Vejo que o amor não tem fronteiras, e às vezes, é tão verdadeiro que a gente nem liga se a pessoa está do outro lado de uma tela*¹³³ (Luiz). São depoimentos inerentes aos namoros *on-line*. Provavelmente, eles não fazem sentido fora desse universo. Teremos chance de detalhar tais especificidades mais adiante, no momento de uma breve definição sobre namoro virtual.

Já tivemos oportunidade, na primeira parte deste trabalho, de descrever os formatos que esses fóruns e enquetes assumem. De agora em diante, seria interessante averiguar, brevemente, suas dinâmicas, tais quais elas surgem na comunidade *Conheci meu amor pela internet*, através de ilustrações empíricas exemplares. Concentremo-nos em duas delas. A primeira ilustração, na Figura 16, traz a imagem de um fórum intitulado *Quanto tempo “virtual” antes de virar “real”?* Ele foi postado por Kátia, em 02 de janeiro de 2011. Como se pode verificar, tal fórum suscita várias respostas. No total, 51 pessoas participaram dele, através de depoimentos que revelaram, a seu modo, o tempo de dedicação ao vínculo *virtual* antes do primeiro encontro presencial. Assim como os demais, esse fórum desvela peculiaridades aos namoros virtuais. Ele demonstra algo bastante interessante no momento em que revela, por exemplo, que nos namoros virtuais pessoas constroem laços afetivos e assumem publicamente compromissos amorosos sem que haja um conhecimento presencial a princípio.

¹²⁹ Expressão retirada do fórum *Quanto tempo teclaram pela net?*, feita no dia 23/05/2006, da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.

¹³⁰ Expressão retirada do fórum *Quanto tempo teclaram pela net?*, feita no dia 23/05/2006, da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.

¹³¹ Expressão retirada do fórum *Quem casou com o amor da net?*, feita no dia 05/12/2009, da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.

¹³² Expressão retirada do fórum *Faz quanto tempo que estão juntos?* feita no dia 30/07/2005, da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.

¹³³ Expressão retirada do fórum *Quem casou com o amor da net?* feita no dia 05/12/2009, da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.

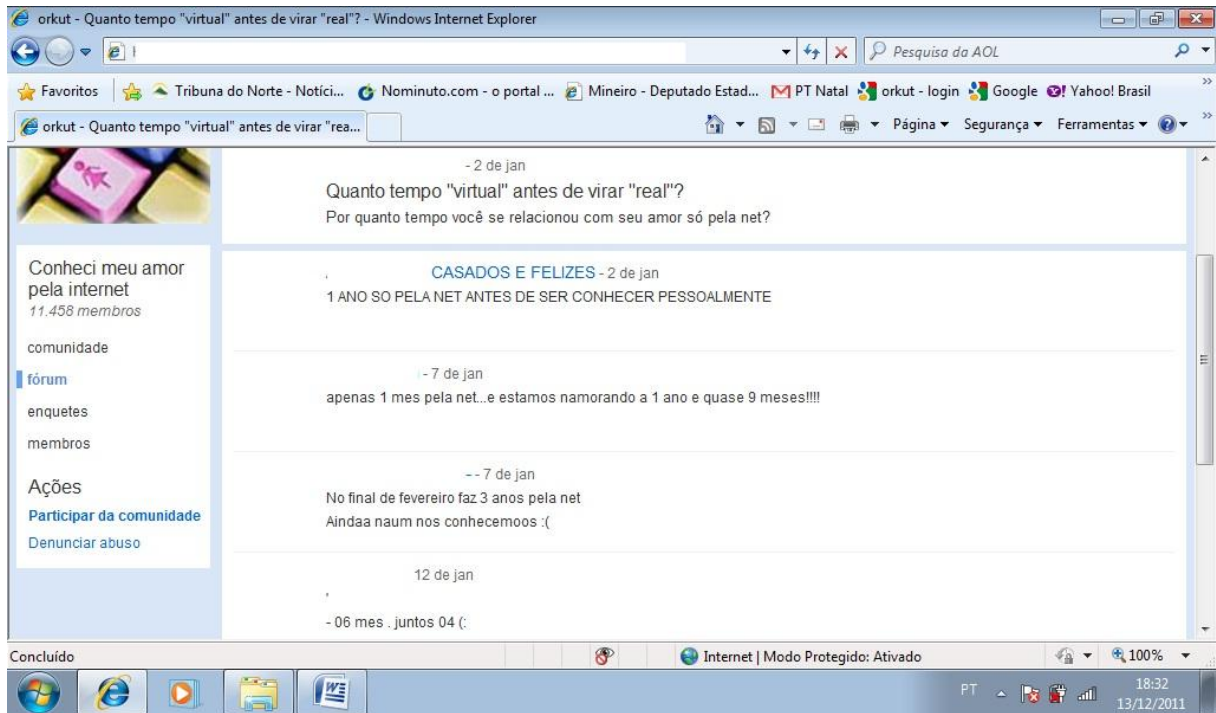


Figura 16: Fórum *Quanto tempo "virtual" antes de virar "real"?*

A segunda imagem ilustrativa, como é possível visualizar na Figura 17, exibe a dinâmica das enquetes. Com um formato diferenciado dos fóruns, ela revela interrogações sobre a constituição de relações amorosas *on-line* através de estatísticas. Abaixo, por exemplo, Isabel questiona aos demais membros da comunidade *Conheci meu amor pela internet: Há quanto tempo está com ele(a)?* Responderam a essa enquete 201 pessoas. Como se pode depreender, o resultado final mostrou que a maioria das pessoas que frequenta essa comunidade, 46% delas, afirmou que está namorando virtualmente há *menos de um ano*. Porém, o que tal enquete denota? Trata-se de uma questão bastante significativa para o grupo. Debater sobre o tempo de duração da relação significa, em certo sentido, questionar se ela pode ser vindoura. Aqui vale a seguinte premissa: quanto mais tempo (em termos de meses, anos) durar a relação, mais chances há para ela perdurar.

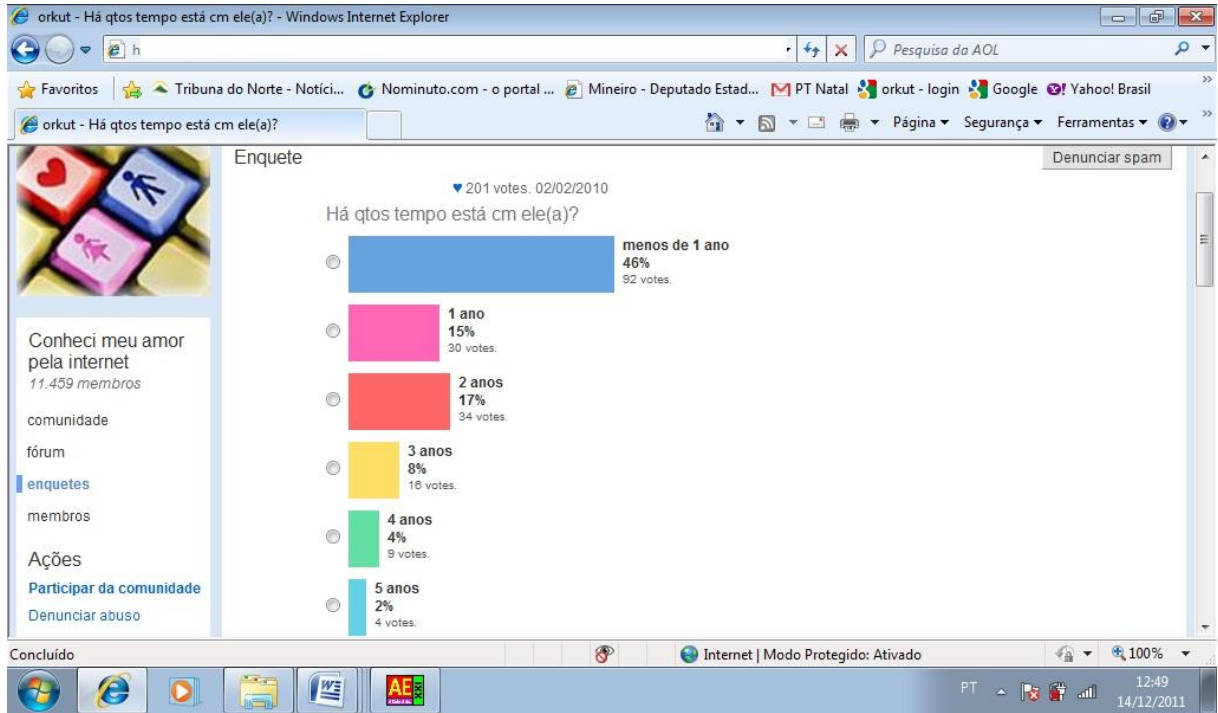


Figura 17: Enquete *Há quanto tempo está com ele(a)?*

Compreendendo @mores virtuais

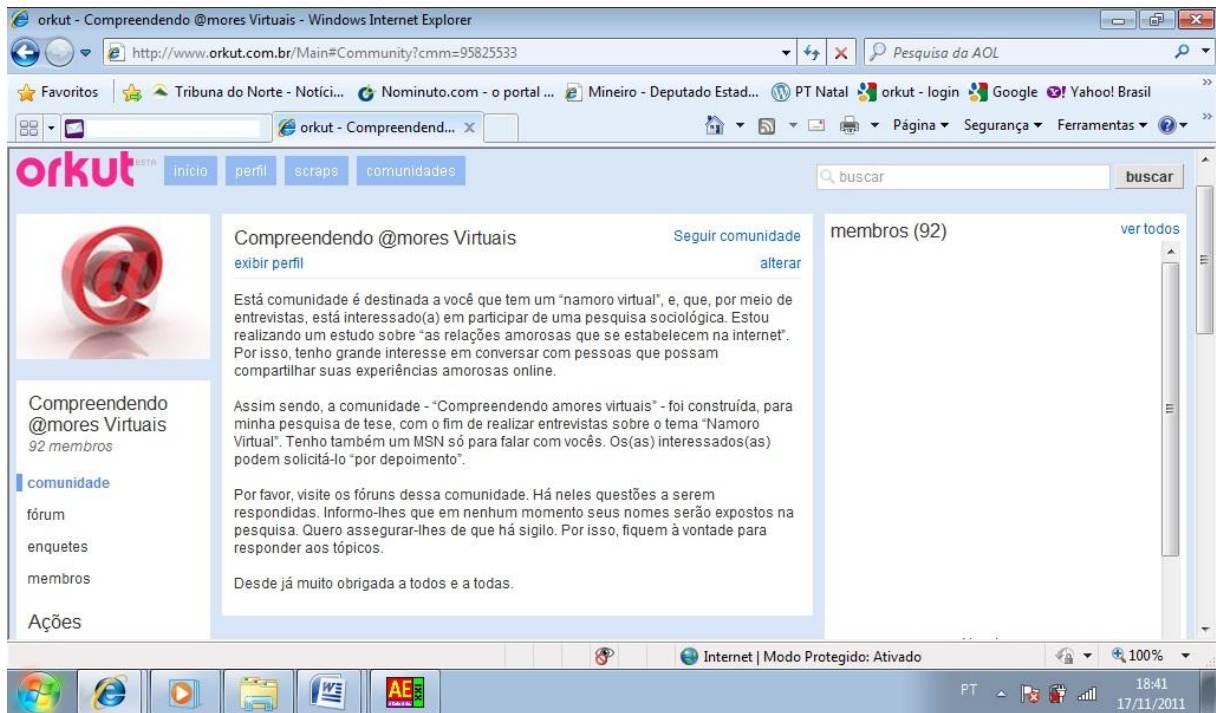


Figura 18: *Compreendendo @mores virtuais*

O enfoque do nosso estudo, como tivemos oportunidade de detalhar na parte I desta tese, tem como nicho fóruns e enquetes de comunidades já consolidadas que discutem namoros virtuais. Apesar de ser uma estratégia adequada para dar conta do problema da pesquisa, ela apresentava “brechas”. Tínhamos questões que, sendo de outra natureza, não encontravam respostas apropriadas nas comunidades. Seria imprescindível compreendermos o que as pessoas que namoravam virtualmente entendiam sobre a sua própria conduta. Por isso, era necessário questioná-las diretamente. Como bem nos lembra Giddens (2005, p. 510), “os humanos são seres autoconscientes, que conferem sentido e propósito ao que fazem. Não podemos sequer descrever a vida social com precisão a menos que primeiro compreendamos os conceitos que as pessoas aplicam a seu comportamento”. Em função dessas razões, foi criada em 02.11.2009 a comunidade *Compreendendo amores virtuais*, que se apresenta acima, na Figura 18. Ela se prestou ao objetivo de estreitar as relações entre *pesquisador* e *pesquisado*.

No referente à relação que se estabelece entre aquele que pesquisa e aquele que é *assunto* do estudo, sabemos tratar-se, sobretudo, de uma relação entre *sujeitos*. Dessa feita, ela deve transcorrer como qualquer outra interação social. Na experiência de nossa investigação, essa relação procurou ser vivida de maneira bastante transparente e franca, havendo por parte da pesquisadora um compromisso de elucidar para os indivíduos que participaram da pesquisa

os objetivos, os propósitos e os caminhos importantes do estudo. Não somente a pesquisadora teve proposições a apresentar aos pesquisados(as), estes também foram detentores de dúvidas, questionamentos e curiosidade de saber mais acerca de suas próprias práticas. Almejaram saber não apenas sobre a pesquisa da qual foram “objetos” de investigação mas também desejaram conhecer a pesquisadora que os inquiriu. O processo de produção da pesquisa foi uma troca, na qual cada um doou um pouco de seu tempo, sua experiência e sua história em favor do objetivo a que a pesquisa se propunha.

É ainda interessante notar que os pesquisados não somente contribuíram durante a pesquisa, como também se preocuparam com os resultados finais a que ela chegaria. Questionaram-nos sobre nossas conclusões, novidades ou novas questões com as quais a pesquisa se ocuparia naquele intervalo de tempo. Isso se materializou em mensagens que continuamos a receber, mesmo com o anúncio do fim da pesquisa de campo. Por exemplo, recebemos várias mensagens e *scraps*, como a de Rafaela¹³⁴, ilustrada abaixo, na Figura 19, indagando sobre o término do estudo ou mesmo solicitando cópia da tese para a leitura. As solicitações levavam-nos a reatar os laços.



Figura 19: Relação pesquisador-pesquisado

¹³⁴ Rafaela é um dos 14 perfis analisados na pesquisa.

Assim, é bom destacar que o pesquisado também constrói conhecimento. É bem verdade que suas práticas, suas habilidades e suas táticas são distintas daquelas presentes no cotidiano do pesquisador, mas nem por isso são menos válidas. No nosso caso, os pesquisados construíram, de modo bastante peculiar, um conhecimento próprio sobre namoros virtuais. Peculiar em se tratando de uma forma de conhecimento produzido, através de fóruns e enquetes: na comunidade *Conheci meu amor pela internet*, foram alguns dos próprios membros que elaboraram as questões, endereçando-as às pessoas que se encontravam nas mesmas condições daqueles que postavam a pergunta. Entretanto, na comunidade *Compreendendo amores virtuais*, as questões foram elaboradas por nós, sendo desenvolvidas tomando como parâmetro a análise dos depoimentos postados por internautas em enquetes e em fóruns das seguintes comunidades do Orkut: *Namoro à distância*, *Conheci meu amor na net*, *Eu tenho um amor virtual*, *Conheci meu amor na internet*. De modo a ilustrar, a seguir, na Figura 20, mostramos um fórum com questões por nós formuladas.

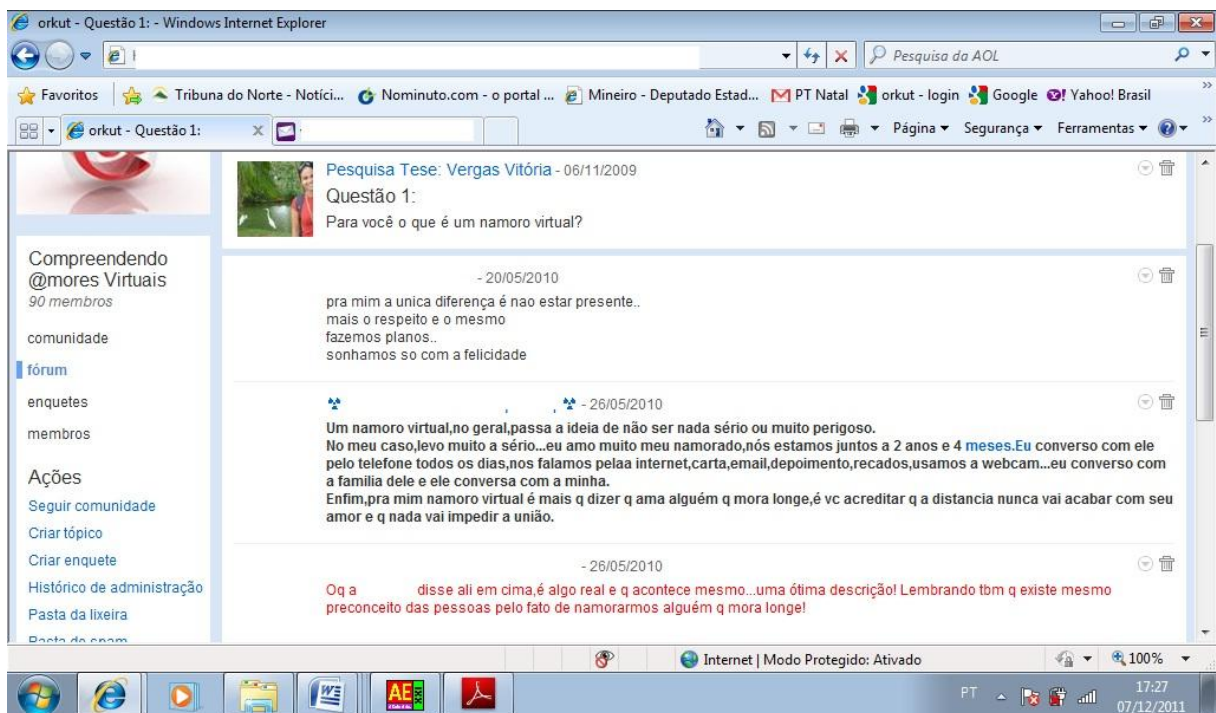


Figura 20: Fórum *O que é um namoro virtual?*

De fato, os pesquisados contribuíram para a pesquisa: foram eles, através de conversas, que nos mostraram a possibilidade (ou a necessidade) de realizar entrevistas por intermédio do *MSN*. Quando visitavam a comunidade *Compreendendo amores virtuais*, muitos deles deixavam de responder as questões lá postas e reivindicavam um contato por *MSN*, considerado mais dinâmico e instantâneo. Foi assim que se definiu uma nova

abordagem entre pesquisador e pesquisado. Criamos o endereço de *MSN* da pesquisa e, assim, realizamos 23 entrevistas. No seu desenrolar, houve uma atitude cordial, por parte de todos os participantes, assim como um interesse pelos aspectos que expúnhamos sobre a investigação, estabelecendo-se uma reciprocidade na comunicação e certa afetividade. Vemos abaixo, na Figura 21, a página do *MSN* da pesquisa.

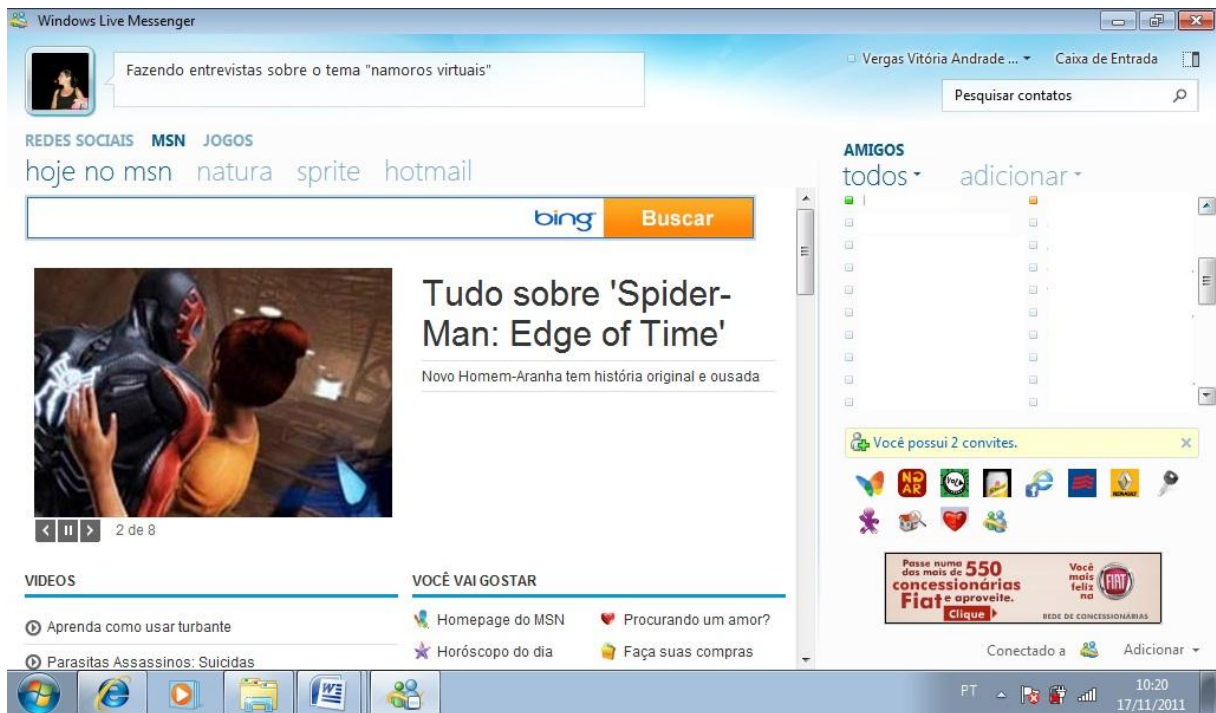


Figura 21: Página do *MSN* da pesquisa

Por fim, os conteúdos resultados das entrevistas realizadas por *MSN* bem como os obtidos nos fóruns e enquetes das comunidades da pesquisa (*Conheci meu amor pela internet* e *Compreendendo amores virtuais*) serviram, neste capítulo, como subsídio para responder à pergunta *o que é um namoro virtual?* e para apresentar o universo social constituído pelos namoros virtuais. Essas elaborações encontram-se nas seções subsequentes: 2.2. O que é um namoro virtual?; 2.3. Casos *reais* de namoros *virtuais*; 2.4. Namoros virtuais em debate.

2.2 O QUE É UM NAMORO VIRTUAL?

A relação de namoro, tal qual se apresenta hoje, é caracterizada, sobretudo, pela estabilidade da associação entre duas pessoas. Há a presença momentânea e expressa de sentimentos de tipos amorosos e uma ideia vinculada a valores como *compromisso* e

fidelidade. A antropóloga Sandra Manuel (2009, p. 373), em seu estudo sobre *os namoros em Maputo*¹³⁵, acrescenta a essas características duas outras, consideradas por ela principais: “a exposição social do relacionamento e a existência de fortes laços sentimentais que unem o casal”. Ainda, segundo a antropóloga, essa exposição materializa-se, especialmente, na esfera pública, através da troca de carícias, beijos (na boca), abraços e outras formas de demonstração de intimidade. Ainda, revela-se por meio da apresentação pessoal do(a) namorado(a) a pares, amigos e familiares. Essa apresentação enuncia a todos esse “novo” estatuto: não somos somente *amigos*, mas estamos *namorando*.

Além disso, os namoros são relações marcadas pela escolha espontânea e não obrigatória do(a) parceiro(a). Tal característica, apesar de óbvia, não o foi em outros períodos históricos. Antes, eram escolhas que cabiam aos pais, que, em sua maioria, combinavam e arranjavam os casamentos de seus filhos conforme interesses econômicos¹³⁶. Alterações nas formas de escolha de relacionamentos e uniões fizeram com que estas deixassem de ser obrigatoriamente centradas em motivos financeiros e de posição social. Apesar de espontâneos, fatores culturais, ideológicos, sociais, políticos e econômicos constituem ainda requisitos essenciais para que algumas escolhas de parceiros(as) aconteçam. Entretanto, outras regras vieram estabelecer novos parâmetros, não mais tão centrados nas escolhas dos padrões patriarcais, mas ainda baseados em preceitos do “bom partido” (SILVA, 2002), influenciados por requisitos socioeconômicos e pessoais, como grupos de idade, classe social, tipo de educação, religião, tipo racial etc.¹³⁷

No que se refere, especificamente, ao namoro virtual, é importante que não se perca de vista que ele é, antes de tudo, um relacionamento amoroso íntimo, considerado um corolário

¹³⁵ Cidade de Moçambique, local onde se concentrou o estudo.

¹³⁶ É possível ter acesso a esse contexto nos estudos de Thales de Azevedo (1986), o qual delinea o histórico de muitas relações amorosas no Brasil, no final do século XIX e começo do século XX. Os arranjos feitos entre as famílias estabeleciam uma relação econômica/social, havendo a sua união pelo casamento de seus filhos. Essas uniões eram realizadas, principalmente, com o objetivo de perpetuação das obrigações morais e tradições familiares. As relações amorosas praticamente não eram levadas em consideração. O período de namoro e noivado era muito curto e os noivos não mantinham, muitas vezes, antes do casamento, qualquer contato físico; podiam se casar sem nem mesmo se conhecerem e o sentimento amoroso de uma das partes, ou de ambas, podia surgir ou não após o casamento, sendo este considerado indissolúvel.

¹³⁷ Mesmo que não seja nosso objetivo aqui, é necessário destacar, com brevidade, algumas mudanças pelas quais passam os namoros hoje. Como demonstrou o estudo feito pelas psicólogas Andréia Barbará e Raquel Bertoldo (2006) sobre *as representações sociais dos namoros*, “é fato que o namoro, antes da revolução sexual, em geral, consistia em uma relação que antecedia o casamento, tinha duração relativamente curta e interações controladas pelos pais”. Atualmente, no entanto, “muitos tipos de relações interpessoais são designadas por este termo, desde uma relação curta e descompromissada até a co-habitação”. (BARBARÁ; BERTOLDO, 2006, p. 229). De outro modo, o também psicólogo José Sterza Justo (2005) apresenta o namoro dos dias de hoje como uma etapa de relacionamento posterior ao *ficar*¹³⁷. Se considerada uma relação estável, traz ao jovem o conflito entre a promessa de segurança, fidelidade, confiabilidade, durabilidade e a promessa de independência, autonomia, realização e diversidade.

da vida social contemporânea (tema de nosso próximo capítulo), o qual revela texturas culturais próprias de uma *sociedade em rede*. O namoro virtual não é um fenômeno isolado, mas está conectado a formas diversas de comportamentos ligados à sociedade atual. Obedece à mesma lógica que governa relacionamentos de diferentes espécies e natureza. Em outras palavras, trata-se de uma experiência cultural que pressupõe a existência de *representações*, compartilhadas através de comportamentos, normas e valores sociais que se assemelham aos namoros tidos *reais* (*off-line*). Os namoros que se estabelecem na internet podem ser considerados prolongamentos dos namoros que se dão na *vida real*. Eles reproduzem as mesmas questões e valores dos namoros tidos como convencionais.

As características da relação de namoro elencadas acima incidem bem sobre os namoros virtuais. Nestes últimos, valores como *proximidade*, *intimidade*, *confiança* e *fidelidade* estão presentes e são bastante valorizados. O estabelecimento da relação amorosa virtual se justifica tendo como base atributos físicos ou charmes das partes. Além disso, expressam-se também declarações de sentimentos amorosos de modo a consolidar a relação. São namoros que se iniciam a partir da união espontânea declarada entre duas pessoas, em geral feita por um *pedido de namoro*¹³⁸, o qual é socialmente apreciado, pois é percebido como regado de sentimentos profundos e atribui caráter sério à relação. Da mesma forma, vê-se aqui a possibilidade da exposição social do vínculo na esfera pública e a apresentação do namorado(a) a pares, amigos e familiares.

Contudo, faz-se necessário questionar: os namoros virtuais não apresentam em nada peculiaridades ou especificidades? Retomaremos, doravante, as seis etapas que constituem a formação de um namoro virtual, tal qual foram apresentadas na primeira parte deste trabalho. Através delas, teremos alguns subsídios para arriscar uma resposta, sem, todavia, a ingenuidade de esgotá-la. Repetidamente, colocamos que o processo de *formação de um vínculo amoroso virtual* presume a mediação de seis etapas ritualizadas e *encenadas*, segundo determinados padrões válidos pelo grupo de pessoas que participou dos fóruns e enquetes, sobretudo, da comunidade *Conheci meu amor pela internet*. São elas: *processo de escolha do(a) parceiro(a)*, *técnicas de aproximação e abordagem*, *frequência dos encontros virtuais*, *pedido de namoro*, *namorando virtualmente* e *o encontro presencial*.

Antes de prosseguir, é importante assinalar aqui que, em todas essas fases, deflagra-se o uso da *narrativa*, ora como elemento principal, ora como coadjuvante, mas sempre a *narrativa*. Teremos oportunidade de problematizar essa importante noção, que,

¹³⁸ O *pedido de namoro* é um papel percebido como masculino, apesar de exceções que elucidam novas dinâmicas de papéis e expectativa de gênero.

gradativamente, ganhou espaço de análise em nossa tese e que será apresentada na parte III deste trabalho, mais precisamente no capítulo IV. Por ora, nosso esforço é para dar conta das especificidades e particularidades próprias aos namoros virtuais por meio do processo de construção do vínculo *on-line*, tal qual ele se manifesta nas seis fases ideais, cuja nossa elaboração está ancorada em conteúdos presentes nos fóruns e nas enquetes.

Na primeira fase – *o processo de escolha do(a) parceiro(a)* –, a particularidade reside no fato de que a eleição da parceria amorosa dá-se mediante a apreciação de fotos. Se, numa escolha desse tipo, os atributos físicos aparecem como essenciais, aqui a imagem fotográfica cumpre o papel desempenhado pela atração. Nesse caso, o *apaixonamento* é pelo *perfil*, que, evidentemente, para os envolvidos, equivale à pessoa em si, de carne e osso. Mais do que a pessoa, valem aqui as representações que esta evoca. Abaixo, ilustramos com dois depoimentos: um feito por Carlos e outro por Amanda¹³⁹. Neles, materializa-se essa particularidade, qual seja: a relação entre escolha amorosa e fotografias. No depoimento de Carlos, ele declara ter ficado *paralisado* durante duas horas somente olhando o perfil de Laura¹⁴⁰, aquela pela qual afirma ter se apaixonado. O caso de Amanda é diferente. Ela descreve o apaixonamento de Mário¹⁴¹ por ela através do perfil do Orkut.

Conheci Laura no Orkut, tava procurando pessoas com o mesmo nick que eu (Shinoda) e acabei achando o perfil dela na página 24 do Orkut. Lembro que entrei em vários e o dela foi o que me chamou atenção. Das 3 horas que fiquei na net 2 eu fiquei olhando o perfil dela. Achei ela linda demais, rosto de anjo, belos olhos, e coisas em comum como a mesma banda preferida. Daí pra frente fomos nos conhecendo por Orkut, depois msn e conversando, rindo e principalmente nos entendendo. Me apaixonava cada dia que passava e a saudade me matava. Pedi logo ela em namoro e isso foi no dia 31 de janeiro de 2008¹⁴² (Carlos).

Ele me achou numa comunidade de partituras no Orkut. Eu estava naquela comunidade, veja, ela tem mais de 65000 membros. Ele foi procurar uma partitura naquela comunidade, e não sei pq, eu estava justo nos primeiros membros. Ele disse que quando entrou na comunidade, eu chamei muita atenção dele. Foi aí que começamos a conversar, somente pelo Orkut e nosso primeiro assunto foi: MÚSICA!¹⁴³ (Amanda).

Uma vez realizado o primeiro contato com o outro, entra-se na segunda fase, chamada *técnicas de aproximação e abordagem*: a particularidade constitui-se, em sua grande maioria, através da apresentação de um texto escrito. A escrita funciona como o primeiro mecanismo

¹³⁹ Ambos fazem parte dos 14 perfis analisados pela pesquisa.

¹⁴⁰ Laura faz parte dos 14 perfis analisados pela pesquisa.

¹⁴¹ Mário faz parte dos 14 perfis analisados pela pesquisa.

¹⁴² Em resposta aos fóruns da comunidade *Compreendendo amores virtuais*.

¹⁴³ Em entrevista realizada em 04/06/2010.

de interação. A aproximação dá-se mediante *scraps* ou mensagens deixadas no Orkut no *pedido de amizade*, como ocorreu, por exemplo, com Jéssica, membro da comunidade *conheci meu amor pela internet*. Num dos fóruns dessa comunidade, ela declarou que um pedido escrito *de amizade* encaminhado através do Orkut ocasionou o apaixonamento e, em seguida, a consolidação de um namoro. Observemos o seu depoimento: *Quando abri meu Orkut lá estava um convite me pedido para adicioná-lo como amigo e eu adicionei e não deu outra. Teclamos durante meses pelo Orkut, depois pelo MSN. Pronto, me apaixonei*¹⁴⁴.

A especificidade da terceira fase, que se refere à *frequência dos encontros*, acha-se no fato de ela elevar as conversas ao primeiro plano. As conversas tornam-se a condição para o estabelecimento futuro da relação amorosa *on-line*. Laura depõe nesse sentido: *eu converso com ele pelo telefone todos os dias, nos falamos pela internet, carta, email, depoimento, recados, usamos a webcam...eu converso com a família dele e ele conversa com a minha*¹⁴⁵. Essa presença assídua das conversas, além de gerar o fortalecimento do vínculo, possibilita a construção de um conhecimento de si mútuo (entre o casal). A quarta fase – *pedido de namoro* – torna-se particular, pois se trata de um compromisso que é assumido por casais que moram em cidades diferentes. Pedido e consenso, via internet. A partir daí, é bem comum que tanto amigos quanto familiares recebam o comunicado: *estão namorando*. Mônica, um dos perfis analisados nesta pesquisa, revela, abaixo, o momento em que, estabelecido o vínculo *namoro*, tiveram, ela e Renato¹⁴⁶, que comunicar à família.

a gente começou a conversa inicialmente por Orkut, nós ficamos amigos, e a conversa passou pro msn, não tinha um dia que nós não teclássemos, nos conhecemos, descobrimos varias afinidades, começamos a nos envolver e acabamos namorando, acho que no começo foi mais por brincadeira, mas as coisas foram ficando cada vez mais sérias, a “dependência” que um causou no outro só foi aumentando, depois de 6 meses chegou a hora de falar pra família, com um ano colocamos alianças de compromisso, e hoje faz 1 ano e 3 meses que estamos namorando, e torcendo pra que tudo dê certo e ele venha me ver.

A peculiaridade da quinta fase, *namorando virtualmente*, é o fato de se constituírem namoros nos quais as carícias, como toques, beijos (na boca), abraços e carinhos, a princípio, estão ausentes. O depoimento de Carlos revela a frustração de que namorar virtualmente é *não poder tocar, beijar, fazer carinho, dormir com ela, andar de mãos dadas e outras coisas mais que sonho fazer com a Laura*¹⁴⁷. A sexta e última fase, *o encontro presencial*, é vivida com

¹⁴⁴ Depoimento retirado do fórum *Como se conheceram*, feito em 02/04/2009, da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.

¹⁴⁵ Em resposta aos fóruns da comunidade *Compreendendo amores virtuais*.

¹⁴⁶ Renato faz parte dos 14 perfis analisados pela pesquisa.

¹⁴⁷ Em resposta aos fóruns da comunidade *Compreendendo amores virtuais*.

grande alegria, uma vez que representa a concretização de um *evento* há muito esperado. Entretanto, igualmente, é marcada pela seguinte característica: medo de não gostar fisicamente de seu(sua) namorado(a). O momento que antecede o encontro presencial é caracterizado por ansiedades e angústias, causadas, em grande medida, pelo *medo de no presencial* não haver as afinidades que ocorrem no virtual. O depoimento de Rafaela, abaixo, é esclarecedor.

Tenho medo da gente não ter algo em comum que a gente mostra ter pelo MSN, entende? Porque você sabe que no convívio há muitas coisas que a nossa personalidade não consegue esconder! E se p acaso a química num for tão boa como é no MSN, entende? Que cara vou fazer diante dele... porque ... pessoalmente é 'real'...num é aquele momento fantasioso...que depois você fecha o msn e cada um vai para um lado... cada um segue sua vida...pessoalmente você vai está ali perto dele, vendo ele no dia a dia...defeitos,também qualidades,mas é diferente!¹⁴⁸

Vistas as fases, propomos resumir e caracterizar o namoro virtual como um tipo específico de relacionamento amoroso cuja escolha do(a) parceiro(a) se dá por meio de uma imagem, que tem como suporte principal a foto, a partir da qual se abre um mundo de projeções, sonhos, fantasias e projetos. Outros aspectos importantes, como os pessoais, sociais, econômicos, políticos e religiosos (apenas para citar alguns), acabam intercedendo na escolha, talvez ditadas pelo princípio de *realidade*. Os envolvidos buscam tais informações em perfis de redes sociais. São namoros em que o casal assume publicamente o compromisso de namorar a distância. Nesses namoros, há sempre a possibilidade de ausências de toques físicos, como abraços, beijos, carinhos etc. Os envolvidos convivem, por um tempo (que precede o encontro presencial), envoltos com o medo e a angústia de não gostarem, no presencial, de seu(sua) namorado(a). Trata-se de um relacionamento que somente segue adiante mediante a promessa de um encontro presencial, o que implicará, por sua vez, uma série de deslocamentos geográficos.

O uso das tecnologias da informação como suportes para intermediar experiências amorosas parece confirmar variações tanto nas formas em que se constroem relações amorosas quanto nos espaços em que elas se dão. Os namoros virtuais constituem-se em relacionamentos capazes de serem construídos, consolidados e mediados por dispositivos digitais. O fato é que esses relacionamentos remetem-se a formas de experiências inéditas, em pelo menos dois sentidos: 1) fazem alusão a indagações sobre as noções ausência-presença dos corpos na relação e 2) são relacionamentos iniciados, em grande parte, pelo processo de

¹⁴⁸ Em entrevista realizada nos dias 04 e 07/06/2010.

comunicação escrita. Como vimos, por meio da exposição das fases, os envolvidos, em síntese, constroem, representam e vivem a relação amorosa por meio de uma escrita digitalizada, contemplada por fotos, vozes, imagens da *webcam* etc. De fato, eles se valem desses meios para *construir* formas de experiências amorosas e colocam em jogo diversas modalidades perceptivas, desvelando seus modos de vida, suas subjetividades e alguns aspectos da vida amorosa contemporânea. A escrita ocupa um lugar importante nesse tipo de relacionamento, ganhando corpo, através dela, um conjunto de *significações imaginárias sociais* (CASTORIADIS, 1982), conforme análise no capítulo IV desta tese.

2.3 CASOS REAIS DE NAMOROS VIRTUAIS

Rafaela e Gabriel. Ela tem 24 anos, mora no município de Moraújo/CE. Ele possui 26 anos e é residente na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Conheceram-se numa comunidade do Orkut chamada *Frei Tito*¹⁴⁹ (2.419 membros). Nunca se viram pessoalmente e há 10 meses namoram virtualmente. *Amanda e Mário.* Ambos têm 19 anos. Ela mora em Pomerode/SC e ele na cidade do Recife/PE. Conheceram-se também através do Orkut, numa comunidade sobre *Partituras*¹⁵⁰ (61.045 membros). Diferentes do primeiro casal, já tiveram oportunidade de se encontrar pessoalmente. Mantiveram o namoro virtual por 1 ano e 7 meses e hoje, no total, têm 2 anos e 8 meses de namoro virtual e presencial.

Mônica e Renato. Ela tem 21 anos e mora em Natal/RN. Ele tem 18 anos e reside em Santa Maria/RS. De igual modo, conheceram-se numa comunidade do Orkut: *Te incomodo?? Que peena!*¹⁵¹ (4.679.078 membros). Ainda não se viram pessoalmente e há 1 ano e 3 meses namoram por meio da internet. *Laura e Carlos.* Ela tem 19 anos e vive em Maceió/AL. Ele mora em Belém/PA e tem 20 anos. Conheceram-se no próprio Orkut. Esperam pelo encontro presencial há 2 anos e 4 meses, tempo correspondente ao seu namoro. Por fim, *Andressa e Simone.* A primeira tem 19 anos e reside em Pelotas/RS, enquanto que a segunda tem 20 anos e vive em Jundiaí/SP. Conheceram-se na comunidade do Orkut *Avril Lavigne*¹⁵² (557.643 membros). Namoraram virtualmente durante 6 meses, mas já tiveram chance de se ver pessoalmente. Há 1 ano e 2 meses mantêm o namoro virtual e presencial.

¹⁴⁹ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=645338>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

¹⁵⁰ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=59777>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

¹⁵¹ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1771742>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

¹⁵² Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=9960>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

Com base nesses primeiros dados sobre namoros virtuais, é possível verificarmos um traço comum preeminente a todos eles: além de se tratar de um grupo relativamente jovem, todos os casais acima mencionados moram em cidades distintas e se conheceram graças à interferência da rede social Orkut. Tais constatações, a princípio banais, já deflagram uma primeira condição dos namoros virtuais, qual seja: os *enamorados* estão necessariamente separados no *tempo* e no *espaço*, mas unidos pela tecnologia virtual. Nesses termos, o namoro virtual inscreve-se num paradigma contemporâneo ou num modelo de *sociedade em rede* (CASTELLS, 1999) que interconecta pessoas, deslocando-as ou inserindo-as em redes sociais de comunicação, as quais as introduzem em um tipo de sistema *on-line*. Trata-se de um paradigma que marca a religação entre indivíduos nas redes de informação e de produção de realidade virtual, que, em função de sua natureza, privilegia a compressão do tempo e a expansão das fronteiras geográficas.

O que interessa reter é que os namoros virtuais são relacionamentos afetivo-sexuais condicionados à mediação da tecnologia virtual. Nos casos referidos acima, foi o Orkut que aproximou os casais. Por meio dele, decorreram-se os primeiros contatos e encontros. Através dessa rede social *on-line*, casais construíram e mantiveram (e mantêm) seus namoros. Daí deriva uma consequência interessante: a existência do *namoro* não está intrinsecamente atrelada à exigência da *presença física e imediata* dos amantes, condição que se aplica melhor aos relacionamentos amorosos que transcorrem, exclusivamente, no campo *off-line*. No entanto, esta pode ser considerada uma consequência óbvia. Se os namoros virtuais são constituídos, num primeiro momento, de um espaço peculiar, o *ciberespaço*, caracterizado por colocar em contato pessoas afastadas no *tempo* e *espaço*, é evidente que elas possam manter relacionamentos amorosos *on-line* sem a obrigatoriedade de estarem presas aos *espaços físicos e geográficos ordinários*, nem às *temporalidades dos relógios e dos calendários*. Esse fato pode ser confirmado, por exemplo, pela história de namoro virtual contada por Rafaela:

Entrei na comunidade do FREI TITO! Sou muito encantada com a história de vida dele então quando entrei na comunidade... a foto do perfil dele [Thiago] tava bem apresentada, sabe? Então, resolvi convidar para ser meu amigo no Orkut. Mas de início foi sem nenhum interesse. Ele mandou um recado para mim... dizendo que teria o maior prazer se eu adicionasse ele no meu MSN e assim fiz. Nos primeiros dias a gente conversava como amigos mesmo. Tipo... falamos sobre nossa vida. Ele me contou que iria ser padre. Mas assim... antes dei uma “fuçada” no Orkut dele. Olhei fotos e recados no Orkut para ter uma base da pessoa que estaria mantendo contato, entendeu? Então, quando ele me disse dessa história de ser padre só confirmei pelas fotos que já tinha visto! E a gente continuou conversando. Passamos a “abrir” mão de sair para conversar. Tínhamos sempre muitos assuntos! A gente passou um mês teclando como “amigos” e certa vez ele acabou

*deixando escapar que tava a fim de mim e que por ele eu já estava sendo namorada dele. Mas aí eu falei que era cedo demais. Afinal a gente tava se conhecendo. Então, continuamos teclando normalmente e um mês após ele me pediu em namoro de novo e eu fiz de conta que não tinha entendido. Enquanto isso tentei ganhar tempo para pensar. Pedi a ele uma semana para pensar mais. Então quando ele menos esperava eu falei... minha resposta é SIM!*¹⁵³

A história contada por Rafaela é a mesma que se reproduz em muitos outros casos analisados por nossa pesquisa. No referido trecho, ela deflagra, de modo tautológico, o caráter mediado dos encontros amorosos virtuais. Todo o processo de constituição de seu namoro com Gabriel deu-se por meio da internet: num primeiro momento através do Orkut, local onde se conheceram, e depois por intermédio do recurso *MSN*. O namoro institui-se através de um pedido formal feito por Gabriel a Rafaela, apesar de separados no espaço físico. Segundo Pierre Lévy (1996), uma das principais modalidades da *virtualização* é sua capacidade de tornar juntas pessoas *não presentes, desprendidas do aqui agora*. “A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar”. (LÉVY, 1996, p. 21). Num namoro virtual, a despeito de os amantes tornarem-se *não presentes e desprendidos do aqui e agora*, trata-se de relações repletas de paixões, projetos, conflitos, medos, alegrias etc. São namoros *reais* em seus efeitos. Eles se fazem e refazem como nos encontros, namoros e casamentos que se constituem *off-line*.

O depoimento ao qual fizemos menção acima (proferido por Rafaela) destaca ainda dois aspectos importantes e que se repetem nas falas de outros depoentes da pesquisa, a saber: 1) o Orkut como modalidade passível de *apresentar* alguém e 2) a preeminência das *conversas* como um elemento caracterizador dos namoros virtuais. No que se refere ao primeiro aspecto, o Orkut, sem dúvida, parece ser um artifício essencial capaz de *apresentar* pessoas. Como se pôde depreender do referido depoimento, Rafaela afirma ter recorrido ao Orkut no ensejo de conhecer mais detalhes sobre Gabriel, a pessoa com quem estava mantendo contato. Revela que *fuçou seu Orkut* de modo a confirmar que o que sabia sobre ele era de fato verdade. Decerto, esse primeiro aspecto que se destaca no processo de formação de vínculos amorosos na internet desvela o Orkut como uma espécie de *apresentação do eu*, no sentido goffmaniano.

Retomando Goffman (1985), esse autor considera a *apresentação do eu* como uma maneira pela qual o indivíduo apresenta a si mesmo e suas atividades às outras pessoas. Em geral, quando uma pessoa chega à presença de outras, certas razões a levarão a *apresentar-se* e a *atuar* de maneira a lhes transmitir a *impressão* que deseja transmitir. Assim também é no

¹⁵³ Em entrevista cedida no dia 03/06/2010, por meio do *MSN*.

Orkut: as pessoas tendem a construir suas *identidades*¹⁵⁴, moldar suas *imagens*, *produzir-se*. Em seu perfil do Orkut, Gabriel, como todos os demais, age de tal modo que, com ou sem intenção, acaba por expressar a si mesmo. Há, em seu perfil, algo que ele deseja *apresentar*. Assim, Rafaela pôde buscá-lo e saber mais sobre ele, isto é, como ele se *apresenta*.

Referimo-nos, agora, ao segundo aspecto suscitado pela história de Rafaela: a preeminência das *conversas* como um elemento caracterizador dos namoros virtuais. Trata-se de um traço que se repete tanto nas entrevistas e nos fóruns quanto em conteúdos das comunidades virtuais que discutem o namoro virtual, em especial *Conheci meu amor pela internet*. Em seu depoimento, Rafaela conta-nos que seus primeiros contatos com Gabriel foram marcados por conversas diárias *como amigos*, de tal maneira que abriam *mão de sair para conversar*, visto que tinham *sempre muitos assuntos*. Um deles, em especial, dizia respeito às suas *próprias vidas*. A partir disso, surge um elemento importante que será discutido adiante, qual seja: os conteúdos das conversas nos namoros virtuais implicam uma *fala sobre si*. Veremos também que essas *falas* são, por vezes, facilitadas pela ausência da *presença física imediata*. Assim, por agora, questionemos: que peso realmente tem as conversas nos namoros virtuais?

Conforme nossa análise empírica, as conversas diárias travadas por meio da internet garantem a realização de três processos caros aos namoros virtuais: 1) são uma espécie de *suporte íntimo*, no sentido da abordagem de Martuccelli (2007), que assegura a existência dos namoros, isto é, as conversas são as molas propulsoras que mantêm *viva* a relação amorosa. É um eixo de sustentação; 2) são elas que suplantam, por exemplo, a ausência do corpo, considerado importante numa relação amorosa. Como não há possibilidade de toques físicos como os abraços, os beijos e os carinhos, as conversas passam a ser as únicas sustentações do namoro virtual; 3) garantem certa *revelação de si* ao outro da relação, o que culmina, por sua vez, num processo de conhecimento mútuo e, provavelmente, num maior conhecimento de si.

No que se refere às conversas nos namoros virtuais como *suportes*, consideremos algumas contribuições do sociólogo Danilo Martuccelli (2007). Em seu estudo sobre *a gramática do indivíduo* (já tivemos chance de discutir um trecho dessa obra na parte I deste trabalho), o sociólogo advertia-nos da importância de perceber como os indivíduos, no contexto moderno, constroem *sustentáculos* por meio indireto de relações quer sejam de amizades e profissionais, quer sejam amorosas ou ainda através de objetos materiais. Segundo esse autor, todos nós, de uma maneira ou de outra, apegamo-nos a *suportes*. Não há como

¹⁵⁴ Essa noção será mais bem explicitada no capítulo IV.

viver sem eles, os quais são os mais variados possíveis. Martuccelli (2007) destaca quatro categorias de *suportes*: os *invisíveis*, os *estigmatizantes*, os *patológicos* e os *confessáveis*.

Não nos deteremos na interessante discussão que o autor realiza longamente sobre cada uma dessas categorias de *suporte*, porém, podemos resgatar algumas ideias para efeito de compreensão dessa importante noção em nosso trabalho. Um dos fundamentais *suportes* do indivíduo em sociedade, da modernidade aos dias atuais, é o trabalho, através do qual supostamente o sujeito se realiza no plano social. Se tomarmos o contexto atual, no qual em algumas sociedades em crise (podemos pensar na zona do euro, por exemplo) há escassez de trabalho e emprego, ter *sobrecarga de trabalho* é paradoxalmente um privilégio social considerável. Mesmo quando isso acarreta fadigas e estresse, a *sobreatividade* é, afinal, conclui Martuccelli (2007), um *suporte invisível* que garante a posição social de um indivíduo. Em outra ponta da sociedade, podemos encontrar indivíduos desprovidos de condições de trabalho e que necessitam recorrer aos tidos *direitos e sistemas de proteção* para garantir um mínimo de recurso para a sua subsistência (por exemplo, a renda mínima de inserção, a famosa estigmatizante RMI da sociedade francesa). A isso, Martuccelli chama de *suporte estigmatizante*. Quanto aos *suportes patológicos*, haveria, em abundância na sociedade atual, exemplos como o consumo massivo de medicamentos psicotrópicos, ao qual podemos acrescentar o desenfreado consumo de procedimentos cirúrgicos estéticos sob a égide da busca da beleza e da juventude, a qualquer preço.

Existe, por fim, um conjunto de suportes que, segundo o autor, ganha de bom grado o nome de *dependências*, as quais são mais fáceis de assumir. Esses suportes são o que Martuccelli (2007) nomeia de *confessáveis*. Eles são o lugar no qual os indivíduos se entregam aos outros com total seguridade afetiva, como no caso, por exemplo, das relações estabelecidas com os animais ou aquelas marcadas por certo anonimato (como em salas de bate-papo). Ainda, segundo essa perspectiva, nenhum suporte é tão facilmente reconhecido enquanto dependência como as relações amorosas. Conforme Martuccelli (2007, p. 88), para numerosos indivíduos, a parceria amorosa parece ser tanto “más necesaria en la medida en que actúa, a partir de su formación, muchas veces, como un tapón frente al mundo exterior, así como una prenda de nuestra sociabilidad íntima. A la vez un lugar de protección y de expresión de sí.”

Baseando-nos nas discussões de Martuccelli (2007), estamos considerando o espaço das conversas nos namoros virtuais como uma espécie de *suporte* que, além de garantir uma modalidade de *sociabilidade íntima*, assegura, do seu modo, a existência dos próprios namoros. No trecho de uma entrevista cedida por Amanda, podemos ver o quanto as

conversas nas relações virtuais convertem-se, de fato, em *suportes íntimos* que garantem a realidade dos namoros virtuais:

Namoro virtual é muito diferente de um namoro normal. Num namoro normal, o casal pode estar sem assunto, que se ficar abraçadinho, já é bom, não é? Num namoro normal, o casal pode se encontrar várias vezes, ficar juntos e tal... Mas quando é virtual, não tem como eu ficar abraçada com ele, nem beijar ele, aliás, a ÚNICA coisa que se faz é “falar” SÓ! ÚNICA COISA! Se a gente não se falar, não tem mais o que fazer, não é verdade? A única coisa que dá para fazer é falar. A gente tem que conversar... A gente tem que manter sempre o contato, pq com o tempo, eu posso conhecer outra pessoa aqui, ele pode conhecer outra pessoa lá. e um acaba esquecendo um do outro. Assim, na minha opinião, manter a conversa é muito importante num namoro virtual¹⁵⁵.

As conversas mantidas na cotidianidade dos namoros passam a ser centrais. Dizem respeito à *única coisa a fazer*, nas palavras da própria entrevistada, ou ao único suporte, segundo nossas palavras, que desvela, serem as conversas o elemento capaz de *surpir*, em certo sentido, a falta do corpo, dos abraços e dos beijos. Notamos que a falta do contato físico é um tema que aparece em repetidas ocasiões como a principal ou a única desvantagem de um namoro virtual. É comum, em nosso material empírico, a presença de relatos como, por exemplo, o de Laura, no qual anuncia ser bastante desvantajoso *não poder fazer algo simples como dar um abraço, andar de mãos dadas ou olhar nos olhos de pertinho*¹⁵⁶. Nesse sentido, a socióloga Eva Illouz (2011, p. 108), em sua discussão sobre *romances na web*, trata a questão da supressão do corpo como uma característica própria das relações virtuais: “a internet é apresentada como uma tecnologia *descorporificadora* e que desmaterializa o corpo de forma positiva”.

A condição corporal e a expressão de emoções

Conforme a perspectiva adotada por Illouz (2011), as emoções, os afetos em gerais e, especialmente, o amor romântico alicerçam-se no corpo. O tema do amor romântico será discutido mais adiante. Por enquanto, atentemos para a relação entre corpo e emoção. A capacidade de sentir emoções resulta, em parte, do equipamento corporal. Os encontros amorosos são, em sua maioria, caracterizados pelo contato com o corpo do outro. Numa relação de namoro, por exemplo, é comum a troca de carícias, beijos (na boca), abraços, sexo e outras formas de demonstração de intimidade que, em geral, implicam a presença do corpo.

¹⁵⁵ Em entrevista cedida no dia 07/06/2010 por meio do MSN.

¹⁵⁶ Retirada de fóruns da comunidade da pesquisa *Compreendendo amores virtuais*, em 26/05/2010.

É diante desses argumentos que Illouz (2011) indaga: como podem, então, existir relações amorosas, mediadas por uma tecnologia (a internet), que anula o corpo? Como elas podem vir a existir nessa matriz global de computadores, aparentemente inanimada e impessoal? Ora, segundo sua abordagem, o corpo sempre esteve relacionado com a experiência do *amor*.

As palmas das mãos suadas, o coração disparado, as faces ruborizadas, as mãos trêmulas, os punhos cerrados, as lágrimas, a gagueira, tudo isso são exemplos dos modos pelos quais o corpo está profundamente envolvido na experiência dos afetos, e do amor em particular. (ILLOUZ, 2011, p. 109).

A visão teórica de Illouz (2011) é aquela que considera as emoções como fenômenos *incorporados*, situados no corpo. É verdade que, em geral, as emoções são tratadas como tendo origem no funcionamento do equipamento biológico. Entretanto, Illouz (2010) não as trata como fenômenos *naturais* ou mesmo *biológicos*. Ao contrário, as emoções, em sua perspectiva, são norteadas pelas lógicas da orientação cultural e da experiência pessoal, imbricadas no processo de constituição da emoção no corpo. Discussão semelhante foi desenvolvida por Le Breton (2009), em seu estudo sobre *as paixões ordinárias*¹⁵⁷. Ao dedicar-se às codificações corporais e à expressão social das emoções, Le Breton (2009), sob uma perspectiva da dimensão simbólica – da capacidade própria ao homem de fixar o vínculo social pela criação de sentido e valores –, estende suas discussões sobre a relação entre corpo e sociedade, partindo para a compreensão do corpo como comunicador simbólico da emoção experimentada. É dessa compreensão que nos valem para efeito de análise do nosso material relativamente ao tema corpo e emoção.

Tomemos como ponto de partida os próprios depoimentos em que encontramos o tema no qual o corpo comunica emoção. Todas as emoções sentidas, no primeiro encontro presencial de Amanda, foram comunicadas através de expressões corporais (vide trecho abaixo). Assim, como observa Le Breton (2009), a emoção manifesta uma combinação de sensações corporais, de gestos e de significados culturais apreendidos por intermédio das relações sociais. Amanda expressa, em sua expectativa de ver pela primeira vez seu namorado, uma série de sensações, como *ter sua perna tremendo, coração batendo forte, sentir frio na barriga, suor frio, a voz não saía*.

¹⁵⁷ Segundo Le Breton, o termo *paixões ordinárias* deve ser entendido tal qual a abordagem feita por Descartes em sua obra *Tratado das paixões*. Nela, as paixões ordinárias são aquelas com as quais cada um de nós vive todos os dias.

Ele disse [Mário]: Amanda, o que você mais quer que aconteça? Eu: que a gente se encontre. Ele: quarta-feira estarei chegando! (era num sábado). E então ele veio mesmo!!!!!! D: Ah, foi maravilhoso! Eu ainda não consegui explicar pra alguém o quanto eu fiquei feliz!!!!!!!!!!!!!! Era uma coisa que SÓ nós dois sabíamos... Nossa... Quando eu o vi saindo daquele avião, eu não estou mentindo, mas minhas pernas tremeram. Eu senti meu coração bater forte, aquele FRIO na barriga, suei frio! Nem minha voz saía direito¹⁵⁸.

Com isso, estamos argumentando que tais expressões não são automáticas ou naturais, senão fruto de um aprendizado cultural. Expressões de sentimentos consistem em interpretações culturalmente informadas, nas quais o indivíduo envolve seu corpo. Para esclarecer o termo *expressão*, consideremos as contribuições do antropólogo Marcel Mauss (1980), o qual, em seu clássico estudo sobre os ritos funerários australianos, discute a temática das *expressões orais dos sentimentos*, as quais não podem ser classificadas como fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos; ao contrário, são “fenômenos sociais marcados, eminentemente, pelo signo da não espontaneidade e da mais perfeita obrigação”. (MAUSS, 1980, p. 56). Estamos, portanto, apresentando uma concepção que atribui uma qualidade coletiva aos sentimentos.

Em síntese, Mauss (1980) define *expressão dos sentimentos* como uma linguagem social que o indivíduo lança mão, no ensejo de falar daquilo que está sentindo para os demais e, no mesmo sentido, também para si mesmo.

Mas todas estas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais do que simples manifestações, são signos de expressões compreendidas. Numa palavra, são uma linguagem. Esses gritos são como frases e palavras. É preciso pronunciá-los, mas, se é preciso pronunciá-los, é porque todo o grupo os compreende. Faz-se, portanto, mais do que manifestar os sentimentos, manifesta-se-os para os outros porque é preciso manifestá-los para eles. As pessoas manifestam seus sentimentos para si próprias ao exprimi-los para os outros e por conta dos outros. É essencialmente simbólico. (MAUSS, 1980, p. 62).

Posicionamo-nos no interior dessa abordagem para pensar a expressão das emoções nos namoros virtuais.

Complementarmente, retornemos à abordagem teórica de Le Breton (2009), para configurar nosso quadro de análise, nesta parte específica da tese. Conforme o autor, em uma análise sociológica do corpo – empreitada da qual se ocupa em seus primeiros estudos, cujos fundamentos sustentaram muitas de suas análises ulteriores, inclusive as *paixões ordinárias* –, é central principiar por um pressuposto basilar, qual seja: o corpo é uma invenção, escopo de

¹⁵⁸ Em entrevista cedida no dia 04/06/2010 por meio do MSN.

representações e imaginários, baluarte da expressão das emoções. Ele se presta, também, ao transporte semântico, que garante a evidência da relação com o mundo. A existência é, antes de tudo, corporal. São eixos de análise dessa sociologia: atividades perceptivas, expressões de sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, gestos e mímicas, etiquetas e inscrições corporais, produção da aparência, técnicas do corpo etc.

Seguindo essas abordagens (de Mauss e Le Breton), pensamos as emoções corporais expressas pelos nossos entrevistados como aquelas que obedecem a lógicas pessoais e sociais, isto é, as emoções que os assaltam e a maneira como elas repercutem neles têm origem em normas coletivas implícitas ou, ainda, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, com sua orientação pessoal da cultura e com os valores circundantes. O desencadeador das emoções é necessariamente um dado cultural tramado no âmago do vínculo social e nutrido por toda a história do sujeito. A expressão das emoções está ligada à própria interpretação que cada sujeito faz do acontecimento que o afetou socialmente. Na ilustração acima, as emoções expressas por Amanda traduzem a ressonância afetiva do acontecimento de maneira compreensível aos olhos dos demais. Sua procedência não é unicamente individual: ela é a consequência íntima de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com os outros, em segundo lugar.

Uma conclusão previsível que daí decorre, decerto, é que nessa abordagem o corpo não é, ao menos não exclusivamente, um processo fisiológico, mas, antes, uma *ferramenta* da qual o homem dispõe para expressar-se, *experienciar* o mundo e a si próprio bem como atuar e conferir significado à concretude do mundo.

Indubitavelmente, parte preponderante dos estudos sobre as emoções esteve e está diligenciada por uma visão dicotômica. Ou parte-se de uma análise biológica/fisiológica das condutas emocionais, e, por isso, elas seriam universais, ou, por outro lado, parte-se da premissa de que, na verdade, seriam basicamente socioculturais e, desse modo, particulares em sua condição. Consequentemente, esses esforços para teorizar as emoções tenderam a um ou a outro lado da clássica oposição natureza-cultura. Le Breton (2009), que estamos considerando como um autor importante para compreender a relação entre emoção e corpo, pouco se afasta dessa contenda; entretanto, argumenta que a tarefa da Antropologia no âmbito da investigação das emoções consiste na análise das singularidades e particularidades, especificamente culturais, dos comportamentos emocionais humanos. Esta pesquisa é tributária dessa forma de compreender as emoções. Antes, porém, de continuarmos com nossa análise, deixemos claramente registrada a conceituação da categoria *emoção*:

A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo. Ela consiste num momento provisório, originando-se de uma causa precisa onde o sentimento se cristaliza com uma intensidade particular: alegria, cólera, desejo, surpresa ou medo. [...] As emoções são, portanto, emanações sociais ligadas a circunstâncias morais e à sensibilidade particular do indivíduo. Elas não são espontâneas, mas ritualmente organizadas. Reconhecidas em si e exibidas aos outros, elas mobilizam um vocabulário e discursos: elas provêm da comunicação social. O indivíduo aplica suas peculiaridades sobre um tecido coletivo reconhecível por seus pares, ele as desenha de acordo com sua história pessoal, sua psicologia, seu *status* social, seu sexo, sua idade etc. as emoções são a matéria viva do fenômeno social, a base que orienta o estilo das relações nutridas pelos indivíduos, distribuindo os valores e as hierarquias que sustentam a afetividade. (LE BRETON, 2009, p. 113-120).

Notamos que esse viés antropológico enfatiza o caráter simbólico das manifestações emocionais. Para os propósitos desse trabalho, a questão das emoções é inseparável da questão do sentido. Os estados afetivos dependem do significado conferido pelos indivíduos aos acontecimentos. Evidencia-se o papel ativo do indivíduo frente às emoções. As condutas emocionais são, evidentemente, projetos da cultura. Malgrado não haver originalidade nessa assertiva, defende-se, de igual modo, a assiduidade eficaz dos indivíduos na produção simbólica das emoções e dos sentimentos. Ante a importância aferida à dimensão do significado na experiência humana da emoção, somos partidários da ideia de que na investigação antropológica das emoções¹⁵⁹ o que mais interessa é articular experiências emocionais individuais e experiências coletivas, uma vez que o processo de constituição da emoção no corpo é um empreendimento tanto social quanto pessoal. Esta pesquisa de tese é tributária desse entendimento.

O modo como as emoções assaltam os indivíduos e como neles repercutem tem raízes em normas sociais tácitas; entretanto, depende, igualmente, das circunstâncias e das singularidades de cada indivíduo. Este realiza suas projeções de sentido por intermédio do prisma de sua *cultura afetiva*¹⁶⁰ e de sua história pessoal, que passam a ordenar o infinito

¹⁵⁹ Na perspectiva que estamos adotando, a sociologia da emoção “parte do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e a sociedade. Traduzem as alianças produzidas levando em conta as normas sociais, os costumes, as tradições e as crenças ou convicções em torno das próprias emoções”. (KOURY, 2004, p. 12).

¹⁶⁰ Segundo Le Breton (2009, p. 11), a *cultura afetiva* “oferece os principais esquemas de experiência e de ação sobre os quais o indivíduo tece sua conduta de acordo com sua história pessoal, seu estilo e, notadamente, sua avaliação da situação”. Em sua visão, “uma cultura afetiva está socialmente em construção. Cada um impõe uma coloração pessoal ao papel que representa, com sinceridade ou distância, embora sempre reste uma tela de fundo que torna as atitudes reconhecíveis”. (LE BRETON, 2009, p. 127). Por fim, Le Breton (2009, p. 141) lembra-nos ainda que “a cultura afetiva não oprime o ator com uma carapaça de chumbo: ela é o manual de instrução que lhe sugere a resposta adequada a cada particular circunstância. Ela não se impõe como uma fatalidade mecânica, não apenas porque o ator a ‘encena’ com a expressão dos seus estados afetivos, mas também porque esse último nem sempre está de acordo com as expectativas implícitas do grupo”.

fluxo de sensações que o acomete. Em suma, a expressão da emoção corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Significa que a *cultura afetiva* não impele os indivíduos, forçando-os a uma obediência absoluta: ela é um prontuário de indicações que sugere respostas apropriadas a cada particular conjuntura. Não se inflige como uma fatalidade mecânica, pois, na realidade, os indivíduos nem sempre estão de acordo com as expectativas implícitas de seu grupo. É verdade que expressam emoções em concordância com orientações sociais e culturais que se apresentam, mas eles as redesenham de acordo com as suas trajetórias pessoais.

Por essas convicções, Le Breton critica, com justeza, a ilusão substancialista que considera as emoções estados absolutos ou essências. Denuncia, por exemplo, certos estudos ocupados na busca de uma base *anatomofisiológica* da emoção e da sua expressão, pois eles rejeitam as nuances e particularidades sociais e pessoais. Tais análises diminuem qualquer influência do indivíduo e todo investimento de sentido que ele engendra para apreender determinado evento. Extinguem a dimensão simbólica da manifestação das emoções e desconsideram os significados sociais e culturais que elas assumem em contextos diferentes. As antropólogas Rezende e Coelho (2010) exemplificam tal concepção numa discussão sobre a *antropologia das emoções*, através de dois exemplos, um referente à percepção dos hormônios e outro, ao funcionamento neurológico do cérebro, como causadores e reguladores das emoções.

Os hormônios ditos masculinos e femininos – respectivamente a testosterona e o binômio estrogênio e progesterona – explicariam muitas características dos gêneros. Os homens seriam mais agressivos do que as mulheres em função da maior presença da testosterona no seu organismo. Já as mulheres teriam várias reações emotivas atribuídas aos hormônios, que marcariam as várias etapas de seu ciclo de vida. Haveria uma maior instabilidade emotiva nos dias anteriores à menstruação, o que, junto a aspectos físicos, configuraria a síndrome da tensão pré-menstrual. [A respeito do funcionamento do cérebro], jornais já escreveram sobre o amor como resultado de certas reações químicas do cérebro, e como mulheres e homens apresentam características cerebrais distintas teriam também experiências diferentes do sentimento. (REZENDE; COELHO, 2010, p. 21-22).

Decerto, as emoções apresentam vários atributos em comum com os fenômenos corporais. Indubitavelmente, sentimentos produzem reações corporais. Como exemplo, citamos a *tristeza*, que frequentemente pode vir acompanhada de “lágrimas e soluços, reações que também podem vir da alegria e da felicidade”. De igual modo, o medo “provocaria arrepios, palpitações e, até mesmo, enfartes cardíacos”. A ansiedade e a angústia, por fim, podem ter diversas formas de expressão no corpo, “como falta de ar, insônia, sensação de

aperto no estômago”. (REZENDE; COELHO, 2010, p. 22). Entretanto, o que interessa nessa discussão é pensar que o modo como entendemos e vivenciamos o corpo é sempre perpassado pelas formas de pensar a cultura e a sociedade, sendo, portanto, congruente com a organização social na qual se insere o indivíduo.

Numa organização social em *rede*, o corpo, mediado pela tecnologia virtual, é também um comunicador simbólico da emoção experimentada. Não há obrigatoriedade da *presença física imediata* do corpo para que este sinta fortes emoções. Os próprios entrevistados narram suas emoções, sem constrangimentos e destituídos de qualquer formalidade, tal como no exemplo abaixo:

*No MSN mesmo que haja sentimento é algo frio. Vc num pode tocar beijar, abraçar... é um amor gelado! Mas que, de certa forma, nos proporciona grandes sensações, emoções... nos faz sonhar... Mas, mesmo sem ter conhecido ele pessoalmente ainda...te confesso que até agora já tá valendo a pena!!! Quando penso nele fico fria...de emoção. Ainda mais quando penso que dentro de 3 dias estarei com ele! É tudo tão diferente das relações que já vivi... nem se compara! Parece até que é meu primeiro namorado!*¹⁶¹ (Rafaela)

Contrariamente à análise naturalista das emoções, este trabalho depreende que as expressões emocionais são, portanto, emanações sociais ligadas às circunstâncias *morais* peculiares aos indivíduos. Elas não são espontâneas, mas ritualmente organizadas. Enraizadas na *cultura afetiva*, estão dispostas em um sistema aberto de significados, em ritualismos, no vocabulário etc. A *socialização afetiva* não apenas nos oferece modos de agir, mas sugere também aquilo que *devemos* sentir em dado momento. O que se quer argumentar aqui é o imperativo de compreender as emoções, vivenciadas individualmente, como fenômenos sociais adquiridos através do aprendizado cultural com o Outro.

Nos devidos termos, o Outro é a estrutura que organiza a ordem de significado do mundo. Daí, sua função fundamental na aquisição, na manutenção ou na modificação da simbologia corporal e emocional. A presença do Outro assegura a vida. Não se pode pensar em vida social sem o Outro. O homem não existe sem a educação que modela sua relação com o mundo e com os outros. Na origem de toda experiência humana, o Outro é a condição de sentido: ele é o fundador da diferença e, assim, do elo social. Seu ponto de vista faz falta para manter a coerência e a visão das coisas. Novamente, reforça-se aqui a acuidade do Outro para o aprendizado de gestos, mímicas e posturas que exprimem emoções.

¹⁶¹ Em entrevista cedida no dia 07/06/2010 por meio do *MSN*.

Portanto, essa discussão, da qual somos tributários, faculta aos indivíduos peso igual frente à relação indivíduo-sociedade. No que se alude às emoções, os indivíduos não se portam exclusivamente como produtos apáticos da história, eles são, igualmente, detentores de uma história na e da qual constroem a significação. Ou melhor, há um sentido da história, que é aquele que indivíduos, em suas vidas ordinárias, arquitetam. Em presença da emoção que o investe, o indivíduo a avalia, a interpreta e somente então produz respostas face às situações. Por isso, a emoção é, ao mesmo tempo, avaliação, interpretação, expressão, significado, relação e regulamento, levados a termo por indivíduos culturalmente localizados. Não há indiferença ante a cultura.

Após essa digressão sobre corpo e emoção, suscitada, no início dessa seção pelo questionamento de Illouz (2011) no tocante aos namoros virtuais, voltemos a esse tema diante de novas questões trazidas pela mesma autora: se é fato que a internet invalida o corpo, como ela pode dar lugar às emoções, se é que o faz? Mais precisamente, de que maneira a internet rearticula corpo e emoção? Ela parte da premissa de que a internet é uma *tecnologia incorpórea*, no sentido de que a internet dá precedência ao conhecimento intelectual de base textual e não corporal, cuja dimensão é, para a autora, central na atração amorosa. Sua tese, da qual discordamos, nesse ponto específico, é a de que os namoros virtuais estariam alicerçados exclusivamente em *textos*, isto é, o conhecimento do outro na internet dá-se por meio de informações baseadas apenas na escrita. Em vez de um conhecimento corporal, são apresentados, nos namoros virtuais, elementos de cunho pessoal, como: dados escritos sobre si mesmo, sobre traços típicos da personalidade, da individualidade etc.

Na tese de Illouz, há a convicção de que um conhecimento do outro baseado em *textos* é pouco relevante ou exerce pouca influência no processo de atração amorosa quando comparado ao conhecimento corporal presencial. De acordo com a autora, no começo dos relacionamentos amorosos, as aparências tidas como superficiais são as que importam. A descoberta de que alguém tem *uma grande personalidade* parece importar muito pouco. De modo a sustentar o seu argumento, a socióloga traz à baila resultados de pesquisas pertencentes à área da psicologia social que versam sobre a experiência da atração amorosa e a presença do corpo. Ela apresenta os resultados de um estudo experimental sobre as causas da atração romântica através de uma pesquisa desenvolvida pelas psicólogas Elaine Harfield e Susan Sprecher (1986) sobre *a importância da aparência na vida cotidiana*¹⁶².

¹⁶² HARFIELD; ELAINE; SPRECHER; SUSAN. *Mirror, mirror: the importance of looks in everyday life*. Albany: State University of New York Press, 1986.

No referido estudo, solicitou-se a adultos e adolescentes que especificassem verbalmente o que era mais importante para eles num encontro amoroso. No primeiro momento da pesquisa, os entrevistados do sexo masculino apontaram traços de caráter, como a *sinceridade* ou o *temperamento afetuoso*. Esses eram mais importantes do que a beleza. No mesmo experimento, mostraram-se aos homens, posteriormente, fotografias de mulheres *sem graça* e de mulheres *muitos atraentes*. Eles também receberam pequenos esboços da personalidade dessas mulheres. Entretanto, segundo Illouz (2011), o fato de uma mesma mulher ser alternadamente apresentada como *indigna de confiança*, *agitada* e *presunçosa* pareceu fazer pouca diferença comparado a casos em que ela era descrita como *confiável*, *tranquila* ou *modesta*. Ao cabo,

constatou-se que as mulheres atraentes eram sempre preferidas às sem graças, independentemente do seu caráter. Portanto, o experimento sugeriu duas constatações importantes: uma é que, em geral, as pessoas acham que a personalidade é importante, mas, na verdade, os atributos de personalidade desempenham um papel muito pequeno na atração interpessoal. A atração é de importância excepcional. Somos estimulados por outros que são física e pessoalmente atraentes. (ILLOUZ, 2011, p. 143).

De fato, a tese defendida por Illouz (2011) considera a internet uma técnica *descorporificadora* que, por essa razão, não permite a pessoas se conhecerem de modo a sentirem algum tipo de atração amorosa. Nessa perspectiva, o corpo deve estar presente fisicamente. Illouz (2011) reforça sua tese recorrendo ainda às contribuições de Pierre Bourdieu, que situa o corpo no centro das interações sociais. Segundo esse sociólogo, a experiência social é acumulada e exibida no corpo. Assim, Illouz (2011, p. 143) destaca que a atração física, “longe de ser irracional ou superficial, aciona mecanismos de reconhecimento da semelhança social, precisamente por ser o corpo o repositório da experiência social”. A partir daí, conclui que “o corpo talvez seja a melhor e, quem sabe, a única maneira de conhecer outra pessoa e sentir atração por ela”. Para a autora, a “copresença de duas pessoas físicas, é essencial para o sentimento amoroso”. (ILLOUZ, 2011, p. 144).

Valendo-se ainda do paradigma de Bourdieu, Illouz (2011) conclui que amar o outro é reconhecer o próprio passado e o próprio destino social, sendo este, de acordo com Bourdieu, evidente no corpo e no apaixonamento. “Amar é reconhecer libidinalmente, e no corpo do outro, o nosso passado social e nossas aspirações sociais”. (ILLOUZ, 2011, p. 147). Nessa perspectiva, os *romances na internet* são considerados da *ordem do conhecer* e não da *ordem do sentir*. Esse *conhecer* não significa, necessariamente, compreender quem é a pessoa. A internet, argumenta a autora, proporciona um tipo de conhecimento que, por não estar inserido

e desvinculado de um conhecimento contextual e prático da outra pessoa, não pode ser usado para compreendê-la. Nossa pesquisa empírica mostra o contrário.

Reacendendo o debate e apoiados em Le Breton (1999), afirmamos que o campo da internet se presta a compreender *emoção e corpo* (conforme vimos anteriormente). O corpo se faz presente nas trocas virtuais amorosas, porém, evidentemente, estas também se dão de outra maneira. Em namoros virtuais, a vivência do corpo do outro e do próprio corpo (para além dos momentos em que há encontros presenciais) vai se dar pela mediação da tecnologia virtual. Veremos, em seguida, com maior acuidade, essa nossa afirmação. Defrontamo-nos com vários exemplos de que a atração amorosa precede o contato físico com o corpo. Apresentaremos três episódios nos quais as pessoas afirmam que o contato físico com o corpo do outro não inibiu o enamoramento. Pelo contrário, contribuiu para o início do enamoramento estar em outro tipo de contato. Amanda, por exemplo, a respeito de seu namorado Mário, declara: *aquele cara que me conquistou somente com aquelas palavras [...]*¹⁶³. Ela revela que eles (o casal) conversavam todos os dias. A cada conversa, ela se impressionava mais com a *inteligência* e o *conhecimento* que ele tinha de música. Detalha-nos as singularidades do amado: *Até o jeito de falar eu me impressionei, porque se já viesse escrevendo: oi, tdu bein? komo vai vç? Eu já cairia fora... Ele escrevia tuuuudo certinho*¹⁶⁴. Notamos, aqui, a função do desempenho textual do sujeito amado, isto é, o importante papel da textualidade no processo de construção do *apaixonamento*.

Quanto à Eliane, segundo ela, as conversas foram fundamentais, mais do que o corpo, no processo de construção de seu namoro. Ela diz *eu mesma gostei do meu namorado... sem ver nenhuma foto. Depois gostei da conversa e depois quando vi na webcam gostei mais ainda*¹⁶⁵. Helena, outra entrevistada, também revela o quanto o *desempenho textual* é fundamental no processo de construção dos sentimentos amorosos. Como ela própria expõe no depoimento abaixo, não sabe bem como ele é fisicamente, só o viu por fotos e, uma única vez, por *webcam*, mas *é um sentimento forte que sente por ele*. As palavras parecem ter enormes efeitos na relação. Vejamos seu depoimento completo:

É estranho. Eu não sei o que ele faz, como ele é fisicamente, só por fotos. Só o vi pela webcam uma vez, mas é um sentimento que pra gente fica mais forte. A distância aumentar mais a vontade de está perto e de se conhecer. Acho que o que eu não encontrei em nenhum homem aqui eu encontrei nele. Apesar da distância ele me entende, me dá carinho, mesmo que esteja tão longe sabe? Me agrada quando eu preciso de algo nem que seja uma palavra de atenção ou conselho ele sabe o que

¹⁶³ Em entrevista cedida no dia 23/06/2010 por meio do MSN.

¹⁶⁴ Em entrevista cedida no dia 04/06/2010 por meio do MSN.

¹⁶⁵ Em entrevista cedida no dia 04/06/2010 por meio do MSN.

internet), ela sente saudades inexplicáveis e efeitos no seu corpo. Essa saudade a faz *chorar e sentir seu coração pulsar forte*.

Estamos, assim, inscritos na abordagem de Le Breton (1999), na qual todas as ações tecidas na trama da vida cotidiana, sejam elas quais forem, envolvem, obrigatoriamente, a mediação da corporeidade. Através delas, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência. O corpo produz sentidos continuamente, inserindo o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural. Aqui, a existência é antes de tudo corporal. O corpo é o traço mais visível do indivíduo, sendo o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída, bem como o eixo da relação com o mundo. A expressão corporal é socialmente modulável, apesar de ser vivida em concordância com o estilo particular do indivíduo.

Es un constante proveedor de significados. Frente a una misma realidad, individuos con cuerpos impregnados por culturas e historias diferentes no experimentan las mismas sensaciones y no descifran los mismos datos; cada uno de ellos es sensible a las informaciones que reconoce y que remiten a su próprio sistema de referencia. (LE BRETON, 2009, p. 24).

Compreendemos, a partir disso, porque no senso comum e em certas teses acadêmicas o corpo é sempre conclamado presencialmente: afinal, ele é suporte de valores! Um dos imaginários sociais construídos ao redor dele coloca sua presença física obrigatória como condição para a existência de uma relação amorosa. Ora, os namoros virtuais, ao seu modo, empregam outros sentidos para o corpo. A tecnologia virtual, através de ferramentas como *MSN*, *webcam* ou telefone, põe os corpos dos enamorados separados no tempo e no espaço em contato. No fragmento de entrevista abaixo, podemos observar o quanto as novas tecnologias da comunicação (celular, iPad etc.) facilitam um estar juntos sem contatos físicos, mas abrindo todo um outro espectro de possibilidades de contato.

Eu ligo e fico com ela (graças a TIM infinity¹⁶⁸) e cuido mesmo dela, mimo ela, e faço ela dormir cantando e acalmando o coração dela quando está cheio de pressão dos problemas. Claro que fazer tudo perto, juntinho, poder abraçar, cantar pra ela dormir perto da orelhinha dela são coisas que sonho sempre em fazer, mas por enquanto uso o telefone quase o dia todo (o dia todo mesmo). Gosto de ficar com ela o dia todo, conversando, cantando, rindo, declamando os poemas e rimas que faço pra ela. Dormimos com o celular ligado usando o fone, parece exagero... no entanto acordar e poder chamar ela com carinho e ouvir aquela voz de bebê que ela

¹⁶⁸ Trata-se de um plano econômico de uma operadora de telefone celular no Brasil. Nessa promoção, é possível efetuar ligações de duração ilimitada para qualquer outro celular local ou DDD por um valor de R\$ 0,25 por chamada.

*tem assim que acorda e dizer que amo ela e ela dizer o mesmo é algo que não se compra, vale muito a pena*¹⁶⁹.

Carlos, apesar de não dormir fisicamente com Laura, acorda-a pela manhã como se de fato estivesse ao seu lado. A tecnologia aqui aproxima os corpos. Nesse caso, o telefone articula corpo e namoro. A internet, longe de descorporificar as relações amorosas, está mais apta a oferecer modos diferentes de se relacionar em comparação às maneiras convencionais de vivenciar e experienciar o próprio corpo e o do outro. O corpo, nessas relações, é mediado pela tecnologia virtual. Tem-se acesso a ele por meio de recursos audiovisuais, isto é, a vivência com o corpo do outro é feita por meio de imagens como fotos e vídeos produzidos em tempo real, graças a *webcam*, mas também mediante a escrita digitalizada. Nas conversas que travam diariamente, em geral através do *Skype* ou do *MSN*, o corpo aparece para o outro por imagens, as quais mostram gestos, atitudes, posturas, mímicas, choros, alegrias etc. “Compreender a comunicação é também compreender a maneira como o sujeito, de corpo inteiro, nela participa”. (LE BRETON, 2009, p. 40).

O que interessa reter é que a comunicação, em particular, as conversas travadas na internet, mediadas pelo computador, implicam tanto a palavra quanto os movimentos do corpo. Afinal, “o corpo não é o primo pobre da língua” (LE BRETON, 2009, p. 42), mas seu parceiro homogêneo na permanente circulação de sentido, a qual consiste na própria razão de ser do vínculo social. Nenhuma palavra existe independentemente da corporeidade que a envolve e lhe confere substância. As conversas entre os amantes na internet, em que é possível se ouvir e se ver, mobilizam corpo e linguagem de forma mutuamente necessária. Essa visão defende, portanto, a presença marcante do corpo em qualquer ato comunicacional. Quando nos comunicamos com os outros, a presença do corpo é inevitável. Na internet, não é diferente. O depoimento de Nívia ilustra como os parceiros mobilizam o corpo em suas conversas e, inclusive, praticam sexo *a distância*.

Comigo é natural. Fazemos praticamente todos os dias e assim, todas as vezes é maravilhoso. Ele não sabia dessa tática e tá melhor do que eu. Então assim, imaginamos coisas que queremos fazer um com outro: posições, beijos, carinhos. Ele tem uma matéria falando sobre como satisfazer a mulher. Então, colocamos em pratica algumas dicas mesmo a distância, pra que não se torne rotineiro. É muito bom rimos, brincamos, na verdade nos entregamos um pro outro. Mesmo sem ser ao vivo da pra sentir sabe? através de palavras... gemidos. Eu acho assim que tudo é valido se ambos estiverem de acordo. Então tem dia que ele tá bem mais solto, tem dias que eu quero algo mais calmo e assim vai. É gostoso e somos bem fogosos e ele disse que queria encontrar uma mulher assim sem frescuras e que tomasse a

¹⁶⁹ Em resposta aos fóruns da comunidade *Compreendendo amores virtuais*.

*iniciativa, que não esperasse só por ele, entendes? Quando digo que nossa sintonia é grande não é brincadeira*¹⁷⁰.

O *sexo virtual* é, sobretudo, visual e, em alguns casos, textual, mas isso não significa dizer ausência do corpo. “O texto substitui o sexo e faz a economia do corpo; a excitação verbal é transmitida ao corpo inteiro como um terminal de prazer. A sexualidade transforma-se em textualidade”. (LE BRETON, 1999, p. 172). Nesse sentido, a internet introduz uma ruptura radical no universo da sexualidade. Através de ferramentas telemáticas, “a presença carnal do outro não é mais necessária. A sexualidade cibernética realiza um desaparecimento sem equívoco da carne”. (LE BRETON, 1999, p. 164). Segundo essa perspectiva, as pessoas passam a viver, com todo o conhecimento de causa, prazeres sexuais, entregando-se, cada um em seu lugar, à experiência de *sexo virtual*, na qual compartilham *devaneios eróticos*.

Podemos, assim, dizer que o namoro virtual pode, também, ser considerado um discurso capaz de produzir sensações corporais por meio de palavras, textos, sons e imagens, afinal, “a realidade virtual está aquém e além do corpo”. (LE BRETON, 1999, p. 144). O relato de Nívia mostra que o corpo está ativo, ressoando sobre ele inúmeros efeitos de sensações e de emoções provocados, nesse caso específico, pela palavra e pela imagem. Não há uma dissociação entre corpo e experiência, como alguns querem crer. A realidade virtual gera um “sentimento de que a *vida de verdade* está ali, na ponta de seus dedos [...]. Os limites da soberania pessoal que o corpo encarna com constância na vida comum foram radicalmente suprimidos”. (LE BRETON, 1999, p. 142).

Voltando à discussão sobre as conversas diárias, reiteradamente, elas são apontadas por quase todos os participantes desta pesquisa como um elemento definidor dos namoros virtuais. Já tivemos oportunidade de expor dois dos três processos caros aos namoros virtuais, que são garantidos graças a essas conversas. São eles: 1) as conversas diárias funcionam como um *suporte íntimo*; 2) suplantam, em certa medida, a ausência da *presença física imediata* do corpo; e 3) garantem certa *revelação de si* ao outra da relação. Resta ainda discorrer sobre esse último processo desencadeado pelas conversas. É lugar-comum, em nossos dados de pesquisa, a constância de depoimentos que asseguram que nos namoros virtuais, ao contrário do que acontece nos presenciais, é possível conhecer bem mais a pessoa com quem se relaciona, pois há neles uma espécie de *obrigatoriedade* com a revelação pessoal. É devido ao

¹⁷⁰ Em entrevista cedida no dia 06/07/2010 por meio do MSN.

fato de não se conhecer fisicamente o outro que traços de personalidade como caráter, jeitos, manias, defeitos, qualidades, hábitos, humor tornam-se fundamentais.

Segundo nosso material empírico, é frequente ver os namoros virtuais em um lugar passível da *revelação de si* para o outro da relação. Em função da ausência de *presença física imediata* (mas não do corpo, como vimos), certa exigência por *autenticidade e sinceridade*, por parte dos envolvidos, é fundamental, conforme depoimentos daqueles que namoram virtualmente. É como se proferissem: *se não o (a) conheço pessoalmente, devo, desse modo, conhecer tudo o mais a seu respeito*. Nessa mesma perspectiva, *nos namoros virtuais devo, na intimidade, ser, por fim, eu mesmo*. Tendem, dessa forma, a expressar *o que são verdadeiramente*. Esta é uma maneira de *ter* ou *possuir* o outro, ter acesso ao outro por meio do que ele revela para mim, mesmo que o *eu* não possa jamais ser inteiramente revelado.

Nesses namoros, poder expressar aquilo que determina a individualidade da pessoa é assegurar, por outro lado, a existência da relação. Segundo nossos dados, através das conversas diárias, os casais afirmam expressar o que acreditam ser *verdadeiramente*, revelando-se frente e graças ao outro. Como o depoimento de Amanda, visto acima, revelou, *a única coisa que dá para fazer num namoro virtual é conversar*. Assim, os casais passam a conversar diariamente sobre um conjunto variado de assuntos, inclusive sobre eles próprios. Para que o namoro virtual possa existir, já que não é possível a *presença física e imediata*, é essencial ou é condição tudo saber a respeito do outro. Em geral, nas entrevistas que realizamos, os entrevistados declaravam com frequência que falavam tudo a respeito de si próprios. Sempre falaram da *verdade sobre si* e, por sua vez, exigiam a *verdade do outro*. O depoimento de Rafaela é emblemático da exigência da *expressão de si* como algo fundamental num namoro virtual.

eu desde o início sempre mostrei o tipo de pessoa que sou. Tipo...através das nossas conversas sempre mostrei minha personalidade. Sempre procurei deixar bem claro como sou para que ele não pense que sou diferente quando me conhecer pessoalmente, entende? Tipo... não adianta eu mostrar uma coisa no MSN e quando ele me conhecer pessoalmente ver que sou outra. Digo isso interiormente e fisicamente. Irei conhecer ele pessoalmente agora então tanto eu como ele iremos ver realmente. Agora em junho irá fazer 10 meses de namoro¹⁷¹.

No conjunto das entrevistas e dos fóruns que realizamos, há dois aforismos que parecem refletir bem o que é um namoro virtual na perspectiva daqueles que o vivem, quais sejam: 1) *É a chance de conhecer a pessoa intimamente antes de tocá-la*, o qual, por sua vez,

¹⁷¹ Em entrevista cedida no dia 03/06/2010 por meio do MSN.

desdobra-se em outro aforismo: *Namoro virtual é mais sentimento*; 2) trata-se de um namoro em que há *Liberdade de se expressar, você acaba falando tudo que pensa*. O que interessa reter disso é que tais aforismos revelam-nos um dado bastante interessante dos namoros virtuais: são relacionamentos que mobilizam um *processo de conhecimento mútuo*. São conversas norteadas pelas *histórias de vida* (ou fragmentos de histórias) *dos enamorados*. É a *vida em si* que é apresentada nas conversas. Em função de sua própria *natureza*, os namoros virtuais fazem os enamorados exercitar certa *revelação identitária*. Vejamos como isso tudo se revela nos depoimentos coletados na pesquisa. O grupo foi solicitado a responder à seguinte pergunta: *o que é um namoro virtual?*

Tomemos como primeiro exemplo a resposta dada por Laura. Teremos chance de verificar que a forma como ela entende os namoros virtuais é, de igual modo, compartilhada por boa parte do grupo pesquisado, senão por todos os indivíduos. Segundo Laura, *a principal diferença é que [nos namoros virtuais] nos conhecemos de verdade antes de qualquer coisa. Quando é na real, acontece mais algo relacionado à atração física*¹⁷². Para Eliane (trecho abaixo), ao seu modo, *conhecer* antes de namorar uma pessoa é a marca dos namoros virtuais. Por ser mediada por uma tecnologia virtual, ela se sente mais à vontade para falar sobre coisas que *cara a cara não teria coragem*. Segundo Eliane, o *eu* parece se revelar melhor e é mais autêntico ao ser apresentado fora das limitações das interações corporais presenciais. Ademais, de acordo com seu depoimento, *conhecer bem alguém é uma condição para amá-la*. O *apaixonamento*, nesses casos, é considerado fruto de um processo de conhecimento pessoal do outro. Vejamos o depoimento de Eliane:

*Às vezes as pessoas vão a uma balada e “ficam” com alguém.. beija porque achou bonitinho. Muitas vezes começa a namorar achando que tá amando.. sendo que é só atração física.. Nunca conversaram... sobre nada, sobre família... sobre infância.. sobre planos pro futuro.. essas coisas.. que agente quando começa um namoro virtual faz. Agente primeiro começa na amizade, e assim pelo MSN agente tem coragem de perguntar de responder coisas que as vezes pessoalmente não temos coragem*¹⁷³.

Tal entendimento é compartilhado por Carlos. Para ele, o namoro virtual é *onde podemos descobrir mais a respeito de alguém, saber detalhes que por muitas vezes não se fala cara a cara. É onde temos tempo de conhecer melhor, aprender a analisar as situações que os dois vivem, unir as ideias e resolver*¹⁷⁴. De igual modo, mas acrescentando um novo

¹⁷² Em resposta aos fóruns da comunidade *Compreendendo amores virtuais*.

¹⁷³ Em entrevista cedida no dia 23/06/2010 por meio do MSN.

¹⁷⁴ Em resposta aos fóruns da comunidade *Compreendendo amores virtuais*.

elemento, Rafaela, ao responder a pergunta o que é um namoro virtual, não hesita: *por começar conversando. Você não tem como beijar, abraçar.* Daí emprega um novo elemento que não consta nos depoimentos acima: *É mais sentimento! Por incrível que pareça! Sei que muitos duvidam! Os namoros pessoalmente da atualidade tem mais pegação e curtição. Sentimento parece não mais existir!*¹⁷⁵ Mônica, em sua definição, partilha tanto das noções trazidas por Rafaela quanto das pelos demais. Observemos como ela sintetiza:

*Namorar virtual é bem mais que um namoro. Sei lá, é meio difícil de explicar, parece loucura. O envolvimento é tão intenso que às vezes é como se a pessoa estivesse ao seu lado em alguns momentos, não há ninguém no mundo que te conheça mais do que seu namorado virtual. Pode ter certeza que se você namorar alguém que encontra todo dia, essa pessoa não vai te conhecer tão profundamente. Ele sabe quando você tá triste só em ler o que você escreve... O namoro real você muitas vezes não procura conhecer a pessoa tanto quanto no virtual, na real as coisas acontecem de forma mais rápida, tipo, se conheceu, “ficou”, namorou e muitas vezes por não se conhecerem tão bem acabam terminando. No virtual as coisas acontecem de forma natural, você conhece a pessoa completamente, seus gostos, suas manias, suas vontades, seus sonhos... Acho que seria uma relação mais intensa pra resumir*¹⁷⁶.

O namoro virtual, como descrito pelos atores da pesquisa acima, parece implicar dois processos sociais distintos, mas concomitantes: 1) uma atividade de *apresentação pessoal*; e 2) um exercício de *reflexividade do eu*. Como se pôde notar, para conhecer um outro virtual, o *eu* é convidado a passar por um processo de auto-observação reflexiva. O casal é levado a se concentrar em *si mesmo* de modo que possa dizer *quem é* ao outro da relação. Trata-se de uma *apresentação de si mesmo* que contribui, em certo sentido, para a construção da própria *biografia pessoal*, vista como um imperativo no contexto social que vivemos. Em suma, nos namoros virtuais, o *processo de conhecimento mútuo* responde às demandas de uma sociedade que impele os indivíduos a tornarem-se produtores de suas próprias biografias. Os namoros virtuais aparentam estar em consonância com um modelo de sociedade que reproduz a importância de os indivíduos *produzirem a si mesmo*. Eles esforçam-se por biografarem suas experiências um para o outro, pois se trata, também, de um processo essencial de construção da realidade social dos namoros.

Por fim, se os casais afirmam a todo tempo que *precisam falar sempre sobre si*, falar *verdadeiramente e autenticamente sobre si* nos namoros virtuais, é porque essa demanda tornou-se fundamental numa sociedade que coloca no indivíduo a responsabilidade de se dar sentido. As histórias que contamos sobre nossas vidas inscrevem-se sob as condições sócio-

¹⁷⁵ Em entrevista cedida no dia 23/06/2010 por meio do MSN.

¹⁷⁶ Em resposta aos fóruns da comunidade *Compreendendo amores virtuais*.

históricas da época e da cultura (das culturas) às quais pertencemos. Em nosso caso, é essa forma de organização social *moderna tardia* (GIDDENS, 2002) que fornece os repertórios que nos guiam. Nela, cabe ao indivíduo aclarar e construir o sentido de sua conduta e de sua trajetória pessoal. Ao falar sobre *quem são* nos namoros, as pessoas acabam por construir uma *representação significativa de si* como resposta a esse modelo organizacional, que retorna ao indivíduo a prova de se dar sentido. Falar sobre *si mesmo* no namoro é um meio pelo qual os casais se constituem enquanto sujeitos de sentidos.

Retomemos outro aspecto, trazido pelo campo empírico, que considera haver *mais sentimento* nos namoros virtuais. É importante esclarecer que o termo *mais sentimento* na concepção daqueles que vivem essa modalidade de namoro refere-se a *mais amor*. Segundo seus depoimentos, os namoros virtuais, por implicarem, necessariamente, *enfrentamento de obstáculos*, como, por exemplo, a distância que os separa, conviver com preconceitos de familiares e amigos, a ausência de toques íntimos como abraços e beijos, somente podem ser levados a efeito ou ser justificados na medida em que os casais *amam-se verdadeiramente*. A questão que se coloca pelos próprios internautas é: quem levaria adiante um relacionamento amoroso em que os casais encontram-se separados senão aqueles que se amam de fato? É nesse sentido que eles consideram seus namoros *melhores* do que os convencionais. Haveria *mais amor* e profundidade nos relacionamentos via internet, segundo eles. A seguir, desenvolveremos, com maiores detalhes, que tal modelo de amor é aquele associado a ideais românticos.

Por agora, deixemos apenas explicitado que é tão certo que as relações amorosas contemporâneas acham-se centradas no amor romântico quanto o fato de que houve transformações tanto nos contextos em que ele pode ser vivido quanto nas maneiras como as pessoas o experienciam. O que se defende aqui é que o amor romântico convive, hoje, com desafios impostos pela crescente igualdade de gênero, por uma visão dinâmica e erotizada da relação e pela valorização da individualidade. Essas mudanças incidem, atualmente, sobre formatos de relacionamentos que, mesmo se baseando no amor romântico, encontram-se centrados em valores como compromisso, confiança, igualdade, intimidade etc. Esses relacionamentos presumem maior equilíbrio nas relações de gênero, caracterizando-se por uma parceria amorosa cujo foco é a própria relação não submetida às normas sociais. Pressupõem, sobretudo, o respeito mútuo, que, guardadas as devidas proporções, vem contribuindo para a promoção da democratização dessas mesmas relações. (GIDDENS, 2007).

Os namoros virtuais, evidentemente, como um prolongamento da vida amorosa *off-line*, encontram-se pautados por esse ideal romântico¹⁷⁷, refletindo mudanças e permanências. Para Costa (1998, p. 161), o amor romântico é “um valor, ou seja, é algo que aponta para aquilo que devemos ter, ser, ou desejar”. Então, quando os casais referem-se a *mais amor*, estão falando sobre o ideal romântico que buscam alcançar. Conforme nosso material empírico, há indícios da presença de uma gramática amorosa romântica, comum nos depoimentos das pessoas que afirmam manter relacionamentos *on-line*. Como será visto, os namoros virtuais estão enredados por normas e regras que regulam e normatizam atitudes e manifestações amorosas românticas, isto é, os casais baseiam suas escolhas amorosas *on-line* a partir do ideal de amor romântico. A esse ponto, é necessário fazer uma discussão sobre os sentidos do amor romântico.

Dimensões do amor romântico

Para os propósitos desta seção, seria proveitoso apresentar uma breve definição ou definições relativas ao amor romântico. Mesmo não sendo uma tarefa simples, é necessário levá-la a efeito. Conforme o sociólogo Sérgio Costa (2005), “não se encontra na bibliografia sociológica contemporânea uma definição adequada para o amor romântico”¹⁷⁸. Por essas razões, com o intuito de aludir à amplitude analítica inerente ao tema, Costa (2005), por sua vez, constrói ele próprio uma definição. Define o amor romântico como um modelo histórico-cultural que se desdobra pelo menos em cinco dimensões: 1) no *campo das emoções*; 2) como *idealização*; 3) como *modelo de relação*; 4) como *prática cultural* e; por fim, 5) no campo das *interações sociais*.

De acordo com o autor, o amor romântico, no campo das *emoções*, “se expressa como um vínculo com o outro que não conhece desejo mais ardente que a vontade de conduzir a própria vida no corpo da pessoa amada”. Observa que *emoção* não se refere a uma *constante pré-cultural* ou a uma *manifestação neurofisiológica*, pelo contrário, trata-se de um “fenômeno situado na interface entre corpo e cultura, refletindo, portanto, os legados culturais, as características de personalidade individuais e os determinantes de um contexto social específico”. Já como *idealização*, “o amor romântico promete ao indivíduo o

¹⁷⁷ A concepção de amor como um ideal não é nenhuma novidade, pois ele já o era no período vitoriano. A novidade, contudo, está na crescente visibilidade da conduta romântica. A cultura de massas transformou o amor. Transformou esse antigo ideal em uma “utopia visual” que combina a fantasia romântica com certos elementos presente na cultura. (ILLOUZ, 2009).

¹⁷⁸ Ainda segundo Costa (2005, p. 113), “isso se deve em parte ao fato de que a orientação cognitivo-normativa – a preocupação com a racionalidade e a ordem – que predominou nas ciências sociais do pós-guerra relegou o tema das emoções e do amor a segundo plano”.

reconhecimento pleno de sua singularidade, incluídas aí todas as dimensões, particularidades e mesmo idiosincrasias pessoais”. Por essas razões, o amor romântico, nessa segunda dimensão, “reivindica e absorve as pessoas de forma total, fazendo com que outras referências do entorno social percam sua importância”. (COSTA, 2005, p. 114-115).

O amor romântico, nessa perspectiva, surge como uma “síntese das ideias espirituais e sensuais de amor, fundindo, por um lado, o amor platônico, a mística cristã e o amor cortesão e, por outro, a *ars erotica*, o hedonismo renascentista e a galanteria”¹⁷⁹. Como *modelo da relação*, “condensam-se historicamente no amor romântico a unidade entre paixão sexual e afeição amorosa, a unidade entre amor e matrimônio e, frequentemente, o plano de constituição de prole”. Como *prática cultural*, o amor romântico “corresponde a um repertório de discurso, ações e rituais mediante os quais as emoções amorosas, observadas as devidas diferenças culturais, são evocadas, percebidas, transmitidas e intensificadas”. Por fim, no campo das *interações sociais*, Costa, tal qual o sociólogo Niklas Luhmann (1991), qualifica o amor como “interpenetração interpessoal”. Trata-se de uma interação que se destaca do “mundo social anônimo, levando os amantes a se valer de modelos de significação e interpretação e de símbolos comunicativos que, de tão diferenciados, muitas vezes se tornam herméticos a quem esteja fora da relação”. (COSTA, 2005, p. 114-115).

Na obra *O amor como paixão*, Luhmann (1991, p. 7) explora as transformações na *semântica do amor*, ao longo da transição europeia para a modernidade, entendendo-se *semântica* não apenas como um conjunto de símbolos, mas considerando o contexto social no qual esses símbolos ganham sentido. Visto dessa maneira, o desenvolvimento da semântica amorosa resulta da diferenciação dos *sistemas funcionais* e envolve complexos processos de transmissão cultural por meio da produção e recepção literária que, na forma descrita, são próprios e exclusivos de sociedades europeias ocidentais. Ou seja, quem leva às últimas consequências a história de evolução da semântica amorosa, descrita por Luhmann, vê-se obrigado a conceder à Europa Ocidental a precedência no desenvolvimento da semântica *moderna* do amor, considerando as demais regiões do mundo aprendizes de uma arte inventada pelos europeus.

Nesse estudo, Luhmann (1991, p. 19) trata o amor como um “meio de comunicação simbolicamente generalizado”. Nesse caso, refere-se “de um modo geral [a]os dispositivos semânticos que por si só proporcionam, apesar de tudo, o sucesso às comunicações

¹⁷⁹ Para saber mais sobre o processo de constituição histórica do amor romântico, ler, por exemplo: COSTA, Jurandir Freire. Utopia sexual, utopia amorosa. In: _____. *Sem fraude, nem favor*: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

improváveis”. Ele toma a interação amorosa como uma forma de comunicação exclusiva entre indivíduos fortemente diferenciados. Nessa perspectiva, o *amor* “não é um sentimento em si mesmo, mas antes um código de comunicação cujas regras determinarão a expressão, a formação, a simulação, a atribuição indevida aos outros”. (LUHMANN, 1991, p. 21). Assim, o amor é um código simbólico que informa sobre o modo como se pode comunicar com êxito, mesmo nos casos em que isso poderia parecer impossível. O código encoraja a formação de sentimentos correspondentes. Para o *meio de comunicação amor*, o problema reside na própria *comunicação altamente personalizada*, que se refere a “uma comunicação através da qual o falante procura distinguir-se dos outros. Tal pode acontecer pelo fato de o próprio sujeito se transformar em tema, ou seja, falar sobre si próprio”. (LUHMANN, 1991, p. 22).

De tal modo, o amor moderno se desenvolve como código de comunicação capaz de mediar o intercâmbio entre duas pessoas muito exclusivas e que manipulam dois mundos de significados singulares, recortados de maneira extremamente individualizada. É por isso que, nas sociedades complexas, o amor é tão difícil ou tão improvável, ainda que recorrente; “uma improbabilidade bem normal”, como formulou Luhmann (1991, p. 9). A constituição exclusivamente simbólico-expressiva do código amoroso o torna fortemente vinculante, já que ele só diz respeito àqueles que se amam e, ao mesmo tempo, muito frágil, pois qualquer pequeno mal-entendido pode produzir grandes tremores no subsistema íntimo.

Na semântica do *meio de comunicação amor*, o “símbolo dominante que organiza sua estrutura temática designa-se, sobretudo por *paixão* e *paixão* significa que se sofre de alguma coisa que não se consegue modificar em nada e da qual não se pode dar contas”. (LUHMANN, 1999, p. 29). Esse código amoroso não representa para o autor, obviamente, uma dádiva divina ou uma habilidade antropológica inata: ele é resultado da diferenciação funcional que leva historicamente ao desenvolvimento da *paixão* como um meio de comunicação especializado. Segundo Luhmann (1991), o caráter do amor como um código comunicativo que serve à confirmação das diferenças das pessoas individuais, em suas relações singulares, exclui a possibilidade da ação orientada tanto pela expectativa de reciprocidade quanto pelo proveito próprio.

Numa outra perspectiva, o sociólogo italiano Francesco Alberoni (1986) toma o amor romântico como uma experiência cultural *encantada*¹⁸⁰. É assim que, no *enamoramento*, os indivíduos tornam-se descobridores de novas potencialidades, seus horizontes crescem, há um

¹⁸⁰ Há também perspectivas em que o amor romântico é considerado o resultado de uma construção histórica e socialmente situada, cujo objetivo maior era manter uma relação de dominação, assegurando-se, através de um discurso de sacrifício, a submissão das mulheres. Assim, o amor romântico não seria, senão, a ideologia necessária para a manutenção da dominação masculina.

verdadeiro *renascimento de si*, expressado pela alegria própria da palavra *poética*. (ALBERONI, 1986). Esse sociólogo expõe o problema do *enamoramento* de uma forma nova. Para ele, longe de ser um “fenômeno *sui generis* inefável, divino ou diabólico”, o *enamoramento* “é um fenômeno que pode ser incluído dentro de uma classe já bem conhecida – a dos fenômenos coletivos”. A novidade está na sua forma de qualificar o *enamoramento*. Trata-se, segundo ele, de “um estado nascente de um movimento coletivo a dois”. (ALBERONI, 1986, p. 5). Conforme o autor, o tipo de experiência específica que os movimentos coletivos produzem guarda relação com os produzidos no *enamoramento*, mas não se confunde com os últimos, tais como a reforma protestante, o movimento estudantil, o feminismo etc. O autor dialoga com Durkheim (1963 *apud* ALBERONI, 1986) de modo a sustentar esse argumento:

Por exemplo, Durkheim, comentando os estados de efervescência coletiva, escreve ‘o homem tem a impressão de estar dominado por forças que não reconhece como suas; forças que o arrastam e que ele não domina [...] sente-se transportado a um mundo diferente daquele em que vive sua existência privada. A vida aqui não é somente intensa, mas qualitativamente diferente [...] perde o interesse por si mesmo e se entrega inteiramente aos fins comuns [...] [As forças] criam as necessidades de expansão através de movimentos sem qualquer finalidade aparente [...] Nesses momentos, essa vida superior é vivida com tal intensidade e de maneira tão exclusiva que ocupa quase por completo a consciência. (ALBERONI, 1986, p. 6).

Conforme Alberoni (1986), essa proposição não se referia, evidentemente, ao *enamoramento*, mas à Revolução Francesa e a outros movimentos revolucionários. Apesar disso, é interessante notar que as palavras de Durkheim, na interpretação de Alberoni (1986), aplicam-se também ao *enamoramento*. A ideia que se defende aqui é que no amor romântico ocorrem mudanças consideradas radicais no *estado* do indivíduo. O *enamoramento*, nessa perspectiva, não é o “reconhecimento de duas pessoas em condições normais”, mas “o reconhecimento de duas pessoas num estado extraordinário, o estado nascente”. (ALBERONI, 1986, p. 140). Desse modo, a “força do estado nascente é uma força redentora que tudo transfigura”. (ALBERONI, 1986, p. 145).

O amor romântico, enquanto um fenômeno datado, marca sua presença na história, a partir do final do século XVIII, na Europa. Insurge como um produto da *modernidade* (GIDDENS, 1993), apresentando-se de importante significado social, uma vez que vislumbra a possibilidade de um vínculo *ideal* com o outro, fundado pelo reconhecimento de uma dependência recíproca. São vários os estudos que se ocuparam da investigação das origens da noção do amor romântico na cultura ocidental. Um exemplo clássico é aquele feito por Rougemont (2003). Segundo sua análise, *a história do amor no Ocidente* inicia-se com o mito

de Tristão e Isolda. De acordo com esse autor, tal mito fornece a chave de interpretação para compreender a ideia de amor ligada à morte. “Precisamos de um mito para exprimir um fato inconfessável de que a paixão está ligada à morte e leva à destruição quem quer que se entregue completamente a ela”. (ROUGEMONT, 2003, p. 31)¹⁸¹. Até os dias de hoje, representa-se o amor associado à morte.

Conforme a análise de Rougemont (2003, p. 24), “o amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida”. Por essa abordagem, o amor romântico quer dizer sofrimento. Para efeito desta seção, o que interessa reter é que o mito de Tristão e Isolda tornou-se um fenômeno ilustrador de modelos de relacionamentos amorosos em geral. Muitos vivem esse mito quando amam. “Ele se manifesta na maioria de nossos romances e filmes, no êxito que estes obtêm junto às massas. O mito age onde quer que a paixão seja sonhada como um ideal”. (ROUGEMONT, 2003, p. 34). Em suma, a origem da noção de amor moderna encontra-se, segundo esse autor, num mito lendário. De outro modo, tem-se um estudo feito por Araújo e Castro (1977), que realizaram uma análise da concepção de amor presente na tragédia shakespeariana *Romeu e Julieta*. Contrários a Rougemont (2003), os autores, nesse estudo, sugerem ser essa tragédia uma espécie de *mito de origem* da noção moderna de amor.

De modo a construir uma análise do amor, Araújo e Castro (1997, p. 130) partem do seguinte pressuposto: é necessário ater-se ao fato de que houve na história cultural do Ocidente moderno “a transformação de Romeu e Julieta em drama arquétipo do amor”. Baseados nessa premissa, os autores partem para o exame da tragédia de Shakespeare, tendo como pano de fundo a noção de mito trabalhada por Lévi-Strauss, havendo um relato em que as sociedades questionam a si mesmas, suas tensões, crises e contradições. Nesses termos, o mito não teria um agente individual, sendo sua *elaboração* sempre coletiva e social. A história de Romeu e Julieta desvela, desse modo, as tensões e os conflitos referentes à sociedade em que vivem os protagonistas. É com base nessa concepção de mito que Araújo e Castro (1977) observam, nessa narrativa, algo a mais do que a visão de Shakespeare, já que se trata de uma obra literária que permite aos autores enxergarem uma forma de conceber e experienciar o amor comum a uma coletividade.

Além disso, por intermédio da análise do mito *Romeu e Julieta*, Araújo e Castro (1977) discorrem, ainda, sobre o processo de surgimento de uma concepção de amor em que o sentimento derivado do íntimo do indivíduo o faz revoltar-se contra a ordem social, a ela

¹⁸¹ Fica evidente a postura crítica de Rougemont (2003) frente ao apaixonamento romântico.

impondo sua vontade. Trata-se, nesse sentido, de um sentimento norteador de uma ideologia individualista. Nessa concepção, o amor que mobiliza o casal a encarar qualquer obstáculo não é, por sua vez, uma escolha que advém de suas vontades, pelo contrário, é de natureza *transcendente*, estando eles condicionados a amarem-se. Segundo conta a história, Romeu e Julieta apaixonaram-se num baile de máscara, sem que um tivesse noção de quem seria o outro. A determinação *sobrenatural* desse sentimento emerge, nesse caso, com toda a limpidez. Livre de amarras para lutar em favor do amor, o indivíduo moderno não é, contudo, livre para não amar, ou mesmo para eleger quem amar. O amor é assim concebido como algo que se abate sobre o indivíduo.

Em resumo, o que se depreende da peça *Romeu e Julieta* é o surgimento de uma noção de amor em que o indivíduo é capturado por um sentimento de origem *sobredeterminada*, em nome do qual insurge contra qualquer determinação de ordem social que se oponha à vivência completa desse sentimento. É interessante aqui assinalar que, embora tendo em *Romeu e Julieta* seu mito de origem, essa noção de amor o extravasa em muito, podendo esse relato ser tomado como uma espécie de *fonte* para várias outras produções discursivas contemporâneas, as quais lotam o universo da comunicação de massa. São filmes, poemas, romances, letras de músicas, peças de teatro, todas elas tematizando o *amor impossível*, aquele que arrebatava o sujeito e em nome do qual ele move montanhas, encontrando em tantas versões o mesmo destino trágico de Romeu e Julieta.

Durante algum tempo, a experiência amorosa poderia ter e, em todo caso, o tem sempre na narrativa romântica, um caráter contestatório, inclusive representando um papel maior no processo de afirmação do indivíduo moderno, que legitimava a eleição da felicidade individual contra o interesse comunitário. Nas histórias de *Tristão e Isolda* e *Romeu e Julieta*, o amor romântico é considerado uma força subversiva que atentava contra a ordem moral e jurídica. No que se refere a esse aspecto, o amor romântico articula dois tópicos recorrentes, segundo Illouz (2009), a autora com quem travamos um debate específico referente ao corpo e à internet: 1) a soberania do indivíduo frente ao grupo, afirmando-se nas eleições sexuais ilícitas e na resistência contra as regras de endogamia que se impõem e; 2) a distinção, central para a ideologia burguesa, entre os sentimentos e os interesses, o altruísmo e o egoísmo. Nos termos da autora, o amor romântico elevaria a prioridade dos sentimentos por cima dos interesses sociais e econômicos. Ao proclamar a supremacia das relações humanas, governadas pela entrega desinteressada do próprio ser, o amor não somente exaltaria a fusão de dois corpos e duas almas individuais, como também abriria a possibilidade de uma ordem social alternativa.

Nesse tópico, Illouz (2009) traz contribuições esclarecedoras, expondo que os motivos pelos quais o amor romântico se percebia como um fenômeno desestabilizador era o fato de desafiar um mecanismo de regulação fundamental em todo o grupo social: o do parentesco. À medida que o amor romântico supõe a eleição do(a) parceiro(a) por parte do indivíduo fora das normas de endogamia ou contra elas, permitia desestabilizar as regras que mantinham o grupo unido. Como afirma Goode (1968 *apud* ILLOUZ 2009), permitir a formação aleatória de casais implicará uma mudança radical na estrutura social vigente. Indiscutivelmente, na pré-modernidade europeia, as normas de endogamia serviam para regular o intercâmbio de riqueza. O casamento era uma das operações comerciais mais importantes (menos para a classe baixa). O ideal moderno de amor era considerado um fenômeno oposto às estratégias de reprodução social, representando valores tais quais a *irracionalidade*, o *altruísmo* e a *indiferença frente à riqueza*. (ILLOUZ, 2009).

Em tal perspectiva, tem-se, ao menos em nível de representação simbólica, que o amor romântico articula um modelo utópico e um anseio de soberania dos indivíduos sobre os interesses do grupo. É a partir daí que o amor romântico se transforma em um valor independente de outros elementos. Para Illouz (2009), a *cultura de massa* o converteu em um dos mitos mais generalizados da vida contemporânea. A potência desse mito surge a partir da *nova equação* entre amor e felicidade individual. Desaparece aqui a ideia de amor ligada ao sofrimento e à morte, presente nos *mitos* que fundam a noção moderna de amor. A associação sistemática que se registra entre amor, matrimônio e felicidade difere das representações características do século XIX, em que o amor aparece com frequência como um sentimento trágico. O amor torna-se um, como um elemento importante na busca da felicidade, definida, cada vez mais, em termos da individualidade e da esfera privada. (ILLOUZ, 2009).

Após essa digressão sobre as *origens* da ideia moderna de amor, reportemo-nos às cinco afirmações que compõem os arquétipos culturais do amor romântico hoje: 1) a pessoa que amamos e com a qual nos sentimos unidos é única e insubstituível; 2) o amor é uma força autônoma e intensa que tudo consome, de maneira magnética ou mágica; 3) o amor é um sentimento cego e desinteressado que ultrapassa todas as fronteiras sociais e econômicas; 4) o amor é irracional e inexplicável; e 5) o amor é um sentimento transgressor e livre de amarras. Na medida em que os arquétipos surgem como modelos ou padrões exemplares a serem seguidos, eles passam a figurar, por exemplo, em discussões e debates sobre namoros virtuais presentes em fóruns e enquetes de comunidades do Orkut, que sofrem os efeitos de tais afirmações. A esses cinco modelos culturais somam-se ainda duas expressões bastante

populares, também comuns nas discussões sobre namoros virtuais: a ideia de um amor que se contrai à *primeira vista* e a certeza do encontro de *almas gêmeas*.

Costa (1998), nessa mesma perspectiva, destaca quatro *verdades ditas incontestáveis* a respeito do modo como continuamos a enxergar o amor romântico atualmente, escusando dizer que se encontram, de igual modo, em discussões sobre namoros virtuais: 1) “Sem amor estamos amputados de nossa melhor parte. A vida pode até ser mais tranquila e livre de dores quando não amamos. Mas trata-se de uma paz de cinzas” (COSTA, 1998, p. 11); 2) “Nada substitui a felicidade erótica; nada traz o alento do amor-paixão romântico correspondido. Diante dele tudo empalidece; sem ele, até o que engrandece perde a razão de ser” (COSTA, 1998, p. 11); 3) “O amor erótico é signo do supremo Bem” (COSTA, 1998, p. 11); 4) “Em todas as culturas conhecidas temos testemunhos da presença do amor romântico. Portanto, tudo que venha a proibi-lo, inibi-lo ou desmoralizá-lo é desumano e antinatural”. (COSTA, 1998, p. 13).

Seria proveitoso, a esse momento, trazer as discussões empíricas sobre namoros virtuais feitas em comunidades virtuais, de modo a cotejar com algumas das representações ideais do amor romântico, discutidas acima, no que diz respeito à ideia bastante difundida no imaginário romântico que *transforma* a pessoa amada em única e exclusiva. São muitos os depoimentos nos fóruns e enquetes em que ela é descrita como ser de qualidades extraordinárias, excepcionais ou mesmo um *presente de Deus*, tal qual o depoimento de Jeane, membro da comunidade *Conheci meu amor pela internet: a cada dia ele me prova que é o homem da minha vida, meu príncipe encantado, minha metade, meu presente de Deus!!!*¹⁸² São pessoas *perfeitas*, como também declarou Amanda, na comunidade *Conheci meu amor pela internet: Meu primeiro encontro foi maravilhoso! Eu já imaginava ele de um jeito, mas quando eu o vi pessoalmente, me surpreendi! Não sabia que ele era TÃO perfeito*¹⁸³. Uma outra representação do amor presente nesses relatos é aquela que toma o sentimento amoroso como transgressor e livre de amarras.

Significa dizer que o amor encarna a ideia de um *amor que tudo vence*, que suplanta a não aceitação da família, a distância, os preconceitos etc. Num fórum da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, intitulado *Conte sua história de amor*, criado em 11/10/2005, Érica expressa bem essa representação do amor: *sabemos que a distância é nossa grande inimiga, mas o amor tudo [pode], tudo suporta e tudo espera, é bondoso e paciente...* No mesmo

¹⁸² Depoimento retirado do fórum intitulado *Está chegando o dia D...* da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, em 22/04/2010.

¹⁸³ Depoimento retirado do fórum intitulado *Está chegando o dia D...* da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, em 22/04/2010.

fórum, Ciane depõe: *estou deixando p/ trás uma carreira e minha família, pois acredito que ele é o amor da minha vida... Outro detalhe: ainda não nos conhecemos pessoalmente. Eu o amo loucamente!!!*. Num fórum da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, intitulado *Você largaria tudo pelo seu amor*, de 18.10.2008, é uma unanimidade. Todos, sem exceção, respondem sim, a exemplo de Clara:

Largariiaaa? Euu largariaa tuuudoo praa viiver a miinha vida ao lado do grande AMOR da minha viidaa..hoje eu sei q AMOR de verdade existe e q nos q amamos somos capazes de td..pra esta sempre do lado da pessoa amadaa...eu conheci meu amor pela internet..ele mora em MG e eu no RN...meu maior sonho é poder conhecer ele e ficar com ele pra sempre..!Porque quem ama faz de td pra esta ao lado do grande amor de sua vidaa..e eu LARGARIA tudo por o meu Amor Renato..!

Num outro sentido, a representação do amor ligada à felicidade encontra-se aos *borbotões* nesses relatos. Trata-se de um sentimento que leva as pessoas a, enfim, encontrarem a felicidade. São muitos os depoimentos sobre o *estar feliz*. Graça, por exemplo, depõe: *em fevereiro desse ano larguei Mestrado, emprego estadual, família e me mudei para a Europa. Minha felicidade é percebida por todos*. De igual modo, temos o depoimento de Davi: *somos muito felizes, e cada dia mais apaixonados um pelo outro. A sensação é de que o nosso Amor Puro só aumenta a cada ano que passa... a cada dia de convivência... É um Amor verdadeiro, seguro e cheio de cumplicidade, admiração e principalmente Paixão. Imaginava que isso só acontecia nos filmes e novelas, mas quem diria, nos conhecemos pela internet!* Já a ideia de amor como força autônoma que tudo consome é materializada no fórum *Conte sua história de amor*, do qual Augusta participou com o seguinte depoimento:

A distância pode separar dois corpos ... Que se tocam, mas não duas almas que se amam. Nossa História de amor pela net é coisa do destino como se nós estivéssemos destinados um para o outro. Conheci meu amor no dia que instalei o MSN no meu pc, dentre tantas pessoas que estavam no bate-papo um me chamou atenção ou melhor a curiosidade de clicar para tc, deu certo pois ele estava afim de tc tb. Começamos no dia 29/03/05 e estamos juntos até hoje, cada vez mais apaixonados e distante um do outro fisicamente pois ele mora em Portugal e eu em São Luís-MA o q posso dizer é q nós nos amamos muito,daqueles amores eternos, conversamos tb muito por telefone e estamos ansiosos pelo nosso grande encontro que só Deus sabe qdo será.

Os arquétipos culturais ou as *verdades incontestáveis* que compõem a noção do amor romântico podem, em certo sentido, ser prontamente desconstruídos à luz de estudos na área das ciências humanas, apesar de aparecerem nos discursos dos atores da pesquisa. Consideremos dois, em especial. A despeito das *fábulas* sobre o amor que ultrapassa todas as fronteiras sociais e físicas, as estatísticas mostram, conforme demonstra Illouz (2009), que

possuir capitais culturais equivalentes é condição *sine qua non* para o vínculo amoroso. Contrariando sua própria autorrepresentação, o amor romântico é, portanto, socialmente endogâmico. Do mesmo modo, como desvelou o estudo de Costa (1998, p. 17), afirmar que o amor é universal e natural “é apenas uma forma de maximizar seu teor de idealização [...] não significa que amamos porque a ‘natureza’ assim o exige”. (COSTA, 1998, p. 17). A prática amorosa, nesse sentido, desmente radicalmente a idealização. A busca por realizar o ideário romântico nas relações afetivo-sexuais pressupõe regras de condutas conflitantes.

Relativamente à ideia de amor como um sentimento irracional, Costa (1998) afirma veementemente que amamos com sentimentos mas também com razões e julgamentos. “A racionalidade está tão presente no ato de amar, quanto as mais impetuosas paixões. Amar é deixar-se levar pelo impulso passional incoercível, mas sabendo ‘quem’ ou ‘o que’ pode e deve ser eleito como objeto de amor”. (COSTA, 1998, p. 17). Assim, o referido autor desmente a representação do amor como um sentimento cego e desinteressado que ultrapassa todas as fronteiras sociais e econômicas, afirmando que os amantes, socialmente falando, são, na maioria das vezes, sensatos, obedientes, conformistas e conservadores. “Sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria os gostos ou preconceitos de classe, ‘raça’, religião ou posição econômico-social”. (COSTA, 1998, p. 17). Em outras palavras, o amor é seletivo como qualquer outra emoção presente em códigos de interação e vinculação interpessoais. “A variação do que atrai ou excita eroticamente significa admitir que a emoção amorosa não é culturalmente cega, surda ou muda”. (COSTA, 1998, p. 18).

Para Martuccelli (2007, p. 402), apesar de confessar parecer um exagero, o amor tornou-se um “fundamentalismo da modernidade”. Ele argumenta ser absolutamente verdade que boa parte das mais profundas aspirações dos modernos passe pelo amor. Estes almejam viver no tempo e nos espaços reais das sequências próprias e consagradas do amor romântico. Uma *massificação da ordem romântica*, ainda em curso, faz com que a realidade do discurso amoroso se destile lentamente na cotidianidade. A experiência amorosa está onipresente, pois se encontra representada na maioria dos filmes, das novelas, das canções, dos anúncios publicitários, nas conversas ou nos *pensamentos silenciosos*. (MARTUCCELLI, 2007). Já para Costa (1998), o amor não se tornou apenas onipresente, como no argumento de Martuccelli (2007), mas também onipotente e onisciente. Deixou de ser um meio de acesso à felicidade para tornar-se seu atributo essencial. As hipóteses que explicam as mudanças são inúmeras.

Podemos pensar que a perda de interesse pela vida pública, praticamente reduzida a questões de mercado, provocou um enorme retraimento dos sujeitos para a vida privada, com a conseqüente exaltação das expectativas amorosas. Podemos também supor que a liberação e a emancipação das chamadas minorias sexuais trouxe, para muitos, a esperança de realização amorosa, aumentando, assim, o investimento afetivo no ideal do amor. Podemos, enfim, imaginar que, sem a força dos meios tradicionais de doação de identidade – família, religião, pertencimento político, pertencimento nacional, segurança de trabalho, apreço pela intimidade, regras mais estritas de pudor moral, preconceitos sexuais, códigos mais rígidos de satisfação sensual etc. –, restou aos indivíduos a identidade amorosa, derradeiro abrigo num mundo pobre em Ideais de Eu. (COSTA, 1998, p. 20).

Martuccelli (2007) e Costa (1998), juntos, concordam que a onisciência, a onipotência e a onipresença discursivas do amor provocam nos indivíduos, em conseqüência, uma *sensação de imperfeição*. O amor está a tal ponto submergido em signos que evoca que os indivíduos terminam por experimentar uma *sensação de ausência imaginária*. Tal ausência, na visão dos autores, é impossível de preencher. O amor é poderosamente simbólico e, por essa razão, difícil de satisfazer ou realizar-se. Segundo suas perspectivas, o amor está em todos os lugares, inclusive ou sobretudo, quando está totalmente ausente como experiência. Nesse panorama, o amor não é, em nada, diferente de um discurso capaz de produzir sensações por meio de palavras. Lembra-nos Martuccelli (2007), ao citar Barthes (1991), que o amor significa para a literatura *uma atividade delirante de palavras*.

Até uma época recente, o amor era um sentimento raro ou inexistente na vida de numerosos indivíduos. Se nunca esteve verdadeiramente proibido, era no melhor dos casos tolerado. Pouco presente na vida das pessoas, estava amplamente subordinado aos controles comunitários ou a estratégias familiares, como vimos no início desta seção. Hoje, ao contrário, a experiência se converteu em um verdadeiro *imperativo existencial*. (MARTUCCELLI, 2007). A esse respeito, uma questão se coloca: como o amor romântico se transforma em algo tão fundamental para a vida das pessoas? Segundo Illouz (2009), as meras representações do amor romântico não teriam a capacidade de ganhar por si mesmas uma devoção tão generalizada e durável. Elas deveriam estar articuladas a certas categorias da experiência do sagrado na vida das pessoas. A partir das premissas desenvolvidas por Durkheim, Illouz (2009) desenvolve a ideia de que a dimensão utópica do amor romântico deriva de uma categoria particular do religioso: aquela que o antropólogo Victor Turner (2008) define como *liminalidade*.

Segundo esse autor, o *liminal* é uma categoria do religioso em que se invertem as hierarquias da ordem social e se liberam energias comuns para fundir-se em um vínculo orgânico. (TURNER, 2008). Nesse sentido, o amor romântico é pedra angular de um potente ideal utópico, porque reafirma a supremacia do indivíduo e põe em ação simbolicamente,

mediante a inversão de hierarquias, os ritos de oposição à ordem social estabelecida. Segundo Illouz (2009), o amor romântico apresenta seus rituais liminares, nos quais rompe com as ordens e hierarquias cotidianas, e os amantes, por meio do consumo de mercadorias e serviços etiquetados como românticos, veem-se transportados a um mundo fantástico, no interior do qual os aborrecimentos mundanos, as próprias fragilidades e, com alguma sorte, até mesmo os caprichos mais infames da pessoa amada são temporariamente suspensos.

Conforme essa perspectiva, a análise cultural das práticas amorosas na atualidade revela que o significado do amor romântico assemelha-se, portanto, ao dos ritos religiosos. *Rito*, segundo Durkheim (1973 *apud* ILLOUZ, 2009), é uma categoria de conduta religiosa que traz a linha divisória entre tempo, espaço e sentimentos do sagrado. Quando se participa de um rito se está de tal modo fora das condições ordinárias da vida. Todo significado simbólico, quando se intensifica, pode ritualizar-se dentro da vida cotidiana. No caso do amor romântico, ainda que se trate de um tipo de conduta *extrarreligiosa*, a experiência alcança seu ponto máximo quando se infunde no sentido ritual.

Ainda seguindo de perto as contribuições da socióloga Eva Illouz (2009), observamos que as interações adquirem caráter romântico quando se fixam a quatro tipos de limites simbólicos. São eles: temporais, emocionais, espaciais e instrumentais. Os limites temporais são aqueles que demonstram como as pessoas vivem um momento romântico, isto é, essa experiência se associa a um tempo diferente do *comum* ou do profano. Os momentos românticos se vivem e se recordam como instâncias literalmente *festivas* (dia dos namorados, aniversário do dia em que se conheceram) e são análogas à experiência de tempo religioso. A experiência religiosa e o sentimento romântico são sensações de intensidade que geram comoção, fazendo perceber o objeto amado como um ser excepcional e irresistível. Por fim, a experiência romântica apresenta alguns atributos de ritos religiosos: o isolamento do objeto de adoração, o uso de vestimentas especiais, o consumo de comidas particulares.

Por sua vez, os limites espaciais estão associados à reorganização do espaço cotidiano. A fixação de novos limites espaciais marca a experiência do romance. Os amantes constroem de maneira simbólica seu próprio espaço privado, afastado do resto das pessoas. Os limites instrumentais são aqueles que se referem aos usos de objetos rituais, os quais são considerados mais preciosos ou belos do que os objetos cotidianos, como, por exemplo, bebidas e vestimentas especiais. Por fim, nos limites emocionais, as emoções apresentam-se diferentes, únicas e singulares. Aqui, as emoções românticas, por exemplo, são consideradas especiais. Portanto, esses limites simbólicos, segundo Illouz (2009), forjam o espaço simbólico dentro do qual se vive o romance.

Os anseios utópicos que constituem o núcleo do amor romântico apresentam, assim, uma afinidade profunda com a experiência do sagrado na contemporaneidade. Tomando de empréstimo os argumentos de Durkheim (1973 *apud* ILLOUZ, 2009), Illouz afirma que esse tipo de experiência (do sagrado) não desapareceu das sociedades seculares, senão migrou da religião propriamente dita a outros domínios da cultura. O amor romântico é um dos pontos desse deslocamento no caso da cultura ocidental, na qual há infundido o amor romântico em uma aura de transgressão, ao mesmo tempo em que se eleva ao *status* de valor supremo. As figuras mais presentes em nosso imaginário romântico reafirmam os direitos inalienáveis da paixão e resistem a divisões de gênero, classe e nacionalidade, assim como às disposições normais da sociedade. Citamos como exemplos de histórias de amor transgressoras: Tristão e Isolda (ordem política e nacional que encarna o rei Marcos), Aberlado e Heloisa (proibições do celibato) e Romeu e Julieta (validade da paixão individual frente às regras de endogamia e opressões do grupo familiar).

O estudo de Illouz (2009) desvela que foi no início do século XX que o amor tornou-se central na cena cultural contemporânea e se transformou no núcleo de uma utopia coletiva. Em seu sentido original, a utopia constitui um domínio imaginário dentro o qual os conflitos sociais se resolvem simbolicamente ou se eliminam mediante a promessa de harmonia total, tanto para as relações políticas como para as interpessoais. Para que os símbolos utópicos apresentem esse poder vinculante, suas configurações devem ter relevância para a ordem social. É a partir desse panorama que Illouz (2009) afirma que a utopia romântica serve para a manutenção da ordem social vigente. Essa configuração está dada pelo encontro do mercado do lazer com as novas definições de sexualidade, intimidade e família.

A felicidade da utopia romântica teria incorporada, de maneira ambígua, a cultura do capitalismo consumista. O amor romântico reproduziria os ideais democráticos do capitalismo e contribuiria para manter as desigualdades constitutivas do mercado. Esses ideais se transferem ao vínculo amoroso em si mesmo. Longe de ser um paraíso afastado do mercado, o amor romântico moderno seria uma prática cúmplice da economia política que caracteriza o capitalismo tardio. Hoje em dia, os bens se encontram tão incorporados ao vínculo romântico que atuam como uma sorte de espírito invisível, cuja tarefa é reger os encontros românticos. A autora argumenta, com isso, que o amor romântico e o sexo adquirem novos valores e condutas, associados à ética emergente do consumismo. A experiência moderna do amor estaria solapada pelo dinheiro e pelos bens de consumo.

As imagens que melhor ilustram o que é o romance e as que melhor expressam o amor podem ser materializadas, por exemplo, em determinadas atividades românticas

contemporâneas. São três as categorias principais da atividade romântica hoje em dia: as gastronômicas (preparar comida especial em casa ou sair ao restaurante), as culturais (ir ao cinema, à ópera, ao teatro, a baladas) e as turísticas (sair de férias ou viajar). No interior dessa mesma perspectiva, os encontros românticos podem dividir-se em três categorias: 1) consumo direto; 2) consumo indireto; 3) sem consumo. Segundo revelou o estudo de Illouz, os momentos românticos consumistas têm maior prevalência do que os momentos românticos sem mediação do consumo. Ela desenvolve seu argumento trazendo imagens do restaurante como cena romântica para pensar o *consumo romântico como ritual*. Os restaurantes são ambientes românticos porque permitem sair da vida cotidiana para ingressar no cenário saturado de significados rituais. O desenho do restaurante reforça e transcende os limites *temporais, espaciais, instrumentais e emocionais*¹⁸⁴.

Se o amor romântico tem tanta força no imaginário coletivo e tornou-se importante para as pessoas, soma-se a isso um forte aprendizado social. Para concluir esta seção, interessa-nos, por fim, pensar como chegamos a apreender tal forma de amar. A esse respeito, é importante ter em vista que é a cultura que brinda com símbolos, artefatos, histórias e imagens que servem para resumir e comunicar os sentimentos românticos. Na concepção de amor como uma emoção complexa na qual se entrelaçam histórias, imagens, metáforas, objetos materiais e teorias populares, as pessoas dão sentido a suas experiências românticas individuais, recorrendo a símbolos e a significados que são coletivos. Conforme Costa (2005), a primeira conexão entre amor e aprendizado é estabelecida pela geração e difusão dos significados culturais associados ao amor romântico. A excitação corporal sentida ao se atrair por alguém é decodificada como amor a partir dos repertórios culturais disponíveis, que estão materializados em valores e redes de significações, mas também num acervo material de imagens, produtos, livros, obras de arte etc.

É esse conjunto de referências que permite reconhecer, interpretar e avaliar a natureza e a intensidade do estímulo sentido. Afinal, há que diferenciar, em cada caso, se se trata de um ardor passageiro ou de algo que vai virar a vida dos amantes pelo avesso. Os acervos culturais servem também para orientar aquele que ama mediante indicações que lhe permitam interpretar a ação da pessoa amada, objetivando saber se o amor é correspondido. Orientam, ainda, a própria ação do amante no sentido de que este module seus gestos e palavras, fazendo o outro compreender-se amado e o indicando num código que não faça desmoronar o

¹⁸⁴ Num restaurante, a comida não é só comida. É parte de um conjunto ordenado de símbolos e significantes que marcam o caráter romântico da cena. A atividade de sair ao restaurante apresenta propriedades sociológicas contraditórias: ao mesmo tempo em que o restaurante exalta o vínculo íntimo dos enamorados, também os coloca na esfera pública.

momento amoroso, mas que se torne clara e inconfundível qual é a natureza desse desejo amoroso: se é algo que sugere itinerários de vida comum ou se apenas promete alguns momentos de prazer.

Se no advento do amor romântico as obras literárias eram responsáveis pela difusão dos modelos de comunicação e ação para os amantes, na *modernidade tardia* tal função é desempenhada, conforme Illouz, pela indústria cultural e pela publicidade. Para demonstrar seu argumento, a autora primeiramente examinou revistas voltadas para públicos diversos nos Estados Unidos dos anos 1920, mostrando por meio desse material como a publicidade, os filmes e a indústria do lazer vão construindo enredos românticos que associam o amor à realização existencial e ao sucesso pessoal. Já o período contemporâneo é estudado a partir de entrevistas com pessoas de diferentes estratos sociais, as quais revelam, igualmente, que suas próprias definições cognitivas das situações românticas remetem ao processo de aprendizado por intermédio dos meios de comunicação de massa.

2.4 NAMOROS VIRTUAIS EM DEBATE

Tal qual se apresenta em fóruns e enquetes do Orkut, o namoro virtual converteu-se num fenômeno a ser discutido e questionado. Até aqui, tal aspecto parece não oferecer objeções, embora seja ainda imprescindível levantar uma questão: em que se enredam tais debates? Trata-se de uma resposta complexa. A parte III desta pesquisa estará ocupada em sugerir respostas. Por agora, inferimos que as discussões sobre namoros virtuais estão envoltas por um discurso permeado pelas *emoções*. Esse argumento não é em nada original, caso consideremos, como Le Breton (2009), que arranjos sociais (no nosso caso, os fóruns e as enquetes) são também arranjos emocionais¹⁸⁵. Já vimos, na perspectiva desse antropólogo, que todas as ações humanas são baseadas em sentimentos, sejam elas quais forem. A relação do homem com o mundo é orientada por emoções¹⁸⁶. É, portanto, com base nessa referência

¹⁸⁵ Segundo Illouz (2010, p. 10-11), é trivial dizer que “a divisão e a distinção mais fundamental que organizam quase todas as sociedades do mundo – a divisão que existe entre homens e mulheres – baseiam-se nas culturas afetivas (e se reproduzem através delas). Ser um homem de caráter exige que o indivíduo demonstre coragem, racionalidade fria e agressividade disciplinada. A feminilidade, por outro lado, requer bondade, compaixão e otimismo. A hierarquia social produzida pelas divisões de gênero contém divisões afetivas implícitas, sem as quais homens e mulheres não reproduziriam seus papéis e identidades”.

¹⁸⁶ Nessa abordagem, não há como separar, por exemplo, razão e emoção, isso porque “mesmos as decisões mais racionalizadas envolvem afetividade [...]. O coração e razão, longe de dispersarem, entremeiam-se de forma necessária”. (LE BRETON, 2009, p. 112).

teórica que tomamos as *emoções* enquanto produtos permanentes dos fóruns e das enquetes que discutem namoros virtuais.

Nesses espaços de discussões, a emoção torna-se uma categoria através da qual se põem em prática as definições culturais da individualidade, tal como se expressam em relações concretas e imediatas, isto é, tais *emoções*, que surgem nesses espaços de debates, passam a revelar o *eu* e a relação do *eu* com outros culturalmente situados. A tese que se defende aqui é aquela em que a vida afetiva impõe-se, mesmo que de forma inintencional, nos debates sobre namoros virtuais e as emoções se incidem de tal modo que, ao final, expressam-se formas variadas de *individualidades*. Elas materializam-se num discurso sobre o amor, a dor, a alegria, a felicidade, a angústia, a tristeza, o sofrimento etc.

Em suma, estamos tratando as *emoções* como personagens centrais dos debates sobre namoros virtuais no Orkut. Nesses fóruns e enquetes, os *debatedores* trazem o *eu* e suas relações com os outros para o primeiro plano. Isso ocorre dessa maneira porque a própria estrutura na qual se travam os debates engendra tal empreendimento. De maneira geral, trata-se de uma condição operada pela própria internet, isto é, o *eu* aparece em primeira instância porque a produção afetiva e pública do *eu* está sustentada nos recursos oferecidos pela tecnologia da internet. É assim que os debates sobre namoros virtuais tornam-se também práticas sociais que convertem a experiência privada em discurso público.

Façamos um parêntese para observar que os conceitos de esfera pública e privada da vida têm sido centrais no pensamento político do Ocidente, ao menos desde o século XVIII. Em alguns aspectos, eles têm sua origem no pensamento grego clássico. Segundo Sennett (1988, p. 30), “as primeiras ocorrências da palavra *público* em inglês identificam o *público* com o bem comum na sociedade. Setenta anos mais tarde, havia-se acrescentado ao sentido de *público* aquilo que é manifesto e está aberto à observação geral”, enquanto que a noção do *privado* remetia para “uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos”. Estava intimamente ligada à noção de individualidade, na medida em que surgia da percepção da separação entre o *eu* e o mundo. Relacionava-se também ao desenvolvimento da noção de subjetividade.

A respeito dessas noções, a filósofa política Susan Moller Okin (2008, p. 305) defende uma perspectiva que nos é bastante cara. Segundo ela, “perpetua-se a ideia de que tais esferas [público e privado] são suficientemente separadas, e suficientemente diferentes a ponto de o público ou o político poderem ser discutidos de maneira isolada em relação ao privado ou pessoal”. Contudo, o que Okin (2008) defende na verdade é que os termos *público* e *privado* dependem do contexto histórico em que são utilizados, já que “algo que é público em relação

a uma esfera da vida pode ser privado em relação a uma outra”, existindo uma “multiplicidade de significados, ao invés de um significado dual”. (OKIN, 2008, p. 307). Com base nessa asserção, sustentamos que a emergência de fóruns e enquetes vem levantar novas questões sobre distinções prévias entre as esferas pública e privada. A consequência de tal argumento obriga-nos a formular novas questões, mesmo sem a pretensão de respondê-las: como tais noções são usadas hoje? Que *novos* significados oferecem?

Para os propósitos desta pesquisa, o que deve ser levado em conta é que as definições atribuídas às noções de público e privado estão sendo criadas e negociadas no cotidiano das relações entre indivíduos na internet. O que se quer defender, aqui, é que as atuações humanas públicas ou privadas não se qualificam por si mesmas, mas pelo cenário no qual têm lugar. A questão que surge hoje é a da possibilidade de *novas* configurações de *privacidade* ou *publicidade* que ultrapassem o sentido atribuído desde suas origens e que tornem as antigas definições carentes de atualização. (THIBES, 2008). Nos fóruns e enquetes, estão presentes muitos elementos da *vida privada* das pessoas. Entretanto, tais elementos são revelados não por que os indivíduos sejam ingênuos ou desejem aparecer, mas por que a própria dinâmica desses fóruns e enquetes é estruturada de modo a revelar a vida pessoal dos usuários. Haveria, decerto, um embaralhamento nas fronteiras do que se toma por público e privado, principalmente em face de um material altamente subjetivo, considerado *íntimo*, que se posta, de variadas formas, em fóruns e enquetes do Orkut.

Após essa digressão sobre as noções de *público* e *privado*, precisaríamos retornar à discussão que a deu início, embora a esse ponto necessitemos, de igual modo, chamar a atenção para outro aspecto bastante relevante, qual seja: o contexto em que se inscreve o fenômeno das discussões sobre namoros virtuais em fóruns e enquetes é aquele que reflete outro fenômeno em particular: *o processo de racionalização das relações íntimas*, o qual surge a partir da emergência das *literaturas de aconselhamento*, cujo fenômeno se estende, doravante, para outros campos, como grupo de apoio, programas de entrevistas, aconselhamento, sessões terapêuticas ou internet. É provável que literatura e locais sociais de aconselhamento tenham juntos desempenhado um papel importante na configuração dos vocabulários pelos quais o *eu* compreende a si mesmo. São produtos contemporâneos que fazem um relativo sucesso, mas se são significativas é por que apontam para uma importante transformação cultural da conduta do *eu* nos relacionamentos íntimos, o que resultou ainda na ascensão de novas normas de igualdade ou liberdade, transformando a *textura afetiva* desses relacionamentos.

Nessa conjuntura, o *eu*, a vida e os sentimentos converteram-se em objetos comensuráveis, isto é, os relacionamentos íntimos, no nosso caso os namoros, transformaram-se, nos fóruns e nas enquetes, em eventos a serem expostos, analisados, avaliados e questionados de acordo com uma dada métrica. Esse fator ocorre também porque o modo como funcionam os fóruns e as enquetes, através da escrita, mobiliza os internautas à reflexão. Já foi referido que em sendo as mensagens, nesse tipo de comunicação, trocadas sob a forma de textos escritos, ocorre a possibilidade de um maior controle reflexivo sobre o conteúdo destas, o que facilita, por exemplo, a confecção de uma resposta mais adequada, já que há uma melhor compreensão responsiva. A leitura, todos sabem, propicia uma melhor compreensão que a audição, mas também a resposta é produzida de forma escritural e, assim sendo, o ato objetivo de responder e, conseqüentemente, a compreensão responsiva como um todo são afetados. Dito de outra forma, a natureza escrita desse tipo de comunicação afeta de forma especial tanto o ato de tomar posse dos conteúdos da interpelação do emissor quanto o ato de construção da resposta do receptor. (JUNGLUT, 2004). Nos fóruns e nas enquetes, isso se dá em função de um forte entrelaçamento da textualidade com a experiência afetiva.

A escrita emocional faz o indivíduo desligar-se do caráter fluído e não reflexivo da experiência. Os fóruns e as enquetes transformam a experiência afetiva em palavras escritas e, dessa forma, num conjunto de entidades analisáveis e manejáveis. Através deles, os namoros virtuais tornam-se objetos a serem pensados, expressados, abordados, discutidos e justificados. Nesses fóruns e enquetes, os indivíduos participam da esfera pública através da interpretação e da exposição de sentimentos privados e, desse modo, reescrevem a história de sua vida (ou trechos delas). Ao reescreverem suas histórias, como veremos no capítulo IV, esses indivíduos privilegiam as histórias de amores felizes. No momento que recriam, reinventam tais histórias, optam pelos eventos alegres, o que é considerado mais um indício de que são espaços de *ficção*, espaços para contar vidas, para vivê-las de forma diferente.

É nesse sentido que os debates sobre namoros virtuais se adaptam particularmente bem ao gênero autobiográfico. Com efeito, na autobiografia que descreve namoros virtuais, o *eu* é descoberto e expresso na experiência do amor e na compreensão dos sentimentos que se adquirem ao contar a história. Os debates sobre o *amor* servem para constituir a *identidade* da pessoa em questão (uma identidade sempre móvel, momentânea e situacional). Desse modo, as discussões sobre namoros virtuais revestem-se de instrumentos muito eficazes para estabelecer a coerência e a continuidade do *eu* e para construir um relato capaz de abarcar várias etapas dos ciclos de vida. Os debates que ali se travam são performáticos e, nesse sentido, são mais do que histórias: reorganizam a experiência, ao narrá-la. O que queremos

defender, aqui, é que tanto a ideia de amor quanto o *eu* estão no centro desses debates sobre namoros virtuais e, desse modo, entrelaçam-se com um projeto de autoconhecimento, não sendo possível separar os debates sobre namoros virtuais dos debates sobre *amor* e *eu*.

Afirmamos que os debates sobre namoros virtuais estão fortemente relacionados com a *modernidade tardia*, tema de nosso próximo capítulo. Como veremos a seguir, a *modernidade tardia* conclama os indivíduos a prestarem uma atenção muito mais criteriosa ao *eu*. Os fóruns e as enquetes, ao seu modo, abordam a natureza volátil da *identidade* e das relações sociais na *modernidade tardia*, no sentido de que podem servir também para estruturar biografias divergentes, proporcionando uma tecnologia para conciliar a individualidade com as instituições em que ela atua, para lidar com as rupturas que se tornaram inerentes às biografias modernas e, o que talvez seja o mais importante, para preservar a posição e o sentimento de *segurança do eu*. Podem mobilizar, por fim, os esquemas culturais da individualidade e ordenar a estrutura caótica das relações sociais.

PARTE III – A ANÁLISE

CAPÍTULO III: DISCUSSÕES DE NAMORO VIRTUAL COMO COROLÁRIO *MODERNO TARDIO*

Os fóruns e as enquetes que discutem namoros virtuais no Orkut são tomados por esta pesquisa como locus privilegiado do encontro entre *relatos* da vida amorosa do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural. Conforme a perspectiva que será adotada neste capítulo, as histórias amorosas *on-line contadas* nesses espaços são, sobretudo, coletivo-sociais. Nesse sentido, elas são tanto singulares quanto universais; singulares porque os membros que relatam histórias de namoros virtuais têm um modo próprio de tecê-las e de se apropriarem delas, estabelecendo uma dinâmica que lhes é única. Contudo, elas também são universais, pois, ao se criarem e se desenvolverem nos fóruns e nas enquetes, apresentam certas características, também presentes em outros universos. Pensamos que os debates efetivados pelos indivíduos sobre sua própria história de namoro virtual abrem caminho para uma compreensão da sociedade em que vivem. Para ancorar nossa análise, estamos tomando a *sociedade moderna tardia*, problematizada por Anthony Giddens (1991, 1997, 1993, 2001, 2002, 2007), como referência, a fim de compreender as discussões de namoros virtuais efetuadas pelos internautas.

Extraímos do pensamento de Giddens (2002) algumas características do atual modelo societário, as quais podem ser apresentadas, resumidamente, sob a forma do seguinte esquema: 1) modelo social que confere uma importância, cada vez maior, aos processos de *individualização* e de *subjetividade*; 2) forma de sociedade cujos órgãos políticos, sociais e econômicos perdem sua centralidade; 3) lugar no qual instituições não têm mais a mesma capacidade de integração e os indivíduos são induzidos a demonstrar, cada vez mais, sua capacidade de iniciativa e de autonomia e a encontrar, em si mesmos, os meios e as motivações de sua conduta. Em tal abordagem, o que nos interessa, mais precisamente, é o modo como esse modelo de sociedade *conduz* cada indivíduo à construção e à responsabilidade de seu próprio percurso. Autores como Giust-Depraïries (2000), Beck (1997), Martuccelli (2007), Delory-Momberger (2008) e Lash (1997), apenas para citar alguns, também se juntam a esse debate. Se, antes, a vida era vivida pela maioria das pessoas como um *destino coletivo*, hoje, ela pode ser experienciada sob a forma de uma *história pessoal*. Chama-nos a atenção o fato de que nessa realidade impera uma lógica bastante

peculiar: a *injunção a ser si mesmo*. (DELORY-MOMBERGER, 2008). Nela, cada indivíduo deve, “em seu trabalho, em seu lazer ou em sua vida afetiva, conduzir sua vida como um verdadeiro profissional de seu desempenho [...]. Somos doravante intimidados a nos tornar empreendedores de nossas próprias vidas”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 77).

Tomemos de empréstimo, agora de forma mais sistematizada, as contribuições da pesquisadora em Ciências da Educação, Christine Delory-Momberger (2008), sobre as *figuras do indivíduo-projeto*. Em sua análise, a questão do *biográfico* toma forma de uma categoria da experiência que permite integrar, estruturar e interpretar as situações e os acontecimentos vividos. As maneiras como os indivíduos *biografam* o que eles são e o que fazem na família, na escola, na profissão, na formação inicial e continuada são constitutivas do processo de educação. Desse estudo, interessa-nos, especificamente, a tese segundo a qual o indivíduo, inserido nessa *modernidade tardia*, tornou-se um *homem plural*¹⁸⁷. Apropriando-se claramente das teorizações do sociólogo Bernard Lahire (2009), Delory-Momberger (2008, p. 75) assevera: “ele [indivíduo em condição moderna tardia] não é mais o representante de um grupo e da lógica social inerente a esse grupo, mas o produto complexo de experiências socializadoras múltiplas”. O percurso biográfico de um indivíduo é definido como o movimento pelo qual ele encadeia e vincula perfis de inserção múltiplos através do espaço social: “ele é trabalhador, consumidor, casado, contribuinte, segurado, pai de aluno, membro de uma associação esportiva, eleitor etc. e incorpora modelos de ação diferentes e contraditórios”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 75).

É central destacar que, em consequência desse movimento, experimentamos, bem de perto, a *injunção*, a qual nos coloca o peso de *sermos nós mesmos*. Torna-se evidente, aqui, a suposta *queda da instituição*, principal responsável por tal *injunção*. Por *queda da instituição*, que designa a palavra *desinstitucionalização*, queremos caracterizar o contexto segundo o qual: ontem, a nossa construção biográfica ficava a cargo coletivamente das instituições, sendo, hoje, cada vez mais remetido ao próprio indivíduo o peso de assumir, sob forma de

¹⁸⁷ Segundo Lahire (2009, p. 174), “um ator plural é um ator que nem sempre viveu no interior de um só e único universo socializador, de modo que é alguém que atravessou e frequentou, mais ou menos duravelmente, espaços (matrizes) de socialização diferentes (e, às vezes, socialmente vividos como altamente contraditórios). O ator plural é, portanto, portador de disposições, de ‘sumários de experiências’ múltiplas, nem sempre compatíveis entre elas. Não obstante, ele deve ‘lidar com isso’. Essa situação pode causar-lhe um grave problema quando as disposições se contradizem na ação. Ela pode também ficar despercebida ao nível do próprio ator se, como frequentemente acontece, as disposições só se ativam em contextos ou domínios de práticas limitados e separados uns dos outros. O ator plural é aquele em que o conjunto das práticas é irredutível a ‘uma fórmula geradora’ ou a ‘um princípio gerador’ [expressões segundo as quais Pierre Bourdieu definia o *habitus*]”. Em entrevista realizada por Philippe Wozniak, a qual tinha como tema a obra *L’Homme pluriel: Les ressorts de l’action*, publicada na França no site *Nathan Université* <<http://www.nathan-u.com>> e cedida à *Revista Cronos*, Natal, v. 10, n. 2, p. 165-177, jul./dez. 2009.

trajetória pessoal, o seu próprio destino. (GIDDENS, 2002; GIUST-DEPRAIRIES, 2000; BECK, 1997; MARTUCELLI, 2007, DELORY-MOMBERGER, 2008). As principais consequências dos movimentos de *descentralização* e de *desinstitucionalização* que afetam as sociedades hoje são, com efeito, a “separação do ator e do sistema, que se traduz na diluição e no apagamento da noção de papel social, e a necessidade de os indivíduos construírem, por si mesmos, o sentido de sua atividade social”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 75). Nesse panorama, a *sociedade individualizada* na qual ingressamos repousa, cada vez menos, sobre a função de integração generalizada que caracterizava as sociedades tradicionais, nas quais os indivíduos se identificavam em termos de pertencimento, papéis, estatutos e trajetórias sociais. Assim, no contexto de uma sociedade que não é mais definida como um conjunto centralizado, funcional e homogêneo, a conduta dos atores não é mais redutível a programações culturais claras e igualmente definidas: “ela deve enfrentar lógicas plurais e racionalidades heterogêneas”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 76).

Para os propósitos deste capítulo, o que importa é que a perda de referências fixas, relacionadas com a *diluição dos papéis sociais* e com o *sentimento de incerteza* provocado pela dificuldade de escolher entre lógicas plurais, pode se traduzir em procedimentos de *busca identitária*. (GIDDENS, 1991, 1993, 2002; GIUST-DEPRAIRIES, 2000; MARTUCELLI, 2007). Ao não estar mais enquadrado por obrigações institucionais, não podendo apoiar-se no valor da autenticidade unida na tradição, o indivíduo estaria remetido, agora, à *busca de si mesmo*. A esse respeito, estamos trabalhando com a hipótese fundamental segundo a qual, num contexto de desaparecimentos das *identidades instáveis*, as *identidades* atuais teriam maior necessidade de serem *contadas*, tanto para si quanto para os outros. Através desse *contar* ou *contar-se*, as *identidades* poderiam ser o que se considera como capaz de resistir às mudanças. Apesar das múltiplas transformações das quais somos objeto, seguimos sendo ainda a *mesma* pessoa, e esse sentimento é tanto mais plausível e forte quando *contamos* sobre nós mesmos. A noção de *identidade* apresentada aqui é aquela que se apoiará nas contribuições de Paul Ricoeur (1991, 1994, 1995, 1997, 2000). Para esse autor, toda *identidade*, ou melhor, toda *identidade narrativa* se constitui progressivamente graças a um trabalho discursivo pelo qual o indivíduo pode lograr a dotar-se de uma representação unitária e coerente de si. A *identidade narrativa*, assim, seria um espaço no qual o indivíduo se forja por meio do relato.

Na abordagem de Ricoeur, a *identidade* aparece como inseparável de uma estrutura narrativa, graças à qual a compreensão de si é uma interpretação que encontra no relato, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada. Esta última toma de empréstimo, tanto

da história quanto da ficção a respeito de uma história de vida, uma história fictícia ou uma ficção histórica que entrecruza o estilo histórico das biografias com o estilo das autobiografias *inventadas*. Veremos no quarto capítulo que é sob essa perspectiva que examinaremos as discussões dos namoros virtuais na internet. É, pois, baseando-nos na abordagem ricoeuriana que estamos tomando a construção de *identidades narrativas* enquanto uma maneira possível de enfrentar o *descentramento* induzido por uma sociedade altamente diferenciada. Nesse sentido, as tecnologias virtuais de *registro de si*, como os diferentes meios de ação a distância – Orkut, Facebook, Twitter, blogs etc. – multiplicam claramente essa capacidade.

Novamente, conforme a perspectiva aqui sugerida, nunca antes, como em nossa época, as sociedades recorreram à *individualização* e à *reflexividade* das condutas e das decisões como geradoras de sua regulação e de sua produtividade. (GIDDENS, 1991, 1993, 2002). Nessa conjuntura, não se admira que a prática biográfica ganhe destaque social e cultural. Como exemplos relevantes desse fenômeno, observa-se a multiplicação de práticas autobiográficas, com o aumento do consumo e da produção de livros biográficos, documentários em primeira pessoa, espaços na internet, como redes sociais em que pessoas narram trechos de vida. Neste capítulo, defendemos o argumento segundo o qual tais produtos parecem indicar que as histórias individuais vêm assumindo papel fundamental na contemporaneidade, como referenciais sociais no processo de *construção identitária* e de ordenamento e atribuição de significados à realidade. Queremos defender que as características de nossa sociedade atual *determinam* fenômenos de *busca identitária*, sendo as práticas de *contar e contar-se* umas de suas formas de expressão. Visto que “numa sociedade fluida e móvel – cujos pontos de referência parecem estar flutuantes e onde cada um tem, finalmente, a seu encargo sua própria história – escrever pode, sem dúvida, constituir-se numa prática portadora de sentido”. (NIEWIADOMSKI; COURBERT, 2009, p. 272).

A esse respeito, Delory-Momberger (2008, p. 28) reforça: “a forma *narrativa da expressão de si* é, sem dúvida, de todos os tempos”, mas ela é mais particularmente “de um tempo que induz cada um a manifestar as marcas pessoais de sua passagem no mundo e que identifica *consciência de si* e ação sobre o mundo”. Em outras palavras, num contexto moderno tardio, escrever ou falar sobre si não é mais, a partir de então, unicamente o feito de indivíduos que circunstâncias excepcionais ou talentos particulares situam acima do desígnio comum, subtraindo-os do percurso coletivo: atualmente, tal atividade *se impõe*, guardadas as devidas proporções, a *todos* como uma obrigação de individualidade e singularidade. Nesse contexto, *todos* parecem passar por aquilo que Delory-Momberger (2008) denomina de *processo de biografização*. Trata-se de um processo pelo qual

os indivíduos, em seus comportamentos e discursos, consciente ou inconscientemente, se entregam durante toda a sua existência, como uma atividade constitutiva de seu ser social. Nessa atividade, eles atualizam e incorporam as sequências, os programas e os modelos biográficos padronizados (currículo escolar, currículo profissional e também roteiros de ação e enredos) dos mundos sociais das quais participam (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 28).

Evidentemente, de acordo com as épocas e as formas societais, as manifestações desse processo de *biografização* e a intensidade do trabalho biográfico correspondente variam. Em geral, elas mudam em função do apelo diferenciado feito pelas sociedades à *reflexividade* individual e a esse campo privilegiado da *reflexividade*, constitutivo da construção biográfica, o que significa dizer que há uma história do *narrar a vida*, assim como há uma história do *indivíduo*, da *consciência de si*, do *sujeito*. (DELORY-MOMBERGER, 2008). As formas que tomam a linguagem da narrativa em tal estado da sociedade, em tal relação com o indivíduo com a política e o social, imprimem sua marca em nossas representações biográficas. Os escritos que fazem a narrativa da vida, em suas múltiplas formas, constituem, desse modo, o material privilegiado para se ter acesso à maneira como os homens de uma época, de uma cultura e de um grupo social biografam sua vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008). Na *modernidade tardia*, talvez muitos possam biografar suas vidas, de modo a se constituírem em *um si mesmo*, em fóruns e enquetes do Orkut.

No avanço de nossas reflexões, e objetivando responder às questões próprias deste capítulo, seremos apoiados em três noções particulares de Giddens (2002): 1) *modernidade tardia*; 2) *reflexividade institucional*; e 3) *relacionamento puro & amor confluyente*. Em que sentido faremos uso de tais noções? A *modernidade tardia* será tomada como um modelo societário em que se inscrevem os fóruns e as enquetes sobre namoros virtuais. O contexto desse modelo torna os indivíduos sujeitos da construção de sua própria *identidade* e biografia. Nessa lógica, supomos que os fóruns e as enquetes podem assumir, nessa conjuntura, um lugar propício para a realização de tal empreitada. Relativamente à segunda noção, os fóruns e as enquetes poderão ser tomados como expressões da *reflexividade institucional*, uma vez que discutir a natureza própria dos namoros virtuais pode contribuir para o processo de monitoramento reflexivo da ação. Quanto à última noção, os namoros virtuais, através de análise empírica, parecem aproximar-se do modelo *relacionamento puro & amor confluyente*, visto que eles se constituem em uma relação social que somente existe enquanto ambas as partes consideram que extraem dela satisfações suficientes.

Finalmente, a hipótese a ser discutida neste capítulo gira em torno das seguintes proposições: a) os fóruns e as enquetes podem ser expressões específicas de práticas relevantes para a *alta modernidade*; nesse sentido, b) estamos tomando as discussões de namoros virtuais enquanto um sistema especializado que pode estar profundamente imbricado no *projeto reflexivo do eu* (como um fenômeno da *reflexividade institucional* da modernidade); c) em efeito, os debates acerca dos namoros virtuais trazem elementos próprios aos preceitos estabelecidos pelo modelo *relacionamento puro & amor confluyente*. Doravante, passemos a desdobrar os principais aspectos dessa hipótese. Primeiramente, como procuramos destacar a seguir, as discussões a respeito de namoro virtual e de *modernidade tardia* estão intimamente articuladas. Entretanto, não se pode pensar em tal relação sem antes discutirmos, brevemente, questões próprias da *modernidade*. Giddens (2002) nos alerta que o mundo de hoje é o lugar em que os processos que se desencadearam na e com a *modernidade* chegaram a seu ápice. Vivemos num período de sua completa *radicalização*. Assim, por agora, discorreremos, sucintamente, sobre esse modo de vida, que se caracteriza por suas *continuidades e descontinuidades*.

3.1 NOTAS BREVES SOBRE AS (DES)CONTINUIDADES DA MODERNIDADE

Indubitavelmente, o debate sobre a questão da *modernidade* sempre esteve presente no cerne das preocupações sociológicas. De forma abrangente, muitas das diversas análises põem-se de acordo quanto ao caráter fugidivo e transitório desse modo de vida que, em consenso, institucionalizou-se com a consolidação da sociedade capitalista, a partir do século XVIII. No interior desse debate, tomaremos, como já referido acima, as discussões de Anthony Giddens (1991, 1993, 1997, 2002). Comumente, esse autor é considerado, no campo das ciências sociais, como aquele que lançou um olhar atento e peculiar sobre a *natureza própria da modernidade*. A empreitada é levada a termo, diga-se, com zelo e êxito, assim, segundo o sociólogo Sérgio Costa (2004, p. 77), “continua ímpar na sociologia contemporânea”. Tal empresa mobilizou-o, em consequência, a realizar estudos concomitantes sobre a questão do *dinamismo* e do caráter *globalizante* das instituições modernas, inclusive, frente às *continuidades e descontinuidades* em relação à tradição. Nas palavras do próprio autor:

Se formos compreender adequadamente a natureza da modernidade, quero argumentar [...], temos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais. (GIDDENS, 1991, p. 25).

Como se depreende, Giddens (1997, p. 80) pensa a *modernidade* em termos de *continuidades* e *descontinuidades* com a *tradição*. Para esse sociólogo, “a tradição, digamos assim, é a cola que une as ordens sociais pré-modernas”. Além disso, ela envolve ainda aquilo que Giddens denomina de *controle do tempo*, isto é, “a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência para o presente”. De modo a explicitar melhor a natureza dessa *tradição*, podemos apresentar, de forma resumida, três características distintivas que constituem tal noção. São elas: 1) a *tradição* integra e monitora a ação conforme a organização tempo-espacial da *comunidade*; 2) numa ordem social, alicerçada na *tradição*, há expressão da valorização da cultura oral, do passado e dos símbolos enquanto fatores que propagam a experiência das gerações; 3) a tradição envolve o *ritual*, o qual constitui um meio prático de salvaguarda. Nas sociedades que integram a *tradição*, os rituais são engenhos que se prestam a preservar a *memória coletiva* e as *verdades* intrínsecas ao tradicional. O ritual torna mais forte a experiência cotidiana e refaz a liga que une a comunidade.

Em suma, a *tradição*, conforme as formulações de Giddens (1997), toma forma em contextos segundo os quais: 1) as *relações de parentesco* são instituídas enquanto um dispositivo de organização para consolidar laços sociais através do tempo-espço; 2) a *comunidade local* é tomada como um *lugar comum*, fornecendo um meio *familiar*; 3) as *cosmologias religiosas* são consideradas modos de crenças e práticas rituais, oferecendo uma interpretação oportuna da vida humana e da natureza; 4) a *tradição* é um meio de vincular presente e futuro, norteadas para o passado em tempo reversível. Em definitivo, Giddens não pode pensar a *modernidade* longe de suas tangências próprias com a questão da *tradição*. O que está em jogo nessa discussão é o fato de a *modernidade* incorporar elementos típicos das sociedades *tradicionais*. É, pois, nesse sentido que a *modernidade* expressa *(des)continuidades*. Trata-se de um ponto fundamental de sua teoria. No entanto, em que medida se percebem tais *(des)continuidades*?

Para esse autor, as *descontinuidades* inerentes à vida moderna podem ser observadas em duas situações particulares: 1) na questão do *tempo* e do *espaço*; e 2) na aceleração do *ritmo de mudança intrínseco das instituições modernas*. Giddens desenvolve tal perspectiva a

partir da seguinte argumentação: nas culturas pré-modernas, por exemplo, as maneiras de calcular o *tempo* e de coordenar o *espaço* constituíam a base da vida cotidiana. Nessa perspectiva, aponta:

O cálculo do tempo que constituía a base da vida cotidiana, certamente para a maioria da população, sempre vinculou tempo e lugar [...] Ninguém poderia dizer a hora do dia sem referência a outros marcadores sócio-espaciais: “quando” era quase, universalmente, ou conectado a “onde” ou identificado por ocorrências naturais regulares. (GIDDENS, 1991, p. 25).

É partindo dessas formulações, nas quais se deflagra a eminência de um mundo em que as relações entre *tempo* e *espaço* mudaram e as transformações ocorrem de forma muito mais acelerada, que Giddens lança sua tese, bastante desafiadora: vivemos uma época em que os estilos e os costumes, advindos com a *modernidade* – organização social que emergiu na Europa a partir do século XVIII –, encontram-se totalmente radicalizados, de tal modo que as tradições perdem o lugar privilegiado que tiveram em épocas pré-modernas, em favor daquilo que o autor conceitua como *reflexividade institucional*. A *reflexividade* da modernidade denota que as práticas sociais modernas são enfocadas, organizadas e transformadas à luz do conhecimento, constantemente renovado sobre essas próprias práticas. Nas condições da modernidade reflexiva, o conhecer não significa estar certo. Assim, o conhecimento está sempre sob dúvida e incide sobre as práticas sociais e estas sobre ele. Teremos chance de conceituar melhor tal noção. Doravante, passemos ao que é fundamental nesse aspecto da discussão de Giddens. Para esse autor, com a *descentralidade da tradição*, a modernidade teve que, em contrapartida, *inventar*, paradoxalmente, *tradições*, no mesmo sentido em que teve que romper com a *tradição genuína*, isto é, com aqueles valores radicalmente vinculados ao passado pré-moderno.

Nesse sentido, de forma reiterada, a modernidade exprime *descontinuidades* entre as ordens sociais tradicionais e as instituições sociais modernas, isto é, a ruptura entre o que se apresenta como o *novo* e o que persiste como herança do *velho*. A esse respeito, a modernidade expressa: a) ruptura com a ideia de comunidade (una e corporificada no dirigente) e passagem à de sociedade (dividida em interesses conflitantes, classes antagônicas e grupos diversificados); b) ruptura com a ideia e a prática teológica-política do poder, encarnado na pessoa do dirigente, e passagem à da dominação impessoal ou da dominação racional, isto é, nascimento da noção moderna de Estado. Para encerrar esse debate sobre as *descontinuidades* da modernidade, queremos, por fim, dar ênfase ao *escopo da mudança* em termos de sua abrangência global, isso porque, para Giddens (1991, p. 61), “a modernidade é

inerentemente globalizante”. A era da globalização impõe transformações universalizantes que reconfiguram a tradição, seu abandono ou desincorporação. O *local* encontra-se de tal forma conectado ao *global* que influencia e é influenciado por este. A tradição vivenciada no lócus do cotidiano, no espaço específico, é colocada em questão pela experiência vivenciada do indivíduo no tempo e espaço global.

Por outro lado, o *local* também problematiza o *global*. Como nota Giddens (1997, p. 74), “poucas pessoas, em qualquer lugar do mundo, podem continuar sem consciência do fato de que suas atividades locais são influenciadas, e às vezes até determinadas, por acontecimentos ou organismos distantes”. Em outras palavras:

O reverso da medalha é menos evidente. Hoje em dia, as ações cotidianas de um indivíduo produzem consequências globais. Minha decisão de comprar uma determinada peça de roupa, por exemplo, ou um tipo específico de alimento, tem múltiplas implicações globais. (GIDDENS, 1997, p. 75).

O que Giddens conclui, sem esforço, é que há uma interdependência, cada vez maior, entre o espaço global e o local. O *global* tem influência sobre as vidas individuais nos espaços locais; mas, também, as decisões dos indivíduos em seu cotidiano podem ter influência sobre os resultados globais; essa interinfluência incide sobre as coletividades e os grupos de todos os tipos, incluindo o Estado. Todos precisam levar em consideração essa realidade, o que pressupõe repensar os papéis, sua reorganização e reformulação. Como muito bem destaca esse autor, é possível notar o dinâmico ritmo de mudança da modernidade em todas as esferas da sociedade e, sobretudo, a partir das novas tecnologias, ou seja, com a *globalização* e as novas formas de comunicação, as transformações sociais penetram virtualmente em todo o globo. Vale ressaltar que Giddens (1991) define globalização como *ação a distância*. Assim, esse termo torna-se mais do que a emergência de um mercado mundial ou de um sistema econômico mundial. O processo de globalização representa, para ele, mudanças efetivas na vida social e política. Assim, numa sociedade globalizada, “nossas atividades cotidianas são cada vez mais influenciadas por eventos ocorrendo do outro lado do mundo; e, inversamente, hábitos locais de estilo de vida tornam-se globalmente consequentes”. (GIDDENS, 1991, p. 39).

Para finalizar, as principais características que constituem a *modernidade* apresentam-se sob a forma de três dimensões. Conforme Giddens (1991), a primeira refere-se à dimensão institucional da *modernidade*: capitalismo, *industrialismo*, domínio da *informação* e poder militar são tomados como instituições indispensáveis da modernidade que surgem, embora

com aparências diferentes, no conjunto das sociedades modernas. A segunda dimensão concerne à relação espaço-temporal: o *dinamismo* da modernidade advém justamente do deslocamento espaço-tempo que confere transformações substanciais no ornamento das condutas sociais. Desse modo, diversamente das sociedades pré-modernas, nas quais havia uma clara e imperativa conexão entre distância e tempo – a superação de maiores distâncias envolvia maior tempo –, as sociedades contemporâneas irromperam com tal vinculação, de modo que as possibilidades tecnológicas, tais como se encontram hoje, permitem que acontecimentos geograficamente distantes possam ser vivenciados de forma instantânea e dispensam o encontro presencial dos diversos atores envolvidos na relação social.

A terceira dimensão nodal da modernidade, na formulação do autor, diz respeito à forma peculiar assumida pela *reflexividade* nas sociedades modernas. É importante enfatizar que o monitoramento reflexivo da ação não é algo circunscrito à modernidade, antes é inerente a qualquer conduta humana cotidiana¹⁸⁸, ao menos segundo os termos de sua *teoria da estruturação*¹⁸⁹. (GIDDENS, 2003). Essa dimensão destaca que, na modernidade, a tradição perde o lugar de prestígio que mantinha nas sociedades pré-modernas, como mecanismo de organização das ações sociais. Em condições modernas, menos que pela tradição, as ações sociais são continuamente refeitas e reexaminadas diante da apropriação de informações e conhecimentos que vão sendo construídos sobre as próprias ações e os sistemas sociais nos quais elas têm lugar. Contudo, isso não quer dizer que a tradição desapareça. Ela passa, de outro modo, a submeter-se ao crivo do julgamento reflexivo.

Finalmente, das questões referentes à modernidade, interessa-nos, para dar continuidade às nossas reflexões, o aspecto segundo o qual Giddens deixar transparecer que o mundo de hoje é o mundo da *radicalização* da modernidade, isto é, um tempo em que o modo de vida iniciado no século XVIII chegou ao seu ápice. Como observa esse autor,

¹⁸⁸ Quanto a isso, Giddens (2003, p. 25) esclarece: “as capacidades reflexivas do ator humano estão caracteristicamente envolvidas, de um modo contínuo, no fluxo da conduta cotidiana, nos contextos da atividade social. Mas a reflexividade opera apenas parcialmente num nível discursivo. O que os agentes sabem acerca do que fazem e por que o fazem – sua cognoscitividade *como* agentes – está largamente contido na consciência prática”.

¹⁸⁹ Conforme Giddens (2003), os aspectos principais da *teoria da estruturação* resumem-se nos seguintes pontos: 1) “Todos os seres humanos são agentes cognoscitivos” (p. 301); 2) “A cognoscitividade de atores humanos está sempre vinculada, por um lado, ao inconsciente e, por outro, às condições não reconhecidas/consequências impremeditadas da ação” (p. 332); 3) “O estudo da vida cotidiana é essencial para a análise da reprodução de práticas institucionalizadas” (p. 332); 4) “A rotina é a forma predominante de atividade social” (p. 332); 5) “O estudo do contexto é inerente à investigação da reprodução social” (p. 332); 6) “Identidades sociais são *marcos* no tempo-espaço virtual da estrutura” (p. 333); 7) “Nenhum significado unitário pode ser dado à *coerção* na análise social” (p. 333); 8) “Entre as propriedades estruturais dos sistemas sociais, os princípios estruturais são especialmente importantes, uma vez que especificam tipos globais de sociedade” (p. 333); 9) “O estudo do poder não pode ser visto como uma consideração de segunda ordem nas ciências sociais” (p. 333); 10) “Não há mecanismos de organização social ou de reprodução social identificado por analistas sociais que atores leigos não possam também conhecer e incorporar ativamente ao que fazem” (p. 334).

em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, poderemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é “pós-moderna”; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de “pós-modernidade”. (GIDDENS, 1991, p. 12-13).

Como veremos a seguir, Giddens (2002) nomeia essa “ordem nova” de *modernidade tardia*.

3.2 OS CONTORNOS DA MODERNIDADE TARDIA: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Presentemente, defrontamo-nos com um apanhado de pesquisas, das mais vastas áreas do conhecimento científico, que se debruçam numa demanda comum: compreender o extremo *dinamismo* que caracteriza as sociedades contemporâneas. No campo da sociologia, continuamos destacando as contribuições dos estudos do Anthony Giddens (2002). Dentre tantas, sua abordagem prepondera, pois, ao refletir sobre o sentido da sociedade em que vivemos, Giddens (2002, p. 221) abrange a questão da *autoidentidade*, que se refere a um “*eu* entendido reflexivamente pelo indivíduo em termos de sua biografia”, procurando analisar de que forma a contemporaneidade se relaciona com os aspectos mais íntimos da vida social cotidiana. O sociólogo defende com veementes argumentos que hoje o *eu* é uma entidade que passa por profundas transformações. “Num universo social pós-tradicional, organizado reflexivamente, permeado por *sistemas abstratos*, e no qual o reordenamento do *tempo* e do *espaço* re-alinha o *local* com o *global*, o *eu* sofre mudança maciça”. (GIDDENS, 2002, p. 79). Dessa linha argumentativa, é interessante dar destaque ainda a um aspecto, igualmente importante: no nível do *eu*, um componente fundamental da atividade do dia a dia é simplesmente o da *escolha*.

Existe, aí, uma argumentação na qual a modernidade representa uma ordem pós-tradicional que suscita constantes *decisões* e *escolhas* sobre comportamentos, representada por questões referentes a *quem ser*, *o que vestir* ou *o que comer*, somente para citar alguns exemplos. O que importa é que tais *decisões* e *escolhas* fazem referência à *autoidentidade*, algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo. No nível do *eu*, a *escolha* funciona como um componente fundamental da atividade cotidiana. O indivíduo deve fazer *escolhas* referentes a seu *estilo de vida*, sendo, em certo sentido,

obrigado a fazê-lo. Cada uma das decisões que uma pessoa toma diariamente contribui para as rotinas que determinam *estilos de vida*. Todas as *escolhas* são decisões não apenas sobre *como agir*, mas, sobretudo, sobre *quem ser*. Nas palavras de Giddens (2002, p. 87),

Quando grandes áreas da vida de uma pessoa não são mais compostas por padrões e hábitos preexistentes, o indivíduo é continuamente obrigado a negociar opções de estilo de vida. Além disso – e isto é crucial –, tais escolhas não são apenas aspectos *externos* ou marginais das atitudes dos indivíduos, mas definem o que o indivíduo *é*. Em outras palavras, as escolhas de estilo de vida constituem a narrativa reflexiva do eu.

Há, no interior dessa argumentação, uma linha que nos é bastante cara: nesse contexto, o indivíduo vive uma biografia reflexivamente organizada, em termos de fluxo de informações sociais sobre possíveis modos de vida através das *escolhas* que realiza.

O que está em jogo não é somente a dimensão segundo a qual a *modernidade tardia* confronta o indivíduo com uma complexa variedade de *escolhas*, mais, ainda, como ela, ao mesmo tempo, oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas. Nesse contexto, questões do tipo: “*O que fazer? Como agir? Quem ser?*” São perguntas centrais para quem vive nas circunstâncias da *modernidade tardia* – e perguntas que, num ou noutro nível, todos respondemos, seja discursivamente, seja no comportamento do dia a dia”. (GIDDENS, 2002, p. 70, grifo nosso). São as constantes respostas a tais perguntas que concorrem para a emergência do que o autor denomina *novos mecanismos de autoidentidade*. Desse debate, interessa-nos a prerrogativa segunda a qual esse “*novo sentido de identidade é uma versão aguda de um processo de encontrar-se a si mesmo que as condições modernas impõem a todos nós*”. (GIDDENS, 2002, p. 19, grifo nosso). Essa perspectiva encontra-se de forma mais acabada em sua obra *Modernidade e identidade* (2002): “Embora seu alvo principal seja o *eu*, esta não é uma obra de psicologia. A ênfase principal do livro é o surgimento de novos mecanismos de *autoidentidade*”. (GIDDENS, 2002, p. 9).

Nesse estudo, Giddens (2002) analisa a questão da transformação na concepção de *identidade* a partir do rompimento com uma ordem dita *tradicional*. Sua tese, resumidamente, gira em torno das seguintes proposições:

- a) Em uma sociedade tradicional, a *identidade social* dos indivíduos é *limitada* pela tradição, pelo parentesco e pela localidade;
- b) A modernidade, marcada como uma ordem pós-tradicional, ao irromper com práticas e princípios preestabelecidos, realça o cultivo das potencialidades individuais, disponibilizando ao indivíduo uma identidade *móvel, mutável*;

- c) Nesse contexto, o *eu* torna-se, cada vez mais, um *projeto reflexivo*. O indivíduo passa a ser responsável por *si mesmo* e o planejamento estratégico da vida assume especial importância.

O que importa reter desse conjunto de proposições é que elas são centrais para os propósitos deste capítulo, particularmente no que se refere às conexões, por nós estabelecidas, entre discussão de namoro virtual e *projeto reflexivo do eu*. Teremos chance, em breve, de demonstrar a natureza dessa relação. Doravante, passemos a explicitar melhor a categoria *eu*, considerada fundamental nas formulações de Giddens. Conforme esse autor,

o eu não é uma entidade passiva, determinada por influências externas: ao forjar suas autoidentidades, independentes de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para as influências sociais que são globais em suas consequências e implicações. (GIDDENS, 2002, p. 9).

Nessa noção do *eu*, é interessante o modo como Giddens (2002, p. 9), antecipadamente, deixa transparecer uma das características distintivas de *nosso tempo*, qual seja, “a crescente interconexão entre dois *extremos*: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais do outro”. Em outras palavras, Giddens observa que na *alta modernidade* a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos e sobre o *eu* torna-se cada vez mais comum. Em todo caso, queremos, por agora, dar relevo ao aspecto em que o *eu* tem de ser construído reflexivamente, como um *projeto reflexivo*. Tal qual enfatizado pelo referido autor, essa tarefa “deve ser realizada em meio a uma enigmática diversidade de opções e diversidades”. (GIDDENS, 2002, p. 11).

O *projeto reflexivo do eu*, “que consiste em manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas” (GIDDENS, 2002, p. 13), também diz respeito a um mundo cada vez mais constituído por um processo contínuo de produção de informações, e não mais de modos preestabelecidos de conduta. “Esse é o contexto da consumada *reflexividade*”, que se refere “à suscetibilidade da maioria dos aspectos da atividade social, e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa à luz de novo conhecimento ou informação”. (GIDDENS, 2002, p. 26). Como já destacado, nesse mundo, o indivíduo sente-se compelido a realizar *escolhas* também contínuas, que passam a compor sua *autoidentidade*, sempre aberta a revisões. É nesse sentido que a *reflexividade* da *modernidade tardia*, considerada por Giddens uma das maiores influências sobre o *dinamismo* das sociedades contemporâneas, permite conjecturar de que forma a modernidade, fenômeno global de longo alcance, altera a

natureza da vida social cotidiana. É interessante observar ainda como, nas condições da *alta modernidade*, sensações de *inquietação* e *ansiedade* podem se incutir na experiência cotidiana dos indivíduos, uma vez que a *autoidentidade* torna-se inerentemente frágil diante das intensas e extensas mudanças que a *modernização reflexiva* provoca¹⁹⁰.

Através da análise da relação entre a modernidade e os aspectos mais pessoais de nossa existência, Giddens (2002) ainda procura abordar as consequências desse processo, que classifica como inerentemente contraditório. De um conjunto de consequências, enfatizaremos, mais uma vez, aquela que versa sobre o desligamento, mesmo que parcial, com a ordem tradicional. Tal rompimento movimenta efeitos concomitantes: por um lado, gera certa autonomia pessoal; por outro, retira também uma sensação de firmeza das coisas, podendo constituir-se em grande fonte de *ansiedade* para o indivíduo. Tais efeitos podem apresentar-se sob a forma do seguinte exemplo: algo bem corriqueiro, como uma simples lida num jornal de domingo. Essa leitura pode bastar para percebermos a existência de numerosas divergências entre especialistas das mais diferentes áreas. Várias são as correntes, vários são os discursos, várias são as teorias, assim, na falta de uma autoridade definitiva, ao indivíduo cabe escolher e decidir em que acreditar. É nesse sentido que Giddens se vale do argumento segundo o qual vivemos atualmente num contexto instável e complexo de argumentos e contra-argumentos científicos. Em sua perspectiva, “a modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional”. (GIDDENS, 2002, p. 10).

De agora em diante, passemos ao que é importante neste tópico: delinear, de forma mais sistematizada, os principais contornos da *modernidade tardia*. Como é notório, Giddens não segue a orientação de alguns autores que classificam a sociedade contemporânea como *pós-moderna* ou *pós-industrial*. Ao contrário, prefere a terminologia *modernidade alta* ou *tardia* para denotar que os princípios dinâmicos da modernidade ainda se encontram presentes na realidade atual. A ordem pós-tradicional – definida pelo autor como *alta modernidade*, *modernidade tardia* ou *modernização reflexiva* –, longe de romper com os parâmetros da *modernidade* propriamente dita, radicaliza ou acentua as suas características fundamentais. Nas palavras do próprio autor, *modernidade tardia* refere-se à “presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade”. (GIDDENS, 2002, p. 221). Nesse contexto, uma das

¹⁹⁰ É importante assinalar que embora a *modernidade tardia* seja inerentemente suscetível à crise, favorece, por outro lado, a apropriação de novas possibilidades de ação ao indivíduo, oferecendo oportunidades de revisão de hábitos e costumes.

características centrais que passam a nortear a vida social *moderna tardia* é, pois, sua relação com a *reflexividade institucional*, ou seja, “a *reflexividade* da modernidade, que envolve a incorporação rotineira de conhecimento ou informação novos em situações de ação que são assim reconstituídas ou reorganizadas”. (GIDDENS, 2002, p. 223).

Outras características que orientam a vida em circunstâncias *modernas tardias* estão relacionadas a profundos processos de reorganização do *tempo* e *espaço*, associados à expansão de *mecanismos de desencaixe*, ou seja, mecanismos que deslocam as relações sociais de seus lugares específicos, recombinao-as através de grandes distâncias no *tempo* e no *espaço*. Nesse aspecto, Giddens (2002, p. 10) defende, reiteradamente, que “a reorganização do tempo e do espaço somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana”. Para além dessas características, a modernidade ainda institucionaliza o princípio da *dúvida radical*, ou seja, o processo pelo qual todo conhecimento toma forma de hipótese – “afirmações que bem podem ser verdadeiras, mas que por princípio estão sempre abertas à revisão e podem ter que ser, em algum momento, abandonadas”. (GIDDENS, 2002, p. 10). Desse princípio decorre outra característica da modernidade tardia, qual seja: em circunstâncias de incerteza e múltipla escolha, as noções de *confiança* e *risco* têm aplicação particular.

A *confiança*, diz Giddens (2002, p. 11, grifo nosso), “é um fenômeno genérico crucial do desenvolvimento da personalidade e tem relevância distintiva e específica para um mundo de *mecanismo de desencaixe* e de *sistemas abstratos*”. A *confiança* passa a ser característica da *modernidade tardia*, na medida em que está ligada à obtenção de um senso precoce de *segurança ontológica*. Nesse sentido, a *confiança* é fundamental num mundo marcado por inseguranças e incertezas, pois funciona como “um *casulo protetor*¹⁹¹ que monta guarda em torno do *eu* em suas relações com a realidade cotidiana”. (GIDDENS, 2002, p. 11, grifo nosso). De igual modo, argumenta o autor, a modernidade é uma *cultura do risco*, ou seja, “aspecto fundamental da modernidade, em que a consciência do risco constitui um meio de colonizar o futuro”. (GIDDENS, 2002, p. 221). Trata-se de uma *cultura do risco*, mas não no sentido de que a vida social é inerentemente mais arriscada que em outros períodos. Antes, o conceito de *risco* se torna fundamental para a maioria – tanto os leigos quanto os especialistas organizam o mundo social. O que importa é discutir como a modernidade pode,

¹⁹¹ Casulo protetor, conforme Giddens (2002, p. 221), refere-se à “proteção defensiva que filtra os perigos potenciais representados pelo mundo exterior e que se funda psicologicamente na confiança básica”.

concomitantemente, reduzir “o risco geral de certas áreas e modos de vida”, mas ao mesmo tempo introduzir “novos parâmetros de risco, pouco conhecidos ou inteiramente desconhecidos em épocas anteriores”. (GIDDENS, 2002, p. 11).

Em resumo, Giddens (2002) define *sociedade moderna tardia* a partir de cinco características fundamentais. Trata-se de um modelo societário marcado por uma maior: 1) reorganização do *tempo* e do *espaço*; 2) expansão dos *mecanismos de desencaixe*; 3) institucionalização da *dúvida radical*; 4) construção do *eu* a partir da *reflexividade*; 5) aplicação particular das noções de *confiança* e *risco*. Tomando essa síntese como parâmetro para pensarmos um dos aspectos de nosso objeto de estudo, podemos indagar: em que medida essas características se relacionam com as discussões de namoros virtuais tais quais elas se apresentam nos fóruns e enquetes do Orkut? Segundo nossa interpretação, elas se entrecruzam em, pelo menos, cinco aspectos, a saber:

- 1) Em função da natureza própria do universo *virtual*, que caracteriza os fóruns e enquetes do Orkut, tendemos a classificar as discussões de namoros virtuais que lá se estabelecem a partir do processo de reorganização do *tempo* e do *espaço*, já que tais debates ocorrem entre pessoas *espacialmente* distanciadas e, por vezes, em *tempos* também distintos. O que está em jogo é que os fóruns e enquetes existem independentes das *fronteiras geográficas* ou das *cronologias do relógio*;
- 2) Da forma como as discussões de namoros virtuais se apresentam, elas podem aparecer vinculadas a *mecanismos de desencaixe*, uma vez que deflagram o deslocamento das relações sociais de namoro de seus lugares específicos (ou seja, de um lugar *off-line* ou *presencial*), recombinao-as através de distâncias indeterminadas do *espaço* e do *tempo* (*virtuais*);
- 3) Os fóruns e enquetes podem ser reflexos do processo instituído pela *dúvida radical*. Nesses espaços de discussão, os *saberes* produzidos sobre namoro virtual, por mais *verdadeiros* que sejam, podem passar por revisões e serem abandonados em detrimento de outros, construídos à luz de novas informações e conhecimentos. O que se discute sobre namoro virtual nunca é algo definitivo, mas toma a forma de hipótese;

- 4) As discussões de namoro virtual entre os internautas podem contribuir para um processo segundo o qual a *autoidentidade* é constituída pelo ordenamento *reflexivo*. Isto é, tais discussões podem vir a corroborar um *processo de construção reflexiva do eu*, uma vez que incorporam, nesses espaços, conhecimentos e informações que podem ser reconstituídos ou reorganizados de modo que os envolvidos mantenham narrativas biográficas coerentes, ainda que continuamente revisadas;
- 5) Os fóruns e enquetes desvelam que a constituição dos namoros virtuais pode estar entrelaçada pela noção de *confiança* e *risco*. Por um lado, são namoros que implicam *confiança*, visto que as relações amorosas que se tecem virtualmente, muitas das vezes, mobilizam a crença em pessoas, conferida com base em um “ato de fé” que põe entre parênteses a *falta de informação*. Por outro lado, implicam o *risco*. Pensar os namoros virtuais em termos de *risco* é vital para aferir até que ponto os resultados reais poderão vir a divergir das previsões do projeto, que muitas vezes se apresenta sob a forma de vivenciar o namoro presencialmente.

Por fim, como se pôde depreender, as características acima referidas são relevantes para pensar a natureza dos fóruns e enquetes, principalmente no que se refere às suas relações com as circunstâncias *modernas tardias*. Todavia, dessa discussão interessa-nos, ainda, dois aspectos que serão desenvolvidos a seguir: 1) as discussões de namoros virtuais podem incidir particularmente sobre aquilo que Giddens (1993, p. 116) cunhou como sendo “a situação na qual a construção do *eu* se torna um projeto reflexivo”; 2) elas podem aparecer ainda entrelaçadas pela noção de *relacionamento puro & amor confluyente*, modelo teórico desenvolvido por Giddens para pensar as relações amorosas em condições *modernas tardias*. É interessante notar que o segundo aspecto é efeito do primeiro, como veremos em breve. Ou seja, pelo fato de as relações amorosas, no contexto da *modernidade tardia*, serem de modo contínuo *reflexivamente* orientadas, torna-se possível a existência de um relacionamento tipo *puro*. Nesse sentido, “nas condições da *alta modernidade* o relacionamento puro acaba por adquirir importância fundamental para o *processo reflexivo do eu*”. (GIDDENS, 2002, p. 85, grifo nosso).

3.3 FÓRUNS E ENQUETES COMO *REFLEXIVIDADE INSTITUCIONAL*?

Giddens (1993, p. 88), ao pensar a sociedade contemporânea, parte do seguinte pressuposto: “a *reflexividade* institucional atinge virtualmente todas as partes da vida social cotidiana”. Apoiando-nos nessa argumentação, inferimos que a *reflexividade institucional*, de igual modo, incide inevitavelmente sobre o terreno amoroso. Em se tratando dos propósitos deste trabalho, ela incide, especificamente, sobre as discussões de namoros virtuais. Pretendemos considerar os fóruns e enquetes sobre namoros virtuais como elementos inerentes à *reflexividade institucional* da *alta modernidade*, visto que, na perspectiva de Giddens (2002, p. 10), “não só estudos acadêmicos, mas todo tipo de manuais, guias, obras terapêuticas e de autoajuda, contribuem para a *reflexividade* da modernidade”. É, pois, baseando-nos nessa premissa fundamental que consideraremos, guardadas as devidas proporções, que os fóruns e enquetes que discutem namoros virtuais podem contribuir para a *reflexividade* da modernidade. Esses espaços podem ser tratados como sintomas de fenômenos sociais ou tendências próprias às condições *modernas tardias*.

Pretendemos demonstrar as possíveis ligações entre discussões de namoros virtuais e *reflexividade* a partir de exemplos extraídos de fóruns e enquetes da comunidade *Conheci meu amor pela internet*. Antes, porém, é importante frisar que as discussões de namoros virtuais tão somente interagem com a noção *reflexividade* no aspecto defendido por Giddens (2002, p. 39), segundo o qual

ser humano é saber, quase sempre, em termos de uma descrição ou outra, tanto o que se está fazendo como por que se está fazendo [...]. As convenções sociais produzidas e reproduzidas em nossas atividades diárias são reflexivamente monitoradas pelo agente como parte do “seguir em frente” nas diversas situações de nossas vidas. A consciência reflexiva é característica de toda ação humana, e é condição específica daquela *reflexividade* institucional. [...] Todos os homens monitoram continuamente as circunstâncias de suas atividades como parte do “fazer o que fazem”, e esse monitoramento sempre tem características discursivas. Em outras palavras, se questionados, os agentes são normalmente capazes de fazer interpretações discursivas da natureza e das do seu comportamento.

Os fóruns e enquetes são indubitavelmente lugares onde ocorrem interpretações discursivas relativas aos sujeitos e suas ações. Por exemplo, os envolvidos são capazes de descrever *o que é* o namoro virtual e *porque* estão namorando virtualmente. Nesse sentido, as atividades que se desenvolvem nos fóruns e enquetes podem ser reflexivamente monitoradas, visto que os membros das comunidades são capazes de fazer interpretações discursivas da natureza e das razões de seu comportamento. De modo a explicitar melhor a natureza dessa

argumentação, tomemos o fórum *Como foi o encontro de vcs?*¹⁹². Existem, aí, do nosso ponto de vista, elementos próprios da *reflexividade*, tal qual abordagem de Giddens. Pormenorizadamente, concentremos atenção na resposta dada por Amanda, membro da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.

Ceguei de viagem hoje. Passei 15 dias com o meu amor em Pernambuco. Não foi muito tempo, pq da vez passada ficamos quase 2 meses juntos, mas deu para aproveitar cada segundo ao lado dele. Hoje ainda estou muio pra baixo, ouço a voz dele pelo Skype, já começo a chorar. Kkkkk. Com o tempo isso passa. A despedida é sempre muito ruim. =/ Maaaaaaaas, quando a gente se encontra, é tudo MARAVILHOSO! Sempre parece que é a primeira vez que a gente se encontra. Foi a terceira vez que a gente se encontrou, e mesmo assim eu senti um frio na barriga. No avião eu ficava pensando: como eu vou falar? "amoooooor", "ooooooooooooi amor!"... ficava pensando se eu dava primeiro o beijo e depois o abraço, ou se dava primeiro o abraço e depois o beijo. Depois o friozinho na barriga passou. Quando chegamos em casa, ele fez uma surpresa pra mim, escreveu uma carta de 3 páginas e mais uma carta de 5 metros escrito TE AMO. :D Ganhei presentes, ah... foi MARAVILHOSO!

Numa análise muito breve, percebemos que Amanda, quando questionada (*como foi o encontro de vcs?*) foi capaz de fazer interpretações bastante coerentes da natureza própria de seu namoro virtual. Notamos que ela *sabe*, em *termos descritivos*, *tanto o que se está fazendo como por que se está fazendo*: ou seja, ela *sabe* muito bem que está levando a termo um namoro com encontros físico-presenciais espaçados, porque ela *monitora reflexivamente sua ação*, compreendendo claramente que tal empresa gera sofrimentos, apesar de *saber* que essa dor passa com o tempo. Em suas próprias palavras: *Hoje ainda estou muito pra baixo, ouço a voz dele pelo Skype, já começo a chorar. Kkkkk. Com o tempo isso passa. A despedida é sempre muito ruim*. Pelo que se depreende desse fórum específico, Amanda *sabe muito bem porque mantém o namoro, mesmo com possibilidades de sofrimentos*. Segundo ela, tal relação amorosa a faz muito feliz. Assim, podemos deduzir que ela justifica, em termos discursivos, que se trata de uma relação baseada na satisfação amorosa. Outros fragmentos de entrevistas mostram a capacidade reflexiva em curso nesse espaço, em que atos, atitudes e comportamentos relacionados à relação amorosa são re-interpretados a cada instante.

¹⁹² Fórum feito por Jeane em 22/04/2010, extraído da comunidade *Conheci meu amor pela internet*.

3.4 TANGÊNCIAS ENTRE NAMORO VIRTUAL E *RELACIONAMENTO PURO*

O termo relacionamento, com significado de vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, somente chegou ao uso geral em uma época relativamente recente. Giddens (1993) utiliza a noção *relacionamento puro* para se referir a esse fenômeno: “Designo por isso um relacionamento baseado na comunicação emocional, em que as recompensas derivadas de tal comunicação são a principal base para a continuação do relacionamento”. (GIDDENS, 2007, p. 70). O *relacionamento puro* “é exclusivamente moderno”, no sentido de que “depende da *intimidade*, de uma maneira geral não característica dos contextos pré-modernos e interação social”. (GIDDENS, 2001, p. 47). É importante notar que esse sociólogo faz uso dessa noção referindo-se também às relações entre pais e filhos e de amizade, além das relações sexuais e de amor. Nós, evidentemente, a utilizaremos para nos remetermos às relações amorosas virtuais, tais quais se apresentam em fóruns e enquetes. Outro aspecto que deve ser explicitado logo no princípio diz respeito à noção de *relacionamento puro* não ser algo que existe na realidade. Trata-se de uma ideia abstrata, que ajuda a compreender mudanças que estão ocorrendo no mundo. Giddens chama a atenção para o fato de os relacionamentos sexuais e de amor hoje se aproximarem desse modelo.

Indubitavelmente, o contexto de surgimento dos *relacionamentos puros* foi marcado por profundas mudanças. Trata-se de um contexto em que as mulheres, pela primeira vez na história, reivindicaram igualdade com os homens no campo dos relacionamentos afetivo-amorosos. Nesse sentido, participaram do processo tanto as mulheres comuns, que lidam com suas vidas cotidianas, quanto os grupos conscientemente feministas. O que importa é que essas mulheres foram responsáveis por mudanças de grande e ampla importância; “estas dizem respeito essencialmente a uma exploração das potencialidades do *relacionamento puro*”. (GIDDENS, 1993, p. 10). Dois exemplos de mudanças na relação entre os sexos esclarecem bem aquilo que Giddens anuncia sobre o papel das mulheres nesse processo: 1) no comportamento amoroso frente à virgindade; 2) na emergência da *sexualidade plástica* – não necessariamente reprodutiva. A virgindade antes do casamento era bastante valorizada, por ambos os sexos. Poucas garotas revelavam o fato de permitirem a um namorado uma relação sexual completa. Em contrapartida, quando observamos a atividade sexual hoje, vemos que ela mudou radicalmente. As garotas acreditam que têm o direito de se envolver na atividade sexual em qualquer idade que lhes pareça apropriada. Ademais, foi através da emergência da *sexualidade plástica* que “a sexualidade tornou-se maleável, sujeita a ser assumida de diversas maneiras, e uma *propriedade* potencial do indivíduo”. (GIDDENS, 1993, p. 19).

A noção de *relacionamento puro* comparece, aqui, para nomear a situação em que as relações sociais, incluindo as afetivo-sexuais, são valorizadas pela satisfação intrínseca que proporcionam aos indivíduos em interação. Entretanto, quando circunscrito, exclusivamente, à dimensão afetivo-sexual, o *relacionamento puro* seria uma *nova* forma de estruturar a *intimidade*, sem a mediação necessária do casamento ou com o casamento assumindo um significado diferente. De igual importância é o entendimento de Giddens a respeito do *amor confluyente*. Este último, junto com o *relacionamento puro*, associa-se a uma *sexualidade plástica*, na qual a autonomia dos indivíduos estrutura um novo *projeto reflexivo do eu*, centrado em práticas democráticas, independentemente de sexo, gênero, orientação sexual ou estado civil dos parceiros envolvidos.

O *relacionamento puro* tem uma dinâmica completamente diferente da de tipos mais tradicionais de laços sociais. Depende de processos de confiança ativa – a abertura de si mesmo para o outro. Franqueza é a condição básica da *intimidade*. O *relacionamento puro* é implicitamente democrático. (GIDDENS, 2007, p. 70, grifo nosso).

A respeito da prerrogativa segundo a qual os *relacionamentos puros* são norteados por princípios democráticos, esclarece Giddens (2007, p. 72, grifo nosso):

Quando aplicamos esses princípios – como ideais – a relacionamentos, estamos falando de algo muito importante – a possível emergência do que chamarei de uma *democracia das emoções* na vida cotidiana. Uma *democracia das emoções*, ao que me parece, é exatamente tão importante quanto a democracia pública para o aperfeiçoamento da qualidade de nossas vidas.

Em outras palavras, a igualdade sexual não é apenas um princípio essencial da democracia. Ela é necessária para a felicidade e para a realização pessoal. Quanto ao conceito de *democracia das emoções*, ele precisa ser mais bem explicitado. O sociólogo Scott Lash (1997, p. 243, grifo do autor) sintetiza bem aquilo que Giddens queria dizer, vejamos:

Giddens fala de uma “democracia as emoções” baseada em um “princípio de autonomia” recentemente pós-tradicional, baseado, por sua vez, em uma “capacidade de alguém representar os próprios interesses” e na “possibilidade de resolver os conflitos de interesses através do diálogo”. Ele vê o relacionamento emocional como uma “área subpolítica”, cujas “tendências democratizadoras” estão ligadas à “confiança ativa” baseada em “reflexividade, autonomia e diálogo”.

Resumindo, destacamos as principais características que fundam a ideia do *relacionamento puro*. Apresentemos as cinco principais: 1) “é buscado apenas pelo que a

relação pode trazer para os parceiros envolvidos” (GIDDENS, 2002, p. 88); 2) “é reflexivamente organizado. [...] O autoexame [*como estou? Como me sinto em relação ao outro? Está tudo bem conosco?*] inerente ao relacionamento puro claramente se liga muito de perto com o projeto reflexivo do eu”. (GIDDENS, 2002, p. 89). Em outras palavras, o relacionamento puro “é um ambiente-chave para construir o *projeto reflexivo do eu*, pois tanto permite quanto requer a autocompreensão organizada e contínua – o meio de assegurar um laço duradouro com o outro” (GIDDENS, 2002, p. 172); 3) “enfoca a intimidade, que é uma condição principal de qualquer estabilidade de longo prazo que os parceiros logrem atingir” (GIDDENS, 2002, p. 91); 4) “o compromisso tem um papel central nos relacionamentos puros” (GIDDENS, 2002, p. 89) e não pode existir sem os elementos substanciais de reciprocidade; na medida em que uma relação depende de referentes outros, “ela só é normalmente mobilizada pela *autenticidade*: a pessoa autêntica é aquela que conhece a si mesma e é capaz de revelar esse conhecimento à outra, discursivamente e na esfera do comportamento” (GIDDENS, 2002, p. 173); 5) “depende da confiança mútua entre os parceiros”. (GIDDENS, 2002, p. 92).

Os argumentos precedentes foram importantes para a formulação das ideias a serem defendidas nesse ponto. Especificamente, queremos defender a seguinte argumentação: o namoro virtual pode apresentar-se como uma expressão do *relacionamento puro*, relacionando-se, conseqüentemente, também ao *amor confluyente*. Desenvolvendo melhor: por um lado, tanto o *relacionamento puro* quanto o namoro virtual supõem uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, isto é, pelo que pode ser derivado por cada pessoa na manutenção de uma associação com outra e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, a fim de nela permanecerem. Por outro, os namoros virtuais relacionam-se ao *amor confluyente*, sobretudo, no aspecto em que ele

presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. Neste momento, o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro. (GIDDENS, 1993, p. 73).

Nunca é demais enfatizar que o *amor confluyente* desenvolve-se como um ideal. (GIDDENS, 1993). Ainda assim, é necessário explicitar melhor a natureza da relação namoro virtual e *relacionamento puro/amor confluyente*. Desse modo, tomemos as cinco características

acima, que tratam dos relacionamentos puros, de modo a cotejá-las com trechos de entrevistas feitas através da comunidade da pesquisa *Compreendendo amores virtuais*. São relatos paradigmáticos que, em certo sentido, trazem elementos que se assemelham às características do modelo *relacionamento puro*. No que se refere à primeira característica, podemos destacar o aspecto das satisfações que eles apresentam como necessárias para se manter o namoro virtual. Elas, por exemplo, giram em torno das seguintes afirmativas: *conhecer completamente a pessoa antes de se envolver definitivamente; as brigas são raridades; a saudade faz com que o amor só aumente; há liberdade de se expressar, você acaba falando tudo que pensa*¹⁹³. Nesse modelo geral, tais recompensas podem ser a base para a manutenção de boa parte dos namoros. Com relação à segunda característica – aquela que enfatiza o caráter *reflexivamente organizado* dos relacionamentos puros –, destacamos um trecho da entrevista em que Carlos¹⁹⁴ parece refletir acerca da relação de diferença entre namoros presenciais e namoro virtual. O que está em jogo nessa distinção é sua capacidade de fazer referência ao próprio namoro. Nesse sentido, chega à seguinte conclusão: namoro virtual depende de *convivência e conhecimento do outro*. Vejamos:

Podemos definir namoro real assim: nem sempre é namoro e sim o famoso "fica" que é algo tão ruim, pois sempre um sai magoado e se sentindo usado. A maioria das vezes as mulheres. Às vezes é tão frio, as pessoas dão um beijo e ficam uma semana se vendo duas vezes no dia e depois acham que estão prontas para um namoro, sem se preparar e sem se conhecerem. Isso é um dos fatores que tem aumentado o número de divórcios no mundo: falta de convivência e conhecimento no outro. Namoro assim como nós que estamos aqui nessas questões da vida é onde temos tempo de conhecer melhor, aprender a analisar as situações que os dois vivem, unir as ideias e resolver. Há briga normal como no namoro real, mas temos tempo de nos entender sem magoar com ofensas.

Na terceira característica, namoro virtual e *relacionamento puro* assemelham-se quanto à dimensão *compartilhamento da intimidade*. Segundo os relatos sobre namoros virtuais produzidos por aqueles que os mantêm, estes dizem respeito a um relacionamento que somente é possível através das inúmeras conversas que se estabelecem entre eles, sendo a construção da *intimidade* uma das principais consequências de tais conversas. Conforme as entrevistas, eles *conversam sobre tudo: sobre planos e metas que realizaram juntos, sobre suas vidas, sobre decisões que tomarão juntos, etc.*¹⁹⁵. Através das conversas, têm a chance de

¹⁹³ Entrevista cedida por Mônica em junho de 2010, extraída da comunidade *Compreendendo amores virtuais*.

¹⁹⁴ Em entrevista extraída da comunidade *Compreendendo amores virtuais*, em junho de 2010.

¹⁹⁵ Entrevista cedida por Laura em julho de 2010, através de fóruns da comunidade da pesquisa *Compreendendo amores virtuais*.

*conhecer a pessoa intimamente antes de tocá-la*¹⁹⁶. O quarto e o quinto sentidos referem-se, respectivamente, ao *compromisso* e à *confiança*. Tomemos, mais uma vez, trechos da entrevista de Carlos¹⁹⁷, em que ele traz as noções de *compromisso* e *confiança* e as associa ao seu próprio namoro.

Em minha opinião é mais fácil encontrar um "namoro virtual" (com as aspas mesmo). Pois, nem sempre sabemos quem está do outro lado, quem é a pessoa de verdade, podemos estar sendo enganados ou iludidos por alguém mal intencionado... Vemos isso sempre na TV, casos e mais casos e não se sabe "quem é quem". Aaaaaaaaagora COMPROMISSO VIRTUAL é outra coisa, é quando você passa a conhecer a pessoa por pequenos detalhes, quando sentimos mesmo o carinho e o afeto da outra, quando nos baseamos em fatos reais, em pessoas reais que conhecem com quem nós temos contato, com a família dessa pessoa e sempre acima de tudo confiança verdadeira só se dar quando a pessoa merece, e a minha namorada mereceu desde o início e por isso jamais deixei de acreditar na maravilhosa mulher que ela é.

No que concerne ao aspecto acima defendido – namoro como uma possível expressão dos *relacionamentos puros* –, é necessário chamar a atenção para uma dimensão importante, de modo a não gerar confusões. Embora estejamos tomando as discussões de namoro virtual como, majoritariamente, norteadas por uma gramática amorosa romântica (demonstramos isso no capítulo II; no capítulo IV, veremos que é esse o enfoque dado para se pensar as narrativas), isso não invalida ou nos impede de pensar os namoros virtuais como reflexos desse modelo teórico desenvolvido por Giddens. Em outras palavras, queremos enfatizar que é numa leitura apressada das formulações de Giddens que se pode chegar a conclusões equivocadas, principalmente no que se refere à perspectiva segundo a qual os *relacionamentos puros* se impõem radicalmente aos ideais românticos, o que é verdade apenas em parte, pois numa leitura mais cuidadosa veremos que eles (*relacionamento puro* e amor romântico) se entrecruzam. Para finalizar, passemos a discorrer sobre tais relações.

Conforme Giddens (1993), o amor romântico não se opõe diretamente ao *relacionamento puro*, muito embora também permaneça em tensão em relação a ele. Nesse debate, o autor argumenta que, na ascensão do amor romântico, encontram-se as origens do *relacionamento puro*, no sentido de que, tal qual esse formato de relacionamento, “o amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo”. (GIDDENS,

¹⁹⁶ Entrevista cedida por Mônica em junho de 2010, através de fóruns da comunidade da pesquisa *Compreendendo amores virtuais*.

¹⁹⁷ Entrevista cedida em junho de 2010, através de fóruns da comunidade da pesquisa *Compreendendo amores virtuais*.

1993, p. 10). Teria sido “a ideia do amor romântico” o fio condutor da constituição dos *relacionamentos puros*. (GIDDENS, p. 1993, p. 69). Convém explicitar melhor em que sentido relacionam-se amor romântico e *relacionamento puro*. Pelo menos em três sentidos essa relação se verifica: 1) no que se refere à narrativa para uma vida individual; 2) no que concerne à liberdade; e, por fim, 3) pela demanda por *reflexividade*. No que diz respeito à primeira correlação, diz-nos Giddens (1993, p. 50), “o amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual. Contar uma história é um dos sentidos do *romance*, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o *eu* e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos”.

Quanto à segunda, assevera Giddens (1993, p. 50), “o complexo de ideias associadas ao amor romântico pela primeira vez na história vinculou amor com liberdade, ambos sendo considerados como estados normativamente desejáveis [...]. Os ideais de amor romântico inseriram-se diretamente nos laços emergentes entre liberdade e autorrealização”. A última relação a se estabelecer é aquela sobre a questão da *reflexividade*: “o amor romântico presume algum grau de autoquestionamento. Como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que nossos sentimentos são *profundos* o bastante para suportar o envolvimento prolongado?” (GIDDENS, 1993, p. 56). Queremos dar destaque, finalmente, ao fato de que os relacionamentos puros assemelham-se aos namoros virtuais em pelo menos dois sentidos, vejamos: 1) no sentido da confiança, que “só pode ser mobilizada por um processo de mútua revelação”, e do compromisso “que deve entendido como um fenômeno do sistema internamente referido: é um compromisso com a relação enquanto tal, assim como com a outra ou as outras pessoas envolvidas” (GIDDENS, 2002, p. 14); 2) no sentido do término da relação. Tanto os *relacionamentos puros* quanto os namoros virtuais podem ser terminados mais ou menos à vontade por qualquer dos parceiros em qualquer momento particular.

CAPÍTULO IV: NAMORO VIRTUAL E NARRATIVAS

Por ocasião deste capítulo, reiteramos que esta pesquisa não trata da natureza das relações de namoro virtual propriamente dita. Ocupamo-nos das discussões sobre namoros virtuais tais quais elas se apresentam em fóruns e enquetes do Orkut. Duas observações serão levadas em conta ao longo de todo este capítulo: 1) nas discussões sobre namoros virtuais predomina, em grande maioria, o uso do texto escrito. Dada a própria natureza dos fóruns e enquetes, essa escrita nunca tem sentido fixo, imutável e universal, pois o significado é sempre negociado entre uma *proposta* (pelo autor da postagem) e uma *recepção* (pelo leitor); 2) as discussões sobre namoros virtuais serão tratadas aqui enquanto *narrativas*, razão pela qual os membros das comunidades que as produzem serão considerados, alternadamente, *narradores* e/ou *receptores*, na medida em que não somente organizam sua própria experiência amorosa *on-line* na primeira pessoa do singular, como também a publicam dando, aos demais, a possibilidade de lerem e comentarem, pois são aos membros dessas comunidades a quem se destinam tais produções; nesses espaços, ora narram suas histórias, ora leem as de outrem. O contínuo exercício de elaboração de *postagens*, leituras e comentários sobre namoros virtuais contribui para um constante processo de produção de *narrativas*. Malgrado o caráter de obviedade dessa constatação, faz-se necessário demonstrar, aqui nos intróitos, em que medida as discussões de namoros virtuais podem ser consideradas de fato *narrativas*.

Em nossa abordagem, há dois conjuntos de argumentos que justificam o emprego do termo *narrativas*. Elas podem ser assim classificadas, primeiramente, porque tomam do discurso narrativo seus princípios de organização e coesão. Para Delory-Momberger (2008, p. 37), esses princípios apresentam-se sob a forma do seguinte esquema: “sucessão e causalidade, síntese das ações e das funções, dinâmica transformadora entre sequências de abertura e fechamento, orientação e objetivo”. Para melhor compreendermos esse esquema, utilizaremos o *discurso narrativo* apresentado em uma postagem, de modo a melhor visualizar a proposição que adotamos.

Só acreditam nessa estória quem realmente acredita em AMOR.. [orientação e objetivo] conheci meu grande amor pela internet, em um chat de bate papo (chat rosarianos). Foi naquele dia onde tudo mudou, no começo fiquei um pouco insegura, pois ele morava em São Paulo e eu em Santa Catarina, mas com o tempo me fortaleci na relação... Bom, começamos a namorar e três meses depois marcamos um encontro... quando nos vimos, me deu a certeza maior ainda de que, é

ele quem eu sempre esperei, exatamente como eu imaginava [Sucessão e causalidade narrativa]. Enfim, o primeiro encontro que durou apenas um dia, já foi o suficiente pra mim saber que era com quem eu queria construir uma família. A saudade, a distância não abalou nossa relação, pelo contrario cada vez mais nos amamos. Os meses passaram e íamos nos encontrando, cada encontro era mais intenso [Síntese das ações e das funções]. Até que em dezembro de 2009 fui conhecer a família dele, porque até então só ele conhecia a minha, fiquei na casa dele umas semanas, e então depois que conheci os familiares dele, viemos juntos para Santa Catarina, e estamos morando juntos desde então. O resultado de isso tudo é que vamos ter uma linda menina, que se chamará Ana Luísa, estou muito feliz, encontrei o grande amor da minha vida e vou ter um fruto desse amor¹⁹⁸ [dinâmica transformadora entre sequências de abertura e fechamento].

Nesse fragmento de discurso estariam, em princípio, presentes todos os ingredientes de uma narrativa: o narrador, em primeira pessoa, que promete contar a história de sua vida ou trechos dela, que coincide, segundo informa, com a história de sua transformação (ela chega ao casamento e está grávida). A esse respeito, três aspectos devem ser destacados. Um refere-se ao fato de que todas as narrativas de namoros virtuais por nós estudadas apresentam o narrador como principal protagonista. Outro aspecto concerne à natureza própria dessas narrativas: amarrada ao presente de sua enunciação, ao mesmo tempo meio e fim de uma interação, a narrativa de vida amorosa *on-line* nunca é *de uma vez por todas*¹⁹⁹. Ela se reconstrói a cada uma das enunciações e reconstrói com ela o sentido da história que enuncia. Essa história, por definição, nunca está *acabada*. Trata-se, desse modo, de uma matéria movente e transitória que se recompõe sempre no momento em que é enunciada. O último aspecto a considerar é o fato de que a vida, segundo a abordagem²⁰⁰ que estamos adotando, somente passa a existir como tal quando assume seu caráter narrativo. Nessa perspectiva, são as narrativas que fazem de nós o próprio *personagem* de nossa vida; são elas, enfim, que guarnecem uma história à nossa vida.

Nesse ponto, convém enfatizar que as narrativas produzidas sobre namoros virtuais constituem-se em uma nuance importante dos fóruns e enquetes, uma vez que 1) conferem papéis aos *personagens* das histórias contadas, definindo posições e valores entre eles; 2) constroem, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa e finalidade; 3) polarizam as linhas dos enredos entre um começo, um fim e uma conclusão; 4) transformam a relação de sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; e, por fim, 5) compõem uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar,

¹⁹⁸ Postagem feita por Eliana, membro da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, no fórum intitulado *Quem casou com o amor da net?*, elaborado por João em 05/12/2009.

¹⁹⁹ Nem nas narrativas presenciais. É que aqui parece que tudo ganha uma velocidade outra.

²⁰⁰ Veremos em breve que a abordagem aqui sugerida é aquela que se baseia nos pressupostos do Paul Ricoeur (1991, 1994, 1995, 1997, 2002).

segundo sua contribuição na relação da história contada. A partir dessas cinco dimensões, pode-se ressaltar que as narrativas de namoros virtuais estão intimamente ligadas à vida cotidiana dos fóruns e enquetes. Elas não somente ajudam a organizar o tumultuado fluir da própria experiência amorosa *on-line*, mas também estabilizam o *espaço* e ordenam o *tempo*. Elas realizam sobre o material *indefinido* da experiência vivida um trabalho de homogeneização, ordenação e funcionalidade significante: reúnem, organizam, tematizam os acontecimentos da existência, dando sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico.

Um segundo conjunto de argumentos que sustentamos para o emprego do termo *narrativa*, aplicado às discussões de namoros virtuais, reside na seguinte prerrogativa: tais narrativas revelam a contiguidade entre *fato* e *ficção*, que nunca se opõem, mas se complementam e se iluminam. Trata-se de uma perspectiva em que *ficção* e *não ficção* não remetem a territórios nitidamente separados, ou seja, os fóruns e enquetes mostram experiências *reais* de namoros virtuais, sendo, ao mesmo tempo, ficcionais e (auto)referenciais. Essas narrativas incitam a abandonar os rígidos binários entre *fato* e *ficção*. Tal prerrogativa reclama uma melhor explicitação. Assim, os seguintes questionamentos impõem-se: como se apresenta a relação entre *fato* e *ficção* nas narrativas de namoros virtuais? São elas *falseamentos* da realidade? Não há dúvida de que os membros que produzem, nos fóruns e enquetes, discussões de namoros virtuais estejam falando a *verdade*; porém, o que está em jogo é que essa *verdade* reside numa zona de fronteira indefinida, acessível somente nos interstícios entre *fato* e *ficção*.

Neste capítulo, estamos argumentando que os eventos narrados nos fóruns e enquetes não constituem automaticamente a *verdade tal qual aconteceu*; eles são transformados na *narrativa* por meio da interpretação dada pelo próprio narrador. É nesse sentido que se apresenta a relação entre *fato* e *ficção*. Ao interpretar o mesmo evento, uma pessoa pode representá-lo tragicamente, enquanto outros podem representá-lo cômica, romântica ou satiricamente. As histórias de namoros virtuais são relatadas através de técnicas análogas àquelas utilizadas pelo *ficcionista*. Em outras palavras, a forma da narrativa não é intrínseca aos eventos descritos nos fóruns e enquetes, mas depende das escolhas feitas pela atividade mediadora do *narrador* ao constituí-los. Assim, para comunicar os eventos vividos, o *narrador* se serve de uma estrutura discursiva e de técnicas narrativas, tais como num enredo. A narrativa de namoros virtuais não é uma reprodução transparente dos eventos vividos na concretude, mas uma estrutura simbólica que explora as analogias entre os eventos reais e as estruturas convencionais que se usam nas ficções.

Portanto, a narrativa de namoro virtual não é vista, nesta pesquisa, como uma reconstrução indiscutível e acabada do que realmente aconteceu, mas como um texto mediado pela *subjetividade* do narrador, isto é, uma representação parcial, portanto, aberta ao mesmo escrutínio interpretativo que um texto qualquer. Em consonância com essa perspectiva, toda história narrada nos fóruns e enquetes do Orkut está intimamente entrelaçada pela *ficção*, pela *fabulação*, por mais que verossimilmente tudo seja de fato *real*, tudo tenha realmente acontecido. O que é importante aqui é que a ficção se organiza a partir da própria vivência; assim, lançando mão da ficção, o autor nos fóruns e enquetes recria sua história e a transforma em uma história real.

Decerto, os argumentos precedentes atestam que as discussões de namoros virtuais, tais quais se apresentam nos fóruns e enquetes, constituem-se em *narrativas*. Dois foram os argumentos empregados: 1) são narrativas na medida em que se constituem por meio de princípios de organização e de coesão: *sucessão e causalidade, síntese das ações e das funções, dinâmica transformadora entre sequências de abertura e fechamento, orientação e objetivo*; 2) são narrativas na medida em que se constituem na relação entre *fato e ficção*. A partir disso, precisamos, ainda, responder a duas questões fundamentais para esta pesquisa, quais sejam: a) como os namoros virtuais apresentam-se nessas narrativas? b) De que elementos são constituídas tais narrativas? Ao respondê-las, estaremos dando conta de outra questão também importante para os propósitos deste trabalho, a saber: quais são as especificidades das narrativas produzidas nos fóruns e enquetes?

No que respeita à primeira questão, *como os namoros virtuais apresentam-se nessas narrativas?*, nossa análise empírica observa que: a) os namoros virtuais são descritos nos fóruns e enquetes como uma união quase *perfeita*, em que os *apaixonados* exaltam o valor da experiência de fusão ou êxtase na relação com o outro; b) os namoros virtuais são tomados como algo *irracional* ou *inevitável*, cujos envolvidos apostam na espontaneidade do sentimento que seria, a princípio, invulnerável aos resultados de deliberações, decisões e ações racionalmente orientadas; c) são namoros norteados por normas ideais de experiência amorosa, ou seja, baseados na *crença amorosa romântica*; e, por fim, d) são considerados responsáveis por uma *intensa expressão de felicidade*. Em resumo, os namoros virtuais apresentam-se, nessas narrativas, como uma relação que reúne todas as qualidades concebíveis, sendo vistos como padrão ideal de relação – incomparável, irrepreensível, sem

defeitos. É uma união concebida nos moldes do ideal de amor romântico, aparentemente sem intervenção da *razão*, parecendo atingir o mais alto grau na escala dos valores morais e sociais, cujo resultado imediato é a *felicidade*.

De que elementos são constituídas tais narrativas? Conforme nossa análise empírica, são narrativas formadas por uma estrutura tríplice formada com a participação: 1) de representações do ideal de amor romântico; 2) da presença da figura do apaixonado(a); 3) de expressões da felicidade amorosa. Esses três elementos irredutíveis surgem nas narrativas enquanto *perfeições ontológicas*. Nelas, o *apaixonado* vive o *amor romântico* e o *namoro virtual* como *último refúgio do aconchego, da espontaneidade e da entrega altruísta*. (COSTA, 1998). São narrativas em que o *amor romântico* é uma palavra semanticamente articulada a outras, como *prazer, bem-estar, conforto, felicidade, boa vida, alegria, belo, verdadeiro, supremo bem, satisfação emocional*. Dessa forma, os enamorados exacerbam o sentimento de amor como se ele fosse o responsável pela felicidade eterna do parceiro e por sua exclusividade. Comumente, encontramos relatos nos quais o outro é o motivo da sua vida, a razão da sua existência, que o sentido de um está na existência e na presença do outro. Há um empoderamento do sentimento amoroso como algo grandioso, mágico, que atravessa o tempo e o espaço como uma força intensa. Enfatizamos que o ponto crucial desse tipo de relato paira na forma como o amor romântico é idealizado e materializado nas relações amorosas e não no sentimento em si.

Em resumo, as narrativas por nós estudadas desvelam características próprias aos namoros virtuais, tal como interpretam aqueles que os vivem. Elas são frutos de traduções pessoais. Os namoros virtuais são descritos enquanto relações amorosas *inevitáveis, as quais não podem explicar, porque é obra do acaso*. Eles são também tomados enquanto uniões *sem defeitos, quase perfeitas, melhor*, que são vividas sob a égide do *amor romântico* e são *expressão de felicidade*. Nesse sentido, mostra-se a estrutura tríplice dessas narrativas sendo um conjugado no qual se revelam traços do *amor romântico*, a pessoa do *apaixonado(a)* e a noção de *felicidade*. De modo a exemplificar o que estamos afirmando, notemos como aparece no fórum abaixo essa ideia de namoro virtual por eles descrita, bem como os três elementos formadores das narrativas. No fórum que se apresenta a seguir, fica patente a expressão de um namoro que se instituiu, de acordo com seus participantes, *totalmente por acaso, que mais perfeito não há, uma vez que são o amor da vida um do outro e por essa razão estão felizes*.

Fórum: Você procurava seu amor pela net ou foi por acaso?²⁰¹

*Totalmente por acaso... eu adorei a foto do perfil dele, por isso o adicionei... e ele me encontrou em 3 comunidades e ficou com o meu perfil aberto por horas antes de me adicionar!!! Detalhe: nenhum dos dois costumava adicionar desconhecidos! Um ano depois viajei até Niterói já com a intenção de ficarmos juntos e foi o melhor início de ano da minha vida. Namoro mais perfeito não há... hoje sabemos que somos o amor da vida um do outro e nada muda esse amor todo!!!! Somos muitos felizes. (Rita, membro da comunidade *Conheci meu amor pela internet*).*

Na perspectiva que estamos trabalhando, o amor romântico não se constitui somente em uma construção social, mas também é o resultado de um processo histórico de elaboração de um sentido particular construído pelas pessoas. Trata-se de uma construção singular em que há sempre uma defasagem manifesta entre sua representação coletiva idealizada e a maneira específica com que cada um o vive. Nos namoros virtuais, o ideal de amor romântico continua tendo peso preponderante na construção dos afetos e é vivido de forma individual por cada um. Alguns traços característicos do ideal de amor romântico encontram-se presentes nessas narrativas, como, por exemplo: a idealização *mística* da união e do parceiro, a ausência de percepção de mudanças, a visão da relação centrada numa proximidade apriorística (a cumplicidade advém de uma semelhança de alma), o relevo dado à complementaridade de gênero. De maneira geral, a presença do ideal de amor romântico surge nessas narrativas sob a forma das seguintes expressões:

- 1) Constitui a última fonte geradora das utopias de transformação e ruptura da ordem cotidiana;
- 2) É algo universal, natural e pré-requisito de autorrealização pessoal;
- 3) Trata-se de um sentimento que vem *a nós* e não *de nós*;
- 4) O *apaixonar-se* acontece como um *golpe de raio*, ou seja, *à primeira vista*;
- 5) É uma emoção que conjuga aliança e companheirismo;
- 6) Experiência marcada pela forte tensão entre o *dever e o amor, amor e razão, amor e destino, amor e liberdade*;
- 7) Promete ao indivíduo o reconhecimento pleno de sua singularidade, incluídas aí todas as dimensões, particularidades e mesmo idiossincrasias pessoais;
- 8) É condição da felicidade, sendo que os sujeitos são estritamente responsáveis por ela, independentemente da conjectura social, política e econômica *imposta*;
- 9) Há a crença na existência de uma *pessoa certa* no mundo à espera desse amor. Exemplos de locuções da linguagem corrente: *em algum lugar eu o encontrarei* ou *em algum lugar do mundo ela está esperando por você*;
- 10) *O amor tudo vence*. As narrativas mostram que dificuldades do tipo ausência da presença física imediata ou mesmo diferenças sociais, culturais, religiosas ou econômicas não são motivos de desajustamentos nas relações virtuais.

²⁰¹ Postado por Beto, também membro da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, em 18/11/2008.

Nessas expressões, o *amor romântico*, o *apaixonado* e a *felicidade* são elementos que coexistem sem conflitos. Doravante, queremos dar destaque às constatações, a partir das narrativas dos internautas, a que chegamos: 1) as narrativas de namoros virtuais dizem respeito a percursos de vidas amorosas, sendo retrospectivas e prospectivas, pois falam de eventos vividos no passado, sonham com o que pode vir a ser e supõem que o futuro será seguro o bastante para que as promessas feitas possam ser cumpridas; 2) encontra-se nas narrativas de namoro virtual um discurso a respeito do esforço despendido pelos amantes a fim de que o namoro virtual seja profícuo e duradouro, colando à imagem do sentimento amoroso a noção de imortalidade. Elas estão regidas por uma idealização que se estende aos seguintes aspectos: a ideia de intensidade (em si mesmo e no outro, para quem o amor se destina), a concepção de completude, de eternidade e de entrega; 3) o amor romântico se expressa nas narrativas de namoros virtuais como um vínculo com o outro que não conhece desejo mais ardente que a vontade de conduzir a própria vida no corpo da pessoa amada; 4) o amor nas narrativas é entendido predominantemente como felicidade que recompensa a vida, uma vez que é sempre bom e justo. Ganha ainda mais centralidade para a existência do sujeito: não é mais uma possibilidade entre outras, mas constitui a justificação de sua existência.

O esforço por responder as questões – *como os namoros virtuais apresentam-se nas narrativas? que elementos as constituem?* – levou-nos a uma descoberta bastante interessante. Observamos que os fóruns e enquetes são compostos majoritariamente por *histórias de namoros virtuais felizes*, embora seja evidente que as histórias malogradas também fazem parte desse conjunto, apenas com menor expressão, resultando daí sua principal especificidade. São narrativas particulares cujo enfoque dado pelos membros das comunidades recai sobre as histórias de namoros virtuais consideradas *bem-aventuradas*, isto é, o que se observa nesses fóruns e enquetes é a predominância de histórias cujo desfecho revela-se *exitoso*, de *resultado satisfatório*, *feliz*. Os *narradores* elegem as histórias de namoros virtuais consideradas *bem-sucedidas* como dignas de serem retratadas. É a partir dessas formulações que defenderemos neste capítulo a tese segundo a qual as narrativas de namoros virtuais são um misto de *fato* e *ficção*.

Elas encontram-se norteadas pela relação entre *fato* e *ficção*, na medida em que são narrativas tecidas com empréstimo tanto do *imaginário romântico* quanto da própria experiência amorosa vivida. Em outras palavras, o que se vê nessas discussões de namoros virtuais é um autor que se faz *herói* da sua própria história, organizada em torno de sua própria existência, por vezes recorrendo aos preceitos do ideal de amor romântico para contar sua experiência particular de namoro virtual. Apesar disso, nossa argumentação é a de que os fóruns e enquetes que discutem namoros virtuais não constituem uma coleção de *inventiones sentimentais*. Trata-se antes de narrativas formadas a partir de dois elementos complementares: de um lado, a *face ficcionalizada*, cuja história é *colorida* e *expressada* por sentimentos edificantes que se referem ao ideal de amor romântico e à ideia de felicidade amorosa; de outro, a *face do fato vivido*, que é conivente com a experiência concreta vivida na relação. Em suma, esse misto de *fato* e *ficção* é parte integrante da experiência amorosa expressada nos fóruns e enquetes, a qual pode trazer muitas vantagens emocionais a quem ama. O desdobramento dessa discussão será mais bem explicitado nas terceira e quarta partes deste capítulo. Doravante, discutiremos duas noções que parecem válidas num debate sobre narrativas de namoros virtuais: *escrita de si* e *romance*. Elas serão problematizadas, respectivamente, a partir das formulações de Foucault (1992, 1988, 2006), Gaulejac (2000a, 2000b, 2004-2005 2009), Enriquez (2004-2005, 2009) e Illouz (2007, 2009, 2010).

4.1 ESCRITA DE SI E DISCUSSÃO DE NAMORO VIRTUAL

As produções ligadas aos fóruns e enquetes são, fundamentalmente, baseadas na atividade da escrita. O uso maciço do texto digitalizado é um dos elementos que os constituem como eles se encontram atualmente. Nesse sentido, queremos dar ênfase a cinco diferentes aspectos: 1) nos fóruns e enquetes, os participantes valem-se de uma escrita para *se expressarem* e para se constituírem enquanto *sujeitos*, sobretudo, sujeitos que *namoram virtualmente*; 2) a escrita praticada nesses espaços dá *existência* à vida amorosa virtual; 3) trata-se de uma escrita que expressa nuances próprias a uma *temporalidade* vivida nos namoros virtuais; 4) é uma escrita em que aparecem ao mesmo tempo a experiência amorosa *on-line* e o autor dos escritos; 5) escrever nos fóruns e enquetes está ligado ao *mostrar-se*, ao *dar-se a ver*. É, pois, com base nesses cinco aspectos que tendemos a classificar a escrita nesses fóruns e enquetes como uma *escrita de si*. Por *escrita de si* estamos nos referindo, especificamente, a um processo de escrita no qual o autor fala de sua própria vida, de seus

sentimentos, pensamentos, crenças, valores etc., tendo como objetivo expor questões sobre ele mesmo.

A esse respeito, esclarecemos que a *escrita de si* de que trata este trabalho não se situa na perspectiva problematizada, por exemplo, pelos estudos do Michel Foucault (1988, 1992, 2006). Embora nos seja atraente, a empiria de nosso trabalho nos faz afastar dessa problematização. Contudo, ela nos serve para mostrar que a natureza da *escrita de si* dos fóruns e enquetes está mais próxima ao *mostrar-se*, ao *dar-se a ver*, não se tratando, portanto de uma *regra de conduta social*. Passaremos em revista, brevemente, alguns apontamentos de Foucault que confirmam nossa proposição, segundo o qual, na Antiguidade, a *escrita de si* destacava-se como uma prática indispensável de constituição da *subjetividade* e do *trabalho sobre si*. É evidente que ela assim não ocorre nos fóruns e enquetes. Ao contrário, surgia como uma das atividades constitutivas das *estéticas da existência* ou *artes do viver*, isto é, como uma das *tecnologias* pelas quais o indivíduo se elabora. Ao se remeter às maneiras pelas quais os antigos gregos e romanos investiram na produção da subjetividade, na formação dos jovens e na noção de cidadania, de um modo superiormente distinto do que impera no mundo moderno, Foucault (1992, 2006) assinala com persistência as diferenças que separam antigos e modernos. Ao contrário de visar à fabricação de *corpos dóceis* por uma *pedagogia do corpo* e dos sentidos que pregam a passividade, a obediência e a submissão, os gregos e romanos criaram técnicas de *constituição do eu*, as *artes do viver*, que abrangiam, dentre outras tantas, a conquista da *temperança*, isto é, do equilíbrio entre o lado racional e o emocional do indivíduo por um cauteloso trabalho diário²⁰².

No famoso texto *A escrita de si*, Foucault (1992) reconstrói o trajeto do modo do *falar de si* em documentos que tiveram origem na cultura greco-romana e que revelavam a escrita concebida como *exercício do eu*. Segundo o próprio autor, “estas páginas fazem parte de uma série de estudos sobre *as artes de si mesmo*, isto é, sobre a estética da existência e o *governo de si* e dos outros na cultura greco-romana, nos dois primeiros séculos do Império”. (FOUCAULT, 1992, p. 129). Como muito bem demonstra esse texto, na Antiguidade greco-romana, o *eu* não era apenas um tema sobre o qual escrever, longe disso, a *escrita de si* contribuía, miudamente, para a *formação de si*. Com base nesses pressupostos, Foucault (1992, 2006) argumenta que de todas as formas de *askêsis*, ou seja, do *treino de si por si*

²⁰² Nessa cultura, *ser belo* denotava ser temperante, ser capaz de agir com autonomia, ou, em outras palavras, não ser escravo de outro. Foucault (1992, 2006) esclarece que, na Antiguidade, a vontade de ser um sujeito moral e a busca de uma *ética da existência* eram principalmente um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida certa forma, na qual era possível se reconhecer e ser reconhecido pelos outros.

mesmo, focado na *arte de viver* (abstinências, meditações, exames de consciências, memorizações, silêncio e escuta do outro), a *escrita para si* e para o outro exerceu um papel considerável por muito tempo. A escrita enquanto exercício pessoal, coligada ao pensamento sobre si mesmo, constituía uma etapa essencial no processo para o qual tendia toda a *askêsis*.

Ainda, seguindo Foucault (1992, p. 130), nos séculos I e II, a *escrita de si* se apresentava sob duas formas principais: “os *hypomnêmata* e a correspondência [cartas]” (cartas). Os *hypomnêmata*, isto é, as cadernetas individuais nas quais se anotavam citações, fragmentos de obras, reflexões ou pensamentos ouvidos, eram como “tesouros acumulados” para a releitura e meditação posteriores, constituindo-se de um material para “ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com outros”. (FOUCAULT, 1992, p. 131). É importante enfatizar que esses *hypomnêmata* não podem ser confundidos com diários, uma vez que estes aparecem posteriormente na literatura cristã, possuindo um valor de purificação. Já os gregos buscavam o completo inverso: “trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si”. (FOUCAULT, 1992, p. 131). Os objetivos dos *hypomnêmata* são o de fazer dele um meio para o estabelecimento de uma *relação consigo mesmo*. A esse respeito, argumenta Foucault (1992, p. 133):

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo”. E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue”. Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional.

Nessa discussão, Foucault (1992) persiste em assinalar a diferença entre a *escrita de si* dos antigos e o gênero autobiográfico moderno, em que prepondera o tom confessional²⁰³. Desvelando as matizes do poder que atravessam a prática da confissão, ele demonstra que esta caracteriza um tipo de *narrativa de si mesmo* e de relação com a *verdade* que visa purificar o *eu* pela revelação da mais profunda *interioridade*, no contexto de uma moral voltada para “bastar-se a si próprio”. (FOUCAULT, 1992, p. 132). Mais do que isso, a *maquinaria da confissão* pressupõe um indivíduo culpado e pecador, que precisa suspeitar de si mesmo para identificar as falhas, os erros e os desvios de caráter, sobretudo, em seu comportamento

²⁰³ Em *A vontade de saber* (1988), o filósofo faz uma crítica radical à prática da confissão como um dos principais procedimentos de individualização difundidos pelo poder. Em sua genealogia da confissão, mostra como, dos rituais probatórios, esta se torna uma das técnicas mais valorizadas de produção da verdade, no mundo ocidental, difundindo-se amplamente como prática social e cultural.

sexual, tendo em vista a correção, isto é, a acomodação às normas estabelecidas e ao *regime de verdade* dominante. Ademais, essa atividade que tem como objetivo a purificação da alma deve efetuar-se diante do olhar de um outro superior, detentor das normas e da verdade, capaz de auxiliá-lo na busca pela salvação. Assim, conforme Foucault (1988), tornamo-nos uma sociedade singularmente *confessanda*. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: “na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos [...]. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente”. (FOUCAULT, 1988, p. 59).

Quanto à outra forma pela qual se apresenta a *escrita de si* – a correspondência –, adverte-nos Foucault (1992) que embora seja um texto por definição destinado ao outro também permite o exercício pessoal. Nessa abordagem, a carta destinada, por exemplo, a ajudar ou a aconselhar seu correspondente constitui para aquele que a escreve uma espécie de *treino*. Ela desempenha o papel de um princípio de reativação: conselhos dados aos outros “constituem uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante”. (FOUCAULT, 1992, p. 135). No entanto, a carta é alguma coisa a mais que um *adestrato de si* mesmo pela escrita: ela torna o escritor *presente* para aquele a quem é enviada – escrever é se mostrar, se expor. Nas palavras do próprio autor:

A correspondência não deve ser encarada como simples prolongamento da prática dos *hypomnemata*. É algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro: ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física. (FOUCAULT, 1992, p. 135).

Nesse sentido, a correspondência trabalha para a *subjetivação do discurso* e constitui ao mesmo tempo uma *objetivação da alma*, sendo uma forma de se oferecer ao *olhar do outro*. Conforme Foucault (1992, 2006), as cartas de Sêneca evocam frequentemente dois princípios: 1) o de que é necessário *adestrar-se* durante toda a vida; e 2) o de que sempre se precisa da ajuda de outro na elaboração de si mesmo. A correspondência se articula, desse modo, com a prática do exame de consciência.

Em suma, os *hypomnêmata* e a correspondência revelam que, para os antigos gregos, o *cuidado de si* figurava uma das grandes regras de conduta da vida social e pessoal, um dos alicerces da *arte de viver*. Foucault (1992, 2006) quer chamar a atenção para o fato de que

nossa tradição filosófica ocidental desprezou esse princípio em favor do *conhece-te a ti mesmo*. A obrigação de *conhecer-se* é um dos elementos essenciais do ascetismo cristão, porém, não como um movimento que conduz o indivíduo a *cuidar de si mesmo*, mas como uma maneira pela qual o indivíduo *renuncia* ao mundo e se *despega da carne*. Desse modo, o cristianismo, ao instituir o mundo da transcendência, separando o mundo *celeste* do *terreno*, desenvolveu outra concepção de subjetividade, na qual o principal fundamento é a *renúncia*: é pela renúncia ao mundo *terreno* que a *subjetividade* se tece em face de um Deus impessoal e onipotente.

Em resumo, na passagem da cultura pagã para a cultura cristã, o *conhece-te a ti mesmo* passou a delinear o pensamento ocidental, obscurecendo o *cuida de ti mesmo*, que era o princípio no qual se baseava a *arte de viver* da Antiguidade. A herança da moral cristã fez da *renúncia de si* a condição de salvação. A partir de então, nossa moral, uma moral do ascetismo, não parou de proferir que o si é a instância que se pode e se deve rejeitar. Inclino-nos, diz Foucault (1992, 2006), em princípio, a considerar o *cuidado de si* como qualquer coisa suspeita, imoral, como uma forma de egoísmo em contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou com o necessário sacrifício de si mesmo.

Enfim, retomar aqui, mesmo que brevemente, as considerações de Foucault (1992, 2006) sobre a *escrita de si* não foi sem propósito. Com tal digressão, queremos enfatizar que em nenhum momento estamos identificando *as escritas* nos fóruns e enquetes com as dos antigos gregos, apesar do uso do termo *escrita de si*. Reiteradamente, ele é utilizado tendo em vista a premissa segundo a qual escrever nos fóruns e enquetes está ligado ao *mostrar-se ao dar-se a ver*. É um espaço em que, queiram ou não, pessoas acabam por *falar de si, escrever sobre si*, embora não apresentem as mesmas conotações daquelas proferidas como regra de conduta social na Antiguidade.

Diferentemente da *escrita de si* grega, estamos considerando que a *escrita de si* que aparece nos fóruns e enquetes é aquela norteadas por dois domínios bastante interessantes, ambos caros aos nossos propósitos de pesquisa. Apesar de aparecerem separados nessa formulação, eles são concomitantes. Referimo-nos, especificamente, à propriedade de *materialização e ficcionalização* da experiência amorosa *on-line* conduzida pelo processo de escrita. A partir desses domínios, tomamos como válidas duas afirmativas: 1) é da condição de qualquer escrita *materializar* o vivido sob a forma do signo alfabeto, tornando-se visível a experiência amorosa. A esse respeito, tendemos a considerar que tal condição abre um espaço de possibilidade reflexiva; 2) nessa perspectiva, a escrita pode *ficcionalizar* a experiência amorosa a ponto de colocá-la sob a forma de um *romance*, isto é, um *real idealizado*,

fantasiado, mas não *falso* ou *mentiroso*. Em síntese, nas escritas dos fóruns e enquetes confluem duas perspectivas: *escrita de si e ficção*, por um lado, e *escrita de si e possibilidade de reflexividade*, por outro. Antes de seguirmos, é necessário dar conta do termo *romance*, o qual reclama aqui uma melhor explicitação.

A noção de *romance*, tal qual será problematizada neste capítulo, poderá nos levar, sem prejuízo de compreensão, a três sentidos distintos, os quais são todos válidos para refletir a realidade das discussões de namoros virtuais. Apesar disso, o último sentido é aquele que mais se aproximará da ideia a ser defendida neste capítulo: as narrativas de namoros virtuais estão entrelaçadas por elementos da *ficção*, da *invenção*. A respeito do primeiro sentido, estamos nos baseando nas contribuições de Illouz (2009). Na discussão dessa autora, a noção de *romance* pode significar *relação amorosa* ou *namoro* no sentido empregado nas expressões *eu tenho um romance* e *eu vivo um romance*. Esse *romance* é vivido nos moldes de uma *gramática amorosa romântica*, sendo desse modo que nos apropriamos dessa noção. Os namoros virtuais são vividos como *romances*, isto é, nos fóruns e enquetes, o namoro virtual é experienciado por meio de narrativas marcadas por uma ideia de *amor à primeira vista, eterno, inexplicável e irracional*. Nessa gramática, o objeto amado é visto de forma super idealizada e como condição da máxima felicidade. Os namoros são marcados pela certeza do encontro de almas gêmeas e por laços indissolúveis etc. Portanto, uma noção de amor pautada na ideia de *alma gêmea, príncipe encantado, transcendente, indissolúvel, eterno, verdadeiro*.

O segundo sentido dado ao termo *romance* está relacionado às formulações de Enriquez (2009) a respeito de suas discussões sobre a crescente ênfase biográfica. Nesse contexto, diz o autor, os indivíduos percebem “que sua própria vida também poderia ser interessante, para si mesmos e para os leitores, tanto quanto a dos indivíduos no *papel*”. (ENRIQUEZ, 2009, p. 8). É nesse sentido que a vida torna-se um *romance* e o ser humano personagem de um *romance*. Aqui, queremos enfatizar que a vida amorosa *on-line* torna-se um *romance* para ser lido nos fóruns e enquetes. Trata-se de *romances* cujos temas são bastante atrativos e envolventes: são narrativas de aventuras amorosas *heroicas*. Através da descrição de ações e sentimentos românticos de personagens reais, os fóruns e enquetes descrevem episódios de vidas amorosas concretas, mas tão surpreendentes que parecem inacreditáveis. É, pois, nesse sentido que as discussões de namoros virtuais assemelham-se a *romances* dignos de serem lidos e comentados.

O terceiro e último sentido é aquele apropriado por Gaulejac (2000a, 2000b, 2009). Da perspectiva desse autor, interessa-nos o mote segundo o qual existe uma relação estreita entre

a vida tal como ela se desenrola e a vida tal qual ela é escrita. Segundo o autor, “há uma inversão entre a história tal qual é contada num relato e a história contada tal como uma sequência de acontecimentos e de situações”. (GAULEJAC, 2009, p. 65). O que o referido autor defende é que ao *escrever sobre a própria vida* há sempre a possibilidade da *invenção*, que não é sinônimo de *mentira*. Em outras palavras, no ato da escrita o indivíduo poderá por várias vezes *escrever, apagar, reescrever, reconstruir*, exercício que poderá levá-lo a *viver* o evento escrito de outra forma. Nessa orientação teórica, *contar a vida* implica, inevitavelmente, *reconstrução*. Nesse sentido, então, a autobiografia é equiparada a um *romance*. (GAULEJAC, 2000a, 2000b, 2004-2005, 2009).

No *romance*, assim como na autobiografia, começa-se sempre pelo fim. Conforme Gaulejac (2009, p. 66), “a situação atual é, efetivamente, o elemento estruturante do relato. O que vivemos *hic e nunc* estrutura o olhar que lançamos sobre a nossa própria história e este prisma pelo qual reconstituímos a trama da existência”. O vivido anteriormente somente é acessível por meio do olhar de hoje. Num *romance*, “concebe-se que há invenção na medida em que o autor ignora o que vai acontecer no capítulo seguinte”. (GAULEJAC, 2009, p. 66). É, pois, dessa forma que a vida estaria mais próxima do *romance* do que da biografia. Como no *romance*, desconhecemos o que acontecerá em seguida. Gaulejac (2009, p. 66) aponta: “Mesmo quando a vida fixa probabilidade daquilo que pode acontecer, os imprevistos e rupturas podem ocorrer a todo o momento [...]. Em cada vida pode haver *reviravolta*”. O *romance*, assim como a vida, é um tempo em aberto. O que importa é que ao contar a vida amorosa *on-line* nos fóruns e enquetes, necessariamente, *romanceia-se*.

Na verdade, Gaulejac (2009) utiliza o termo *romance* inspirado na noção de *romance familiar* de Sigmund Freud (1909), que é empregada pelo psicanalista para designar *fantasmas* pelos quais o indivíduo modifica imaginariamente seus laços com os pais. A simbolização dos elementos imaginários que organizam suas relações familiares vai reordenar o real, que toma a forma de um *romance familiar* com a construção de um *real idealizado*. Nas palavras do próprio Freud (1976, p. 2), trata-se de uma

atividade imaginativa [...] que emerge inicialmente no brincar das crianças e depois passa a ocupar-se das relações familiares. Um exemplo característico dessa atividade imaginativa está nos devaneios. Se examinarmos com cuidado esses devaneios, descobriremos que constituem uma realização de desejos e uma retificação da vida real.

O *romance familiar*, tal qual problematizado por Freud, marca a forma como uma criança se separa da autoridade de seus pais, inventando outra família. Através de um

conjunto de *fantasias*, que têm seu fundamento no *complexo de Édipo*, a criança dá uma versão imaginária aos laços que a unem a seus pais, situando sua família sob o modo de uma ficção²⁰⁴.

Essa digressão não somente presta-se a situar o conceito *romance* na perspectiva de Gaulejac (2009), mas também a fazer uma observação. É importante assinalar que a noção de *romance familiar* é também empregada por Gaulejac para designar uma metodologia específica cujo dispositivo permite realizar trabalhos grupais sobre a construção da *árvore genealógica, a trajetória social familiar e a escolha do nome*. Trata-se de grupos de implicação sobre a temática “romance familiar e trajetória social”. É, pois, evidente que não é esse o sentido que estamos atribuindo às discussões de namoros virtuais. Ao contrário, interessa-nos nessa discussão, mais particularmente, a perspectiva segundo a qual o termo *romance* remete à ideia de *invenção, recriação, reconstrução*. Dos três sentidos discutidos acima, este último se destacará na análise. Por agora, voltemos a concentrar esforços de modo a explicitar melhor a natureza das duas afirmativas acima referidas, quais sejam: a condição da escrita de *materializar e ficcionalizar* o vivido.

A respeito da primeira asserção, neste trabalho, já foi discutido que sendo as mensagens, nesse tipo de comunicação (fóruns e enquetes), trocadas sob a forma escrita, ocorre a possibilidade de um maior controle reflexivo sobre o seu conteúdo. A escrita nos fóruns e enquetes, mais do que a linguagem oral, possui uma *materialidade* e uma existência objetiva. Trata-se de um texto digital que existe praticamente por si mesmo, independentemente do(a) autor(a). A *materialidade* que está em jogo aqui é a do sinal escrito, que não precisa da presença do autor para existir, circular, significar. Essa *materialidade* está na base da função do distanciamento realizado pela escrita, mais do que a expressão oral pode fazer. O fato de inscrever sua história de namoro virtual nos fóruns e enquetes obriga o autor da escrita a procurar palavras, formas de frase, tom e estilo de acordo com aquilo que deseja postar: o mais justo, o mais verdadeiro, o mais dramático, o mais convincente etc. A escrita poderia ser, assim, um meio possível de acesso à *reflexividade*, devido a essa capacidade de tecer elos através da construção-reconstrução, do vaivém, do questionamento, bem como do processo de distanciamento.

²⁰⁴ Freud destaca dois tempos na construção desse romance. Um tempo assexuado, no qual uma ruptura entre os pais e seu lugar de única fonte de autoridade para a criança vai motivar o descrédito desta nas respostas dos pais. Decepcionada, a criança desembaraça-se de seus pais e os substitui por outros. O segundo tempo é sexuado e se produz após uma ruptura mais radical. O conhecimento dos papéis sexuais dos pais na procriação restringe ao pai as dúvidas da criança quanto à sua filiação. A mãe, sobre a qual não recai dúvida alguma, é imaginada em situações de infidelidade conjugal e a diferença sexual é apreendida a partir de uma incerteza que recai apenas sobre a paternidade. (FREUD, 1909).

No que concerne à segunda afirmativa sobre a escrita que *ficcionaliza* a vivência amorosa *on-line*, o que se vê nos fóruns e enquetes é uma articulação entre vida pessoal e *ficção*, entre experiências vividas e *inventadas*. Teremos a chance de demonstrar adiante empiricamente a natureza dessa *ficção*, dessa *invenção*. Nesse momento, queremos dar destaque a dois aspectos explicativos: 1) é *invenção*, é *ficção* por necessidade de coerência. O ato de escrever é tomado nessa discussão como possibilidade de acesso a uma representação coerente de uma história (NIEWIADOMSKI; COURBET, 2009; CHIANTARETTO, 2009; TREKKER, 2009); 2) é *invenção*, é *ficção* como possibilidade de (re)viver a experiência através da escrita, isto é, o encadeamento da escrita conduz a recriar, a reconstruir, a elaborar de outra maneira o que foi vivido anteriormente para viver de outra forma ou como um *romance*. (GAULEJAC, 2000a, 2000b, 2004-2005, 2009).

É claro que fazer da *escrita de si* um objeto de ficção não tem nada de surpreendentemente inovador. No entanto, o que parece estar em questão para a ficção que mostra sua cara nos fóruns e enquetes é a possibilidade de *inventar* e *romancear* a experiência amorosa vivida na concretude dos namoros virtuais na perspectiva da construção de uma *história feliz de amor*, isto é, nos fóruns e enquetes ganham destaque as histórias em que prevalece o tema da *felicidade amorosa*. Na sua grande maioria, os membros das comunidades que discutem namoros virtuais retratam com maior ênfase as histórias em que o namoro é vivido sem contradições, conflitos ou equívocos. São postagens em que o namoro virtual aparece sob a égide de um sentimento de *amor poderoso, nobre, sublime, perfeito*. A esse respeito, nossa tese gira em torno da seguinte afirmação: a escrita que se vê nos fóruns e enquetes é, decerto, uma ficção baseada em fatos reais. Nas postagens, embaralham-se a vivência real concreta e uma *ficção* que se baseia no ideal de amor romântico. Trata-se de uma escrita que valoriza aspectos particulares da existência amorosa: a completa simetria entre felicidade, amor romântico e namoro virtual.

4.2 EXPERIÊNCIA AMOROSA ON-LINE E NARRATIVA

Provavelmente, muitas das situações vivenciadas no campo *on-line* – como, por exemplo, as postagens ou conversações que se estabelecem por intermédio de *chats* ou *salas de bate-papo*, *e-mails*, *Messenger*, *blogs* ou em discussões de fóruns e enquetes – somente adquirem *sentido* quando são capazes de entretecer os significados disponibilizados contextualmente com a *substância* viva do *narrador*. Nessa formulação, fica patente o *status* dado à forma narrativa: ela é condição para manifestar, comunicar e compreender a própria

experiência e a dos outros. Quanto a isso, impera a *máxima* segundo a qual *só se narra o que se compreende*. Tal condição, todavia, pressupõe tanto o emprego de palavras em estruturas compreensíveis e lógicas quanto a disposição de códigos sociais e culturais que possibilitem que a narrativa seja inteligível. Nessa prerrogativa, ganha destaque o valor da experiência vivida na concretude do dia a dia como fonte e possibilidade narrativa. Essa ligação entre *narrativa e experiência* é reiterada por numerosos pesquisadores, a exemplo de Walter Benjamin (1985), em seu famoso ensaio “O narrador” [1936], como uma qualidade comunicativa em *crise*.

Esse autor denuncia, no contexto moderno, a perda de nossa capacidade de *contar* e de *compartilhar experiências*, surgindo assim o que denomina de *o fim da arte da narrativa tradicional*, da qual dependia essa habilidade. Para Benjamin (1985, p. 201), “o narrador retira[va] da experiência o que ele conta[va]: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”, entretanto, o caráter abrangente da vida moderna tornou-nos incapazes de permutar tais experiências porque, cada vez mais numerosas, “tornavam-se menos comunicáveis, menos narráveis”. (BENJAMIN, 1985, p. 200). Apesar de moderno, trata-se ainda de um fenômeno atual. As pessoas não têm mais tempo para se narrar, narrar para o outro, enfim, para trocar. Múltiplas situações se colocam para o indivíduo hoje que mal dá tempo de experienciar todas, menos ainda de narrá-las. Há uma aridez no campo dialógico – se assim podemos considerar – e é nessa circunstância que entra a internet como possibilidade de construções de narrativas. Nesse sentido, estamos tomando o universo dos fóruns e enquetes, que discutem namoros virtuais, enquanto um espaço de comunicação no qual *narrativas* são tecidas e compartilhadas a partir das experiências dos próprios *narradores*. É evidente que o caráter dessas comunicações tem outra natureza, diferente daquelas problematizadas por Benjamin: essas aqui, acima de tudo, são de ordem virtual. Seja como for, tais narrativas, retiradas da experiência do *viver um namoro virtual*, são no Orkut contadas e partilhadas. Ademais, trazem sempre a marca do narrador, como também expôs Benjamin (1985, p. 205): “como a mão do oleiro na argila do vaso”.

Desse modo, partimos do pressuposto segundo o qual as experiências amorosas, ao serem contadas em fóruns e enquetes, convertem a vida afetiva *on-line* para o registro da *narrativa*. Tais experiências são contadas através de imagens (fotos, imagens capturadas que expressam o sentimento, desenhos etc.), frases e poesias de outros, letras musicais e canções, mas aqui estamos nos referindo, especificamente, às narrativas escritas. Assim, ao se tornarem textos escritos, elas passam a ser ordenadas pelas normas de gênero e convenções que governam esse campo. Observamos que essas discussões de namoros virtuais estão norteadas

por uma escrita retrospectiva em *prosa* que pessoas *reais* fazem de sua própria existência. Trata-se de uma escrita na qual se desvela a relação entre *um si mesmo* e os próprios namoros virtuais, o que será aprofundado em breve.

Nesse sentido, trabalhamos com o pressuposto de que existe, nas postagens, uma identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*: aquele que escreve e assina o *post*, contando sua própria vida amorosa, é a mesma pessoa. Com base nesse primeiro pressuposto, tomamos como certas três asserções que guiarão nossa análise: 1) a condição narrativa remete à experiência amorosa *on-line* para o campo da *ficção*, no sentido da permanente (re)elaboração das histórias vividas quando do momento de contá-las no Orkut; 2) as tramas narrativas que nos fóruns e enquetes se tecem podem prestar-se ao esclarecimento da própria experiência amorosa; 3) tais debates, ao tornarem-se discurso narrado pela escrita do sujeito – autor e protagonista –, instauram sempre um campo de possibilidade para (re)negociação *identitária*.

Assim, partindo dessas asserções, os debates sobre namoros virtuais serão considerados, nesta análise, enquanto um tipo de *narrativa autobiográfica*, mais precisamente, como *narrativas de si*, extraídas tanto da experiência vivida quanto da ficção, com a finalidade de *tecer intrigas* sobre relações amorosas *exitosas*. Nesse ponto, impõe-se a necessidade de três tipos de esclarecimentos: um referente ao termo *intriga*, outro a respeito do por que são as relações amorosas *exitosas* as consideradas por esta pesquisa e, por fim, a quem essas narrativas se destinam.

Sobre o primeiro esclarecimento, informamos que o termo *tessitura da intriga* é desenvolvido pelo filósofo Paul Ricoeur (1991, 1994, 1995, 1997, 2000) como uma operação mediante a qual fazemos de nossa vida uma história. A *tessitura da intriga* transforma uma diversidade de acontecimentos ou de incidentes sucessivos numa história organizada e considerada como um todo. Nessa abordagem, uma história deve ser mais do que uma enumeração de acontecimentos numa ordem seriada, ela deve organizá-los numa totalidade inteligível. A *tessitura da intriga* é a operação que faz de uma simples sucessão uma configuração. Desenvolveremos essa perspectiva nas partes três e quatro deste capítulo.

No que diz respeito ao segundo esclarecimento, é mais uma vez importante lembrar aqui que não tivemos acesso ao material trocado entre os *pares amorosos* (fotos, imagens, poesias, cartas etc.), mas ao que eles contam nos fóruns e enquetes. Nesse material, aparecem com maior expressão as *histórias de amor bem-aventuradas*. Percebemos que há por parte dos narradores uma eleição por contar histórias de namoros virtuais com resultados *felizes*, contudo, isso não significa dizer que não haja histórias de namoros virtuais malogradas nos

fóruns e enquetes estudados, prevalecendo aquelas que apresentam *bom êxito*, as quais nos chamam a atenção. Finalmente, a eleição deles pelas bem-aventuradas histórias fez-nos levantar diversas questões que procuraremos responder nesta tese, apresentando, para tanto, uma hipótese mais adiante.

Quanto ao terceiro esclarecimento, afirmamos que essas são as narrativas que têm como interlocutor privilegiado, para quem o *narrador(a)* dirige sua produção narrativa, os demais *membros* que compõem a comunidade de namoros virtuais. Cada narrativa produzida visa esses potenciais interlocutores, com quem se deseja tecer relações de *reciprocidade* e *permuta*. Nesse sentido, os *narradores* apresentam uma intenção bastante clara no ato de narrar suas histórias: que elas sejam lidas e comentadas. Sem esse suporte em vista, eles não teriam por que produzi-las.

No que concerne a essas *narrativas de si*, tecidas como *intrigas* sobre relações amorosas *exitosas*, estamos trabalhando com dois conjuntos de hipóteses – as consideradas gerais e as específicas. Começamos com as primeiras: ao contar histórias de namoros virtuais nos fóruns e enquetes, os indivíduos estarão *submetidos*, inevitavelmente, à forma narrativa e à (re)construção dos fatos. Suas narrativas surgem aí como possibilidade para uma *interpretação do si*, realizando empréstimos à história bem como à ficção, ambas concernindo ao próprio indivíduo. Nas discussões de namoros virtuais, os indivíduos poderão criar uma *imagem de si* próprios e das relações amorosas que, em verdade, constituem uma instância da realidade relativa à sua maneira de *representar* a própria existência pessoal e afetiva. É desse modo que atribuímos a essas narrativas o caráter *romanesco* e *imaginário*. Porém, em que sentido? No sentido de que os autores dos fóruns e enquetes elaboram as histórias (narrativas) da vida amorosa como uma *interpretação*, ou seja, como construção imaginário-ficcional de um indivíduo que ao debruçar-se sobre si e seu vivido poderá reconstituí-lo, isso porque “é precisamente em razão do caráter evasivo da vida real que temos a necessidade do auxílio da ficção para organizar esta última retrospectiva extemporânea, com o risco de considerar revisível e provisória toda figura da intriga emprestada da ficção ou da história”. (RICOEUR, 1991, p. 192).

Nossas hipóteses específicas giram em torno das seguintes afirmações: nos fóruns e enquetes, a reconstituição ou (re)elaboração do vivido amoroso dá-se sob a face de uma *história feliz*. Essa reelaboração está baseada numa *intriga* em que a relação virtual e o amor romântico são apresentados como *fortunas prósperas*. Em consequência, o *si* aparece revestido sob a *representação* de *uma pessoa enormemente feliz* por viver tal amor. São narrativas em que tanto os namoros virtuais quanto o amor romântico emergem como um

estado durável de felicidade contínua, aparecendo associados a *boa fortuna, sorte, presente de deus*. Os *narradores*, nas discussões sobre namoros virtuais, procuram *romancear* suas relações amorosas e o próprio amor romântico, e é nesse processo que entrecruzam *invenção e experiência amorosa vivida como protótipo da felicidade*. Quando os indivíduos se dirigem aos fóruns e enquetes com a intenção de postar trechos de sua vida amorosa, eles não apenas sofrem a influência do afastamento temporal que opera em todo processo de reminiscência, apagando determinadas experiências e intensificando outras, mas também operam uma seleção ao escolher os fatos considerados dignos de serem divulgados e ao privilegiar determinados aspectos em detrimento de outros, buscando, em certa medida, dar sentido ao relato da própria vivência. Nesses casos, selecionam histórias em que o namoro virtual e o amor romântico aparecem como *eternos* estados de *contentamento, satisfação, alegria*.

Adiante, demonstraremos tais hipóteses através da apresentação de narrativas correntes nos fóruns e enquetes, observando, reiteradamente, que nelas reúnem-se os elementos que deflagram uma interconexão bastante próxima entre sentimento amoroso, relação virtual e felicidade amorosa. O amor romântico e o namoro virtual nessas elaborações narrativas surgem como o símbolo da máxima felicidade, ou seja, a representação que constroem do *estar feliz* passa a ser um componente indispensável nos fóruns e enquetes. Trata-se de um tema central: a expressão pública da felicidade gerada pela experiência de viver um *amor virtual*. Em resumo, a experiência amorosa do namoro virtual aparece nessas narrativas como um estado afetivo bem-sucedido associado a sentimentos de bem-estar e prazer que podemos traduzir pelo signo da *felicidade amorosa*, a qual corresponde a uma categoria valorativa. Ela é um combinado de valores, crenças, pensamentos, julgamentos e conceitos que aqueles que narram as histórias de namoros virtuais constroem como sendo sua *felicidade amorosa*.

Sob o ângulo teórico, temos na abordagem das narrativas a filosofia de Paul Ricoeur (1991, 1994, 1995, 1997, 2000), que é considerada uma referência para muitos estudos. Nela, interessa-nos o mote no qual o autor estabelece um vínculo muito próximo entre os modos de o sujeito compreender-se a si mesmo e ao mundo que o rodeia através do processo de elaboração de narrativas. Nas formulações de Ricoeur, a ação narrativa é tomada como experiência de compreensão humana. Assim, o que constitui um discurso e torna possível uma situação de comunicação é a condição do sujeito, que leva a linguagem e compartilha com outrem uma experiência, a qual somente pode ser narrada. Observaremos a seguir que é a partir dessa perspectiva teórica que estaremos considerando as narrativas sobre namoros virtuais enquanto possibilidade de o indivíduo compreender-se, mesmo que não tenha

consciência do processo enquanto tal. O que se vê nos discursos é uma expressão segundo a qual o ato de narrar ou contar faz com que se sintam melhores.

A narrativa contribui, segundo os próprios narradores, para um processo que traduzem como *alívio*. Como exemplo, destacamos duas declarações, a saber, a de Amanda: *Ah, estou muito melhor agora, depois de ter escrito isso. Parei de chorar... Bom, é isso, escrevam suas histórias aqui também;* e a de Leandro: *Obrigado por deixarem eu ter meu espacinho aqui para me abrir, expressar e falar o que sinto. Estou melhor e mais esperançoso.* Seja como for, o uso do termo *compreensão* é somente considerado válido quando colocado como um campo de possibilidade. O que importa é que a forma narrativa configura-se como um dos elementos que tornam possível a compreensão da experiência (oral, visual ou escrita). Os fóruns e enquetes sobre namoros virtuais no Orkut são, em verdade, espaços nos quais indivíduos dão forma às suas experiências, comunicam as situações e os eventos de suas existências amorosas afetivas, mas também inscrevem o curso de suas vidas no ambiente social e histórico.

Em *Tempo e narrativa I*, Ricoeur (1994, p. 15) nos convoca a repensar a questão da narrativa, atestando que “o desafio último da identidade estrutural da função narrativa é o caráter temporal da existência humana”. Nessa perspectiva, “o mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal”, desse modo, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo”; em compensação, “a narrativa é significativa na medida em que esboça traços da experiência temporal”. Evidencia-se, nessa formulação, a existência de uma *conexão* significativa entre a função narrativa e a experiência humana do tempo. Nessa prescrição argumentativa, a trama narrativa, reiteradamente, é um meio privilegiado para esclarecer a experiência. É, pois, aprofundando mais nessa dimensão temporal da experiência humana que se acha na filosofia de Ricoeur a probabilidade de entender as narrativas como formas de constituição do sujeito e, nesse caso, espaço para interrogação e problematização do si e, respectivamente, do outro, elaborados seja em forma literária, seja em narrativas autobiográficas ou de memória, seja em narrativas de ficção.

Baseando-nos nesse aspecto da abordagem, já temos condição de apresentar argumentos teóricos para defender três assertivas referentes ao nosso campo empírico, quais sejam: 1) os fóruns e enquetes sobre namoros virtuais, convertidos em narrativas escritas, servem-se tanto da *história vivida* quanto da *ficção*. As narrativas sobre namoros virtuais apresentam-se, assim, como um conjugado entre experiência amorosa *on-line* e *fabulação*; 2) nesses fóruns e enquetes, a vida amorosa pode tornar-se mais legível, pois é contada pela pessoa que a viveu ou vive. Ela (talvez, o fato amoroso) converte-se assim em uma história

mais nítida para si graças à mediação da narrativa, que pode aclarar a experiência; 3) ao contarem sobre seus namoros virtuais, poderão desvelar, em consequência, *quem são*. Ao postarem nos fóruns e enquetes suas experiências amorosas *on-line* os indivíduos estão, concomitantemente, respondendo à pergunta: *quem sou eu?* Trata-se de um espaço de possibilidade de (re)construção de *identidades*.

Isso dito, estamos bem situados na perspectiva teórica de Ricoeur (1991, 1997, 2000), especialmente através da noção que denomina de *identidade narrativa*, ou seja, “o tipo de identidade à qual um ser humano acede graças à mediação da função narrativa”. (RICOEUR, 2000, p. 177). O filósofo chega a essa noção no final do livro *Tempo e Narrativa III*. Em suas palavras:

Confrontei-me com este problema no fim de *Temps et récit III*, quando me interoguei, no termo de uma longa viagem através da narrativa histórica e da narrativa de ficção, se existia uma experiência fundamental capaz de integrar os dois grandes conjuntos de narrativas. Formei então a hipótese segundo a qual a constituição da identidade narrativa, seja de uma pessoa individual, seja de uma comunidade histórica, era o lugar procurado desta fusão história e ficção. (RICOEUR, 2000, p. 178).

Uma conclusão previsível que daí decorre é que a *identidade narrativa* seria um termo atribuído a uma hipótese teórica que propunha a articulação entre as narrativas histórica e ficcional, como modo de configurar o tempo humano. A respeito da reciprocidade entre narratividade e temporalidade, assevera-nos Ricoeur (1997, p. 417): “de forma esquemática, a nossa hipótese de trabalho equivale a considerar a narrativa como guardião do tempo, na medida em que só haveria tempo pensado quando narrado”. No interior dessa mesma asserção, é importante perceber que, segundo Ricoeur (1997, p. 317), “a história se serve, de algum modo, da ficção para refigurar o tempo e, por outro lado, a ficção se vale da história com o mesmo objetivo”. Teremos chance a seguir de demonstrar que esse aspecto, referente à articulação entre ficção e história, será a base para refletirmos as narrativas sobre namoros virtuais. Por agora, notemos como Ricoeur (2000, p. 178), partindo dessa hipótese específica, apresenta uma compreensão bastante interessante:

Não se tornam as vidas humanas mais legíveis quando são interpretadas em função das histórias que as pessoas contam a seu respeito? E estas histórias da vida não se tornam elas, por sua vez, mais inteligíveis, quando lhes são aplicados modelos narrativos - *as intrigas* - extraídas da história e da ficção (drama ou romance)?

Tal formulação compreensiva induz Ricoeur (2000, p. 178) a ter como válida a seguinte cadeia de asserções:

O conhecimento de si próprio é uma interpretação, - a interpretação de si próprio, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada -, esta última serve-se tanto da história como da ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se se preferir, uma ficção histórica, comparáveis às biografias dos grandes homens em que se mistura a história e a ficção.

No que concerne especificamente ao entrecruzamento da história e da ficção, observamos que Ricoeur (1997) parte dos pressupostos do historiador Hayden White (1994), referenciado no início deste trabalho de tese. Ambos os autores defendem que a história e a ficção trabalham com o mesmo material. De maneira a aclarar tal concepção, Ricoeur (1997) opta por analisar a *ficcionalização da história*, já que nas narrativas históricas o imaginário é vinculado às considerações do *ter sido*. Entretanto, isso não significa em nada invalidar a matiz realista desses estudos. O imaginário representaria, para Ricoeur, o ponto fundamental para a construção da história. A hipótese que o autor levanta é a de que “a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia”. (RICOEUR, 1997, p. 329). Nessa perspectiva, a narrativa histórica, como a narrativa de ficção, tem como referente comum o caráter temporal da experiência. Assim, tanto a história como a narrativa fictícia correspondem a uma única operação *configurante* que mune ambas de inteligibilidade e vincula entre elas uma similitude essencial.

Tal operação é a *intriga*, através da qual os acontecimentos particulares e distintos adquirem categoria de história ou narrativa. É esse *enredo* em ação, concebido como uma *operação de configuração*, que Ricoeur nomeia sob o termo *tessitura da intriga*, característica essencial, segundo o autor, de toda narrativa. Essa operação de configuração é fundamentalmente uma operação discursiva. É a narrativa, como gênero do discurso, que não é exclusivamente o meio, mas também o lugar dessa operação. O que se defende aqui é que a história de vida das pessoas se elabora na narrativa, ou seja, o que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as suas narrativas, como espaço no qual o indivíduo toma forma, engendra e experimenta a história de sua vida. Poderíamos dizer, tal qual Delory-Momberger (2008, p. 98) em sua apropriação de Ricoeur: a “*história de vida* que, tal como a constrói a narrativa, é a ficção verdadeira do sujeito: é a história que o narrador, no momento em que enuncia, toma por verdadeira e na qual se constrói como sujeito (individual e social) no ato da enunciação”.

Essa perspectiva dá-nos respaldo para pensarmos que nas *narrativas de si*, tecidas nos fóruns e enquetes sobre namoros virtuais, pouco interessa se a pessoa diz efetivamente a

verdade: é a intenção de engendrar um *discurso da verdade* que realmente importa. Nesse sentido, um autobiógrafo “não é alguém que afirma a verdade de si mesmo, mas alguém que diz que a disse”. (LEJEUNE, 1998, p. 125 *apud* BOUILLOUD, 2009, p. 36). Assim, a narrativa autobiográfica mostra-se e consolida-se como um *verdadeiro* relato para o próprio autor. O que realmente vale é a configuração do *relato* proposto como veraz. Na elaboração da narrativa, além da história que o autor busca narrar, há outros aspectos de igual modo significativos, como “seus sentimentos, as suas emoções, as suas reflexões pessoais e, além disso, o reflexo das categorias, dos sistemas de valores ou experiências comuns nas quais o autor se inscreve”. (BOUILLOUD, 2009, p. 36). Saber se tal ou qual evento de fato aconteceu, da forma como está descrito, “é de certa maneira secundário em relação à toda abertura de análise que a apreensão da autobiografia em sua inscrição social permite”. (BOUILLOUD, 2009, p. 37).

Tornemos a problematizar a questão da *identidade narrativa*, noção cara aos desígnios desta pesquisa. Indubitavelmente, é dos intercâmbios íntimos entre *historicização da narrativa de ficção* e *ficcionalização da narrativa histórica* que surge esse termo. Nas palavras de Ricoeur (1997, p. 424):

O frágil rebento oriundo da união entre a história e a ficção é a *atribuição* a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica que podemos chamar de identidade narrativa. O termo “identidade” é aqui tomado no sentido de uma categoria prática. Dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à questão: quem fez tal ação? Quem é o seu agente, o seu autor? [...] A resposta só pode ser narrativa. Responder à questão *quem?*, como o dissera energicamente Hannah Arendt, é contar a história de uma vida. A história narrada diz o quem da ação. A identidade do *quem* é apenas, portanto, uma identidade narrativa.

Como se depreende, para Ricoeur (1997), responder a questão “quem?” é dizer “*quem* é o agente, o autor da ação”. Por conseguinte, dizer “*quem* é o autor da ação” é contar a história de uma vida. A *identidade narrativa* é, pois, a história de uma vida narrada, sendo também, convencionalmente, definida por Ricoeur (1991) como a identidade do *personagem*. Trata-se de uma *identidade* compreendida por meio da narrativa e que é construída no plano da *intriga*. Por essa apreensão, a pessoa é entendida como a *personagem* da narrativa, pois não é distinta de suas próprias experiências. Isso quer dizer que os acontecimentos que a pessoa experiência são configurados pela narrativa, resultando em uma história relatada que teve origem na identidade dinâmica da *personagem*. A narrativa, assim, constrói a identidade da *personagem*, a qual é chamada *identidade narrativa*, que, por sua vez, constrói a identidade da história relatada.

É a partir daí que Ricoeur (1991) postula que a narrativa pode e dá ao sujeito não apenas a chance de *pensar sobre si*, mas também de *contar sobre si*. Partindo dessa problematização, da decifração do *quem* do narrador, no livro *O si mesmo como um outro*, sequência de *Tempo e Narrativa*, Ricoeur (1991) recupera, especialmente em seu quinto estudo, a discussão sobre *identidade narrativa*, não mais partindo da narrativa como constituinte da temporalização do humano, mas sim da narrativa como constituição do si. Esse estudo – o quinto – teve por objetivo “preencher uma grande lacuna referente à questão da identidade pessoal, que só pode se articular na dimensão temporal da existência humana”. Para tanto, Ricoeur (1991, p. 138) recomeça seu trabalho “da teoria narrativa, por meio da perspectiva da constituição do si”. Esse viés leva-nos a perceber como o tempo é um dos principais fatores que devem ser levados em conta na compreensão das *identidades*, pois, nessa dimensão teórica, a narrativa concentra e se constitui como um lugar de convergência temporal. Nesse sentido, configura-se o mote para começar a pensar a questão.

Por último, ainda no interior dessa perspectiva, temos que a experiência da narração é também aquela que converte o vivido no *contado*, isto é, consiste na *configuração* dos acontecimentos da vida em uma *intriga* que, em consequência, permite uma *refiguração* dessa mesma vida, dotando-a de uma *identidade narrativa* que pode ser interpretada e compreendida. (RICOEUR, 1991, 1997). O que está em jogo, nessa abordagem, é essa capacidade de a vida contada tornar-se uma referência da *identidade* e dar ao autor da narrativa a satisfação de ver-se a si mesmo representado enquanto personagem de uma história que ele viveu e que pode contar. Nesses casos, autor, personagem e narrador se confundem, sem, entretanto, serem os mesmos. Daí não se pode dizer que a vida contada e narrada seja a vida vivida, porque o próprio autor não é, em essência, aquele cuja história está sendo exposta.

Diante das formulações teóricas discutidas acima, interessam-nos, mais especificamente – para dar conta da nossa questão de pesquisa, qual seja, as discussões sobre namoros virtuais –, dois argumentos em especial, a respeito dos quais se assentará nossa análise doravante. Ambos são extraídos da compreensão de Ricoeur (1997, p. 12), segundo a qual a *identidade narrativa* seria um lugar privilegiado da fusão entre história e ficção e, em consequência, de aparecimento da *identidade do personagem*, que surge como resposta à questão: *quem fez a ação?* Mais uma vez, o *personagem* (ou sua *identidade*) é aquele que realiza a ação na narrativa elaborada no plano da *intriga*. É por isso que a narrativa constrói a

identidade do personagem. Após esse esclarecimento, passemos de imediato à apresentação dos dois argumentos referidos acima.

Primeiro, estamos ancorados no seguinte argumento: a vida narrada não equivale à vida vivida, ao menos em sua totalidade. O que importa aqui é a ordem da representação que faz o personagem de sua vida, ou de aspectos dela, mais do que a ordem factual dos acontecimentos “reais”. Nesse sentido, queremos demonstrar como o exercício narrativo de si, que se verifica nas discussões de namoros virtuais, é marcado por uma *ficcionalidade*, e não por um falseamento. Uma *ficcionalidade* que é da própria forma narrativa. Estamos ancorados na assertiva de Ricoeur (1991, 1997), segundo a qual a *narrativa autobiográfica* oferece ao narrador a possibilidade de ficcionalizar sua vida, elaborando-a como *intriga* que se realiza em narração. No que concerne ao nosso campo empírico, contar a vida amorosa em fóruns e enquetes, evento marcado por experiências diversas, é tramar essa mesma vida, dando-a, quando possível, um *sentido*, uma forma e, decerto, expondo uma concepção de mundo. A partir de tais afirmativas, é possível tomar as discussões sobre namoros virtuais não como a vida vivida, mas como a vida contada por um autor (ou narrador). Esses fóruns e enquetes são tomados, portanto, não como o curso efetivo *real* da vida amorosa, e sim como a *representação* construída da existência através das operações da prática de narrar, de relatar, de construir enredos.

O segundo argumento pelo qual se encontra assentada nossa análise é aquele que versa sobre a trama narrativa como meio potencial para aclarar a experiência amorosa. Ricoeur (1991), com base em sua *teoria geral da narrativa*, desenha a ideia de tomar a *identidade do personagem* de uma *intriga* como configuração da *identidade narrativa* do si mesmo. Assim, a categoria *identidade narrativa* apresenta-se como sendo um tipo de *intriga* em que cada sujeito se encontra implicado, mas que sua origem e fim não têm controle, sendo a sua tarefa própria apenas a de lhe conferir *sentido*. Em nosso caso, esse *sentido* é conferido segundo o interlocutor em face da relação amorosa. A partir dessa abordagem, podemos inferir que cada sujeito *personagem* nos fóruns e enquetes narra, narra-se, como forma possível de responder à questão: *quem sou eu?* Mais uma vez aqui, isso ocorre mesmo que não tenham consciência do processo enquanto tal, pois não se trata de um dispositivo terapêutico ou reflexivo em que se induz o pensamento para essas indagações. Cada vez mais, nesse ato de narrar ou narrar-se, configura-se uma atitude segundo a qual o *conhecimento de si* pode gerar uma *interpretação* da vida amorosa. Somente a história narrada diz o *quem* da ação. As narrativas contadas acerca da vida afetiva poderão dar sentido aos acontecimentos dos quais se tem a experiência.

Aqui, a *identidade do personagem* não é imposta por uma história posta em ato, mas é narrando as histórias da própria vida amorosa que se torna possível sua *descoberta*.

A partir de Ricoeur, chamamos a atenção, em definitivo, para o caráter ficcional das histórias de vida amorosa quando fixadas por meio da forma narrativa. Nos fóruns e enquetes sobre namoros virtuais, reiteradamente, o formato ficcional que emoldura as *narrativas de si* pode ser lido como *romanesco*. Os sujeitos que participam dessas discussões mostram-se, então, constituídos ao mesmo tempo como leitores e escritores de sua própria vida, mesmo quando não é esse o objetivo, visto que narram suas histórias com objetivos diversos, já apresentados na primeira parte deste trabalho de tese. A esse respeito, apontamos como exemplos: postar questões relativas a dúvidas e angústias a respeito de seus namoros; fazer pedidos de ajuda a membros que já são experientes no quesito namoro a distância; fazer desabafo frente a sofrimentos, alegrias, medos, incertezas; pedir ajuda para reconquistar um *amor*; avisar sobre casamentos e encorajar outros internautas com falas de incentivo; falar sobre nascimento de filhos (de pais que se conheceram na internet); relatar suas queixas e desilusões a respeito de seus parceiros; fazer advertências àqueles ainda inexperientes no namoro via internet; relatar desapontamentos diante do primeiro encontro presencial; descrever como foram enganados(as) por seus parceiros(as); oferecer conselhos para suportar bem a saudade e a ausência; descrever fins de namoro; fazer declarações de amor etc.

Como a análise sobre autobiografia verifica, “a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas” (RICOEUR, 1997, p. 425), como as que surgem *reinventadas* nos fóruns e enquetes do Orkut, em que o namoro virtual emerge sob a forma de uma narrativa que entrecruza *amor romântico* e *felicidade*. Visualizaremos melhor, na seção deste capítulo que discutirá *a ficcionalização das histórias de amores felizes*, os desdobramentos dessa proposição.

4.3 NAMOROS VIRTUAIS E IDENTIDADE NARRATIVA

Nossa linha argumentativa, até aqui, assevera que as narrativas de namoros virtuais tecidas nos fóruns e enquetes do Orkut são particularmente adequadas ao gênero autobiográfico, isto é, em termos processuais, narrativas similares a esse gênero. Entretanto, interessa-nos ainda delinear suas possíveis especificidades. A questão que se impõe a esse ponto é: o que há de particular nas formulações dessas narrativas às quais denominamos *narrativas de si*? Antes de discutirmos esse problema, será conveniente fazer algumas

considerações mais gerais sobre tais narrativas, demarcando suas principais características. Destacamos quatro delas como centrais:

- As narrativas de namoros virtuais são sempre momentâneas e situacionais, dado a própria dinâmica da ferramenta Orkut e a natureza volátil das *identidades* e das relações sociais que ali se estabelecem. Longe de surgirem enquanto textos fixos, elas aparecem como uma forma de expressão inserida no fluxo diligente da ação social *on-line*;
- São narrativas *performáticas* que organizam e expressam a *experiência* de *viver um namoro virtual*. É ainda importante advertir que os participantes dessas *performances* não necessariamente partilham da mesma experiência ou significado comuns aos demais;
- Essas narrativas formam uma unidade entre *texto* e *ação*, constituindo e ordenando a experiência bem como podendo servir para *reflexão* e comunicação desta. As narrativas criam uma experiência ao mesmo tempo que podem refletir sobre ela;
- São narrativas que apresentam caráter hermenêutico, pois presumem, como um possível constituinte de sua ação, a probabilidade da *reflexividade*. Nelas, encontra-se um ativo processo de (re)negociação e (re)elaboração no qual os participantes poderão examinar *reflexivamente* o discurso no momento em que ele está emergindo.

A respeito dessa última característica, é necessário explicitar melhor a natureza dessa *reflexividade*. Estamos partindo de um pressuposto teórico em que a ação narrativa pode ser tomada como experiência de compreensão humana, na medida em que através dela é possível ao indivíduo manifestar e comunicar a experiência. Ao colocar as experiências vividas sob a forma narrativa, tornamo-las mais inteligíveis, residindo aí a possibilidade de *reflexividade* a que nos referíamos. Aqui, queremos deixar claro que as narrativas de namoros virtuais não equivalem a um dispositivo com fim próprio a suscitar *reflexividade*, mas há possibilidades de que assim ocorra.

A partir dessas quatro características, estamos considerando que as discussões sobre namoros virtuais, da forma como estão escritas, isto é, postas no formato narrativo, podem vir a aclarar para o narrador os próprios namoros e certos traços de sua vida. Nessa perspectiva, os fóruns e enquetes podem tornar-se espaços destinados à *interrogação* e à *problematização* dos namoros, na mesma medida em que podem vir a ser convertidos em espaços para interrogação e problematização do si. Nesse ponto, poderemos abrir um breve parêntese de modo a refletirmos sobre o caráter precário e fluído em que tal *problematização* emerge em nossa sociedade atual, não sendo como na Grécia antiga, onde existiam suportes sociais e culturais para esse *exercício*. Como muito bem assinala Foucault (2006), eles viviam numa *cultura de si*. Conforme está problematizado na obra *A hermenêutica do sujeito* (2006) desse autor, o *cuidado de si*, reflexo dessa cultura, articulava-se, necessariamente, com o *conhecimento de si*.

Nas palavras de Foucault (2006, p. 310), “toda a superfície do cuidado de si é ocupada pelo imperativo do conhecimento de si, conhecimento que, como sabemos, toma a forma de apreensão pela alma de seu ser próprio”. É interessante que, de acordo com esse autor, na Antiguidade grega o *conhecimento de si* era alcançado através de práticas que, em maior ou menor grau, envolviam leituras, escritas sobre si e relações no mundo e, conseqüentemente, interpretações. Dessa perspectiva, interessa aos desígnios deste trabalho de tese o fato de que o sujeito é interpretante do mundo, da natureza e do outro, porém não deixa de ser interpretado. É na dinâmica de um sujeito simultaneamente intérprete e objeto interpretado que ele dirige sua atenção para o si e também se interpreta, como muito bem demonstrou esse filósofo em inúmeros momentos do curso *A hermenêutica do sujeito*. Fechemos aqui o parêntese para introduzir, a seguir, uma breve advertência.

Nesta nossa pesquisa, é importante esclarecer a seguinte relação: o processo de *problematização* e *interpretação de si* nos fóruns e enquetes sobre namoros virtuais. Ambas as operações – *problematização* e *interpretação de si* – equivalem, em nossa pesquisa, a um campo de possibilidade, e não de certeza. Não poderemos afirmar que *os narradores de namoros virtuais* estejam conscientes que ao postarem em fóruns e enquetes passam, por sua vez, a compreender melhor o seu vivido. Os fóruns e enquetes, na percepção dos membros do Orkut, não são vistos como um dispositivo que os leva à compreensão ou à *reflexividade*, mesmo por que tais mecanismos de comunicação não foram criados e estabelecidos com tal fim. Defendemos aqui que tais problematizações e interrogações, tanto do si quanto dos namoros, são fenômenos possíveis de ocorrer, visto que as discussões de namoros virtuais nos

fóruns e enquetes estão postas em formato narrativo e, conforme, nossa orientação teórica, as narrativas são consideradas campos de compreensão humana.

Desse modo, tendo em vista a noção ampliada de narrativa enquanto condição de produção de sentidos e *identidade de personagem*, inferimos que nos depoimentos que trazem trechos de vida, presentes nos fóruns e enquetes, tecem-se *intrigas* que configuram os próprios namoros virtuais enquanto campo social e evento histórico *durável*. As discussões sobre namoros virtuais, nessa abordagem, são tomadas como constituindo uma *narrativa*, dentro da qual os sujeitos já estão situados quando começam a *contar* sua história pessoal, como aqueles que *namoram virtualmente*. Quando enfocamos as discussões que se estabelecem nos fóruns e enquetes e sua confluência na constituição dos namoros virtuais, notamos aí as marcas que configuram esse espaço como um possível campo para a constituição de uma *identidade narrativa* que torna possível que sujeitos, desde sempre imersos na historicidade e na linguisticidade, possam diligenciar os fatos de acordo com uma perspectiva que os leve, em certa medida, a *compreender* e comunicar certa experiência pessoal e social.

Novamente, as *narrativas de si* que se veem através das discussões de namoros virtuais também podem ser consideradas como ficcionais, a partir das quais lembrar e contar é poder reorganizar e reconstruir a *identidade narrativa*, isto é, a personagem narrativa, conforme discutido acima. Essa autoinvenção, por sua vez, pode trazer consigo a invenção do outro, das relações de alteridade e, portanto, da *identidade narrativa* do campo cultural em questão (o amoroso). O que está sendo inventado no ato narrativo autobiográfico das discussões de namoros virtuais, para além da individualidade das vidas narradas, pode ser postulado nos termos de uma *identidade narrativa* que ao mesmo tempo demarca o campo amoroso e a ação dos sujeitos dentro dele. Essa possível construção identitária, tomada do ponto de vista dos atores, evidencia um sujeito que é levado a pensar sua vida afetiva. Essa mesma construção identitária, sempre móvel, instaura-se enquanto horizonte de uma possível atribuição de *sentido para si* e para os próprios namoros, de tal modo que nas narrativas de namoros virtuais verifica-se uma relação íntima entre *identidade (personagem)*, sentimentos e relação amorosa, assentando-se aí sua particularidade. Elas são elaboradas com recursos da experiência vivida e da *ficção*, dessa maneira a vida amorosa narrada não é igual à vida amorosa vivida. Ao contrário, são narrativas de namoros virtuais que revelam *o quem da ação* no processo contínuo de construção de *identidades* em que os namoros virtuais aparecem associados à *felicidade amorosa contínua*.

A análise empírica demonstra que as histórias de vida amorosa relatadas nos fóruns e enquetes do Orkut se elaboram na *narrativa*, mais precisamente numa *intriga* que se desenrola sob o modo de uma *história de amor feliz*. É essa última que dá forma ao vivido e à experiência, fazendo da história de uma vida amorosa *on-line* uma *história fictícia* ou uma *ficção histórica* em que imperam expressões, tais como: *Estou muito feliz. Encontrei o amor da minha vida; Minha felicidade é percebida por todos; Somos muitos felizes e a cada dia mais apaixonados um pelo outro; Estou muito feliz e tenho certeza ser ele o amor da minha vida; Estou feliz como nunca havia sido antes; Seremos felizes eternamente; Nos completamos e somos felizes; Estamos felizes sim pela forma como Deus nos aproximou; Estamos muito felizes com nossa escolha; Estou muito feliz. Hoje meu amor me pediu em namoro. Espero que o meu namoro seja feliz e duradouro como o de muitos casais aqui*. Se essas expressões anunciam efetivamente a *verdade*, pouco interessa. O que importa é que a vida amorosa narrada feliz é a ficção verdadeira do *personagem apaixonado*.

Para ilustrar melhor as singularidades dessas narrativas, inferimos que suas especificidades repousam no seguinte conjunto de asserções: nas narrativas de namoros virtuais, a *identidade do personagem* pode ser descoberta e expressa na experiência da relação amorosa e na compreensão dos sentimentos que se adquire ao contar o trecho da história em que ela se apresenta *feliz*. São narrativas em que o *eu* ancora-se na imagem de uma relação afetiva virtual *bem-sucedida*, tratando-se de um *eu* emocional, amoroso e, sobretudo, *afortunado*. Essas narrativas de namoros virtuais presumem compreender vidas comuns como símbolos e expressões de uma relação *on-line promissora*; são narrativas que coexistem tranquilamente como expressões de sentimentos de tipos amorosos *venturosos*. Reiteradamente, as representações sobre o *eu* e o *amor felizes* estão no centro dessas narrativas, nas quais os envolvidos privilegiam certas *histórias de amor* e recriam o vivido por meio da seleção de eventos vinculados à felicidade amorosa. Assim, tais narrativas são, intrinsecamente, uma narrativa da memória e da lembrança dos eventos amorosos *prósperos*, ou seja, em seu epicentro encontra-se a injunção de que o sujeito exerça sua recordação do “amor feliz” para assim (re)vivê-lo em intensidade.

4.4 A FICCIONALIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS REAIS DE AMORES FELIZES

Rougemont (2003, p. 24), em sua tese sobre a relação entre amor e sofrimento, enuncia como principal prerrogativa para refletir o *romance*: “não existe história de amor feliz

no Ocidente”. Parafraseando-o, esta tese, com base em seu campo empírico, assevera: “não existe história de amor infeliz nos fóruns e enquetes que discutem namoros virtuais”. Malgrado a predominância das narrativas que trazem em sua *intriga* o namoro virtual e a ideia de amor a ele associado como um *bem* ou o último *refúgio da felicidade*, há, evidentemente, relatos sobre histórias de amor frustradas. Em menor proporção, registram-se narrativas que associam os namoros virtuais à expressão de sentimentos, como *raiva, rancor, tristeza, sofrimento, angústia, desenganos, ansiedades*. Há narrativas que deflagram *rompimentos de namoros, de casamentos*. A presença de narrativas que expressam *desavenças, conflitos e desilusões* advém de desentendimentos próprios das relações e está relacionada, em muitos casos, a ciúmes, traições, abandonos, brigas etc.

Para exemplificar melhor a qualidade dessas narrativas que fogem à *regra geral*, visualizemo-las no quadro 5 abaixo. Elas serão apresentadas, reiteradamente, com o intuito de ratificar o argumento segundo o qual, mesmo com pouca expressão, há narrativas de namoros virtuais que trazem como *intriga* elementos que contrariam a maioria delas – que é a do *sucesso* do namoro. Nelas, aparecem as contradições e as incongruências que podem ser tomadas como próprias do campo amoroso virtual. As quatro narrativas que se apresentam a seguir trazem, respectivamente: 1) o tema do sofrimento em função do rompimento amoroso; 2) o relato sobre desentendimentos causados por ciúmes; 3) a expressão da frustração proporcionada por um encontro presencial malsucedido; e, por último, 4) uma narrativa que expressa discordâncias a respeito dos acertos necessários a um possível encontro presencial.

Narrativas de namoros virtuais que trazem na <i>intriga</i> elementos conflitantes	
O Fim do namoro (Sofrimentos)	<i>É, acabou! O meu sonho, os planos, os desejos... simplesmente acabou. Estou com meu coração mais que ferido, mais que quebrado. Uma dor que não desejo nem pra meu pior inimigo. A gente sempre volta, mas dessa vez eu sinto que não dará certo. O que me restou foi chorar! Tinha até saído da comunidade, mas voltei só pra postar o FIM! Boa sorte a todas. Fiquem com Deus :(Joana</i>
Brigas (Ciúmes)	<i>Nos conhecemos a 1 ano e 5 meses... Estamos juntos a 2 meses e 20 dias... Tô MUITO preocupada com ele, porque por morar longe nosso contato é meio complicado, geralmente é por mensagens no celular, mas desde ontem a noite ele não manda uma mensagem, por ciúmes bobos... Não quero perde-lo... =(Angel</i>
Desilusão (Encontro presencial frustrado)	<i>Gente, muito obrigada por tudo. Mas, enfim, eu fui lá [referindo-se ao encontro presencial na Alemanha], gastei 30 euros numa ligação. Marquei na estação de trem, porque esse infeliz tava indo pra Praga. A gente se desencontrou e eu tava sem celular. Não foi dessa vez e não sei se vou querer ter outra oportunidade. Acho que se ele quisesse me ver, ele teria visto. As coisas funcionam quando a gente quer que elas funcionem. Eu cansei disso tudo. Eu podia ter ido pra Inglaterra, que sempre foi meu sonho, mas não, eu fui pra Alemanha só por causa dele, e ele nem pra reconhecer isso. Não sei o que vai ser, mas vou ter que acostumar sem ele. Pra mim já chega, já deu o que tinha que dar... :(Lea</i>
	<i>O que vocês acham? A minha amada mora em Manaus e eu em São Paulo, na capital...</i>

Discordância (Acertos do encontro presencial)	<i>Estamos juntos a 7 meses, nunca nos vimos, mas, nos amamos desde as primeiras palavras trocadas no MSN... Infelizmente eu não estou com condições financeiras para ir lá ver ela... Ela vai tentar vir (eu acho) nas férias dela, que será daqui a 1 ano... Talvez esse mês ela viria para BH. Então eu disse para ela passar por aqui, nem que fosse só por um dia... e ela ficou com raiva, acho que foi porque eu não tomei a iniciativa... Eu só queria sentir a pele dela... a respiração dela perto do meu rosto... sentir os lábios dela junto dos meus... queria poder abraçar ela... e não soltar nunca mais... Leandro</i>
--	---

Após a visualização de histórias de amor malogradas, voltemos a discutir a tese segundo a qual predominam narrativas sobre namoros virtuais norteadas por *histórias felizes de amor*. Nesse ponto, cabe-nos demonstrar empiricamente como aparece, nessas narrativas, a associação entre namoro virtual, amor romântico e felicidade. Para tanto, apresentaremos dois tipos de materiais. O primeiro traz três diferentes postagens recolhidas de um fórum intitulado *Conte sua história de amor*, no qual se observa o desenvolvimento de narrativas com *intrigas felizes* sobre a experiência de viver o ideal de amor romântico num namoro virtual. Como poderemos notar abaixo, as três postagens apresentam *enredos* muito parecidos. Na primeira postagem, feita por Carla, a narrativa apresenta o parceiro como *alma gêmea*; apesar de inúmeros obstáculos, a relação virtual é vista como próspera de modo que, ao cabo, casaram-se. A segunda, postada por Pedro, é semelhante à primeira: a parceira é vista como a pessoa que *mais amou na vida*; apesar dos obstáculos, conseguem ao fim ficar juntos *felizes e pra sempre*. A última, postada por Victor, de igual modo, toma a parceira como *amor da vida*. Os obstáculos não o impedirão, enfim, de se encontrarem.

História 1: almas gêmeas, relação amorosa próspera, casamento

Bom, conheci meu amor na net, numa salinha da MSN, eu era uma das coordenadoras. Ele estava “dando em cima” de uma amiga minha. Ela deu um “fora” nele e eu fui consolar ele. Bem, nos falamos por dois meses pelo MSN. Ai nos falamos pelo telefone e aumentou ainda mais o encantamento. Eu morava em SP capital e ele no interior do RJ. Passado mais um tempo deu certo de nos conhecermos, ele veio até SP e ficou na minha casa um fim de semana. Nossa! Foi tudo lindo, ficamos completamente apaixonados, dali vimos que éramos almas gêmeas mesmo, e ai aconteceu que minha família optou por morar no interior de “sampa”. Nossa! Fiquei louca, era mais longe ainda, ele não ia querer mais nada comigo, mas para minha surpresa ele foi lá na minha primeira semana no interior, firmamos o namoro, e ai se passaram dois anos e meio e nesse tempo nos vimos apenas quatro vezes. Quando no fim do ano retrasado ele largou tudo lá na cidade dele, veio pra cá, Ourinhos/SP, arrumou emprego, ficou em república. Namoramos por mais um ano e ai fim do ano passado nos casamos e agora dia 22/10 vamos completar um ano de casados e o amo a cada dia mais. Essa é minha historia gente espero que gostem e boa sorte pra todo mundo (Carla).

História 2: pessoa que mais amei, estamos felizes e é pra sempre

Bem, conheci meu amor numa salinha da AOL. Começamos a teclar e nos aproximamos. Em pouco tempo estávamos muito amigos. Daí surgiu o amor... ainda virtual. Depois nos encontramos e “ficamos”. Então o amor só cresceu e

começamos a namorar. Namoramos por 2 anos até que ela terminou comigo de um dia para o outro. Fiquei mal, triste, mas segui a minha vida. Namorei outras pessoas. Até que um dia... nos esbarramos novamente na net, 1 ano e quatro meses depois. Acabamos nos reaproximando e ela me confessou que se arrependeu muito que sempre me amou e queria uma segunda chance. Pensei por um tempo. Apesar de amar ela como jamais amei alguém em minha vida e depois de um pouquinho de "migué"...rs acabei aceitando o pedido de perdão dela e o lindo pedido de namoro que ela me fez. Enfim, hoje estamos juntos novamente e muito felizes. Agora é pra sempre !!! (Pedro)

História 3: amor da minha vida, nos encontraremos, enfim

A minha historia já dura 4 anos. Pois é, conheci meu amor na internet ha 4 anos atrás numa sala do Uol. Na época teclamos somente nos fim de semana por que eu não tinha net em casa, gastava muito dinheiro e falávamos muito. Depois ela começou a namorar e eu também. Nos afastamos um pouco, mas ela sempre me mandava uns cartões. Passados 4 anos, ela tinha terminado seu segundo relacionamento de 7 meses e eu de 2 anos e meio. Voltamos a teclar novamente. Na segunda vez que teclamos nos declaramos um ao outro e o que era uma amizade passou a ser o amor da vida. Nos damos bem em tudo. Ela me adora em tudo e eu sou completamente apaixonado por ela, sabem aquilo de ficar mal quando não teclamos? Falamos todos os dias e chegamos ao ponto de teclamos 15 horas seguidas. Nunca amei assim na minha vida e nunca fui tão amado. Agora para vocês saberem o nosso drama. Aqui vai o nosso maior problema: sou de Bebedouro, interior de SP, tenho 31 anos e estou há 5 anos em Lisboa-Portugal e ela é de Ribeirão Preto (a 80 km de Bebedouro) ela tem 21 anos e é a mulher mais linda do mundo. Só nos conhecemos por internet, foto e telefone. Agora em janeiro ela vai vir passear aqui por uma semana. Estou contando os segundos, vai ser a primeira vez que vou poder tocar na mulher da minha vida!!! (Victor)

O segundo material a que nos referimos acima apresenta um quadro no qual as narrativas entrecruzam *amor romântico* e *felicidade*, associando-os à pessoa com quem se relaciona (*identidade do personagem*), ao próprio sentimento amoroso e à relação virtual em si mesma. O *ideal de felicidade* atravessa grande parte de nosso material empírico (os fóruns e enquetes que discutem namoros) e, logo abaixo, aparece atrelado, em trechos distintos, ao parceiro(a), ao amor vivido na relação e ao namoro virtual em si.

ENTRECruzAMENTO AMOR ROMÂNTICO E FELICIDADE		
Parceiro(a)	Sentimento amoroso	Namoro virtual
<i>“Pessoa muito linda”, “Melhor pessoa do mundo”, “Ele é tão perfeito”, “Alguém especial”.</i>	<i>“Foi amor a primeira vista. Estamos perdidamente apaixonados”.</i>	<i>“É um sonho realizado e confirmação de deus em nossas vidas”.</i>
<i>“Ele é quem eu sempre esperei, exatamente como eu imaginava”. “Tenho certeza que o quero pelo resto da vida”.</i>	<i>“A sensação é de que o nosso amor puro só aumenta. É um amor forte”.</i>	<i>“É um encontro de almas. Eterno e duradouro. É maravilhoso”.</i>
<i>“É com quem quero constituir família. Ela me completa. É mesmo a minha metade”.</i>	<i>“É um amor verdadeiro, seguro e cheio de cumplicidade, admiração e, principalmente, paixão”.</i>	<i>“Namoro virtual só tem dois finais: ou casa ou falência. Eu vou casar!”</i>
<i>“Somos almas gêmeas. Até no horóscopo chinês somos o casal perfeito. Somos o amor da vida um do outro”.</i>	<i>“É um amor que vai aumentada cada dia mais. É um amor para sempre”.</i>	<i>“Amor de net é verdadeiro, e ponto final. Tem alta probabilidade de chegar ao casamento”.</i>

Não há divergências entre o conteúdo das três histórias acima relatadas e o quadro que entrecruza *amor romântico* e *felicidade*. Na forma como se organizam no âmbito das narrativas no Orkut, os namoros virtuais e o amor romântico convertem-se em *bens supremos*, ligados a um *ideal de felicidade amorosa*. O teor dessas narrativas é desses aspectos tributários. Expressões para referir-se à própria relação virtual e ao amor romântico estão orientadas, concomitantemente, por uma ideia de *supremacia* quase religiosa, gerando uma existência amorosa *feliz e plena: é uma benção em minha vida* ou *é um presente de Deus* ou ainda *pelo meu amor eu faria tudo. Vale até dar a vida*. Elas expressam o caráter superior dessa experiência vivida de maneira tão particular. O namoro virtual e o amor romântico passam a ser vistos como experiências de *qualidades elevadas*, pois eles *estão acima de tudo*, sendo comparados à *perfeição* ou à *divindade*. O que sentem um pelo outro no âmbito de seus namoros é considerado *melhor, mais genuíno, mais pleno, mais realizado*, um vez que são namoros que vêm acompanhados da afeição amorosa romântica.

Depreendemos, a partir do material empírico exposto acima, que são narrativas nas quais o amor romântico e o próprio namoro parecem *vencer tudo*. Na leitura dos fóruns e enquetes é comum se deparar, a princípio, com queixas, lamúrias ou lamentações referentes à condição de levar a termo um namoro virtual, devido, por exemplo, à distância geográfica que os separa, à ausência da presença *física imediata* ou à possibilidade de traições e mentiras, mas elas, rapidamente, são revertidas, graças à condição narrativa, em algo *positivo* e de cunho *otimista*, de modo que *problemas* passam a ser vistos de forma *idealizada*. Por exemplo, uma experiência que pode ser considerada *ruim* ou *negativa*, como a expressão da distância que se vê no depoimento *meu amor mora a 2900 km longe de mim*, é (re)inventada na narrativa como algo *positivo* sob o argumento de que a distância fortalece o amor, prova de que ele é de fato verdadeiro. Ora, na concepção dos narradores, *o amor é capaz de tudo e a distância não é nada para o amor*.

Nessas narrativas, impera a *máxima* segundo a qual nenhum obstáculo vence *nosso amor* e *nosso namoro*, porque *meu amor é tudo para mim; estou lutando por isso; quando se ama tudo vale à pena*. São muitas as expressões que confirmam essa máxima: *não há distância que me separe dela; creio que quanto mais a dificuldade melhor a recompensa; a saudade, a distância não abala nossa relação, pelo contrário, cada vez mais nos amamos*. O que interessa reter é que essas expressões ou *máximas* são reflexos da (re)elaboração do vivido em *histórias felizes de amor*. Essas narrativas são construídas com elementos da ficção romântica e da própria experiência amorosa vivida. Ademais, interessa-nos aqui ratificar que

através dos significados atribuídos ao amor como fonte de felicidade chega-se à *identidade do personagem*. Não podemos pensar nessas narrativas dissociadas da *identidade do personagem*, visto que é ele *quem* narra a *história amorosa feliz*.

Por fim, resta-nos ainda perguntar: por que são as histórias felizes as escolhidas? Por que contar as histórias de namoros virtuais sob a perspectiva da *felicidade amorosa*? Temos algumas pistas, duas delas em especial, as quais, longe de se distinguirem, complementam-se: 1) elas são assim apresentadas nos fóruns e enquetes porque trazem em seu conteúdo elementos ficcionais, extraídos tanto do ideal de *felicidade romântica* quanto da experiência vivida na concretude dos namoros virtuais. Essas duas dimensões se embaralham na narrativa; 2) elas são assim apresentadas nos fóruns e enquetes pois se revestem de uma outra forma possível de (re)viver a experiência amorosa virtual: vivê-la como um *sonho romântico*. Seria uma maneira possível de *concretizar* o ideal de amor romântico por meio da narrativa. Reviver sob a forma narrativa uma experiência satisfatória no amor requer auxílio da ficção romântica. A partir dessas pistas, inferimos que as narrativas de *namoros virtuais felizes* resultam de uma satisfação vivida a qual os narradores colorem, no momento de contá-las, com elementos do romantismo.

Elementos históricos e suas ressonâncias em nossa contemporaneidade, como no caso das concepções românticas de amor, constituem ideais amorosos e de relacionamento que, temos observado, se encontram nas narrativas de namoros virtuais. O romantismo, como bem demonstra Campbell (2001), é mais do que uma prática sentimental, é uma visão de mundo. Do ponto de vista desta pesquisa de tese, isso quer dizer que tanto a imagem do eu (*identidade do personagem*) quanto a do próprio sentido da experiência dos namoros virtuais podem ser moldadas por essa visão. Nas narrativas de namoros virtuais, o encontro amoroso romântico surge como ideal de felicidade. Elas parecem apregoar que essa felicidade é fundamental, por isso aparecem repetidas vezes: *sou muito feliz ao lado dele. É o amor da minha vida; Combinamos de ficarmos cada dia mais felizes, pois temos um ao outro; Estamos muito felizes juntos*.

O que queremos enfatizar aqui é que o fenômeno da (re)elaboração e da (re)invenção dos namoros virtuais, na condição narrativa, como razão e causa da felicidade experimentada, está diretamente associado às representação do *amor romântico* como um ideal socialmente almejado que ocupa ainda um lugar de destaque na vida das pessoas. A expectativa romântica de realização amorosa surge ainda, guardadas as devidas proporções, como garantidora dos sentimentos de *completude e felicidade* dos indivíduos. De prestígio cultural incontestável, o amor continua apresentando-se como uma das condições para se obter a felicidade numa

relação a dois. Martuccelli (2007, p. 402), ao tomar o amor como um “fundamentalismo da modernidade”, assevera que é absolutamente verdade que boa parte das mais profundas aspirações dos modernos passa pelo amor.

A massificação da ordem romântica se destila no cotidiano através de filmes, de músicas, da publicidade, de novelas etc.; em todas essas representações, o amor romântico é tido como signo da felicidade. Por essas razões, vivê-lo sob a forma narrativa pode ser considerada uma possibilidade promissora, segundo a qual o amor romântico passa a ser *uma atividade delirante de palavras* ou *uma atividade capaz produzir sensações por meio de narrativa*. O desejo de viver no tempo e no espaço reais das sequências próprias e consagradas do amor romântico pode ser, aqui, realizado por meio de uma narrativa histórica de ficção. Viver a *materialização* desse ideal romântico que se convencionou *tão sonhado e almejado* tornou-se algo de difícil concretude. (ROUGEMONT, 2003; COSTA, 1998, 1999; COSTA, 2005; CARVALHO, 2003). Contudo, na condição narrativa, ele pode ser (re)vivido de forma diferente. Mesmo que os *narradores* vivam um conjunto de questões difíceis no amor ou na relação virtual, na hora de narrá-las, são as vividas como felizes que ganham destaque. Nesse momento, baseiam-se em suas próprias experiências amorosas *on-line* e no *imaginário romântico*, que descreve o amor como sentimento único, sublime, virtuoso etc., como fonte e possibilidade da felicidade. Assim, é essa ideia de amor que tomam de empréstimo para contar a sua própria *história encantada de amor*.

PARTE IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 A MORTE DO ORKUT? ANOTAÇÕES PRELIMINARES²⁰⁵

O ano de conclusão desta pesquisa de doutorado, 2011, coincide com o ano em que emerge a discussão sobre o suposto *fim ou morte do Orkut*. Esse fenômeno é caracterizado, sobretudo, pelo *abandono* de membros que, atualmente, teriam migrado para outros *sites* de relacionamento social. Os próprios usuários da rede Orkut, os internautas que postam material em *sites* pessoais e os *blogs* e notícias que circulam na mídia *on-line* corroboram o fenômeno segundo o qual *o Orkut já era!* No discurso corrente, os motivos que levaram a rede ao *declínio* estariam relacionados, especificamente, à *falta de inovação e atualização*, isto é, o Orkut estaria *obsoleto e atrasado*. A *febre* de adesão ao Orkut, ocorrida entre os anos 2006 e 2007, foi motivada, pelo menos, por duas razões principais: 1) encontrar-se com *amigos de infância, faculdade, escola, trabalho*; 2) relacionar-se com *pessoas queridas* afastadas geograficamente, o que estaria, no momento presente, em crescente *declinação*. Assim, deparávamo-nos, ao final desta pesquisa, com esses dados. Em razão disso, abriremos esta seção de modo a tecer anotações preliminares sobre esse fenômeno, as quais, como se verá nas páginas que se seguem, não pretendem aprofundar ou esgotar a questão, mas antes lançar apontamentos que poderão servir de ponte para pesquisas futuras.

Quatro são os apontamentos prévios a serem destacados aqui. Eles, mais uma vez, não receberão o tratamento analítico que merecem. A verdade é que passaremos brevemente por eles, havendo razões que justificam tal brevidade. Uma delas relaciona-se com o pouco tempo que nos resta para a conclusão da pesquisa. Outra, à impossibilidade de levá-la a termo, caso contrário, teríamos que nos preparar para a produção de uma nova pesquisa. Não é o que se pretende. Prestadas essas considerações, passemos à apresentação dos quatro apontamentos acima referidos. Nesta seção, queremos dar destaque ao modo como o fenômeno do suposto *fim do Orkut* conduz-nos, inevitavelmente, à reflexão de outros elementos a ele associados, tais como: 1) o caráter assíncronico dos *tempos* próprios das redes sociais frente aos *tempos* das pesquisas acadêmicas; 2) a difusão do boato *o Orkut vai acabar* circula na rede desde o ano 2004 (ano de criação do *site*); 3) o rápido avanço da rede social *Facebook* no Brasil; 4) a

²⁰⁵ Esta seção foi construída tomando como base depoimentos e discussões sobre a suposta *morte do Orkut*, os quais se encontram no próprio Orkut e em material vinculado pela internet: matérias jornalísticas, *blogs*, *sites* etc.

queda do Orkut e o surgimento do fenômeno *orkutização*, como *senso de distinção*. (BOURDIEU, 2008).

Sobre o primeiro apontamento – relação entre (des)usos de *redes sociais e pesquisas acadêmicas* –, inferimos que o fenômeno que surge sob a forma do *fim do Orkut* desvela uma espécie de assincronismo entre as *temporalidades das redes sociais* (no nosso caso o Orkut) e as *temporalidades das pesquisas acadêmicas*. Em razão das rápidas mudanças de que são alvo, essas redes sociais acabam por não perdurar o tempo de duração de uma pesquisa de doutoramento. Decerto, uma das marcas registradas de toda rede social *on-line* é o extremo *dinamismo* que as acompanha. Por isso, acreditamos que as discussões e descrições feitas neste trabalho de tese, por exemplo, podem não mais existir, tal como se encontram agora. Contudo, isso não deve ser considerado *negativo* ou *ruim* para a presente pesquisa, sendo, antes, apenas mais um dado típico do campo. A respeito do debate concernente ao *tempo das pesquisas* e ao *tempo das redes sociais*, Castells (2003, p. 11) observa: nenhuma pesquisa *na e sobre* a internet pode esgotar as informações disponíveis nesse universo, afinal “a pesquisa não pode ser completa quando seu objeto (a internet) se desenvolve e muda mais depressa que o sujeito (este pesquisador – ou, aliás, qualquer pesquisador)”. Baseando-nos nessa proposição, não é de se admirar que o Orkut tenha sofrido mudanças durante a produção de nosso estudo. É da qualidade das redes sociais *desenvolver e mudar* mais rapidamente do que as *pesquisas* ou os *pesquisadores*.

Quanto ao segundo apontamento – a difusão do boato *o Orkut vai acabar* –, devemos enfatizar que ela não emerge somente agora, em 2011/2012. Ao contrário, já acompanha o Orkut há algum tempo. Pelo menos desde 2004 (ano de criação da rede), ouvem-se *rumores* sobre *o seu fim*. Comunidades desenvolvidas exclusivamente para debater *a morte do Orkut* surgiam, pontualmente, a cada ano. Elas demonstram, em certa medida, que o boato do *fim* do Orkut não é atual. Em 2004, foi criada a comunidade *Quando será o fim do Orkut?* (609 membros); em 2005, *Fim do Orkut!?* (261 membros); em 2006, *Unidos contra o fim do Orkut* (569 membros); em 2007, *Não ao fim do Orkut no Brasil* (7.278 membros); em 2008, *Diga não ao fim do Orkut!!!* (3.022 membros); em 2009, *Diga NÃO ao FIM do Orkut* (134.958 membros); em 2010, *Google anuncia fim do Orkut* (314.114 membros)²⁰⁶. A título de ilustração, vejamos abaixo dois depoimentos que foram postados em fóruns. Eles, mais uma

²⁰⁶ Entre os anos 2004 e 2010, muitas dessas comunidades defendiam o Orkut através do repasse, a diferentes perfis, de *correntes* do tipo: *Se você não entrar na comunidade X e não repassar essa mensagem X vezes o Google vai desativar o seu Orkut!*

vez, parecem corroborar a tese segundo a qual a difusão do boato sobre o *fim do Orkut* existiu, continuamente, de 2004 a 2010.

O site de relacionamentos Orkut, que está no ar desde 19 de janeiro de 2004, irá sair do ar nessa sexta-feira 17 de outubro de 2008. O motivo? Além das freqüentes denúncias de pedofilia e de provas feitas pela CPI da pedofilia, instaurada no Brasil, para os gerentes da Google, o Orkut é algo que está pesando nos servidores e no bolso. (Depoimento postado na página inicial da comunidade Fim do Orkut!?, 2005).

O Orkut a maior sensação dos últimos tempos pode chegar ao fim. Pode parecer brincadeira, mas devido aos inúmeros processos judiciais ele pode chegar ao fim. Vc que como eu ama o Orkut e não quer que ele acabe entre nessa comunidade e sinte-se em casa. (Descrição da comunidade Unidos contra o fim do Orkut, 2006).

É por essas razões que estamos afirmando: o fenômeno *fim do Orkut* pode ser considerado um *boato*, uma informação *não verificada* (pelo menos, até agora 2011/2012). Trata-se de uma falsa *novidade*, na qual as pessoas acreditaram ou ainda acreditam. Todavia, isso não significa que esse *boato* não possa tornar-se *informação verdadeira*. Porém, no estágio atual, não se prejulga a veracidade do *barulho que corre* e, nessa acepção, um *boato* não é, necessariamente, falso. Alguns *boatos*, nesse sentido, revelam-se exatos. Como discutido pelo sociólogo Jean-Bruno Renard (2007, p. 97), um *boato* pode ser considerado “um gênero comunicacional”, uma fonte de informação, “apesar da existência dos grandes meios de difusão coletiva que são a imprensa, rádio, a televisão e, agora, a internet”. Alguns *boatos* podem assumir a forma de um simples enunciado. Outros, a forma de uma narrativa, de uma pequena história. Um mesmo *boato* pode ser dito de forma breve, por exemplo: *O Orkut vai acabar*, e de uma forma narrativa mais extensa, que contará por que e como o Orkut terá seu *fim* (como nos depoimentos acima). Apresentamos, aqui, a seguinte definição de *boato*: “é um enunciado ou uma narrativa breve, de criação anônima, que apresenta múltiplas variantes, de conteúdo surpreendente, contada como sendo verdadeira e recente em um meio social que exprime, simbolicamente, medos e aspirações”. (RENARD, 2007, p. 98).

O *boato* sobre o *fim ou morte do Orkut* perdurou, durante todos esses anos, sob a forma do *medo* de que membros da rede não mais tivessem acesso a interações sociais consideradas, por eles, significativas. Afinal, é para isso que se presta o Orkut. Para os propósitos desta seção seria, ainda, interessante indagar: por que foram difundidas notícias *falsas* (ou ainda não confirmadas) sobre o *fim do Orkut* durante tanto tempo? Como elas passaram a merecer crédito? Ora, quando um *amigo* no Orkut pergunta *Você está sabendo da*

última? Pois é, o Orkut vai acabar!, em geral, tendemos a ficar *curiosos* com a notícia, que parece ser importante, podendo, assim, ser retransmitida por nós. O primeiro impulso é dar crédito à informação, afinal, confiamos na fonte, evidentemente; mas também porque, de modo geral, é materialmente impossível, na vida cotidiana *on-line*, conferir todas as informações que recebemos. Trata-se, dessa maneira, “de uma confiança social obrigatória, sem a qual mergulharíamos em uma paranoia e em uma suspeita sistemática”. (RENARD, 2007, p. 97). Os membros do Orkut dão crédito a *boatos* desse tipo porque, na verdade, sentem-se implicados e afetados pelo seu conteúdo, ao qual aderem e retransmitem. As histórias repassadas pela internet que mais nos interessam são aquelas que, de uma maneira ou de outra, nos dizem respeito.

Enfim, a reprodução do *boato* sobre o *fim do Orkut* não é, portanto, recente. O que também não se constitui em novidade é o *abandono* ou a *debandada* de membros do Orkut. Desde seu início, a rede perde adeptos regularmente, de tal maneira que esse fenômeno ficou popularmente conhecido como *Orkuticídio*. Como o nome sugere, é uma espécie de *suicídio virtual*, em que o membro do Orkut deleta seu perfil e *abandona* a rede. A respeito do conjunto de razões que justificam tal prática, destaquemos duas que são, frequentemente, utilizadas por seus usuários: 1) falta de privacidade: informações pessoais muito expostas; 2) problemas em seus relacionamentos amorosos (brigas entre namorados, crises de ciúmes, mensagens indesejadas). A prática de deletar ou abandonar perfis (*Orkuticídio*) também não surge somente agora, em 2011/2012. Tais quais as discussões do *fim do Orkut* que se veem representadas em comunidades, há também a criação de comunidades voltadas para discutir o fenômeno do *Orkuticídio*. Elas, por sua vez, parecem indicar que pelo menos desde 2005 e 2006 essa prática vem ocorrendo correntemente na rede. Vejamos dois exemplos de comunidades: *Cometi orkuticídio, mas voltei* (2.381 membros), criada em 13.11.2006; *Já tentei orkuticídio* (1.360 membros), criada em 03.06.2005.

Apesar de tudo, não podemos deixar de observar que, atualmente, reacende-se, com toda a força, a discussão sobre o *fim* ou *abandono* do Orkut. Entretanto, o que há de *particular* ou *novo* nessa discussão que emerge agora, nos anos 2011/2012? Conforme os próprios (ex)usuários do Orkut e grupos de discussão e matérias que circulam na mídia, a suposta queda do Orkut, hoje, estaria atrelada, sobretudo, a um outro fenômeno: o rápido avanço de uma *nova* rede de relacionamento social no Brasil – o *Facebook* –, configurando-se nosso terceiro apontamento. Segundo o próprio *site*, o *Facebook* é uma rede social que reúne pessoas a seus amigos e àqueles com quem trabalham, estudam e convivem. No *Facebook*

*você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida*²⁰⁷. Tomemos alguns exemplos de manchetes jornalísticas. Elas, de algum modo, parecem tornar notório o fenômeno do crescimento do *Facebook* no Brasil, principalmente, a partir de 2011: “Brasil lidera crescimento do *Facebook* no mundo²⁰⁸”, em 30.05.2011; “Brasil tem a maior taxa de crescimento no *Facebook*; rede alcança 687 mi de usuários²⁰⁹”, em 13.06.2011; “*Facebook* passa Orkut em número de usuários no Brasil em agosto, confirma Ibope²¹⁰”, em 10.09.2011; “*Facebook* passa Orkut em número de visitante no país²¹¹”, em 18/01/2012, “Brasil é 4º país no *Facebook* em número de usuários²¹²”, em 05/01/2012; “Com 36 milhões de visitantes, *Facebook* passa o Orkut no Brasil²¹³”, em 17/01/2012.

Essas manchetes parecem deflagrar um fato incontestável: *o Orkut acabou* e o *Facebook* assume seu lugar de rede social mais acessada no Brasil. Entretanto, em recentes visitas às comunidades do Orkut²¹⁴, verificamos a existência de grupos em disputa. Há discussões divergentes que refletem certa rivalidade Orkut *versus Facebook*. Elas se dividem em dois grupos: o daquelas comunidades que foram criadas para defender o Orkut e o de outras para defender o *Facebook*. Vejamos como se mostram, respectivamente, tais grupos. O primeiro: *Diga não ao fim do Orkut* (273.752 membros), criada em 09.03.2011; *Orkut: Mto melhor que facebook* (12.227 membros), criada em 31.10.2011; *Orkutizando o Facebook* (1.944 membros), criada em 11.10.2011; *Não troco o Orkut pelo Facebook* (2.986 membros), criada em 27.06. 2011; *Eu odeio o facebook* (206 membros), criada em 25.04. 2011; *Eu não gosto do Facebook* (1.724 membros), criada em 04.01.2011; *Eu não preciso de um facebook* (819 membros), criada em 18.01.2011. O segundo grupo: *Tchau Orkut, fui pro Facebook* (13.285 membros), criada em 22.02. 2011; *Fui pro Facebook* (259.828), criada em 10.10. 2010; *Te vejo no facebook* (16.528 membros), criada 23.02.2011; *Eu amo o Facebook* (1.255 membros), criada em 26.11.2011. Caso nos deixemos influenciar pela proposta dessas

²⁰⁷ Disponível em: <<http://pt-br.facebook.com/>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

²⁰⁸ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI237259-15224,00-BRASIL+LIDERA+CRESCIMENTO+DO+FACEBOOK+NO+MUNDO.html>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

²⁰⁹ Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2011/06/13/brasil-tem-a-maior-taxa-de-crescimento-no-facebook-rede-alcanca-687-mi-de-usuarios.jhtm>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

²¹⁰ Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2011/09/10/facebook-passa-orkut-em-numero-de-usuarios-no-brasil-em-agosto-confirma-ibope.jhtm>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

²¹¹ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/index-20120118.shtm>. Acesso em: 22 mar. 2012.

²¹² Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/1030043-brasil-e-4-pais-no-facebook-em-numero-de-usuarios.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

²¹³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1035484-com-36-milhoes-de-visitantes-facebook-passa-o-orkut-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

²¹⁴ Elas foram realizadas em março de 2012.

comunidades, veremos que o discurso do *fim do Orkut* não é unânime. Há pessoas que, ainda, preferem ou defendem o Orkut como sendo a sua rede preferida.

Incontestavelmente, 2011 marca a *arrancada* do *Facebook* no Brasil. Segundo dados da *Socialbakers*²¹⁵, empresa de estatística especializada nos índices do próprio *Facebook*, atualmente existem, no Brasil, 42.199.880 usuários, embora o Orkut ainda mantenha uma grande parcela do mercado de redes sociais no país. De acordo com a *empresa de medição do mundo digital, comScore*²¹⁶, o Orkut conta com mais de 34 milhões de usuários, contra 36 milhões do *Facebook*. Os motivos que levariam hoje milhares de pessoas a aderirem ao *Facebook*, em detrimento do Orkut, estariam relacionados, especificamente, à *inovação*. A natureza dessa *inovação*, segundo os discursos correntes de (ex)usuários do Orkut e atuais do *Facebook*, apresenta-se sob a forma de *novos aplicativos e games*, além da *capacidade de se conectar com pessoas fora do Brasil*. O *Facebook* inovou na medida em que se tornou, conforme esses discursos, uma *espécie de internet dentro da internet*, uma vez que essa rede permite que o usuário desempenhe diversas atividades na *web*, a partir do próprio *Facebook*. É possível, por exemplo, *fazer compras, acessar notícias, conversar com amigos, divertir-se com jogos, acompanhar vídeos diretamente*. Ademais, todo o conteúdo consumido pode ser compartilhado com *amigos*.

Malgrado os dados sobre o avanço do *Facebook*, o Orkut, ainda, ganha novos adeptos no país, mesmo que seu crescimento registre-se inferior, quando comparado ao do *Facebook*. É interessante notar que esse *novo* grupo de adesão reflete um fenômeno social importante: o processo de ascensão social de pessoas que, até bem pouco tempo, não tinham acesso a computador ou a redes sociais. Uma economia em crescimento e um acesso mais fácil ao crédito deram-lhes a possibilidade de adquirir computadores e conexões de banda larga. Para esse grupo, o Orkut continua sendo uma porta de entrada para a internet. Não devemos esquecer que para boa parte dos internautas brasileiros o Orkut, lançado em 2004, foi o primeiro contato com o conceito de redes sociais. O serviço rapidamente se popularizou no país, na medida em que facilitava a conexão entre amigos e era uma maneira *inovadora* de conhecer pessoas, sendo a primeira rede social a fazer sucesso no país. Assim, entendemos que o Orkut, de uma maneira ou de outra, preparou terreno para o crescimento do *Facebook* no Brasil, diante de um mercado preparado para o desenvolvimento, com acesso à internet em rápida expansão, um número de computadores cada vez maior e uma demanda voraz por mídia social.

²¹⁵ Disponível em: <www.socialbakers.com>. Acesso em: 22 mar. 2012.

²¹⁶ Disponível em: <<http://www.comscore.com/por/>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

O crescimento do uso do Orkut, por parte desse grupo social específico, foi denominado *orkutização*, último apontamento a ser destacado nesta sessão. Esse fenômeno é, vulgarmente, entendido como *a invasão das classes sociais menos favorecidas nas redes sociais online*. Como se pode notar, ele é utilizado de forma pejorativa, para determinar certos comportamentos, tidos *inadequados* ou *mal educados*, por pessoas de nível social e educacional baixo. É evidente que o uso do termo *orkutização* demonstra que a *popularização* das redes sociais, usadas, até então, majoritariamente, pelas classes A e B no país, não é bem-vinda. A isto, indagamos: afinal, qual é o sentido de queixar-se da “invasão” de grupos sociais numa rede na qual o usuário decide de quem será *amigo*? Decide com quem vai interagir? Ora, o que se desvela daí é uma forte relação entre Orkut e preconceito de *classe*; *popularização* do Orkut e *distinção*. (BOURDIEU, 2008). Quanto a isso, reafirmarmos: as redes sociais *on-line* são demasiadamente humanas; reproduzem, em seu interior, os mesmos valores, neste caso, os mesmos julgamentos e preconceitos vivenciados em redes *off-line*. Para concluir esta sessão, discorreremos, brevemente, sobre essas relações.

Nossa hipótese é a de que o fenômeno *orkutização* dá-se num contexto no qual a apresentação dos *gostos*, no Orkut, assume a forma de um *marcador de classe*²¹⁷. (BOURDIEU, 2008). Expressar *gostos* pessoais na rede é, também, uma maneira de expressar *nossas diferenças*. Baseando-nos nessa discussão e no fenômeno *orkutização*, consideramos o Orkut um espaço de diferenciação progressiva. Essa rede social é constituída por uma *economia de bens culturais*. (BOURDIEU, 2008). O consumo de tais bens, conscientes ou não, preenche a função social de classificar, os membros do Orkut, segundo suas classes. Inevitavelmente, as pessoas, no Orkut, apresentam a si mesmas e seus *gostos*, geradores de dispositivos de *distinção*. (BOURDIEU, 2008). O *gosto*, ao desempenhar a função social de legitimação das diferenças sociais, assume, na rede, a forma de *aversão* e *intolerância* às preferências dos outros. Como a *distinção social*, baseada no *gosto*, não se limita exclusivamente, aos artefatos da *cultura legítima*, mas abrange várias dimensões da vida humana que implicam *escolhas* – vestuário, comida, música, filmes, livros, formas de lazer, opções de consumo – o *gosto*, no Orkut, funciona como um sentido de *distinção* por excelência, permitindo separar e unir pessoas, forjar solidariedade ou constituir divisões grupais. As escolhas feitas por diferentes grupos e publicizadas no Orkut revelam, assim, interesses de *classe*, *frações de classe* ou, ainda, posições relativas às práticas sociais.

²¹⁷ Para Bourdieu (2008, p. 101), classe social pode ser definida “pela estrutura das relações entre as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas”.

O fenômeno *orkutização* subsiste porque o *gosto* classifica e diferencia aquele que procede à classificação, ou seja, os membros do Orkut diferenciam-se por seus *gostos* e hábitos, exprimindo-se ou traduzindo-se, por intermédio dessas práticas, a posição desses sujeitos nas classificações sociais objetivas. Portanto, estamos defendendo que no Orkut as diferentes escolhas que as pessoas fazem e publicam, seja em seus perfis, seja em comunidades virtuais, são todas elas *distinções*: fotos que revelam estilos, opções e formas de vestir-se; comunidades que desvelam escolhas por cantores, filmes, cardápio, arte, esporte etc. servem, sobretudo, para diferenciar pessoas e desenvolver mecanismos de *distinção* entre os membros do Orkut, cujas estruturas das posições ocupadas pressupõem a aproximação de uma determinada *fração de classe* que compartilha do mesmo *habitus*²¹⁸, isto é, as escolhas são feitas em oposição àquelas realizadas por pessoas de outras *classes sociais*. No sentido que estamos trabalhando nesta seção, o Orkut funciona como um espaço social hierarquizado pela desigual distribuição de diferentes *capitais*, funcionando como um sistema de relações de poder e como um sistema simbólico, em que distinções de *gosto* se tornam a base do julgamento social *on-line*.

5.2 NOTAS CONCLUSIVAS

A análise apresentada nesta pesquisa permitiu-nos compreender o universo social dos fóruns e enquetes, situados na dimensão das experiências vivenciais, bem como a natureza própria das interações amorosas *on-line*, que se dão numa modalidade específica de comunicação mediada por computador. Os fóruns e enquetes sobre namoros virtuais, produzidos por aqueles que namoram *on-line*, foram o ponto de partida e de chegada dessa reflexão. Nesse sentido, significados sociais conferidos, por esses *debatedores*, a respeito de seus próprios comportamentos e atitudes amorosas virtuais foram o principal objeto de análise. Demonstramos, a partir do exame do material empírico, que esses fóruns e enquetes constituem-se em espaços *on-line*, cujo domínio de práticas e experiências põe em cena uma forma particular de *apresentação do eu*, na qual o indivíduo, por meio de *narrativas*, *encena a si mesmo* e ao seu *cotidiano*, expondo, em consequência, à vista toda a teatralidade *da vida social*, em que, inevitavelmente, entremeiam-se *fato* e *ficção*. Ora, nos fóruns e enquetes, percebemos que os indivíduos *ficcionalizam a si* e aos eventos que narram de modo que *se*

²¹⁸ É definido como um sistema socialmente constituído de *disposições* (tendências, aptidões, inclinações, talentos) que orientam pensamentos, percepções, expressões e ações. (BOURDIEU, 2008).

apresentam e teatralizam formas cotidianas de vida amorosa *on-line*, na qual se assenta uma *narrativa de si* que se desenrola sob a forma de uma *história de amor feliz*.

Como vimos, o estudo dos fóruns e enquetes sobre namoros virtuais levou-nos a uma constatação bastante intrigante: esses espaços são constituídos, majoritariamente, por histórias de namoros virtuais cujo desfecho revela-se *exitoso*, de *resultado satisfatório, próspero, feliz*, sendo estas as consideradas dignas de serem retratadas nos debates públicos. Os fóruns e enquetes sobre namoros virtuais dão forma ao vivido e à experiência, fazendo da história de uma vida amorosa *on-line* uma *história fictícia* ou uma *ficção histórica*. Mostramos, nesta pesquisa, que a vida amorosa narrada *feliz* é a ficção verdadeira do *personagem apaixonado*, na qual prevalece a narrativa de um autor que se faz *herói* da sua própria história, organizada em torno de sua própria existência, recorrendo, por vezes, aos preceitos do ideal de amor romântico para contar sua vivência particular de namoro virtual. São narrativas formadas a partir de dois elementos complementares: de um lado, a *face ficcionalizada* cuja história é *colorida e expressada* por sentimentos edificantes que se referem ao ideal de amor romântico e à ideia de felicidade amorosa; de outro, a *face do fato vivido* que é conivente com a experiência concreta vivida na relação.

Nossa análise constatou que os *narradores* de histórias de namoros virtuais procuram *romancear* suas relações amorosas como uma maneira possível de *vivenciar* o ideal de amor romântico. Demonstramos, desse modo, que as narrativas de *namoros virtuais felizes* resultam de uma satisfação vivida a qual os narradores *colorem*, no momento de contá-las, com elementos do romantismo. É essa ideia de amor que tomam de empréstimo para contar a sua própria *história encantada de amor*. Concluímos, por fim, que o fenômeno da (re)elaboração e da (re)invenção dos namoros virtuais, na condição narrativa, como razão e causa da felicidade experimentada, está diretamente associado às representação do *amor romântico* como um ideal socialmente almejado que ocupa ainda um lugar de destaque na vida das pessoas. O desejo de viver no tempo e no espaço reais das sequências próprias e consagradas do amor romântico pode ser, aqui, realizado por meio de uma narrativa histórica de ficção.

O que é inventado e ficcionalizado, no ato narrativo das discussões de namoros virtuais, para além da individualidade das vidas narradas, pode ser postulado nos termos de uma *identidade narrativa* que, ao mesmo tempo, demarca o campo amoroso e a ação dos sujeitos dentro dele. Essa possível *construção identitária*, tomada do ponto de vista dos atores, evidencia um sujeito que é levado a pensar sua vida afetiva. Essa mesma *construção identitária*, sempre móvel, instaura-se enquanto horizonte de uma possível atribuição de *sentido para si* e para os próprios namoros. Nas narrativas de namoros virtuais, verificamos a

existência de uma relação íntima entre *identidade (personagem)*, sentimentos e relação amorosa, assentando-se aí as particularidades das narrativas por nós estudadas. Elas, em verdade, revelam *o quem da ação* no processo contínuo de construção de *identidades* em que os namoros virtuais aparecem associados à *felicidade amorosa contínua*. Nessas narrativas, a *identidade do personagem* pode ser descoberta e expressa na experiência da relação amorosa e na compreensão dos sentimentos que se adquire ao contar o trecho da história em que ela se apresenta *feliz*. São narrativas em que o *eu* ancora-se na imagem de uma relação afetiva virtual *bem-sucedida*. Mostramos que tais narrativas são, intrinsecamente, uma narrativa da memória e da lembrança dos eventos amorosos *prósperos*, ou seja, em seu epicentro encontram-se a *injunção* de que o sujeito exerça sua recordação do *amor feliz* para assim (re)vivê-lo em intensidade.

As formas pelas quais os sujeitos se constituem e se relacionam, nesse universo, remetem, por sua vez, a processos constitutivos da vida social contemporânea. Indubitavelmente, os fóruns e enquetes, como espaços-tempos biográficos, não são criações espontâneas, nascidas unicamente da iniciativa individual: trazem, antes, a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem tanto nos modelos de figuração narrativa quanto nas formas de relação dos indivíduos *consigo mesmos* e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem. Ao problematizarmos a ascensão de debates sobre vínculos afetivos *on-line*, produzidos pelos próprios internautas, interrogamo-nos e elaboramos pistas de respostas a questões outras, emergentes no modelo de sociedade vigente: a crescente ênfase *biográfica*, a urgência por *contar* ou *contar-se*, o fenômeno da *injunção a ser si mesmo*, a importância dos *suportes* na vida das pessoas, o processo de *(re)negociação identitária*, a atenção dada à construção de um *projeto reflexivo do eu*, a influência da *reflexividade* na vida cotidiana etc. Os fóruns e enquetes são reflexos de uma forma de sociedade que demanda aos indivíduos a tarefa constante de autointerrogar-se; modelo cujo contexto torna os indivíduos sujeitos da construção de sua própria *identidade* e biografia.

O aparecimento de debates sobre namoros virtuais na cena amorosa recente representou, nesta pesquisa, um panorama do modo como se *(re)configura* a formação de certos vínculos amorosos hoje e ideais amorosos a eles associados. Sustentamos que a emergência de fóruns e enquetes sobre namoros virtuais podia refletir mudanças, respectivamente, nas formas como se constroem vínculos amorosos atualmente: eles podem ser geridos pela internet; e nas formas como os indivíduos relacionam-se com esses mesmos vínculos: eles podem ser discutidos e debatidos. Pôr em debate tais questões levou-nos, ainda, a uma investigação sobre a *condição corporal e a expressão das emoções* nos namoros

virtuais. Isso porque as mudanças nos vínculos amorosos, com as quais nos deparamos nesta pesquisa, referiam-se, sobretudo, à vivência da presença/ausência do corpo (de si e do outro) e das emoções relativas à experiência do amor romântico no universo *on-line*. Contestamos, aqui, a premissa segundo a qual a internet, ao anular ou colocar entre parênteses o corpo, não possibilita a vivência de sentimentos e emoções. Contrário a isso, inferimos que o corpo e a emoção se faziam presentes nas trocas virtuais amorosas; porém, evidentemente, de outra maneira. Nos namoros virtuais, a vivência do corpo e das emoções amorosas correspondentes vai se dar pela mediação da tecnologia virtual, que atribui novos sentidos para o corpo e para a experiência do amor.

Dois foram os argumentos que empregamos para sustentar a proposição segunda a qual as discussões de namoros virtuais, da forma como aparecem em fóruns e enquetes, constituem em *narrativas de si*. Foram assim designadas, pois: 1) são elaboradas por meio de princípios de organização e de coesão: *sucessão e causalidade, síntese das ações e das funções, dinâmica transformadora entre sequências de abertura e fechamento, orientação e objetivo*; 2) são construídas na relação entre *fato e ficção*. Com essa linha argumentativa, indagamo-nos: quais as principais características das *narrativas de si* que se veem nos fóruns e enquetes de namoros virtuais? A essa questão, respondemos: 1) elas são sempre momentâneas e situacionais, dada a própria dinâmica da ferramenta Orkut e da natureza volátil das *identidades* e das relações sociais que ali se estabelecem; 2) são *performáticas* na medida em que organizam e expressam a *experiência de viver um namoro virtual*; 3) formam uma unidade entre *texto e ação*, constituindo e ordenando a experiência, podendo servir para *reflexão* e comunicação desta; 4) apresentam caráter *hermenêutico*, pois presumem, como um possível constituinte de sua ação, a probabilidade da *reflexividade*; nelas, encontra-se um ativo processo de (re)negociação e (re)elaboração no qual os participantes poderão examinar *reflexivamente* o discurso no momento em ele está emergindo.

Neste estudo, buscamos, ainda, dar pistas de respostas a duas questões fundamentais para nós: Como os namoros virtuais se apresentam nessas narrativas? De que elementos elas são constituídas? Nossa análise empírica observou que os namoros virtuais são apresentados nos fóruns e enquetes: a) como uma união quase *perfeita*, em que os *apaixonados* exaltam o valor da experiência de fusão ou êxtase na relação com o outro; b) como algo *irracional* ou *inevitável*; os envolvidos apostam na espontaneidade do sentimento, que seria a princípio invulnerável aos resultados de deliberações, decisões e ações racionalmente orientadas; c) como normas ideais de experiência amorosa, ou seja, baseados na *crença amorosa romântica*; e, por fim, d) como responsável por uma *intensa expressão de felicidade*. Compreendemos,

desse modo, que os namoros virtuais apresentam-se, nessas narrativas, enquanto uma relação que reúne todas as qualidades concebíveis, sendo vistos como padrão ideal de relação, incomparável, irrepreensível, sem defeitos. É uma união concebida nos moldes do ideal de amor romântico e sem intervenção da *razão*, parecendo atingir o mais alto grau na escala dos valores morais e sociais, cujo resultado imediato é a *felicidade*.

Evidenciamos que os elementos de que são constituídas as narrativas de namoros virtuais obedecem a uma estrutura tríplice formada com a participação: 1) de representações do ideal de amor romântico; 2) da presença da figura do apaixonado(a); 3) de expressões da felicidade amorosa. Esses três elementos irreduzíveis surgem nas narrativas enquanto *perfeições ontológicas*. As narrativas, por nós estudadas, desvelavam características próprias aos namoros virtuais tais como interpretam aqueles que os vivem. Elas são fruto de traduções pessoais. Os namoros virtuais são descritos enquanto uma relação amorosa *inevitável, a qual não podem explicar, porque é obra do acaso*. Ela é também tomada enquanto uma união *sem defeitos, quase perfeita, melhor*, que é vivida sobre a égide do *amor romântico* e é *expressão de felicidade*. É nesse sentido que se mostra a estrutura tríplice dessas narrativas. Constitui-se em um conjugado no qual se revelam traços do *amor romântico*, a pessoa do *apaixonado(a)* e a ideia de *felicidade*. Nessas expressões, o *amor romântico*, o *apaixonado* e a *felicidade* são elementos que coexistem sem conflitos.

A partir daí, chegamos às seguintes constatações. As narrativas de namoros virtuais: 1) dizem respeito a percursos de vidas amorosas; são retrospectivas e prospectivas: os indivíduos falam de eventos vividos no passado, sonham com o que pode vir a ser e supõem que o futuro será seguro o bastante para que as promessas feitas possam ser cumpridas; 2) revelam o esforço despendido pelos amantes a fim de que o namoro virtual seja profícuo e duradouro, colando à imagem do sentimento amoroso a ideia de imortalidade; estão regidas por uma idealização que se estende aos seguintes aspectos: a noção de intensidade (em si mesmo e no outro, para quem o amor se destina), a concepção de completude, de eternidade e de entrega; 3) como um vínculo com o outro que não conhece desejo mais ardente que a vontade de conduzir a própria vida no corpo da pessoa amada; 4) como felicidade que recompensa a vida, uma vez que é sempre bom e justo. Ganha ainda mais centralidade para a existência do sujeito: não é mais uma possibilidade entre outras, mas constitui a justificação de sua existência.

Em suma, defendemos, nesta pesquisa, a tese segundo a qual as discussões de namoros virtuais, em fóruns e enquetes de comunidades virtuais do Orkut, assumem a forma *narrativa*. Instituídas a partir de elementos derivados do processo em que se entrecruzam *fato* e *ficção*,

elas, em verdade, constituem-se em *narrativas de si*, cuja *intriga* é tecida por intermédio da associação entre ideal de amor romântico, felicidade amorosa e experiência vivida no namoro. Esforçamo-nos, aqui, por compreender fóruns e enquetes cujo *cotidiano amoroso* é, inevitavelmente, *ficcionalizado* e *dramatizado* através de *jogos performativos*, compostos pela *fabulação amorosa romântica* e pela *concretude* dos namoros virtuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOIM, Sofia. Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. **Análise Social**, Lisboa, v. 41, n. 180, p. 801-825, 2006b.

ABOIM, Sofia. **Conjugalidades em mudanças**: percursos e dinâmicas da vida a dois. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006a.

ABOIM, Sofia. Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 70, p. 107-122, jun. 2009.

ALBERONI, Francesco. **Enamoramento e amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

ALBERONI, Francesco. **O erotismo**: fantasias e realidades do amor e da sedução. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. Espetáculo, comunicação e comunismo em Guy Debord. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 48, n. 115, 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

AZEVEDO, Luciene. Blogs: a escrita de si na rede dos textos. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, jul./dez. 2007.

AZEVEDO, Thales. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Ática, 1986.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

BELLONI, Maria Luiza. A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 22, 2003.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, v. 1).

BERTAUX, Daniel. Metodologia do relato de vida em sociologia. In: TAKEUT, Norma; NIEWIADOMSKI, Christophe (Org.). **Reinvenções do sujeito social**: teorias e práticas biográficas. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BERTOLDO, Raquel Bohn; BARBARA, Andréa. Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. **Psico-USF**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 229-237, 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pusf/v11n2/v11n2a11.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2011.

BORGES, Maria de Lourdes. **Amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOTTÉRO, Jean. Tudo começou na Babilônia. **Revista L'Historie/Seuil**, Porto Alegre, Edição especial: Amor e sexualidade no Ocidente, 1992.

BOUILLOUD, Jean Philippe. A autobiografia: um desafio epistemológico. In: TAKEUT, Norma; NIEWIADOMSKI, Christophe (Org.). **Reinvenções do sujeito social**: teorias e práticas biográficas. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Post-scriptum sobre a dominação e o amor. In: BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Editora da USP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRUNO, Fernanda. A obscenidade do cotidiano e a cena comunicacional contemporânea. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 25, dez. 2004.

CAMPBELL, Colin. **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CARVALHO, Alberto. **O amor que rouba os sonhos**: um estudo sobre a exposição feminina ao vírus HIV. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 1998.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 9, n. 19, jul. 2003.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - a era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto VI**: figuras do pensável. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASTRO, Eduardo; ARAUJO, Ricardo Benzaquem. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, Gilberto. **Arte e Sociedade**: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 130-169.

CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CHIANTARETTO, Jean-François. A escrita de si, construção do eu e experiência traumática: a questão da interlocução interna. In: TAKEUTI, Norma; NIEWIADOMSKI, Christophe (Org.). **Reinvenções do sujeito social**: teorias e práticas biográficas. Porto Alegre: Sulina, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **Razões públicas, emoções privadas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: um estudo sobre o ideal de amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Rogério de. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2002.

COSTA, Sérgio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. **Novos estud.** – **CEBRAP**, São Paulo, n. 73, nov. 2005.

COSTA, Sérgio. Quase crítica: insuficiências da sociologia da modernização reflexiva. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 16, n. 2, nov. 2004.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. 2003a. Disponível em: <www.geocities.com/projetoperiferia>. Acesso em: 9 jul. 2011.

DEBORD, Guy. **Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo**. 2003b. Disponível em: <www.ebooksbrasil.org/adobeebook/comentariosse.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DELA COLETA, A. S. M; DELA COLETA, M. F.; GUIMARÃES, J. L. O amor pode ser virtual? o relacionamento amoroso pela internet. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 277-285, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a10v13n2.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christene. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINGUES, José Maurício. Reflexividade, individualismo e modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Editora da USP, 2009.

DUBY, Georges. **História da vida privada 2**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ENRIQUEZ, Eugène. Da solidão imposta a uma solidão solidária. **Cronos, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN**, Natal, v. 5-6, jan./dez. 2004/2005.

ENRIQUEZ, Eugène. Prefácio. In: TAKEUTI, Norma; NIEWIADOMSKI, Christophe (Org.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FERREIRA, Nádía P. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FONTANELLA, F. I.; PRYSHTON, A. Trocando figurinhas: sobre Orkut, frivolidades, neotribalismo e flânerie”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 27., 2004.

FOUCAULT, Michael. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

FREUD, S. *Romances Familiares*. In: ESB das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GASTALDO, Édison (Org.). **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tomo, 2004.

GASTALDO, Édison. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, out. 2008.

GAULEJAC, Vincent. La vie, le roman, l’histoire. In. Récits de vie et histoire sociale. **Revue Internationale de Psychosociologie**, Paris, v. 6, n. 14, 2000b.

GAULEJAC, Vincent. O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito. **Cronos, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN**, Natal, v. 5-6, jan./dez. 2004/2005.

GAULEJAC, Vincent. O sujeito face à sua história: a démarche “romance familiar e trajetória social”. In: TAKEUTI, Norma; NIEWIADOMSKI, Christophe (Org.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

GAULEJAC, Vincent; LÉVY, André. Introduction. Récits de vie et histoire sociale: quelle historicité? In. Récits de vie et histoire sociale. **Revue Internationale de Psychosociologie**, v. 6, n. 14, 2000a.

GAY, Peter. **A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Em defesa da sociologia**: ensaios, interpretações e trépicos. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em desordem**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Novas regras do método sociológico**: uma crítica positiva das sociologias compreensivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIUST-DESPRAIRIES, Florence. Raconter as vie: la quête ontologique Du sujet contemporain. In. Récits de vie et histoire sociale. **Revue Internationale de Psychosociologie**, v. 6, n. 14, 2000.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal**: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUATTARI, Felix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, dez. 2005.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

ILLOUZ, Eva. **El consumo de la utopía romántica**: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo. Buenos Aires: Katz, 2009.

ILLOUZ, Eva. **Intimidades congeladas**: las emociones en el capitalismo. Buenos Aires: Katz, 2007.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, jun. 2004.

JUSTO, José Sterza. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Rev. Dep. Psicol., UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, jun. 2005.

KOURY, Mauro G. P. Sofrimento íntimo: individualismo e luto no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, João Pessoa, p. 93-107, abr. 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura: GREM, 2004.

LAHIRE, Bernard. Entrevista. **Revista Cronos**, Natal, v. 10, n. 2, p. 165-177, jul./dez. 2009.

LASH, Scott. Sistemas especialistas ou interpretação situada? cultura e instituição no capitalismo desordenado. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **El sabor del mundo: una antropogía de los sentidos**. Bueno Aires: Nueva Visión, 2009.

LEMOS, André. Ciber-Socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. **FACOM**, Salvador, 1999. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>>. Acesso em: 9 jul. 2011.

LEMOS, André. A arte da vida: diários pessoais e *webcams* na Internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 25., Salvador, 2002.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão: para a codificação da intimidade**. Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1991.

- MALINOWSKI, A **vida sexual dos selvagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- MANUEL, Sandra. Presentes Perigosos: dinâmicas de risco de infecção ao HIV/Aids nos relacionamentos de namoro em Maputo. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2009.
- MARINO JÚNIOR, Raul. **Fisiologia das emoções**. São Paulo: Sorvier, 1975.
- MARTUCELLI, Danilo. **Gramáticas del individuo**. Buenos Aires: Losada, 2007.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: MAUSS, Marcel. **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- MÁXIMO, Maria Elisa. **Blogs: o eu encena, o eu em rede**. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sociotécnicas. Florianópolis, 2006. 283 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. A modelagem sócio-cultural na expressão das emoções. **Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 6-23, 2002.
- NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Do amor em tempos de internet: análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- NASCIMENTO, Cláudio Reichert. **Identidade pessoal em Paul Ricoeur**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofias Continental e Analítica) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- NEVES, Ana Sofia Antunes. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 336, set.-dez. 2007.
- NIEWIADOMSKI, Christophe. Indivíduo pós-moderno, sofrimento psíquico e desafios do trabalho social. **Cronos, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN**, Natal, v. 5-6, jan./dez. 2004/2005.
- NIEWIADOMSKI, Christophe; COURBET, Lise Poirier. Lugar das histórias de vida na elucidação das autorizações simbólicas da escrita. In: TAKEUTI, Norma; NIEWIADOMSKI, Christophe (Org.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- NUNES, Everardo Duarte. Goffman: contribuições para a sociologia da saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 173-187, 2009.

NUNES, Jordão Horta. A sociolinguística de Goffman e a comunicação mediada. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 19, n. 2, nov. 2007.

NUNES, Jordão Horta. **Interacionismo simbólico e dramaturgia**: a sociologia de Goffman. São Paulo: Associação Editorial Humanitas; Goiânia: Editora da UFG, 2005.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 16, n. 2, 2008.

PAIVA, Antonio Crístiam Saraiva. **Reservados e invisíveis**: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas. Fortaleza: PPGS-UFCE; Campinas: Pontes, 2007.

PAZ, Octávio. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 1994.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio**: políticas de subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras: 2000.

PLATÃO. **O Banquete**. Lisboa: Edições 70, 2001. (Clássicos gregos e latinos).

PORTO, Sérgio Dayrell. **Sexo, afeto e era tecnologia**: um estudo de chats na internet. Brasília: Editora da UnB, 1999.

RAMOS, Jair de Souza. Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da revista Men's Health. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27., Belém, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RECUERO, Raquel. Teoria das redes e redes sociais na Internet: considerações sobre o Orkut, os weblogs e os fotologs. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 27., 2004.

RENARD, Jean-Bruno. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 32, p. 97-104, abr. 2007.

REZENDE, Cláudia Barcellos. O brasileiro emotivo: Reflexões sobre a construção de uma identidade brasileira. **Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, João Pessoa, v. 2, n. 4, p. 93-122, abr. 2003.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia (Org.). **Cultura e sentimentos**: ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2011.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.

RIBEIRO, Renato Janine. Sedução e enamoramento. In: FORBES, Jorge (Org.). **Psicanálise**: problemas ao feminino. Campinas: Papirus, 1996. (Coleção biblioteca freudiana).

RIBEIRO, Gustavo Lins. El espacio-público-virtual. **Série Antropologia**, Brasília, n. 318, 2002.

- RICCIO, Vicente. A Lei em Tela e a Tela da Lei: o direito e os reality shows. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 4, 2001.
- RICOEUR, Paul. A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal. Tradução de Carlos João Correia. **Arquipélago**, Lisboa, n. 7, p. 177-194, 2000.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (Tomo I)**. Campinas: Papirus, 1994.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (Tomo II)**. Campinas: Papirus, 1995.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (Tomo III)**. Campinas: Papirus, 1997.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. São Paulo: Papirus, 1991.
- RODRIGUES, Nelson. **Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo: o consultório sentimental de Nelson Rodrigues/Myrna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ROUGEMONT, Denis. **A história do amor no Ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SAMPAIO, Alice. **Amor na internet: quando o virtual cai na real**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIBÍLIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SIBÍLIA, Paula. A vida como relato na era do fast-forward e do real time. **Revista em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 35-51, jan./jun. 2005.
- SIBÍLIA, Paula. A vida como relato nos Blogs: mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do “eu”. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., Coimbra, set. 2004.
- SIBÍLIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SILVA, Sheyla Pinto. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, ago. 2002.
- SILVA, Vergas Vitória Andrade. **De repente do riso fez-se o pranto: representações e expressões do amor e do sofrimento amoroso**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências

Sociais) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

SILVA, Vergas Vitória Andrade. **Confissões apaixonadas via telefone: um estudo sobre as declarações de amor e os serviços de telemensagens**. 2004. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2004.

SIMMEL, George. **Filosofia do amor**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOUZA, Luciana Karine; HUTZ, Claudio Simon. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 2, jun. 2008.

THIBES, Mariana Zanata. **Orkut: o público, o privado e o íntimo na era das novas tecnologias da informação**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TRAJANO FILHO, Wilson. Goffman em África e entre os músicos: reflexões sobre a influência de sua obra. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 23, out. 2008.

TREKKER, Anne Marie. A prática das oficinas de escrita nas fronteiras da literatura e da sociologia de intervenção. In: TAKEUTI, Norma; NIEWIADOMSKI, Christophe (Org.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades modernas. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VIEIRA, C. I. F; COHN, C. Amor contemporâneo e relações na internet: ausência do corpo nas relações. **Revista Brasileira Sociologia das Emoções**, Paraíba, v. 7, n. 19, p. 72-117, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/VieiraArt.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2009.

VILLERS, Guy de. Identidade, sujeito e formação. In: TAKEUTI, Norma; NIEWIADOMSKI, Christophe (Org.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. In: WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**. São Paulo: Editora da USP, 1994.

ANEXO

ROTEIRO DE QUESTÕES	
ALGUNS DADOS SOBRE VOCÊ	
A. Nome (Por favor, crie um Nick):	Resposta:
B. Sexo:	Resposta:
C. Sua idade e a do seu/sua namorado(a):	Resposta:
D. Fale um pouco sobre você (Tente dizer como você é):	Resposta:
E. O que está fazendo atualmente? Estudando? Trabalhando? Conte-nos.	Resposta:
F. E o seu/sua namorado(a) o que faz? Como ele/ela é?	Resposta:
G. Qual a cidade que mora? E o seu/sua namorado(a)?	Resposta:
H. Quanto tempo namoraram só no virtual?	Resposta:
I. Você já conhece seu/sua namorado(a) presencialmente. (Caso sim, quantas vez já se viram frente-a-frente). Conte-nos como foi o primeiro encontro.	Resposta:
J. Você já teve outros namoros virtuais ou este é o primeiro?	Resposta:
QUESTÕES GERAIS	
1. Para você o que é um <i>namoro virtual</i> ?	
2. Como se estabelece o primeiro contato? O que é preciso acontecer para que se esteja <i>namorando virtualmente</i> ?	
3. Qual a diferença de um namoro que se inicia na internet para o que se inicia no <i>“real”</i> ?	
4. Quais os motivos que te levaram a <i>namorar virtualmente</i> ? O que foi decisivo para que você assumisse esse <i>namoro virtual</i> ?	
5. Como é namorar à distância? Como é que se namora na internet?	
6. Em sua opinião, é mais <i>“difícil”</i> ou mais <i>“fácil”</i> encontrar <i>um(a) namorado(a) virtual</i> ?	
7. Quais as dificuldades e facilidades de se construir um namoro virtual?	
8. Quais as vantagens e desvantagens de se ter um <i>namoro virtual</i> ?	
9. O que você busca num <i>namoro virtual</i> ? Quais as suas expectativas? O que você espera deste namoro?	
10. O que você busca numa pessoa, ou seja, que qualidades ou particularidades ela (e) precisa ter para se manter um <i>namoro virtual</i> ?	
11. E o amor? O apaixonar-se? Como é?	

12. E as brigas no namoro? Briga-se numa relação virtual? Por que se briga? Como se resolve?
13. Você se considera apaixonado (a)? O que você usa para demonstrar que estar apaixonado (a) por ela (e)? Que recursos usam?
14. E o sofrimento? Há sofrimento nos namoros virtuais? Quais?
15. Muitas pessoas largam tudo (carreira, faculdade, família) para morar junto do namorado (a) em outras cidades e/ou países. O que você acha disso? Você já teve esta experiência? Conhece alguém que teve?
16. O que você acha do gasto financeiro para manter o namoro? (gastos com passagens, telefones...)
17. Pode haver problemas de relacionamento por ocasião de sua passagem do ambiente virtual para o real? Quais?
18. Você conhece algum caso de namoro virtual que não deu certo? Conte-nos?